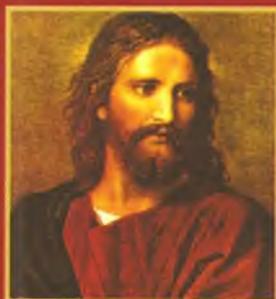


SÉRIE HERÓIS DA FÉ

Jesus



*O maior
de
todos*

CHARLES R. SWINDOLL

Jesus — o maior de todos não consiste em mera biografia, pois Jesus não foi um mero personagem. Esta obra encerra com “chave de ouro” um dos maiores sucessos editoriais de todos os tempos. Depois de descrever com peculiar talento as histórias de Davi, Elias, Ester, Paulo, Jó, José e Moisés, Charles Swindoll apresenta a trajetória do Filho de Deus.

Aliando fatos históricos à sólida doutrina bíblica, Swindoll reconstrói a vida e a obra do personagem mais surpreendente das Escrituras. Um exemplo da graça e do amor de Deus concedidos imerecidamente à humanidade.

Como nenhum outro estudo biográfico, a história de Jesus de Nazaré repercutirá em sua vida, renovando a mensagem de salvação que Deus enviou à humanidade por meio de seu único Filho.



CHARLES R. SWINDOLL é pastor senior da Stonebriar Community Church, no Texas, onde vive com a família. Escreveu mais de trinta livros, sendo a série *Heróis da fé*, publicada em língua portuguesa pela Editora Mundo Cristão, sua contribuição editorial mais conhecida.

Conheça os outros títulos de Charles Swindoll publicados pela Editora Mundo Cristão:

Dia a dia com os heróis da fé
Intimidade com o Todo-poderoso
Liderança em tempos de crise
O mistério da vontade de Deus

Jesus

Jesus

O maior de todos

CHARLES R. SWINDOLL

Traduzido por EMIRSON JUSTINO



Editora Mundo Cristão
São Paulo

Copyright © 2008 por Charles R. Swindoll
Publicado originalmente por Thomas Nelson, Inc., Nashville, EUA.

Editora responsável: Silvia Justino
Supervisão editorial: Ester Tarrone
Assistente editorial: Miriam de Assis
Preparação: Andrea Filatro
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Coordenação de produção: Lilian Melo
Colaboração: Pamela Moura
Capa: Douglas Lucas
Ilustração: Heinrich Hofmann

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Swindoll, Charles R.

Jesus, o maior de todos / Charles R. Swindoll; Mundo Cristão, 2008. — (Série heróis da fé) — São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

Título original: Jesus: The Greatest Life of All.
ISBN 978-85-7325-550-8

1. Jesus Cristo — Biografia I. Título. II. Série

08-09704

CDD-232.901

Índice para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo: Biografia: Cristologia 232.901
Categoria: Biografia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil — CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: novembro de 2008
5ª reimpressão: 2012

*É com profundo sentimento de gratidão pela extraordinária vida
de meu avô materno que dedico este livro ao*

*Meritíssimo Juiz Louis Orville Lundy
1877 — 1960*

*O homem que meu irmão, minha irmã e eu chamávamos de
“vovozinho” foi uma pessoa gentil, humilde e de coração puro que
trabalhou fielmente como Juiz de Paz em nossa cidade natal,
El Campo, Texas.*

*Durante minha infância, sob a influência espiritual do meu avô,
estar a sós com ele era à experiência mais próxima do que eu imaginava
ser a oportunidade de passar alguns momentos ao lado de Jesus.*

*Eu o amei e admirei de um modo mais profundo que as
palavras podem expressar.*

Sumário

Introdução — Jesus, o maior de todos 9

PARTE UM — *A criança*

- | | |
|---|----|
| 1. A identidade da divindade | 17 |
| 2. Um relacionamento, um namoro, um milagre | 33 |
| 3. Divindade de fraldas | 49 |
| 4. Respondendo ao Redentor | 65 |

PARTE DOIS — *O rabi*

- | | |
|------------------------------------|-----|
| 5. A vida... como Deus planejou | 83 |
| 6. Descansando em Cristo | 103 |
| 7. É melhor descansar | 119 |
| 8. O extraordinário poder de Jesus | 135 |
| 9. O médico dos médicos | 155 |
| 10. Permanecendo em Cristo | 175 |

PARTE TRÊS — *O substituto*

| | |
|---|-----|
| 11. A tempestade que se aproxima | 193 |
| 12. Traído e preso | 209 |
| 13. Análise do vexame de um tribunal | 227 |
| 14. Os últimos julgamentos e a tortura de Jesus | 245 |
| 15. Entregue para ser crucificado | 259 |

PARTE QUATRO — *O rei*

| | |
|---|-----|
| 16. Não tenham medo... Ele ressuscitou | 277 |
| 17. Encontro com Jesus na estrada da vida | 293 |
| 18. Escutando Jesus à beira-mar | 309 |
| 19. Desafiado por Jesus na montanha | 325 |
| 20. Olhando para Jesus nos ares | 341 |
| <i>Bibliografia</i> | 357 |

Introdução

Jesus, o maior de todos

PARA SER BEM FRANCO, sentei-me ali calado e aturdido. Era difícil acreditar no que estava ouvindo. Mas também não era possível negar ou ignorar aquilo.

Refiro-me às respostas a esta simples pergunta: “Quem é Jesus?”. Os adultos a quem essa pergunta foi feita tinham entre 20 e 30 anos, haviam recebido boa instrução e eram inteligentes. Veja que não estávamos numa região distante ou remota do mundo. Tudo aconteceu em um grande *shopping center* a não mais de oito quilômetros de nossa igreja, na fervilhante e crescente cidade de Frisco, Texas, uns poucos quilômetros ao norte do complexo urbano de Dallas. Todavia, essas pessoas estavam perdidas.

Com o objetivo de ajudar nossa congregação a se conscientizar do vácuo espiritual no qual estamos inseridos, um dos membros da nossa diretoria teve a idéia de gravar entrevistas em vídeo, feitas com uma amostra aleatória de pessoas que passeavam no *shopping center* local. As perguntas não eram complicadas nem tinham o objetivo de manipular ou causar embaraço a ninguém; eram claras, simples e diretas, feitas de forma educada. Os resultados de sua pesquisa informal ajudaram a convencer a todos nós de que nossos planos de expansão faziam sentido. Verdade seja dita, a maioria de nós não tinha a menor idéia do que iríamos encontrar.

À medida que o vídeo era exibido numa pequena tela de projeção em uma das salas de reunião da igreja, meu queixo caiu, minha boca ficou aberta e meus olhos se arregalaram. Sem perceber, comecei a me inclinar para a frente na cadeira. O momento culminante surgiu quando o entrevistador perguntou a várias pessoas “Quem é Jesus?”. Veja algumas das respostas que ele recebeu:

HOMEM 1: Essa é uma pergunta capciosa (risos). Não sei como responder.

MULHER: Bom, creio que ele foi uma pessoa real e que morreu na cruz, mas não creio que fosse filho de Deus.

HOMEM 2: Ele foi, você sabe... ele foi apenas outra pessoa que encontrou uma religião e todo esse negócio, e... quer dizer... ele não é como... ele, naturalmente, era uma boa pessoa e tudo mais, e ele é uma personagem importante da religião, então... sabe... todo mundo que encontra uma religião, sabe, é importante. As pessoas têm visões diferentes.

HOMEM 3: Ele é... bem... (volta-se para um rapaz ao seu lado), ajude-me aqui (o jovem dá de ombros). Jesus Cristo é, bem... o filho de Deus (olha de volta para o rapaz)?

Fiquei olhando, surpreso, enquanto meu coração doía. Pessoas brilhantes, atraentes, bem de vida, vivendo a poucos quilômetros de várias igrejas que ensinam a Bíblia, e algumas dessas igrejas (como a nossa) o fazem em várias ocasiões por semana; contudo, nenhuma daquelas pessoas pôde responder à pergunta “Quem é Jesus?” com um mínimo de confiança. Cheguei a duas conclusões naquele dia. Primeiramente, sem dúvida precisamos construir um prédio maior onde pessoas como aquelas possam reunir-se e interagir com a verdade tal qual ela é registrada nas Escrituras. Segundo, preciso começar a escrever minha próxima biografia bíblica da série “Heróis da fé” e, desta vez, sabia que precisava escrever sobre Jesus Cristo.

Todos os historiadores aceitam o fato de que Jesus existiu e foi um judeu da Galiléia que viveu e ensinou durante o século I. Muitos também concordam que ele foi martirizado porque seus ensinamentos eram muito radicais e controversos. A maioria não concordaria com aquilo que ele ensinou porque, do ponto de vista dessas pessoas, sucessivas gerações de seus seguidores modificaram, ampliaram e sistematizaram seus ensinamentos originais, transformando-os naquilo que conhecemos hoje como cristianismo. Para a maioria dos especialistas em história, o Jesus histórico e o Cristo da fé possuem pouca relação entre si. Muitas opiniões cercam a pessoa e a obra de Jesus Cristo.

Robert Bowman e J. Ed Komoszewski ilustram isso em seu livro *Putting Jesus in His Place* [Colocando Jesus em seu lugar]:

As interpretações de Jesus são muito tendenciosas. Ele é uma personagem forte que as pessoas querem ter ao seu lado — e estão dispostas a recriá-lo à sua imagem para conseguir seu apoio. Os ativistas dos direitos dos animais imaginam um Jesus vegetariano. Seguidores da Nova Era o transformam num exemplo de alguém que encontrou Deus dentro de si mesmo. As feministas radicais arrancam dele a divindade, para que o cristianismo não pareça sexista. Francamente, é difícil fugir do sentimento de que nossa cultura tomou para si a pergunta de Jesus “Quem vocês dizem que eu sou?” e transformou-a em “Quem vocês querem que eu seja?”¹

Sendo totalmente franco, acredito que a maioria dos estudiosos de história, com todo o seu conhecimento, está menos preparada para responder à pergunta “Quem é Jesus?” que praticamente qualquer outra pessoa hoje.

O que você segura em suas mãos é mais que uma simples crônica das façanhas de uma personagem histórica. Isso acontece porque Jesus não foi um homem comum. Não tenho a pretensão de oferecer

¹ P. 17.

uma análise inteligente, racional, não tendenciosa da vida de um homem. Contudo, mantive-me atento aos detalhes históricos e, até onde sei, não abdiquei de minha racionalidade.

A história de Jesus tem profundas raízes no solo de Israel, e seu ministério foi — e é — a culminação da cultura e da teologia hebraicas; portanto, dei muita atenção ao seu lugar na história. Todavia, uma vez que sua vida tão influente transcende a história, não fugi das complexas e provocantes questões teológicas que Jesus abordou durante seus anos de ministério em nosso planeta.

As biografias tendem a nos dar uma idéia da influência que uma pessoa do passado continua a exercer sobre nós hoje... mas espero que você faça mais que isso à medida que ler sobre a vida de Jesus Cristo. Espero que suas idéias sobre *tudo* sejam desafiadas. Certamente desejo que você passe a ver a vida de Jesus com uma clareza maior. Contudo, durante o processo, também espero que comece a ver o mundo de maneira diferente — tanto o seu próprio mundo quanto o mundo ao seu redor.

Acima de tudo, espero que, antes de chegar ao último capítulo, você não apenas tenha obtido uma compreensão mais clara do lugar de Jesus na história, mas que venha a conhecê-lo pessoal e profundamente, à medida que determina sua própria resposta à pergunta “Quem é Jesus?”.

Por fim, desejo expressar minha gratidão aos muitos amigos da Thomas Nelson Publishers por seu contínuo incentivo desde 1997, quando lancei meu primeiro volume da série “Heróis da fé”. Como esta é minha nona e última biografia bíblica da série, é justo fazer uma pausa para agradecer a todos da família Thomas Nelson que permaneceram entusiasmados durante a elaboração de cada volume.

Preciso dar uma palavra especial de agradecimento a Mark Gaither por seu esplêndido trabalho como editor, alguém tão disciplinado e de visão tão aguçada, cujo entusiasmo por este projeto se manteve do início ao fim. Bom trabalho, Mark! Você é um “servo bom e fiel” que merece muitos aplausos pelo esforço na concretização

deste projeto. Tenho certeza de que vocês receberão muitos galardões por sua assistência fiel quando, na eternidade, se colocarem diante daquele que nós amamos e adoramos: Jesus, a maior de todos.

A handwritten signature in black ink that reads "Chuck Swindoll". The script is fluid and cursive, with the first letter of each word being capitalized and prominent.

Chuck Swindoll
Frisco, Texas

PARTE UM

A criança

CAPÍTULO UM

A identidade da divindade

ELE FOI UM MESTRE imensamente popular, apesar de sua natureza modesta e aparência comum. Os lugares onde ele ensinou mal podiam conter as enormes multidões que se espremiavam ao seu redor por todo lugar onde passava. Nessa ocasião em particular, praticamente todos os mestres judeus e clérigos de Israel estavam presentes. Até mesmo as autoridades mais notáveis de Jerusalém, a elite política e religiosa de Israel, estavam ali para ouvir os ensinamentos de um carpinteiro não instruído e originário da insignificante cidade de Nazaré. Toda pessoa presente tinha a mesma pergunta em mente.

QUEM É ESSE?

Enquanto ele ensinava os amados livros da Bíblia judaica — a lei de Moisés, os oráculos dos profetas e os escritos de sabedoria — um pequeno grupo de homens elaborava uma estratégia para ajudar seu colega paralítico. Eles ouviram falar que Jesus (*Yeshua*, em hebraico) tinha a capacidade de curar doentes, de modo que viajaram ao lugar onde ele estaria ensinando. Mas, assim que chegaram, ficaram desapontados ao ver Jesus sentado perto do centro de uma grande casa e cercado por uma multidão de fariseus e mestres

religiosos, pessoas que jamais abririam espaço para um deficiente, alguém que portava uma doença considerada um julgamento divino pelo pecado.

Aqueles homens precisavam pensar de maneira criativa. Haviam carregado seu amigo deficiente por um longo caminho, e não iriam desistir logo agora. Assim, subiram por uma escada externa, localizaram o ponto do telhado que ficava exatamente em cima de onde Jesus estava e começaram a tirar as telhas. Conforme o rabi ensinava, poeira e terra começaram a cair sobre sua túnica e, dentro de alguns momentos, uma maca começou a descer.

Desde o primeiro momento em que ouviu falar do milagreiro de Nazaré, o paraplégico sonhava em ouvir as palavras “Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”. Mas Jesus disse algo bem diferente. Palavras surpreendentes. Palavras ultrajantes. “Homem, os seus pecados estão perdoados” (Lc 5:20).

Os mestres e religiosos imediatamente entenderam a imensa implicação das palavras de Jesus: “Quem é esse que blasfema? Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?” (Lc 5:21)

C. S. Lewis explica por que os líderes religiosos tinham boas razões para ficar chateados:

Ora, a não ser que Deus estivesse falando, [perdoar pecados] é realmente tão absurdo quanto cômico. Todos nós podemos entender como um homem perdoa as ofensas contra si mesmo. Você pisa no meu pé, e eu o perdôo; você rouba meu dinheiro, e eu o perdôo. Mas o que faríamos com um homem — alguém que não foi roubado nem recebeu um pisão no pé — que dizia que perdoava você por pisar no pé de alguém e roubar o dinheiro de outrem? Estupidez asinina é a descrição mais bondosa que poderíamos fazer da sua conduta. Contudo, foi exatamente isso o que Jesus fez. Ele disse às pessoas que seus pecados estavam perdoados sem nunca esperar para consultar todas as outras pessoas a quem aqueles pecados certamente haviam afetado. Sem nenhuma hesitação, ele se comportou como se fosse a parte envolvida, a pessoa que tinha recebido diretamente todas as ofensas. Isso só faria sentido se ele

realmente fosse o Deus cujas leis foram quebradas e cujo amor era ferido por meio de cada pecado. Na boca de qualquer pessoa que não fosse Deus, essas palavras implicariam o que só posso considerar tamanha idiotice e presunção da qual não se vê semelhança em nenhuma outra personagem da história.¹

Perceba a resposta unânime dos líderes religiosos: “Quem é esse?”.

Vamos avançar algumas semanas, talvez meses. Outra casa cheia de líderes religiosos; outra oportunidade de ensinar. Tal como os outros convidados do jantar, Jesus reclinou-se diante de uma mesa baixa, apoiado nos cotovelos e com os pés virados para longe da comida. Como era costume, um pessoa não convidada tinha permissão de se sentar encostada nas paredes e ouvir a conversa do jantar. Contudo, jamais deveria intrometer-se... e, naquela cultura, ainda mais se fosse mulher!

Contudo, enquanto Jesus ensinava, uma mulher rastejou até a mesa, caiu aos pés de Jesus e banhou-os com suas lágrimas. Então, num extravagante gesto de adoração, ungiu os pés do Senhor com um perfume caríssimo, derramando todo o conteúdo do frasco. Em resposta, o Mestre virou-se, ergueu a face dela a ponto de encontrar-se com seu olhar e disse-lhe: “Seus pecados estão perdoados” (Lc 7:48).

Mais uma vez, perceba como as autoridades religiosas responderam: “Os outros convidados começaram a perguntar: ‘Quem é este que até perdoa pecados?’” (Lc 7:49).

Conforme prosseguiu em seu ministério de ensino, cura e perdão de pecados, Jesus atraiu uma multidão de discípulos, a quem deu poder para espalhar as boas novas da graça de Deus e curar em seu nome. Não demorou muito, e Herodes Antipas — a marionete de Roma que governava a região da Galiléia — ouviu que um grande mestre havia despertado a imaginação de seus seguidores.

¹ *Mere Christianity*.

Herodes [Antipas], o tetrarca, ouviu falar de tudo o que estava acontecendo e ficou perplexo, porque algumas pessoas estavam dizendo que João tinha ressuscitado dos mortos; outros, que Elias tinha aparecido; e ainda outros, que um dos profetas do passado tinha voltado à vida. Mas Herodes disse: “João, eu decapitei! Quem, pois, é este de quem ouço essas coisas?” E procurava vê-lo.

Lucas 9:7-9

Anteriormente, João Batista havia confrontado Herodes por ter um caso extraconjugal com a esposa de Filipe, o irmão de sangue do governador. Para silenciar João e acalmar os inimigos de João na corte real, Herodes ordenou sua execução. Quando os relatos sobre Jesus chegaram aos ouvidos dos poderosos da terra, Herodes repetiu a pergunta que estava varrendo o país: “Quem é esse?”.

Até mesmo os discípulos de Jesus sentiram-se perplexos durante grande parte do ministério de Jesus. Haviam testemunhado inúmeras curas miraculosas e ouvido muitas lições. Sabiam que ele era especial. Até mesmo o haviam reconhecido como o tão esperado Messias judaico, mas não compreenderam quem ele realmente era.

Depois de um longo dia de ensinamento, os discípulos viram algo que jamais esqueceriam.

Naquele dia, ao anoitecer, disse ele aos seus discípulos: “Vamos para o outro lado”. Deixando a multidão, eles o levaram no barco, assim como estava. Outros barcos também o acompanhavam. Levantou-se um forte vendaval, e as ondas se lançavam sobre o barco, de forma que este foi se enchendo de água. Jesus estava na popa, dormindo com a cabeça sobre um travesseiro. Os discípulos o acordaram e clamaram: “Mestre, não te importas que morramos?” Ele se levantou, repreendeu o vento e disse ao mar: “Aquiete-se! Acalme-se!” O vento se aquietou, e fez-se completa bonança. Então perguntou aos seus discípulos: “Por que vocês estão com tanto medo? Ainda não têm fé?” Eles estavam apavorados e perguntavam uns aos outros: “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?”

Marcos 4:35-41

Fui criado na cidade de Houston, Texas, e já pesquei no golfo do México inúmeras vezes. Vi todo tipo de condição da água, incluindo ondas tão agitadas que quase nos impediram de voltar para a costa mesmo num barco a motor. Não consigo sequer imaginar o terror que seria ter apenas velas e remos como propulsão. Também já vi o que os pescadores chamam de água “lisa”. É quando a superfície está tão calma que parece ser feita de vidro... não há a mínima agitação.

Imagine puxar os remos com energia num esforço para alcançar a segurança da costa ao mesmo tempo que ondas turbulentas jogam o navio para todo lado como se fosse um brinquedo. Então alguém se levanta e repreende os elementos como se estivesse chamando a atenção de uma criança — “Parem! Fiquem quietos agora mesmo!” — e a agitação se transforma em calma. Não sei quanto a você, mas suspeito que minha reação seria como a daqueles doze homens desnorteados dentro do barco com Jesus. Tremendo de medo, eles perguntaram: “Quem é esse?”.

Marcos 6:1-3 registra outra reação surpreendente, desta vez entre as pessoas da cidade natal de Jesus. Embora tenha nascido em Belém, Jesus cresceu numa vila do norte da Galiléia chamada Nazaré.

Jesus... foi para a sua cidade, acompanhado dos seus discípulos. Quando chegou o sábado, começou a ensinar na sinagoga, e muitos dos que o ouviam ficavam admirados. “De onde lhe vêm estas coisas?”, perguntavam eles. “Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E estes milagres que ele faz? Não é este o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão? Não estão aqui conosco as suas irmãs?” E ficavam escandalizados por causa dele.

Marcos 6:1-3

Como Nazaré era uma cidade pequena, estava cheia de pessoas que conheciam Jesus muito bem. Ele era conhecido como Yeshua, o filho de Maria e José, o carpinteiro de quem o menino havia aprendido seu ofício. Jesus teve pelo menos quatro irmãos e um número indeterminado de irmãs. Pessoas de Nazaré acompanharam seu

aprendizado na sinagoga e sua participação no costumeiro rito de passagem. Lemos em outra parte da narrativa dos evangelhos que Yeshua começou a ganhar o respeito da comunidade (Lc 2:52) e tinha extraordinária habilidade para lidar com as Escrituras e entender teologia (Lc 2:47). Muitos dos habitantes de Nazaré brincaram com Yeshua quando ele era criança e fizeram a difícil transição para a idade adulta junto com ele.

Então, certo dia, Jesus voltou a Nazaré depois de uma longa ausência. Embora sua reputação já fosse muito conhecida, as pessoas da cidade provavelmente riram diante de boatos tão absurdos. Afinal de contas, elas o conheciam desde os “velhos tempos”. Mas, quando descobriram que os rumores eram verdadeiros e que seu poder era genuíno, mal podiam acreditar no que estavam vendo. Até mesmo as pessoas que mais conheciam Jesus chegaram a perguntar: “Quem é esse?”.

É uma triste porém inegável verdade que ninguém espera achar grandeza entre as pessoas que conhece bem. Jesus destacou esse fato quando comentou: “Só em sua própria terra, entre seus parentes e em sua própria casa, é que um profeta não tem honra” (Mc 6:4).

NÃO ERA UM HOMEM COMUM

Conforme leio os relatos bíblicos sobre Jesus, descubro que o tempo fez pouco para mudar a maneira de as pessoas reagirem a um encontro com o Senhor. Assim como acontece hoje, muitos escreveram relatórios de seus milagres considerando-os mito. Assim como acontece hoje, pessoas que aceitaram seus milagres como sendo genuínos atribuíram tais acontecimentos à obra do mal ou a alguma outra coisa. Assim como acontece hoje, alguns viram as obras dele e as aceitaram como bênçãos vindas de Deus, mas rejeitaram aquele que as trouxe.

Também descubro que relativamente poucos — talvez apenas algumas centenas — viram os feitos miraculosos de Jesus como prova de que haviam encontrado uma pessoa muito, muito especial. Sua reação foi parar o que estavam fazendo e considerar a possibilidade

de que alguma coisa notável estivesse acontecendo, talvez algo que merecesse uma avaliação mais detalhada.

Um desses homens foi Nicodemos, membro daquilo que poderia ser chamado de Supremo Tribunal Judaico da época. Ele era fariseu, o que significa que pertencia ao partido filosófico e político que defendia a adesão completa às leis do Antigo Testamento. Conseqüentemente, aquele homem conhecia sua Bíblia e vivia de acordo com cada mandamento e proibição ali presente — além de muitas outras. Nicodemos era um estudioso conservador, líder civil, especialista religioso e, de acordo com a compreensão de sua cultura, o que de melhor um homem poderia ser. De acordo com a idéia da época, sua grande riqueza e poder indicavam que Deus também pensava assim. Contudo, havia alguma coisa em Jesus que intrigava aquele mestre idoso, talvez porque, bem lá no fundo, alguma coisa estivesse faltando, apesar de seu impressionante envolvimento com a religião.

João, um dos discípulos de Jesus, escreveu um relato da vida e do ministério de seu mestre e, no segundo capítulo de sua obra, registrou que Jesus assumiu autoridade sobre o templo judeu ao pôr fim às atividades comerciais ilícitas que aconteciam dentro de seus muros. As autoridades do templo o desafiaram, perguntando: “Que sinal miraculoso o senhor pode mostrar-nos como prova da sua autoridade para fazer tudo isso?” (Jo 2:18). Ele lhes deu uma resposta direta e, em seguida, prosseguiu para conduzir um ministério bastante público envolvendo curas miraculosas. Como resultado, “muitos viram os sinais miraculosos que ele estava realizando e creram em seu nome” (Jo 2:23).

Não há dúvida de que Nicodemos estava entre aqueles muitos observadores. Como líder do templo e cidadão judeu de destaque, ele viu aquele jovem milagreiro de 30 e poucos anos tomar a capital do país como que de assalto. Ouvia o cego dizer “Eu posso ver!”. Viu o aleijado pular de alegria e os leprosos arrancarem suas bandagens para revelar uma pele nova como de um bebê. Contudo, aquilo tudo não se resumia a truques. Eram transformações físicas dramáticas e indiscutíveis, atestadas publicamente. Se houvesse

alguma fraude envolvida, os inimigos de Jesus, membros da religião estabelecida, o teriam desmascarado imediatamente. Mas os sinais eram genuínos, de modo que grande número de pessoas começou a chamar Jesus de “Messias”, o rei havia muito prometido que levaria Israel à grandeza. Quanto mais Nicodemos assistia aos feitos de Jesus, mais se convenciu de que não se tratava de um charlatão. Aquela jovem mestre tinha uma conexão com Deus que o velho líder não possuía. Isso atiçou sua curiosidade.

João também chamou Nicodemos de “uma autoridade entre os judeus” (Jo 3:1). Naqueles dias, os judeus eram governados por uma assembléia religiosa, composta por setenta homens, chamada Sinédrio. Esse grupo governava de maneira muito semelhante a um congresso ou parlamento em combinação com uma corte suprema. Elaboravam leis, faziam julgamentos, aplicavam a justiça e governavam o país.

Em seu livro *Once a Carpenter* [Uma vez carpinteiro], Bill Counts escreve: “Até onde se sabe, Jesus jamais se encontrou com um representante do judaísmo mais prestigiado, instruído e refinado que Nicodemos”.² Nicodemos era muito conhecido, de modo que não é surpresa o fato de que ele fosse ver Jesus escondido pelo manto da noite. Aonde as pessoas famosas vão, um bando de fofoqueiros certamente irá também. Estava claro que Nicodemos não queria que o público em geral — especialmente os outros 69 membros do Sinédrio — soubesse que ele estava visitando Jesus, o milagreiro.

Um pouco adiante naquele capítulo, no versículo 10, Jesus chama Nicodemos de “[o] mestre em Israel”. Isso sugere que Nicodemos era não apenas um dos setenta governantes, mas provavelmente o mais conhecido ou talvez o mais respeitado dentre eles. Em outras palavras, ele não era um religioso valentão de mente fechada. Era uma pessoa muito astuta, articulada e dedicada àquilo que acreditava ser a verdade, mas ao mesmo tempo Nicodemos havia perdido contato com a verdade sobre Deus e o que ele deseja.

² P. 28.

Admiro Nicodemos. Ao mesmo tempo que ele mostrava todos os sinais de uma pessoa que conhecia aquilo que acreditava ser verdadeiro e que não mudaria facilmente de opinião, considerou a possibilidade de que Jesus representasse alguém digno de ser investigado. É compreensível que ele fosse cético. Precisamos encarar o fato de que a maioria das pessoas inteligentes o é. Mas o jovem mestre estava mostrando sinais que nenhuma pessoa razoável poderia ignorar.

É possível que o adjetivo “cético” descreva a sua posição, caro leitor. Talvez você não esteja muito certo do que fazer com Jesus. Há uma possibilidade de que, assim como as pessoas da época de Jesus, você já tenha ouvido esse nome e se inteirado dos rumores a respeito dele, mas, até agora, teve pouco tempo ou interesse em saber mais. Pode ser que recentemente você tenha encontrado um dos seguidores de Jesus e a experiência simplesmente atiçou seu interesse. Ou, muito provavelmente, você foi afastado por uma grande quantidade de experiências ruins com cristãos excessivamente zelosos, de modo que decidiu aprender mais sobre Jesus por conta própria. Seja qual for sua motivação, convido-o a continuar lendo. Você pode ter dificuldades para aceitar que os milagres de Jesus foram genuínos ou para admitir que ele foi algo mais que um ser humano. Se esse é o caso, você não é diferente das pessoas que se encontraram com Jesus nas casas, sinagogas, jantares e vielas da Palestina. Todavia, aqueles que estavam dispostos a ser intelectualmente honestos tiveram de admitir que Jesus não era um homem comum — e alguém tão notável merecia uma análise mais detalhada.

Seja feita face a face ou pelas lentes da história, a pergunta permanece a mesma: *Quem é esse?* Historiadores que duvidam da existência do sobrenatural podem colocar objeções a uma biografia que aceita os milagres de Jesus sem questioná-los. Independentemente disso, pretendo apresentá-lo neste livro do mesmo modo que ele se apresentou às testemunhas oculares mais de dois milênios atrás: como um homem desconcertante, confrontador, natural e sobrenatural. Então deixarei em suas mãos a pergunta sobre o que fazer

com Jesus. Mas gostaria de adverti-lo antes de começar. Seu encontro com Jesus não permitirá que você fique no meio-termo, do mesmo modo que aconteceu com as pessoas que se encontraram com ele pessoalmente. Jesus não apenas fez coisas extraordinárias, mas também fez uma declaração extraordinária.

QUEM VOCÊS DIZEM QUE EU SOU?

À medida que o fim do ministério terreno de Jesus se aproximava, as perguntas sobre sua identidade chegaram ao clímax.

Chegando Jesus à região de Cesaréia de Filipe, perguntou aos seus discípulos: “Quem os outros dizem que o Filho do homem é?” Eles responderam: “Alguns dizem que é João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, Jeremias ou um dos profetas”.

Mateus 16:13-14

Todos concordavam que Jesus era alguém especial, e cada um tinha sua própria teoria do como e do porquê. João Batista ressuscitara dos mortos? Um antigo profeta voltaria para anunciar o reavivamento de Israel? Ao mesmo tempo que as teorias eram abundantes, apenas alguns achavam que Jesus era o Messias hebreu. Por fim, quando Jesus achou que era o tempo certo e que os discípulos já tinham provas suficientes, ele os colocou numa situação difícil. Seus companheiros precisariam tomar uma decisão. “E vocês?”, perguntou ele. “Quem vocês dizem que eu sou?” (Mt 16:15).

O uso do plural indica que a pergunta foi feita a todos. Eles gaguejaram e se contorceiram antes que um corajoso discípulo deixasse escapar: “Tu és o Cristo” (Mt 16:16).

A palavra “Cristo” usada neste versículo vem do termo grego *christos*. O hebraico usava a palavra *mashiach*, de onde se origina o termo “Messias”. As duas palavras significam “o ungido”. Nas culturas do Oriente Médio antigo, uma pessoa participava de uma cerimônia na qual uma pequena quantidade de óleo era derramada sobre

sua cabeça como símbolo de um reconhecimento especial. Poderia ser uma recompensa pela bravura no campo de batalha ou pela vitória sobre um inimigo nacional. Mais comumente era a maneira de um líder ser comissionado. Em Israel, ser o “ungido do Senhor” era ser o rei.

Por muitos séculos, judeus esperançosos procuravam um rei muito especial — um Messias derradeiro, prometido pelos profetas do passado, que superaria todos os “ungidos” anteriores de Israel. Ele daria início a uma nova forma de relacionamento com Deus, estabeleceria um tempo de paz e prosperidade sem precedentes e governaria o mundo inteiro a partir de Israel (Jr 31:31-34). Essa pessoa não seria simplesmente um cristo, mas o Cristo.

Pedro declarou que Jesus era de fato o derradeiro rei de Israel há muito esperado. Mas ele não parou ali. Prosseguiu e afirmou outra verdade sobre Jesus. “Simão Pedro respondeu: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’”. (Mt 16:16)

No hebraico popular, ser “filho” significava compartilhar de todas as qualidades comuns do pai e herdar seus privilégios e poder. Ninguém ousava declarar-se filho de Deus, pois, nesse caso, seria acusado de blasfêmia. Somente alguém que possuía as qualidades e os poderes de Deus, bem como a autoridade divina para governar, poderia chamar a si mesmo de “filho de Deus”. O fato de Pedro dar a Jesus esse título significava que Jesus era um objeto digno de adoração como o Deus que os judeus fiéis adoravam no templo havia vários séculos.

Jesus não levantou nenhuma objeção. Ele elogiou Pedro, dizendo: “Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus” (Mt 16:17).

Em outras palavras: *Sim! Você entendeu! Esse é um insight sobrenatural que você recebeu do céu. Sou de fato uma divindade.*

Quem é esse? Se acreditarmos no que ele disse, então ele é Deus.

SEM MEIO-TERMO

Muitos tentam assumir aquilo que consideram ser uma posição intelectualmente equilibrada. Aceitam prontamente que Jesus existiu, que foi um judeu da Galiléia que viveu e ensinou durante o século I, que foi martirizado por seus ensinamentos, e que aqueles ensinamentos foram tanto radicais quanto influentes. Mas essas pessoas negam os milagres de Jesus e rejeitam até mesmo a sugestão de que ele é divino.

Infelizmente, essa visão de Jesus deixa de explicar a razão de tantos estarem dispostos a segui-lo a ponto de sofrerem o martírio da morte, e por que ele continua a causar impacto tão profundo. Pense em personagens como Alexandre, o Grande, César Augusto e Constantino, homens que conquistaram áreas enormes do mundo conhecido em sua época. Pense em Platão, Newton e Einstein, pessoas que revolucionaram o pensamento humano. Pense em todos os músicos, compositores, filósofos, construtores e líderes que causaram impacto positivo no mundo. Outros homens conquistaram mais, escreveram mais e construíram mais. Ninguém, porém, influenciou o mundo de maneira mais profunda, mais permanente ou — para milhões de pessoas — mais pessoal do que o carpinteiro de Nazaré.

Separe-o do sobrenatural, e ficamos com uma história que faz menos sentido, nada mais que isso. Destituído do aspecto sobrenatural de sua vida, Jesus era bastante comum. E, quando você combina os feitos de Jesus com suas declarações, não há como evitar os extremos intelectuais e chamar a si mesmo de lógico. C. S. Lewis explicou o dilema da seguinte maneira:

Estou tentando impedir que alguém diga a coisa realmente tola que as pessoas freqüentemente dizem sobre ele: “Estou pronto a aceitar Jesus como um grande professor de moral, mas não aceito sua declaração de ser Deus”. Isso é algo que não devemos dizer. Um homem que fosse simplesmente um homem e dissesse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande professor de moral.

Seria um lunático — no mesmo nível de um homem que diz ser um ovo cozido — ou então o próprio Demônio do inferno. Você deve fazer sua escolha: esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou foi um louco ou alguma coisa pior. Você pode calá-lo, considerando-o um louco, pode cuspir nele e matá-lo, achando que é um demônio; você pode cair a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém venha com um absurdo condescendente, dizendo que ele foi um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa opção. Não tinha essa intenção.³

TODA A VERDADE SOBRE O QUE JESUS ERA... E É

Perto do fim do século I, poucas testemunhas oculares da vida de Jesus ainda estavam vivas, e falsos mestres — ironicamente, muitos dos quais negavam que Jesus fosse totalmente humano — começaram a torcer a história de sua vida para que ela se encaixasse em suas visões religiosas e filosóficas. Assim, o apóstolo João, já idoso, propôs-se a escrever a história de Jesus como resposta. Em suas próprias palavras, seu propósito ao escrever foi “para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome” (Jo 20:31).

Enquanto os outros autores dos evangelhos assumiram uma abordagem tradicionalmente mais histórica, João teve a ousadia de escrever a partir de uma perspectiva filosófica. As palavras de abertura de seu relato remetem a um tempo anterior a Gênesis 1:1. Ele nos diz que “no princípio”, antes de Deus ter criado os céus e a terra, a Palavra já existia. Literalmente, o grego diz: “No princípio, estava existindo a Palavra” (Jo 1:1).

Neste versículo, “Palavra” vem do termo grego *logos*, que tinha um significado incrivelmente profundo para os filósofos da época de Jesus. Esse termo foi cunhado por Heráclito aproximadamente quinhentos anos antes de Cristo e se desenvolveu até tornar-se um princípio religioso universal e cósmico.

³ *Mere Christianity*, p. 40-41.

No estoicismo, o *logos* expressa a natureza ordenada e teleologicamente orientada do cosmos. Pode, desse modo, ser igualado a Deus e ao poder cósmico da razão do qual o mundo material como um todo é um enorme desdobramento.⁴

Influenciado tanto pelo Antigo Testamento quanto pelo pensamento helênico, Filo [filósofo judeu que viveu na mesma época de Cristo] fez uso freqüente do termo *logos*, ao qual deu uma importância altamente desenvolvida e um lugar central em seu esquema teológico. Ele derivou o termo das fontes estóicas e, em concordância com sua descoberta do pensamento grego nas Escrituras hebraicas, fez uso dele com base em passagens como o salmo 33:6 para expressar os meios pelos quais o Deus transcendente pode ser o Criador do universo e aquele que se revelou a Moisés e aos patriarcas. Na perspectiva grega, ele relaciona o Logos ao conceito platônico do mundo de idéias, de modo que ele se torna tanto o plano de Deus quanto seu poder criativo.⁵

O apóstolo João tomou emprestado esse conceito do *logos* para dar-lhe nova importância, tornando-se um tipo de apelido para o Filho de Deus. Ao aplicá-lo, ele elaborou suas frases com muito cuidado, escrevendo literalmente “Em princípio estava sendo o *logos*” (Não “no princípio...”).

Ao deixar de fora o artigo definido, João sugere que não podemos identificar um momento passado para chamar de “princípio”. Ele está apontando para algo que existia antes da eternidade passada, em um tempo muito mais distante que nossa mente finita pode conceber. Antes da terra, antes dos planetas e das estrelas, antes da luz ou das trevas, da matéria ou do tempo — no princípio que nunca teve de fato um início, o *logos* já estava existindo. Ele não teve um “ponto de partida”. Existindo eternamente, o *logos* estava com Deus e o *logos* era Deus. Tendo declarado isso, João escreveu algo realmente notável:

⁴ Gerhard KITTEL e Gerhard FRIEDRICH, eds., *Theological Dictionary of the New Testament Abridged in One Volume*, p. 506.

⁵ D. R. W. WOOD, ed., *New Bible Dictionary*, p. 693.

Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.

João 1:14

Em outras palavras, Deus tornou-se homem!

Você percebe por que os contemporâneos de Jesus — até mesmo seus próprios discípulos — tinham tanta dificuldade para compreender quem ele era? Que pensamento impressionante! Deus tornando-se homem.

Stedman descreveu o problema com maestria:

Se nós achamos isso difícil, quanto mais o foi para os discípulos! Entre todas as pessoas, eles eram os que tinham a menor probabilidade de acreditar que Jesus era Deus, porque viveram com ele e viram sua humanidade como nenhum de nós viu ou verá. Devem ter-se confrontado repetidas vezes com a pergunta que os confundia e perturbava: “Quem é esse?”...

Costumo pensar neles dormindo debaixo das estrelas, junto de nosso Senhor numa noite de verão, perto do mar da Galiléia. Posso imaginar Pedro, João ou qualquer um dos outros caminhando pela noite, apoiando-se no cotovelo e, ao ver o Senhor Jesus dormindo ao lado, dizer a si mesmo: “Isso é mesmo verdade? Esse homem pode ser o Deus eterno?”.⁶

O apóstolo Paulo, que se tornou discípulo depois de Jesus ter sido crucificado, escreveu:

[Jesus] é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste.

Colossenses 1:15-17

⁶ Elaine STEDMAN, *Adventuring through the Bible*, p. 528.

“Em Cristo”, prossegue Paulo, “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2:9). Antes de Jesus se tornar homem, ele era a Palavra pela qual a declaração “haja luz” resultou na existência da luz. Ele criou o mundo séculos antes de entrar nele como um bebê, nascido no estábulo de uma pequena aldeia chamada Belém.

Quem é esse? Ele é Jesus de Nazaré. Ele é Deus em carne humana. Foi assim que ele se apresentou ao mundo e, por fim, é assim que devemos aceitá-lo ou rejeitá-lo.

CAPÍTULO DOIS

Um relacionamento, um namoro, um milagre

SE VOCÊ SABE ALGUMA coisa sobre o nascimento de Jesus, é melhor esquecer e começar do zero. Essa história tem sido tão romanceada ao longo dos séculos que até mesmo Hollywood — assim como acontece em qualquer outra cultura saturada — deixou de captar a situação comovente que cercou sua chegada. O filme *Jesus: a história do nascimento*, de 2006, ajudou a recuperar a humanidade e a judeidade dos eventos em torno do nascimento de Jesus, mas ainda assim pintou um retrato de certo modo idealista. E se há uma palavra que não podemos usar para descrever o nascimento de Jesus, essa palavra é *ideal*.

Não há dúvidas, de que o ano 6 a.C. era uma época ruim para se viver na Judéia. Herodes, o Grande, havia tomado o trono de Israel por meio de uma intriga sangrenta e com o apoio político de Roma. Então, uma vez no poder, protegeu seu título roubado — “rei dos judeus” — com tamanha intensidade que até mesmo matou seus próprios filhos ao vê-los transformados numa ameaça política significativa. Macróbio, escritor do século V, registrou: “Quando [César Augusto] ouviu que Herodes, rei dos judeus, havia ordenado que fossem mortos os meninos da Síria com menos de 2

anos de idade e que o filho do rei estava entre aqueles que foram assassinados, ele disse: ‘Preferiria ser um porco de Herodes a ser filho de Herodes!’¹

O comentário de César ilustrou a triste ironia da condição de Israel. Embora não fosse realmente judeu, Herodes fingia ser um bom judeu ao eliminar a carne de porco de sua dieta, mas ao mesmo tempo dava vazão a um insaciável apetite por assassinato. Ele construiu um magnífico templo para o Deus de Israel — uma maravilha arquitetônica da sua época — e entregou sua administração a sucessivos sumos sacerdotes corruptos. Cobrava impostos dos judeus por meio do templo, cumprindo a lei do Antigo Testamento, mas usava a quantia arrecadada para quebrar o primeiro mandamento, construindo cidades e templos em honra ao imperador, bem como erguendo o panteão das divindades romanas. Foi um tempo de avanços econômicos e políticos sem precedentes para os ricos e de horrível opressão para o restante das pessoas. Por volta do século I a.C., uma nuvem escura se colocou sobre Israel, bloqueando qualquer raio de esperança.

Então, em algum lugar do interior da Judéia, uma mulher chamada Isabel engravidou de seu primeiro filho. Isso não despertaria a atenção de ninguém, não fosse o fato de ela já ter passado da idade de gerar filhos, talvez até já tendo entrado na menopausa alguns anos antes. Ela e Zacarias, seu marido, haviam orado durante todos os anos do casamento pedindo a Deus um filho, mas Isabel não conseguia conceber. Seus vizinhos a chamavam de “estéril”, uma condição freqüentemente atribuída a um julgamento de Deus pelo pecado.

Nem Isabel nem Zacarias eram culpados de qualquer pecado maior que o dos seus vizinhos; contudo, a esterilidade de Isabel realmente simbolizava um julgamento de Deus, mas sobre a infidelidade de Israel. Veja o que diz o *Dictionary of Biblical Imagery* [Dicionário de figuras bíblicas]:

¹ MACRÓBIO, *Saturnalia*, p. 171.

A imagem de uma esposa estéril é uma das mais fortes figuras bíblicas de desolação e rejeição... Na profecia de Isaías, a promessa de que Deus restauraria a bênção da vida é expressa por meio da transformação da imagem de uma terra e de uma mulher estéreis. Nos dias da restauração, a terra desolada florescerá grandemente (Is 35:1-7) e a mulher estéril cantará e se regozijará por causa de uma fertilidade inesperada e abundante.²

Assim que ficou claro que o casal não tinha esperança de ter filhos, um anjo apareceu a Zacarias e disse que Isabel teria um filho, o qual deveria ser chamado de João. Seria uma criança singular, com um propósito muito especial: ser o precursor do Messias. A avançada idade de Isabel e sua esterilidade — símbolo duplo da desesperança — tornaram-se os meios pelos quais Deus anunciaria ao mundo que para ele nada é impossível. O sacerdote de uma pequena cidade e sua mulher idosa teriam um filho que iria crescer e transformar-se em João, o Batizador. Mesmo antes de conseguir caminhar e falar, o menino trouxe a mensagem de Deus ao mundo: “O que fiz por meio de Isabel é o que farei por toda a humanidade. O ventre estéril de Israel gerará um filho”.

COMPLICAÇÕES

Numa pequena vila campestre ao norte de Jerusalém, distando vários dias de caminhada, uma jovem chamada Maria — *Mariam* em hebraico — ajudava sua família a tirar sustento do solo da Galiléia. Cerca de duzentas pessoas plantavam e cuidavam de animais na obscura cidade de Nazaré, que se localizava numa pequena depressão no alto das montanhas defronte ao grande vale de Jezreel. Era um lugar perfeito para uma guarnição de soldados romanos manter vigilância sobre a região.

² Leland RYKEN et al, Comentário sobre Isaías 54:1, p. 75.

Em razão de minha experiência militar, posso dizer que um grupo de soldados numa pequena cidade sem nada para fazer só pode levar à confusão. Conseqüentemente, os judeus de Nazaré ganharam uma reputação de imoralidade que se tornou lendária, talvez por causa de seu contato regular com aqueles gentios e os hábitos depravados dos militares daquela época. A reputação dos nazarenos pode ser merecida ou não, mas, para a mente religiosa de Israel, isso não importava. As aparências significavam tudo. Mais tarde, quando o discípulo Natanael ouviu que Jesus havia crescido em Nazaré, fez beijo e murmurou: “Nazaré? Pode vir alguma coisa boa de lá?” (Jo 1:46).

Por valorizar-se de tal modo as aparências religiosas, não é de surpreender que a maneira pela qual Jesus nasceu tenha despertado interesse. O evangelho de Mateus explica a razão:

Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo.

Mateus 1:18

Os judeus que habitavam a Palestina do século I viam o casamento como a união de duas famílias. Uma vez que muita coisa estava em jogo, eles jamais confiariam uma decisão tão importante aos caprichos das emoções de um adolescente. Como é o caso em muitas culturas, tanto no passado quanto no presente, os pais hebreus do século I arranjavam os casamentos de seus filhos e filhas. De acordo com a lei rabínica, isso poderia acontecer em algum momento depois da maioridade: 12 anos para as meninas, 13 para os meninos. Embora os filhos não pudessem dar a palavra final nesse assunto, seus desejos pessoais normalmente eram levados em conta.

Assim que a decisão de dar prosseguimento à união era tomada, os pais discutiam todos os detalhes dos preparativos e elaboravam um contrato legal, que seria lido durante a cerimônia de casamento. O casal fazia votos e trocava símbolos, enquanto as famílias

festejavam. Na conclusão da cerimônia, o rapaz e a moça entravam no período de desposório ou noivado, que não poderia ser menor que um mês e tipicamente durava um ano.

Durante o período de desposório, os recém-casados eram marido e mulher em todos os aspectos, exceto pelo fato de que continuavam morando com suas respectivas famílias e não mantinham relações sexuais. Esse intervalo entre os votos e a saída de casa servia a vários propósitos. Primeiramente, dava ao noivo o tempo de preparar uma nova casa para o casal, o que normalmente significava adicionar um cômodo à casa de seus pais. Segundo, dava à noiva o tempo de completar vários rituais de purificação e demonstrar que ela era sexualmente pura. Prova de paternidade era de suprema importância na lei judaica, de modo que uma mulher divorciada ou uma viúva precisava esperar não menos que 90 dias para provar que não carregava no ventre um filho de seu ex-marido. Terceiro, diferentemente de muitas outras culturas, os judeus não esperavam que uma jovem saísse da casa de sua família de manhã e se deitasse na cama de um estranho naquela mesma noite. O período de desposório dava ao marido e à esposa tempo suficiente para criarem eles sob estrita supervisão de suas famílias antes de se juntarem como casal. Embora vivessem separados, a comunidade via os dois jovens como já casados. Terminar o casamento durante o período de desposório exigia um decreto oficial de divórcio. Se um dos dois se envolvesse sexualmente com outra pessoa, tal ato era considerado adultério e poderia levar à pena de morte por apedrejamento.

Quando a noiva havia completado sua purificação e o noivo estava pronto para recebê-la, o noivo e sua comitiva de casamento iam à casa da família da noiva, onde ele a chamava para se juntar a ele. Esta era a saída para o novo lar. A comitiva de casamento levantava o casal no ar e os carregava para sua nova casa, onde as famílias e os convidados celebravam as núpcias por pelo menos sete dias.

Foi durante o período de desposório — entre os votos e a saída de casa — que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo no ventre de Maria. O relato de Lucas registra a história.

No sexto mês [da gravidez de Isabel] Deus enviou o anjo Gabriel a Nazaré, cidade da Galiléia, a uma virgem prometida em casamento a certo homem chamado José, descendente de Davi. O nome da virgem era Maria.

Lucas 1:26-27

Ao referir-se a Maria, tanto Lucas quanto Mateus empregam o termo grego *parthenos*, que significa “virgem”. Já se alegou que o termo se refere simplesmente a uma jovem que está pronta para o casamento, e não necessariamente uma mulher que nunca tenha sido tocada por um homem. Contudo, os gregos antigos levavam esse termo muito a sério, de forma literal. Ártemis — a deusa cujo templo em Éfeso é considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo — por exemplo, era considerada enfaticamente pura. Achava-se que ela protegia rapazes e moças castos, e simbolizava o poder cultista da virgindade, representando “vida jovem e pura e de profunda inocência”.³ Conseqüentemente, uma moça jovem e não casada era chamada de *parthenos*. Ser alguma coisa diferente de virgem antes do casamento era algo impensável!

Durante algum momento do período de desposório de Maria e José, a vida se complicou demais para o jovem casal. Pode ser que Maria estivesse realizando as tarefas domésticas, sonhando com a saída para sua casa e a grande celebração que José estava preparando, quando, de repente, uma voz interrompe sua solidão: “Alegre-se, agraciada! O Senhor está com você!” (Lc 1:28).

A saudação deixou Maria completamente confusa. Uma moça do interior? Agraciada por Deus? Por quê? As moças adolescentes ocupavam uma posição muito inferior nos tempos antigos. Antes que ela pudesse questioná-lo, o anjo continuou:

Não tenha medo, Maria; você foi agraciada por Deus! Você ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Jesus. Ele será

³ Geoffrey W. BROMILEY, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, p. 828.

grande e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre o povo de Jacó; seu Reino jamais terá fim.

Lucas 1:30-33

Maria compreendeu a importância das palavras do anjo. As pessoas lembravam que os profetas haviam predito a chegada de um rei de enorme poder que tomaria o trono, destruiria os inimigos de Israel, inauguraria um período de paz e prosperidade sem precedentes e, por fim, governaria a terra inteira. Todos os judeus ansiavam pela chegada do Messias, cada um à sua maneira. Os ricos e poderosos esperavam que ele não viesse enquanto vissem, porque isso poria fim a seus desejos de riqueza e *status*. Os pobres e abandonados desejavam que ele viesse para quebrar o jugo de opressão social.

Depois de séculos daquilo que, sem dúvida, pareceu ser um silêncio de Deus, Maria descobriu que seria a mãe do Messias. Durante séculos, milhares de mulheres hebraicas haviam esperado ser aquela que daria à luz o Salvador de Israel. Foi uma honra maravilhosa demais para ser descrita, mas o privilégio exigiria um sacrifício imenso. “Perguntou Maria ao anjo: ‘Como acontecerá isso, se sou virgem?’” (Lc 1:34)

O texto grego diz literalmente “Como será isso, uma vez que não conheço nenhum homem?”. Naturalmente, ela usou a palavra *conhecer* no sentido de intimidade, um eufemismo comum para o relacionamento sexual. Maria entendia o suficiente sobre sexualidade para saber que não poderia conceber uma criança antes de passar sua primeira noite com José. Assim, ela fez a pergunta mais lógica: *Como uma parthenos pode conceber um filho?*

O anjo respondeu: “O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, aquele que há de nascer será chamado Santo, Filho de Deus. Também Isabel, sua parenta, terá um filho na velhice; aquela que diziam ser

estéril já está em seu sexto mês de gestação. Pois nada é impossível para Deus”.

Lucas 1:35-37

O anjo usou uma imagem que seria familiar a qualquer judeu. Depois de Moisés ter conduzido o povo hebreu para fora do Egito, o Senhor o orientou a construir um tabernáculo — um lugar de adoração portátil. Quando ele foi concluído, Deus cobriu a tenda, o que foi visto pelas pessoas como um misterioso brilho na forma de uma nuvem (Êx 40:34-38; Nm 9:15-16). O anjo usou essa imagem quando disse “o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra” para explicar a Maria que a presença espiritual de Deus conceberia miraculosamente um menino em seu ventre. Ao mesmo tempo que a criança seria humana em todos os aspectos, não teria um pai humano. Seu pai seria, de modo literal, o Deus todo-poderoso.

Que exigência para uma menina adolescente! Contudo, observe a resposta imediata de Maria: “Respondeu Maria: ‘Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra’. Então o anjo a deixou”. (Lc 1:38)

A palavra grega traduzida por “serva” descreve um tipo particular de servidão, muito comum ao longo de toda a história. O termo se refere a alguém que se vende voluntariamente à escravidão. Deus obviamente escolheu essa serva humilde por uma boa razão, e sua submissão completa à vontade de seu Criador foi levada em conta. “Sou serva do Senhor.” Em outras palavras, *dedico-me a servir meu Senhor de modo voluntário e incondicional*.

Lucas e Mateus relatam dois eventos subseqüentes, mas devemos usar nossa imaginação para determinar qual deles aconteceu primeiro. Lucas nos diz que “Maria preparou-se e foi depressa para uma cidade da região montanhosa da Judéia” com o objetivo de visitar Isabel (Lc 1:39). Mateus descreve a dificuldade de José em aceitar a história de Maria. Em meu livro *A Bethlehem Christmas* [Um Natal em Belém], imaginei Maria contando a José a maneira miraculosa pela qual ela engravidou e, logo depois, saindo para a

casa de Isabel. Pode ser possível também que ela tenha escrito apressadamente um bilhete para seu marido prometido e tenha partido rapidamente para evitar uma difícil conversa face a face.

Seja como for, podemos apenas imaginar como esse momento foi difícil para os dois. Maria deve ter parecido insana. Uma virgem conceber uma criança sem relação sexual? Difícil de acreditar. É irônico constatar que a jovem Maria fosse aquela que levava dentro de si o mais maravilhoso segredo da história da humanidade e, ainda assim, sofresse as mesmas conseqüências de uma pecadora. Percebe-se o embotamento espiritual de sua comunidade, sendo tal privilégio concedido a custo de tamanha dor. E não apenas para Maria.

José só recebeu uma visita angelical mais tarde. Imagine só sua dor particular e confusão. Talvez ele estivesse ansioso por fazer outra visita a Maria e à sua família depois de um dia de trabalho duro, outra tarde na companhia da mulher que ele amava, outro momento para relaxar e sonhar juntos o futuro comum. Então, de repente, a noiva vai embora. Uma viagem apressada para a região montanhosa da Judéia.

Três meses se passam até que José recebe notícias de que Maria havia retornado. Logo de cara, ele percebe uma pequena saliência em suas roupas. Ele não sabe de muita coisa, apenas que a vida se tornou repentinamente muito complicada. Veja a seguir como imaginamos José se lembrando de sua experiência:

Depois de contar uma história muito esquisita, Maria revelou que estava grávida.

As palavras atingiram o meu peito como se fossem um tijolo. Sentei-me atordoado, enquanto ela continuava a contar aquela história absurda e blasfema sobre conceber o Messias e o Deus invisível comportando-se de uma maneira que, para mim, lembrava mais os deuses pagãos de Roma. Uma onda de perguntas me varreu a mente. “Quem era o pai? Ela foi abusada ou consentiu? Como pude me enganar tanto em relação a uma pessoa que

eu conhecia tão bem? Será que ela é louca? Está apaixonada pelo outro? Ela não me ama? Por que faria isso?”

Olhei para o outro lado da mesa, na direção de Maria, e encontrei-a olhando para mim com uma óbvia compaixão, o que me deixou ainda mais irado. Será que eu deveria acreditar nela diante de uma ilusão tão grande? Ou, pior ainda, seu engano era tão profundo a ponto de ela ignorar os envolvidos na história? A sala começou a girar, e senti meu estômago embrulhado. Precisei sair de casa.

Quase arranquei a porta das dobradiças, corri para a noite, e não parei até chegar ao penhasco fora de Nazaré. Exausto, afundei no chão sobre meus joelhos e, depois, fiquei sentado por horas na escuridão, olhando para a planície e para o céu noturno. Quando eu era pequeno, encontrava conforto na vasta expansão das estrelas, um símbolo do poder de Deus, de sua constância e de seu caráter imutável. Assim, encontrei o brilho de uma nova luz — um ponto brilhante logo acima do horizonte — um pouco perturbadora. Mas minha angústia não me deixou ter outros pensamentos a ponto de o total absurdo daquela situação tomar conta de mim. Cada vez que eu lembrava os fatos, uma nova dimensão dessa tragédia me invadia a mente e trazia consigo mais espasmos de soluços.

À medida que o horizonte ficava azul e depois cor-de-rosa, decidi voltar para casa. Meus pais, embora pesarosos e confusos pelo rumo dos acontecimentos, me orientaram a esperar antes de tomar qualquer decisão em relação a Maria. Foi um sábio conselho. Num momento, eu queria correr para estar ao lado dela; no momento seguinte, queria que ela sumisse da minha vida. Mas uma constante permaneceu durante toda minha dor e confusão: o amor incessante por Maria.⁴

De acordo com a lei judaica, José tinha o direito de exigir o apedrejamento público, o que não apenas salvaria sua honra ferida,

⁴ Excerto de Charles R. SWINDOLL, *A Bethlehem Christmas*, p. 117-119.

mas também limparia seu nome diante da comunidade. Mas ele era um homem decente demais para fazer isso.

Por ser José, seu marido, um homem justo, e não querendo expô-la à desonra pública, pretendia anular o casamento secretamente.

Mateus 1:19

Que homem notável! Que posição diplomática! José tinha todas as razões do mundo para acreditar que Maria fora infiel. Casar-se com uma mulher infiel que insistia numa história tão bizarra como aquela seria um ato de irresponsabilidade. Todavia, planejou tratá-la com misericórdia: buscaria um divórcio discreto. José poderia tocar sua vida em frente. Maria poderia permanecer com a própria família, que cuidaria dela e da criança. Era uma decisão sábia e lógica.

Então, José teve seu próprio encontro sobrenatural.

Mas, depois de ter pensado nisso, apareceu-lhe um anjo do Senhor em sonho e disse: “José, filho de Davi, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados”. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe chamarão Emanuel”, que significa “Deus conosco”.

Mateus 1:20-23

Embora surpreso, José, sem dúvida, percebeu a enorme importância da mensagem do anjo. Primeiro, o anjo revelou que a criança fora concebida pelo Espírito Santo de Deus, o que fazia com que o bebê fosse literalmente Filho de Deus. Segundo, o anjo anunciou que a criança seria o Messias há tanto tempo esperado. Para um judeu, essas notícias seriam de tirar o fôlego. Não há dúvida de que esse era o maior e mais significativo anúncio na história de Israel. Num nível pessoal, o anjo confirmou a inocência de Maria, o que deve ter sido um grande alívio para o jovem noivo de coração partido.

A visita trouxe a José a paz pessoal necessária para seguir adiante com seus planos de casamento. Contudo, ele deve ter compreendido as dificuldades que essas circunstâncias acarretariam. Vamos enfrentar os fatos: na melhor das hipóteses, a vida com Maria e seu filho em Nazaré seria muito confusa. A grande bênção dada a Maria também trouxe um número significativo de complicações; tornar-se marido dela seria algo muito além do que a maioria dos homens poderia suportar. Nazaré era uma cidade pequena, e nenhuma outra pessoa de lá havia recebido uma visita angelical. No que se referia aos dois, a comitiva nupcial de José estaria carregando para a casa dele uma noiva que engravidara de maneira ilegítima.

De acordo com a lei rabínica, José só poderia divorciar-se de Maria se o filho dela não fosse seu. A lei proibia rigorosamente que ele terminasse o casamento apenas por ter assumido a paternidade do filho antes de recebê-la em casa. Portanto, sob qualquer outra circunstância, levá-la para casa era admitir que a criança era sua. Em outras palavras, José se sujeitou voluntariamente a qualquer mal-entendido que a comunidade pudesse ter em relação à gravidez de Maria.

Se isso já não fosse suficiente, Mateus nos diz que José “não teve relações com ela enquanto ela não deu à luz um filho” (Mt 1:25). Ele se casou com ela, levou-a para sua casa e viveu com ela por vários meses num relacionamento próximo, terno e amoroso. A despeito das óbvias tentações de desfrutar daquilo que era deles por direito, José se negou a obter qualquer gratificação sexual por causa de sua convicção de que Maria daria à luz o Messias no mesmo estado em que ele foi concebido.

Que modelo de graça altruísta. José compreendeu os riscos, calculou o custo, deixou de lado seus próprios direitos e voluntariamente aceitou as dificuldades de Maria como sendo suas próprias.

UM RETRATO DE JESUS

Os teólogos chamam o nascimento de Jesus de “encarnação”. A palavra vem de um termo latino que significa “entrar em ou tornar-se

carne”. Um dicionário bíblico define a *encarnação* como “o ato de graça por meio do qual Cristo assumiu nossa natureza humana, em união com sua pessoa divina, e tornou-se homem”.⁵

Posteriormente, o apóstolo Paulo descreveu a encarnação de Jesus e usou esse supremo ato de graça para desafiar seus leitores. Em uma de suas cartas, endereçada aos cristãos que viviam na cidade macedônia de Filipos, ele escreveu:

Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha:

Ele tinha a natureza de Deus,

mas não tentou ficar igual a Deus.

Pelo contrário, ele abriu mão de tudo o que era seu

e tomou a natureza de servo,

tornando-se assim igual aos seres humanos.

E, vivendo a vida comum de um ser humano,

ele foi humilde

e obedeceu a Deus até a morte — morte de cruz.

Filipenses 2:5-8, NBLH

A palavra traduzida por “servo” nesta passagem é a mesma usada por Maria quando se submeteu à vontade de Deus, ao dizer “sou serva do Senhor” (Lc 1:38).

No capítulo anterior deste livro, analisamos a ousada declaração feita por Jesus de que ele era Deus. Pare um momento e reflita sobre as implicações disso. Dê asas a sua imaginação e coloque-se na posição de Jesus. Você é o supremo poder sobre todas as coisas. Está além das necessidades de comida ou segurança, não sente dor, não pode sofrer a morte; você existe num reino além dos confins do tempo e do espaço tridimensional e tem uma alegria plena. Como Criador todo-poderoso de todas as coisas, você falou e o universo passou a existir, estabeleceu um hábitat perfeito para as criaturas vivas, criou as pessoas de modo que elas refletissem sua imagem e

⁵ M. G. EASTON, *Easton's Bible Dictionary*, s.v. “incarnation” [encarnação].

então soprou nelas vida, apenas para vê-las rebelar-se e fazer uma bagunça no seu mundo.

Por motivos que talvez nunca venhamos a entender completamente, o Criador todo-poderoso ama tanto as pessoas que traçou um plano para salvá-las dessa confusão. Esse plano exigia que o Criador se tornasse um ser humano. Na pessoa do Filho, o Deus atemporal e todo-poderoso voluntariamente deixou a eternidade e entrou no tempo para tornar-se um ser humano frágil. O Criador tornou-se como a criatura para sofrer a mesma aflição que sofreremos, para suportar as mesmas dores de cabeça, desapontamentos, lutas e tentações que nos afligem, para sofrer as mesmas injustiças que recaem sobre a existência humana, submetendo-se até mesmo às terríveis conseqüências do pecado.

Considero a disposição de José em compartilhar da situação de Maria uma maravilhosa ilustração da humildade e do sacrifício da encarnação. José era um homem justo que queria pouco mais que desfrutar de uma existência descomplicada com a mulher a quem amava. Contudo, como acontece freqüentemente, a obediência a Deus exige grande sacrifício. Assim como Maria sofreu injustamente a galhofa da comunidade na qual vivia, José voluntariamente colocou de lado seus próprios desejos para poder compartilhar do fardo que ela carregava. As injustiças que ela sofreria seriam dele também. Qualquer mal-entendido de que ela fosse vítima, ele também suportaria. Diante de um mundo que os observava e julgava, sua festa de casamento carregou uma noiva obviamente grávida por entre as ruas estreitas de uma comunidade de mente estreita até a casa dele, onde foi recebida como sua esposa, permitindo a todos que pensassem o que quisessem imaginar. Como descobriremos mais tarde, essa foi uma prefiguração da injustiça que o inocente Filho de Deus sofreria em nosso favor.

De um modo ou de outro, cada vida é um palco no qual o drama de Nazaré é encenado. Sofremos, de maneira justa ou injusta, as conseqüências de um mundo inclinado a fazer o que é errado.

O mundo nos trata de maneira injusta, e freqüentemente respondemos cometendo nossos próprios atos injustos, contribuindo desse modo para o pecado do mundo. Então, de maneira coletiva ou individual, todos nós colhemos as terríveis conseqüências de escolhas pouco sábias e imorais. *Que confusão!*

Felizmente, Deus não nos deixou sofrer sozinhos. Em sua graça, ele voluntariamente se tornou um de nós na pessoa de Jesus. Ele fez isso com o objetivo de compartilhar nosso fardo e, por fim, fornecer uma solução permanente para a confusão que criamos: o problema do mal.

CAPÍTULO TRÊS

Divindade de fraldas

NOS IDOS DE MARÇO DE 44 a.C., Júlio César morreu nas mãos dos mesmos homens que o haviam declarado deus apenas dois anos antes. Toda riqueza e poder do ditador tornaram-se então patrimônio hereditário de seu filho adotado e único herdeiro, Gaio Otávio, que, num período de duas décadas, passou de um imaturo jovem de 19 anos de idade a um líder incomparável do império romano. Recebeu os títulos de *Princeps*, ou “principal cidadão”, *Pontifex Maximus*, ou “sumo sacerdote”, e, por fim, *Augustus*, ou “governador supremo”, tudo isso ao mesmo tempo que se fingia de líder humilde e relutante. Mas, quando o cometa Halley pintou uma brilhante cauda pelo céu noturno do outono de 12 a.C., César Augusto tirou proveito da situação e declarou que aquilo era o espírito de Júlio entrando no céu. Os supersticiosos romanos não titubearam quando Augusto sugeriu que ele também deveria ser adorado. Afinal de contas, era filho de um deus.

Os historiadores chamam esse período de *pax romana*, “a paz de Roma”, mas essa foi uma paz brutal. Os romanos só se importavam com duas coisas: a submissão a Roma e o fluxo contínuo de riqueza entrando nos cofres romanos. Contanto que ninguém se rebelasse ou perturbasse as rotas de comércio, eles realmente não se importavam com o que acontecia em nível local. Chuck Colson pinta um

retrato muito adequado em seu livro *Kingdoms in Conflict* [Reinos em conflito]:

Há dois mil anos, a Palestina era (assim como é hoje) uma terra em constante conflito, tendo seus 2,5 milhões de habitantes divididos por barreiras religiosas, culturais e lingüísticas. Uma improvável mistura de judeus, gregos e sírios povoava as cidades costeiras e os vales férteis da terra antiga, e as tensões entre eles freqüentemente geravam sangrentos choques. Roma fazia pouco para evitar essa amargura volátil. Enquanto as paixões das pessoas envolvessem apenas elas mesmas, não receberiam nenhuma atenção de seus conquistadores.

Entre esses grupos tão díspares, somente os judeus tinham esperança no futuro, pois se apegavam à promessa de que, um dia, um Messias enviado de Deus viria para libertá-los. De acordo com as Escrituras, esse Salvador traria um julgamento imediato sobre os opressores de Israel e restabeleceria triunfalmente o poderoso trono do grande rei Davi.¹

Durante esses dias paradoxais de severa opressão e viagens seguras, César Augusto declarou que todo o reino deveria submeter-se a um recenseamento, como há centenas de anos acontecia em Roma. O evangelho de Lucas descreve o evento.

Naqueles dias César Augusto publicou um decreto ordenando o recenseamento de todo o império romano. Este foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria.

Lucas 2:1-2

Alguns estudiosos contestam as informações de Lucas, destacando que Quirino só se tornou governador da Síria no ano 6 d.C. e que Herodes, o Grande, morreu em 4 a.C. Mas as provas arqueológicas dão fortes indícios de que Quirino esteve na Síria em uma missão militar para Augusto entre os anos 10 e 7 a.C. e que, com

¹ P. 81.

a crescente loucura de Herodes, o imperador estava preparando a região para um controle direto por parte de Roma. Portanto, este teria sido “o *primeiro* recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria”.

“Durante esses dias” — ou seja, os dias de opressão econômica perpetrada por uma aristocracia política, de tirania política sob um governador alucinado e de crescente terrorismo realizado pelos impetuosos zelotes — as famílias precisaram retornar à cidade de seus ancestrais para prestar contas de sua vida a um “censor”. A venerável *Enciclopédia Britânica* descreve o papel básico de um censor:

Um magistrado cuja função original de fazer registro de cidadãos e suas propriedades foi grandemente expandida a fim de incluir supervisão sobre as atas do senado e conduta moral. Os censores também avaliavam propriedades para fins de taxação e contratos, penalizavam perpetradores de atos imorais suspendendo seus direitos públicos, como voto e filiação a uma tribo, e presidiam as cerimônias de purificação no encerramento de cada recenseamento.²

Logo depois de Augusto assumir o controle completo de Roma, o papel do censor tornou-se responsabilidade do imperador. Nas províncias, ele dava poder a magistrados chamados *censitores*. Com um significado muito parecido com o que temos hoje, além das atividades de recolher impostos, o censor avaliava o caráter e a conduta das pessoas, o que dava a ele e a seus delegados uma grande oportunidade para a corrupção. Desse modo, imagine a tamanha afronta pessoal que isso representava para os bons judeus. A ordem de Augusto exigia que homens judeus, cujo único rei era o Deus criador, se colocassem diante de um oficial romano para prestar contas de sua correção moral. Para um judeu do século I, os reinos de Augusto e de Deus certamente estavam em profundo contraste. Todavia, o casal de Nazaré no período de desposório foi compelido a viajar mais

² <www.brittanica.com>, s.v. “censor”.

de 140 km para o sul, na direção de Belém, a cidade de Davi, sua antiga capital.

E todos iam para a sua cidade natal, a fim de alistar-se. Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galiléia para a Judéia, para Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho.

Lucas 2:3-5

Belém, que significa “casa de pão”, está setecentos e quinze metros acima do nível do mar, cercada por algumas das terras mais férteis do mundo. Figueiras, oliveiras e vinhedos cobriam as colinas, enquanto enormes rebanhos olhavam para os vales em volta. Embora o vilarejo estivesse a apenas oito quilômetros ao sul de Jerusalém, eram oito quilômetros a pé por um terreno irregular, o que lhe dava o tipo de simplicidade rural que você esperaria numa comunidade agrícola. Mas o decreto de Augusto mudou tudo isso. Muitos homens podiam traçar suas raízes legitimamente até o rei Davi, de modo que centenas — talvez até mesmo milhares — convergiram para a pequena cidade de Belém ao mesmo tempo.

Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê, e ela deu à luz o seu primogênito. Envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Lucas 2:6-7

As regras de hospitalidade do Oriente Médio antigo exigiam que os habitantes locais abrissem suas casas aos visitantes, mas a quantidade de pessoas era tamanha que deve ter rapidamente assustado os pobres moradores de Belém. Desse modo, Maria e José tiveram que buscar uma “hospedaria”.

Graças às adoráveis peças infantis apresentadas nas igrejas a cada Natal, geralmente achamos que a “hospedaria” era uma versão antiga dos hotéis que conhecemos hoje — camas limpas para pessoas

com pouco dinheiro. Imaginamos o casal sem sorte andando pelas ruas de Belém à procura de uma vaga.

Na realidade, as “hospedarias” eram estabelecimentos miseráveis, dirigidos por pessoas de caráter duvidoso, que ofereciam uma alternativa um pouco melhor que dormir ao relento. Era mais semelhante a um motel de beira de estrada que um hotel de veraneio, fornecendo às caravanas de comércio quartos modestos e refeições, assim como relativa segurança contra ladrões. Não era o tipo de estabelecimento ao qual um homem levaria sua esposa e seu filho, e definitivamente não era o lugar ideal para dar à luz. Todavia, até mesmo lugares assim estavam lotados.

Sempre fiquei pensando na razão de Maria ter feito a viagem com José, sabendo que provavelmente teria a criança antes de voltar para casa. Talvez ele achasse que poderia fazer a viagem, concluir seus negócios e retornar a tempo. Talvez ela desse à luz mais cedo ou quem sabe estivessem errados quanto à contagem das semanas. Já ponderei que eles quisessem pousar na casa de parentes e, então, encontraram Belém repleta de viajantes e se surpreenderam com o tempo exigido para o recenseamento, muito maior que imaginavam. Contudo, isso de fato não importa. As decisões dos homens serviram apenas para realizar o plano soberano de Deus. Séculos antes do nascimento de Augusto, um profeta judeu chamado Miquéias havia escrito:

“Mas tu, Belém-Efrata,
embora pequena entre os clãs de Judá,
de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel.
Suas origens estão no passado distante,
em tempos antigos.”

Por isso os israelitas serão abandonados
até que aquela que está em trabalho de parto dê à luz.
Então o restante dos irmãos do governante
voltará para unir-se aos israelitas.
Ele se estabelecerá e os pastoreará
na força do SENHOR,

na majestade do nome do SENHOR, o seu Deus.
E eles viverão em segurança,
pois a grandeza dele alcançará os confins da terra.

Miquéias 5:2-4

César Augusto achava que esse exercício de poder lhe daria maior controle sobre o mundo, mas, no final das contas, tudo o que ele fez foi apenas realizar uma tarefa para Deus. José e Maria viviam em Nazaré, mas a profecia dizia que o Messias nasceria em Belém. Além do mais, não ousemos esquecer que Deus é onisciente e também soberano. Ele não seria pego de surpresa quando pessoas de todo o reino se reunissem em Belém pouco antes de José e Maria chegarem. Isso precipitaria apenas uma das muitas ironias, dentre todas as que servem a um propósito divino.

UM NASCIMENTO MUITO ESPECIAL

Como destaquei nos dois primeiros capítulos, o bebê no ventre de Maria não era uma criança comum. João, talvez o amigo mais próximo que Jesus tinha na terra, descreveu seu nascimento da seguinte maneira:

No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus... Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.

João 1:1,14

Na fraqueza da carne humana, o todo-poderoso Criador do universo veio à terra. Contudo, Deus não deixou de ser Deus quando se tornou homem na pessoa de Jesus Cristo, nem perdeu seus atributos divinos, como a onipresença e a onipotência. Ele simplesmente os deixou de lado por um tempo. Os teólogos chamam isso de *kenosis*, que vem de um termo grego cujo significado é “esvaziar-se”. Talvez a melhor maneira de ilustrar o conceito seja contar a história de Thomas Mott Osborne.

Em outubro de 1914, Osborne entrou na prisão de Auburn, no interior do Estado de Nova York e, como todos os outros presos, foi fotografado, teve as impressões digitais coletadas e todas as posses recolhidas. Então ele cruzou diversos portões de ferro, e foi levado a uma cela que media 1,20 m de largura por 2,20 m de comprimento e 2,20 m de altura. A única diferença entre o prisioneiro 33.333 e os outros 1.329 internos era a questão da liberdade. Sob seu comando, ele poderia sair da prisão a qualquer momento que desejasse.

Depois de sua indicação para fazer parte da Comissão Estadual de Reforma Prisional, presidida pelo governador Sulzer, Osborne dedicou-se à missão de viver como um dos internos, estudar a vida deles e sair como seu defensor. Ele voluntariamente deixou de lado sua liberdade para experimentar a vida atrás das grades. Dormiu numa cela úmida e fria exatamente igual à dos presos. Comeu a comida deles e trabalhou naquilo que eles trabalhavam. Suportou até mesmo a mais temida punição, uma noite na “solitária”. Embora pudesse ordenar sua libertação a qualquer momento, optou por permanecer confinado. Ele escreveu: “Sou prisioneiro, estou trancado, preso. Por nenhuma possibilidade humana, nenhum ato meu próprio, posso abrir as trancas de ferro que me separam do mundo e me mantêm nesse pequeno cubículo de pedra. Sou um prisioneiro voluntário, é verdade; contudo, mesmo um prisioneiro voluntário não pode destrancar a porta desta cela”.³

Assim como Osborne era livre mas estava confinado à prisão, Jesus era onipotente mas indefeso como criança, dependente do leite de sua mãe para sobreviver. Ele deixou de lado o justo direito de divindade para tornar-se a pessoa menos privilegiada, nascida entre os mais pobres dos pobres. Essa entrada humilde no mundo caracterizaria o restante de seus dias na terra e ilustraria a diferença entre seu reino e a idéia mundana de poder, autoridade, riqueza e privilégio.

³ Thomas Mott OSBORNE, *Within Prison Walls*, p. 24.

UMA NOVA LUZ

Em 586 a.C., muito antes de Jesus nascer, a Babilônia obteve êxito em tomar a cidade de Jerusalém, o que pôs fim ao reino de Deus na terra — pelo menos durante um tempo. Depois, Nabucodonosor fez o que a maioria dos conquistadores fazia na sua época: derrubou os muros da cidade, saqueou os palácios e os lugares santos, torturou os homens que resistiram e estabeleceu um novo governo.

Diferentemente, porém, de outros construtores de impérios, Nabucodonosor reconhecia o poder da educação e dos homens instruídos. Selecionou cuidadosamente os mais promissores estudantes de todas as nações conquistadas e levou-os para sua capital, construindo assim uma universidade no sentido mais verdadeiro da palavra. A missão deles era reunir conhecimento nas áreas de astronomia e astrologia, ciência e metafísica, filosofia e religião — qualquer fonte confiável de informação que pudessem encontrar — com o objetivo de aconselhar o rei.

Entre os melhores e mais brilhantes de Judá estava um jovem chamado Daniel, que se destacava dos demais. Depois de vários encontros com Nabucodonosor, ele se tornou uma espécie de sábio preferido e conselheiro de confiança, sendo por fim elevado à posição de oficial de alta patente do governo babilônico. Daniel também se tornou um poderoso profeta, predizendo a ascensão e a queda dos próximos quatro grandes impérios do mundo com surpreendente precisão. De fato, suas previsões eram tão exatas e detalhadas que muitos estudiosos as vêem como falsificações de alta qualidade, escritas num momento posterior da história.

Entre suas predições, Daniel escreveu que o império persa conquistaria a Babilônia e que o novo rei daria à nação de Judá permissão para reconstruir os muros de Jerusalém. Depois de “sete semanas, e sessenta e duas semanas” — ou 69 períodos de sete anos — o Messias surgiria (Dn 9:24-25). Em 5 de março de 444 a.C., Artaxerxes Longímans deu permissão a Neemias para reparar os muros

de Jerusalém (Nm 2:1-8).⁴ Assim, 483 anos lunares judaicos depois desse evento, qualquer estudante sério da Bíblia hebraica estaria esperando o aparecimento do Messias.

A escola dos homens sábios, das quais Daniel era membro, mapeava os céus com muito cuidado, na esperança de determinar o futuro a partir das constelações. Será que Daniel foi capaz de prever matematicamente a posição de certas estrelas e planetas na época do nascimento de Jesus? (Posso imaginar as indicações deixadas às futuras gerações de videntes, enroladas em manuscritos de papiro, juntamente com as divagações pagãs de seus colegas.)

Mateus registra que um grupo desses “magos” do Oriente — remanescentes das antigas escolas babilônica e persa de homens sábios — viu “a sua estrela” no céu e soube o que ela significava, talvez a partir da informação fornecida por Daniel. Independentemente de como chegaram às suas conclusões, os magos iniciaram uma expedição para encontrar o grande rei. Sua jornada a partir do lado oposto do deserto da Arábia deve ter levado várias semanas, senão meses. Preste muita atenção no propósito deles.

Depois que Jesus nasceu em Belém da Judéia, nos dias do rei Herodes, magos vindos do oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela no oriente e vimos adorá-lo”.

Mateus 2:1-2

Enquanto os magos do Oriente iniciavam sua jornada rumo oeste para encontrar o Filho de Deus e adorá-lo, Maria deu à luz seu filho

⁴ Os persas promulgaram nada menos que quatro decretos concedendo permissão para restaurar várias partes de Jerusalém, começando pelo templo: Ciro (538 a.C.), Dario I (520 a.C.), Artaxerxes Longímans (457 a.C.) e Artaxerxes Longímans de novo (444 a.C.). Um período de 483 anos lunares judaicos (cada um com 360 dias) é igual a 173.880 dias. A conversão desse período para o calendário solar gregoriano implica a inclusão de 116 anos bissextos (os anos centenários não são bissextos, a não ser a cada 400 anos).

e “o colocou numa manjedoura” (Lc 2:7). O leitor da Antiguidade não teria deixado passar esse detalhe citado por Lucas. Maria colocou a divindade de fraldas num cocho usado para alimentar animais, que é o mesmo que dizer que o lugar do nascimento de Jêsus — um estábulo — é ainda mais humilde que a mais miserável hospedaria.

Phillip Keller, em sua excelente obra intitulada *Rabboni*, nos oferece esta criativa descrição daquela noite:

O curral de ovelhas, malcheiroso como somente um confinamento de animais do Oriente poderia ser, cheirava a esterco e urina acumulados durante anos. José limpou um espaço suficiente para que Maria se deitasse. As dores do parto haviam começado. Ela se contraía em angústia no chão. José, com toda a inexperiência e o desconhecimento típicos de um homem, fazia o que podia para confortá-la. A túnica exterior dele seria a cama dela, e o alforje que levava seria seu travesseiro. Não havia palha, feno ou forragem. Essas coisas não eram abundantes naquele país. O pequeno estoque viera da vegetação esparsa que havia naquele terreno semidesértico.

Maria gemia e suspirava na escuridão do abrigo de ovelhas. José limpou o pó e a sujeira de um pequeno espaço de uma das manjedouras de pedra calcária escavadas à mão. Arrumou um lugar onde Maria pudesse colocar o recém-nascido enrolado nos panos que trouxera.

E ali, sozinha, sem ajuda, sem estrangeiros ou amigos para testemunhar seu sofrimento, na escuridão, ela teve seu filho. Foi uma entrada desprezível, a entrada no palco do Filho do homem — o Filho de Deus, o próprio Deus em forma humana — no palco da terra.⁵

REAÇÕES

Enquanto Maria dava à luz Jesus, o pequeno grupo de místicos do Oriente seguia a luz fatídica no céu, repleto de expectativas de que ela os levaria a um grande rei. Naturalmente, eles achavam que o encontrariam na capital (Mt 2:1), sem dúvida em algum lugar no

⁵ P. 56-57.

palácio real, cercado por grande celebração. O nascimento de alguém da realeza sempre foi causa de regozijo, especialmente o nascimento de um primogênito.

No Japão, a chegada do príncipe Hisahito em 1996 foi provavelmente o nascimento real mais esperado na história recente. Durante mais de quarenta anos, a família imperial não gerava um herdeiro do sexo masculino para o Trono do Crisântemo, acarretando imensa preocupação entre os membros mais conservadores de uma sociedade tão patriarcal. Sendo assim, diante do seu nascimento, Hisahito recebeu boas-vindas como poucos em nossa época. Também sou lembrado do nascimento dos príncipes William e Henry, filhos dos celebrados Charles e Diana na Grã-Bretanha.

Contudo, Jesus, o verdadeiro herdeiro do trono de Israel, entrou silenciosamente no mundo, num estábulo, na periferia da pequena Belém, sem conhecimento dos ricos, dos instruídos e da elite. Sua chegada, porém, não foi completamente ignorada.

Havia pastores que estavam nos campos próximos e durante a noite tomavam conta dos seus rebanhos. E aconteceu que um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor resplandeceu ao redor deles; e ficaram aterrorizados. Mas o anjo lhes disse: “Não tenham medo. Estou lhes trazendo boas novas de grande alegria, que são para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor. Isto lhes servirá de sinal: encontrarão o bebê envolto em panos e deitado numa manjedoura”.

Lucas 2:8-12

Os pastores eram os proscritos da sociedade daquela época, uma casta necessária mas banida, sem a qual o templo não poderia funcionar. Embora os pastores cuidassem dos animais exigidos para o sacrifício ritual, os judeus conscienciosos — sempre preocupados com a pureza — os consideravam impuros demais para se colocarem entre os outros adoradores. Imagine a recepção que um trabalhador imigrante sujo receberia à porta de um clube sofisticado, e você entenderá a posição que os pastores ocupavam na sociedade hebraica.

Enquanto os ricos e poderosos de Jerusalém formavam facções, alternando entre resistir e agradar aos romanos, alegremente desinformados do evento importantíssimo que acontecia no interior, anjos apareceram às pessoas com maior probabilidade de entender o que estava acontecendo. Imagine de que maneira os pastores proscritos se sentiram ao ouvir que o lugar do nascimento do seu rei era um estábulo e que seu berço era um cocho para alimentar animais. Pelo menos eles tinham um rei que compartilhava sua posição inferior, capaz de importar-se com as coisas que também eram importantes para eles. Talvez esse rei valorizasse seus súditos mais que as conquistas e a aquisição de mais e mais riqueza.

Os pastores imediatamente abandonaram seu ganha-pão, deixando o campo sem ninguém para cuidar das ovelhas, a fim de encontrar o rei que acabara de nascer.

Quando os anjos os deixaram e foram para os céus, os pastores disseram uns aos outros: “Vamos a Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos deu a conhecer”. Então correram para lá e encontraram Maria e José, e o bebê deitado na manjedoura. Depois de o verem, contaram a todos o que lhes fora dito a respeito daquele menino, e todos os que ouviram o que os pastores diziam ficaram admirados.

Lucas 2:15-18

Quero crer que os pastores precisaram procurar um pouco assim que chegaram a Belém. Imagine a caminhada deles pela cidade, falando com grupos de viajantes reunidos por toda a região, perguntando quem poderia ter ouvido o choro de um bebê no cocho de um estábulo. Naturalmente, isso teria levantado perguntas, levando então a uma impressionante história sobre anjos e à busca para encontrar o Messias em algum lugar perto da cidade. Assim que encontraram seu Salvador da maneira que os anjos haviam indicado, contaram a história mais uma vez, adicionando agora o relato de José e Maria.

A Bíblia diz que “todos os que ouviram o que os pastores diziam ficaram admirados” (Lc 2:18). O amplo significado da palavra grega

traduzida por “admirados” “tem um primeiro sentido de surpresa, seja crítica ou inquisitiva, e depois admiração, com uma nuance de temor ou medo diante daquilo que é incomum ou misterioso”.⁶ Os descendentes de Davi, reunidos na cidade de Davi com o propósito de prestar relatório de sua vida a Augusto, ficaram perplexos com aquilo que viram e ouviram. Mas veja a resposta de Maria: “Maria, porém, guardava todas essas coisas e sobre elas refletia em seu coração”. (Lc 2:19)

O verbo grego traduzido por “guardar” tem o sentido de “proteger, preservar, manter vigilância sobre alguma coisa”. O verbo que o acompanha, traduzido por “refletir”, significa literalmente “reunir” ou “colocar uma parte ao lado de outra”, algo não muito diferente do que alguém faria com as peças de um quebra-cabeça. Todos os acontecimentos em torno de Maria — o anúncio angelical, a crise com José provocada por isso, o momento em que o censo aconteceu, o nascimento do Deus feito carne num estábulo, a adoração dos pastores — flutuavam livremente como partes de um complexo e gigantesco enigma, desafiando-a a organizar cada elemento de acordo com algum tipo de ordem.

Os principais verbos de Lucas 2:18-19 formam um interessante contraste, e acredito que Lucas fez isso de propósito. As pessoas que testemunharam o nascimento e ouviram a história dos pastores ficaram boquiabertas, sem saber se podiam confiar naquilo que estavam vendo e ouvindo, até mesmo não muito dispostas a aceitar o que, lá no fundo do coração, sabiam ser verdadeiro. Elas haviam esperado tanto tempo pela chegada do Messias que não acreditaram quando ele finalmente chegou. Note que essas são as mesmas pessoas que haviam testemunhado os notáveis eventos em torno do nascimento de João, o filho de Zacarias e Isabel. Veja o que o relato de Lucas diz sobre elas na época do nascimento do precursor do Messias:

⁶ Gerhard KITTEL e Gerhard FRIEDRICH, eds., *Theological Dictionary of the New Testament Abridged in One Volume*, p. 316.

Todos os vizinhos [de Zacarias e Isabel] ficaram cheios de temor, e por toda a região montanhosa da Judéia se falava sobre essas coisas. Todos os que ouviam falar disso se perguntavam: “O que vai ser este menino?” Pois a mão do Senhor estava com ele.

Lucas 1:65-66

Maria, em contrapartida, não ficou “admirada”. Ela sabia que o evento era autêntico, ainda que não pudesse compreendê-lo totalmente naquele momento.

UMA NOVA MANEIRA DE PENSAR

Dar à luz o Deus em carne humana naturalmente desafiaria os conceitos que a nova mãe tinha sobre a maternidade. Vamos ser francos: a idéia de um Deus-homem caminhando na terra desafia muitos conceitos. Mas precisamos ter mente aberta enquanto observamos a vida de Jesus, mesmo se não entendermos plenamente suas palavras e ações. Seu propósito era, e ainda é, a reconciliação de dois mundos separados por maneiras de pensar muito distintas: o reino de Deus e a humanidade, cada qual encontrando seu representante na pessoa de Jesus. Essa reconciliação, porém, não é simplesmente uma mistura de filosofias. Os caminhos da terra e os do céu são completamente incompatíveis.

O mundo nem sempre foi o que é hoje. “No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gn 1:1), encheu o universo de verdade, deu-lhe ordem e chamou-o de “bom” (o Senhor disse que sua criação era “boa” não menos que sete vezes no relato da criação: Gn 1:4,10,12,18,21,25,31).

Então aconteceu uma coisa terrível. O primeiro homem e a primeira mulher desobedeceram ao simples mandamento de Deus.

“Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá”.

Gênesis 2:16-17

Isso mudou tudo. Os teólogos se referem a esse evento como “a queda”, o momento em que o pecado deu início a sua crescente corrupção do mundo, transformando-o todo o “bom” que Deus havia criado numa ameaçadora perversão. A terra agora produz colheitas cercadas de mato e espinhos. O trabalho se tornou uma labuta. A alegria de um nascimento vem à custa de enorme dor e angústia. Até mesmo nossa natureza como pessoas criadas para refletir a imagem de Deus foi distorcida pelo pecado, de modo que todas as coisas boas que fazemos estão entrelaçadas de egoísmo. O mal agora corrompe todo o bem como que para insultar o Criador. E o pecado trouxe consigo a derradeira afronta a Deus: a morte, que é a eliminação e a decadência de tudo o que ele criou para ser bom.

Deus não se tornou humano simplesmente para adicionar seu bem a fim de compensar nosso mal. Não, o nascimento de Jesus foi uma invasão, uma benéfica tomada de posse por meio da qual tudo e todos no mundo devem ser transformados. Assim, precisamos frequentemente lembrar a nós mesmos que, embora Jesus fosse homem de carne e osso, não era um homem comum. Seu ensinamento será, de modo bem literal, de outro mundo. Às vezes ele também parecerá enigmático, até mesmo evasivo em suas respostas, mas, em vez de simplesmente tacharmos suas respostas como sem sentido ou tentar encaixá-las em velhas categorias, desafio você a enxergar com outros olhos. Abra-se para a possibilidade de que aquilo que ele disse, fez e ensinou tivesse a intenção de criar um mundo muito diferente daquele que você ocupa atualmente. Na verdade, você pode até mesmo achar que a verdade que ele trouxe tem o propósito de criar um *você* muito diferente!

Uma verdade sem sentido ou uma capaz de transformar vidas? Como veremos em breve, a maneira pela qual as pessoas receberam as palavras e os feitos de Jesus dependia grandemente do modo pelo qual escolheram reagir a ele em nível pessoal.

Espere. Isso parece invertido, não é? Não deveria ser o oposto?

CAPÍTULO QUATRO

Respondendo ao Redentor

OTTO DIAS DEPOIS DO NASCIMENTO de Jesus, José e Maria apresentaram o menino no *brit milah*, “a aliança da circuncisão”, um ritual que identificava o menino como filho genuíno da aliança feita entre Deus e Abraão. E, como ditava o costume, seu nome era oficializado: *Yeshua*, “Javé salva”. Então, cumprindo a lei de Moisés, eles esperaram Maria completar sua purificação ritual antes de fazer a jornada de oito quilômetros até o templo em Jerusalém. Ali, José e Maria ofereceriam um sacrifício por si mesmos e dedicariam o menino a Deus.

Enquanto passavam pelo Pátio das Mulheres, um vidente chamado Simeão aproximou-se deles — talvez um pouco mais ousadamente do que se esperaria de um estranho. Ele andava pelos arredores do templo já havia algum tempo — talvez anos — procurando casais com crianças recém-nascidas nos braços, pois era um cuidadoso estudante das Escrituras, e Deus lhe prometera que ele não deixaria este mundo até que seus olhos vissem o Messias. Com essa promessa, o Senhor deu a Simeão olhos para ver, a capacidade de reconhecer o Prometido simplesmente num olhar.

Quando olhou nos olhos do rei há tanto esperado, ele exclamou:

“Ó Soberano, como prometeste, agora podes despedir em paz o teu servo.

Pois os meus olhos já viram a tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos: luz para revelação aos gentios e para a glória de Israel, teu povo.”

Lucas 2:29-32

Depois de abençoar José e Maria, a voz do vidente mudou para um tom sério.

“Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição, de modo que o pensamento de muitos corações será revelado. Quanto a você, uma espada atravessará a sua alma.”

Lucas 2:34-35

Em outras palavras, ele disse: “Este menino tem um propósito muito especial e, durante a realização do seu chamado, o destino de cada pessoa que o encontrar será revelado de modo que todos vejam”.

O oráculo se provaria verdadeiro muito antes que se pudesse esperar; quanto antes, não se pode dizer com certeza. Mas, em algum momento antes de José e Maria decidirem voltar para a Galiléia, os magos chegaram a Jerusalém procurando pelo “rei dos judeus”. Herodes, o Grande, já alterado por sua paranóia, ficou muito interessado na busca, embora obviamente não pelas mesmas razões. Depois de rever as profecias relativas ao Messias e entrevistar os magos, Herodes incentivou os sábios: “Vão informar-se com exatidão sobre o menino. Logo que o encontrarem, avisem-me, para que eu também vá adorá-lo” (Mt 2:8).

Depois de encontrar o genuíno rei dos judeus, os místicos o adoraram como Deus e colocaram suas ofertas diante do altar-manjedoura. Então, tendo sido advertidos em sonho para evitar Herodes, os magos retornaram sem nada relatar a Jerusalém, como lhes fora pedido. O fato de escolherem uma rota diferente perturbou o coração rebelde do rei ilegítimo de Israel — com resultados trágicos.

Quando Herodes percebeu que havia sido enganado pelos magos, ficou furioso e ordenou que matassem todos os meninos de dois anos para baixo, em Belém e nas proximidades, de acordo com a informação que havia obtido dos magos.

Mateus 2:16

Com o objetivo de fugir da matança, José e Maria fugiram para o Egito e permaneceram ali até que Herodes morresse, o que o historiador Josefo descreveu como resultado de uma infecção intestinal de algum tipo.

Agora, porém, a indisposição de Herodes havia ficado muito pior do que de costume... seus intestinos também estavam extremamente supurados, e a dor o atingia com mais violência no cólon; um licor aquoso e transparente também havia se acumulado em seus pés e algo semelhante também se apresentava na parte inferior de seu ventre.¹

De acordo com Mateus, todos esses eventos tinham um propósito no plano soberano de Deus. “[Ele] ficou [no Egito] até a morte de Herodes. E assim se cumpriu o que o Senhor tinha dito pelo profeta [Oséias]: ‘Do Egito chamei o meu filho’” (Mt 2:15). Como que para refazer o caminho do Êxodo, Jesus saiu do Egito para a terra que Deus havia prometido a Israel. De fato, Jesus seria o Israel que Deus queria chamar de “filho”. Mas eles escolheram adorar falsos deuses e sofreram repetidas invasões até que finalmente foram exilados da terra prometida. Quando restaurados ao seu lar, adoraram a Deus externamente, enquanto, em seu coração, adoravam a riqueza. Para julgar tal pecado, Deus retirou sua proteção, entregou-os nas mãos de líderes corruptos e deixou de falar com eles. Então, na época de Herodes, quatrocentos anos depois, os líderes religiosos de Israel erigiram um novo ídolo para ser colocado ao lado da riqueza: sua justiça própria.

¹ *História dos hebreus*, CPAD, 1998.

Foi durante essa caminhada de Israel, longe de Deus por vários séculos, que Jesus chegou. Quando José e Maria entraram novamente na terra prometida, talvez apenas algumas semanas depois de partir, descobriram que o trono de Jesus ainda estava ocupado. Herodes, o Grande, havia morrido, mas em seu lugar reinava Arquelaú, filho de Herodes e ainda mais violento e excêntrico que o pai. Assim, deixaram de lado suas expectativas de que o Messias reinaria em breve e voltaram para seu lar na esquecida vila de Nazaré. Em algum momento durante os onze anos que se seguiram, dissiparam-se as lembranças de sua aventura em Belém, abafadas pela monotonia da existência diária. Simeão lhes falara, mas eles se esqueceram. Jesus era um menino com um destino, e seu destino afetaria todo aquele a quem ele tocasse.

ESCAVANDO OS ESCOMBROS

Os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João — os únicos relatos da vida de Jesus que foram aceitos de maneira unânime pelas pessoas que o conheceram — não apresentam nenhuma informação sobre o que aconteceu em sua vida durante esses onze anos. A história silencia. Apenas Lucas oferece este petisco: “O menino crescia e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele” (Lc 2:40). Não sabemos nada sobre a vida de Jesus no período de 1 a 12 anos de idade.

Deixe um espaço em branco na história e, não demora muito, alguém tentará preenchê-lo. Muitas décadas depois de as últimas testemunhas oculares terem morrido, surgiram vários novos documentos contendo histórias fantasiosas sobre a infância de Jesus. Esses documentos apareceram primeiramente no século II, mas nenhum deles foi considerado remotamente plausível pelos crentes que se reuniam naquela época. Recentemente, romancistas e alguns defensores da teoria da conspiração afirmaram que “a igreja” e o imperador romano Constantino tramaram esmagar a verdade daqueles documentos porque ameaçavam diminuir o poder de ambos. Isso pode compor uma atraente história de aventura, mas a história não tem nada de cômico.

Antes de Constantino chegar ao poder como imperador romano e legalizar o cristianismo no ano 313 de nossa era, não houve uma única organização que tivesse governado a cristandade da maneira que a Igreja Católica Romana o faria posteriormente. O cristianismo era ilegal, e os cristãos eram freqüentemente perseguidos. Em sua maioria, as igrejas permaneciam como células subterrâneas que lutavam para sobreviver em áreas hostis e, nos rincões mais tolerantes do império, adotavam uma postura de não chamar a atenção. Durante os séculos II e III, as igrejas não estavam em posição de ameaçar ninguém. Porém, elas de fato se comunicavam. E todas concordavam em que esses supostos relatos da vida de Jesus eram fraudulentos. Os relatos mais recentes não eram críveis porque discordavam dos documentos genuínos que as igrejas possuíam havia décadas. Conseqüentemente, as comunidades de crentes espalhadas por todo o império não se importaram em reproduzir nem em preservar esses documentos mais novos.

Não sabemos muito sobre como Jesus era na infância. O que sabemos vem de uma história do evangelho de Lucas, provavelmente porque Lucas entrevistou Maria como parte de sua pesquisa.

Aos 13 anos, um menino judeu era chamado de *bar mitzvah*, um “filho do mandamento”. Na preparação para seu décimo terceiro aniversário, Jesus pode ter-se submetido a um rigoroso programa de instrução e preparação para sua passagem à idade adulta. A cerimônia e as comemorações modernas do *bar mitzvah*, porém, evoluíram a partir de costumes judaicos da Idade Média, de modo que só é possível especular o que os judeus do século I faziam. Independentemente disso, um ano antes de tornar-se oficialmente homem, Jesus acompanhou a caravana de sua família à cidade santa para celebrar a Festa da Páscoa e a Festa dos Pães Asmos. Essas festas próximas duravam oito dias, tempo que, considerado de maneira conjunta, era conhecido como Páscoa.

Com o término da celebração, José e Maria deram início à jornada para o norte, rumo à Galiléia, juntamente com centenas de outros peregrinos, incluindo dezenas de amigos e parentes. Talvez

pensando que Jesus estivesse junto com seus primos, mais para trás, o casal só descobriu mais adiante que o menino não estava de modo algum viajando com eles. Imediatamente, José e Maria dirigiram-se outra vez a Jerusalém e refizeram o caminho. Depois de três dias de busca, finalmente encontraram Jesus no templo, cercado pelos especialistas da lei judaica mais destacados da nação.

Depois de três dias o encontraram no templo, sentado entre os mestres, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. Todos os que o ouviam ficavam maravilhados com o seu entendimento e com as suas respostas.

Lucas 2:46-47

A palavra grega usada para descrever a reação dos líderes religiosos é intrigante por duas razões. Primeiramente, “maravilhado” significa literalmente “‘remover a si mesmo’, ‘perder o juízo’ de modo figurado, ‘perder a cabeça’, ‘ficar profundamente atônito’”.² Nós diríamos “eles estavam fora de si”. Desse modo, “maravilhados” não capta a total surpresa e entusiasmo que se apoderou dos mais capacitados mestres de Israel. É o tipo de reação que teríamos se vissemos um menino de 4 anos de idade tocar perfeitamente o Concerto para Piano nº 3 de Rachmaninov do início ao fim. Eles haviam descoberto um prodígio. O termo grego indica que Jesus foi capaz de reunir conceitos e gerar idéias que estariam muito além da compreensão própria de um menino de 12 anos de idade. Eles não conheciam ninguém com tamanha capacidade de penetrar no cerne de uma questão como ele.

A segunda razão para a escolha dos termos é notável. A tradução do Antigo Testamento para o grego (a Septuaginta) usou a mesma palavra para descrever a reação de pessoas que viram uma manifestação de Deus. De todas as palavras que poderia ter escolhido, Lucas selecionou o termo de maior carga teológica disponível. E, sem dúvida, seus leitores perceberam isso.

² Gerhard KITTEL e Gerhard FRIEDRICH, eds., *Theological Dictionary of the New Testament Abridged in One Volume*, p. 219.

Quando entram em cena, José e Maria ficam emudecidos ao encontrar o filho no templo. Eles provavelmente imaginaram encontrá-lo morto numa vala. (Esse é normalmente o lugar aonde chega a mente de um pai quando não consegue encontrar seu filho.) Diante disso, naturalmente, eles falaram com Jesus do mesmo modo que qualquer paialaria ao encontrar um filho perdido. Lembre-se de que eles estavam procurando Jesus havia três dias.

Quando seus pais o viram, ficaram perplexos. Sua mãe lhe disse: “Filho, por que você nos fez isto? Seu pai e eu estávamos aflitos, à sua procura”. Ele perguntou: “Por que vocês estavam me procurando? Não sabiam que eu devia estar na casa de meu Pai?”

Lucas 2:48-49

À primeira vista, a resposta de Jesus pode parecer a de um pirralho insolente, mas é possível ouvir a inflexão de sua voz, mesmo no texto impresso. Ele estava realmente confuso com o fato de que seus pais o tivessem procurado por três dias antes de ir ao templo. Se tivessem lembrado tudo o que envolveu seu nascimento ou as palavras de Simeão, o templo seria o primeiro lugar a procurar quando chegaram a Jerusalém. Onde mais o Filho de Deus poderia estar senão na casa de Deus? Todavia, José e Maria não ligaram os fatos. “Mas eles não compreenderam o que lhes dizia” (Lc 2:50).

Considero a ironia desse episódio simplesmente inestimável. José e Maria, testemunhas oculares da anunciação dos anjos, da visita dos pastores e da adoração dos magos, além dos oráculos proféticos, não tiveram olhos para ver surgir o propósito divino de Jesus. Ele, porém, sabia o que lhe estava acontecendo. Compreendia seu propósito, seu chamado, a missão que lhe fora atribuída por Deus.

Tragicamente, a maioria das pessoas só descobre seu propósito quando está perto do fim da vida. Algumas nunca o encontram. Veja o que escreve Os Guinness:

Para ser preciso, o chamado não é aquilo que normalmente achamos que é. Ele deve ser escavado debaixo dos escombros da

ignorância e da confusão. E, de modo desconfortável, ele bate de frente com nossas inclinações humanas. Mas nada alguém do chamado de Deus pode embasar e cumprir o mais verdadeiro anseio humano que é ter um propósito na vida.³

Às vezes fico pensando como e quando Jesus descobriu seu propósito. Pelo fato de ter colocado de lado sua onisciência, ele começou como qualquer outra pessoa, como uma criança sem conhecimento de nada. Seu propósito teve de ser “escavado debaixo dos escombros da ignorância e da confusão”, como acontece a qualquer outro ser humano.

Qual foi a primeira coisa da qual Jesus teve consciência em relação a sua verdadeira identidade? Será que ele passou a entender tudo a partir do que leu sobre o Messias nas Escrituras? Por acaso um sermão pregado na sinagoga perto de Nazaré provocou um estalo em sua mente? Será que foi uma compreensão nata que surgiu paulatinamente porque o Espírito de Deus estava com ele?

Ninguém pode dizer com certeza. Sabemos apenas que, aos 12 anos de idade, ele conhecia o propósito que lhe fora divinamente ordenado. Mesmo possuindo esse conhecimento, ele permaneceu humilde e recolhido até o momento adequado.

Então foi com eles para Nazaré, e era-lhes obediente. Sua mãe, porém, guardava todas essas coisas em seu coração. Jesus ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens.

Lucas 2:51-52

CHAMANDO TODOS OS PRESENTES

Muitos afirmavam ser o Cristo no Israel do século I, de modo que, quando o filho de Zacarias e Isabel começou a profetizar no deserto da Judéia, a impressão foi de que ele não seria nada além de um

³ *The Call*, p. 4.

fanático qualquer, um fogo de palha. Mas João, conhecido como Batista (“o Batizador”), não afirmava ser o Messias — apenas seu precursor, enviado por Deus para preparar as pessoas para a chegada do rei prometido. Ele convocava Israel ao arrependimento e administrava o antigo ritual judaico do batismo, por meio do qual os convertidos ao judaísmo eram cerimonialmente limpos quando se tornavam — o que de fato eram — filhos adotados da aliança. O batismo de arrependimento de João conclamava os judeus a admitir que se haviam afastado de sua aliança com Deus e que deveriam aproximar-se dele como se fosse a primeira vez. Ao submeter-se ao batismo de João, eles estavam, de fato, recomeçando com Deus.

O ritual do batismo também tinha outro significado que seria importante para Jesus. Era um ritual de sacerdotes, os quais eram purificados pela lavagem da água pouco antes de representar o povo perante Deus no Lugar Santíssimo.

No ano 29 de nossa era, entre dezoito e vinte anos depois de ter-se tornado um filho da aliança, Jesus apresentou-se a João para ser batizado. No primeiro momento, João se recusou, dizendo: “Eu preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mt 3:14). Ele estava enganado em achar que Jesus estava submetendo-se ao batismo de arrependimento do profeta. Jesus tinha algo mais em mente. Ele estava prestes a conceder um novo significado ao símbolo da imersão na água, mudando para sempre o ritual do batismo.

Jesus entrou nas águas do rio Jordão para ser imerso e, diante do testemunho de enorme quantidade de discípulos de João e outras pessoas, recebeu a afirmação de seu Pai. Quando o Espírito de Deus apareceu como uma pomba descendo sobre Jesus, uma voz estrondosa abalou a multidão: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado” (Mt 3:17). Naquele dia, Jesus iniciou oficialmente uma jornada que o levaria ao seu destino final. A realização desse ritual de limpeza anunciou publicamente o início de seu ministério, a busca de seu chamado. Seu primeiro ato foi transformar o batismo numa porta simbólica para um novo tipo de vida, uma entrada pela qual ele seria o primeiro a passar.

Dois dos discípulos de João Batista — João, filho de Zebedeu, e André — acharam que essa nova entrada era intrigante demais para ser ignorada e, depois de ouvir o precursor chamar Jesus de “Cordeiro de Deus”, deixaram tudo para segui-lo (Jo 1:35-37). Apenas podemos imaginar a conversa que aconteceu naquela tarde e noite quando André e João ouviram Jesus falando durante o jantar. Mas é óbvio que ela teve impacto profundo sobre André, que partiu na manhã seguinte para achar seu irmão e levá-lo para se encontrar com o rabi.

André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido o que João dissera e que haviam seguido Jesus. O primeiro que ele encontrou foi Simão, seu irmão, e lhe disse: “Achamos o Messias” (isto é, o Cristo). E o levou a Jesus. Jesus olhou para ele e disse: “Você é Simão, filho de João. Será chamado Cefas” (que traduzido é “Pedro”).

João 1:40-42

Cefas deriva de uma palavra aramaica que significa “rocha”. Simão era pescador por profissão e naturalmente forte depois de anos jogando redes e puxando centenas de peixes. O cativante rabi provavelmente colocou uma das mãos no ombro de Pedro enquanto o saudava e decidia se “Pedrão” ou “Homem-rocha” seriam apelidos adequados. Naturalmente, Jesus queria dar um duplo sentido, o que se tornaria claro somente mais tarde. Assim, o apelido pegou: Cefas — *Petros* em grego, Pedro em português.

À medida que o pequeno grupo desfrutava da presença e das palavras de Jesus, Pedro começou a perceber que André estava certo. Os homens haviam encontrado o Messias e queriam muito se tornar seus discípulos. Mas discipulado no século I não era uma questão banal. Por meio do ensinamento de seu mentor, os discípulos deviam tornar-se réplicas de seu mestre. Se falhassem no aprendizado ou fizessem alguma coisa que fosse publicamente embaraçosa, os críticos olhariam muito além dos pupilos e condenariam o mestre. Assim, naturalmente, os mestres tinham muito cuidado para

escolher seus discípulos. Os selecionados estavam entre os que não apenas haviam prometido submeter-se completamente a sua instrução, mas entre os que de fato o fariam. Uma pessoa poderia pedir que um mestre se tornasse seu mentor, mas o relacionamento não começaria até que o próprio mestre fizesse o convite.

Depois de despedir-se de seus convidados, Jesus deu início aos preparativos para uma expedição de ensino por toda a Galiléia. Outro discípulo potencial, chamado Filipe, vivia na Judéia, talvez com grande parte de sua família, na pequena cidade de Emaús, a mais ou menos onze quilômetros de Jerusalém. Jesus sabia que ele era de Betsaida — “casa de peixe” —, um vilarejo pesqueiro na costa norte do mar da Galiléia que fora recentemente transformado em cidade para honrar a filha de César Augusto. Além do mais, não por coincidência, também era a cidade natal de André, Pedro e João. Depois de encontrar Filipe, Jesus fez o convite do mentor: “Siga-me”. Filipe respondeu positivamente e convidou seu irmão Natanael para encontrar-se com Jesus. Depois de um pequeno discurso, Jesus ficou impressionado com seus modos diretos, e Natanael também se tornou discípulo.

Não sabemos o que aconteceu depois disso com Simão, André e João. Talvez tenham pensado que Jesus não estava interessado neles como discípulos e, então, voltaram à sua rotina normal em casa e no mar. Tudo o que sabemos com certeza é que, algum tempo depois — dias, talvez semanas —, eles voltaram para seu negócio na costa do mar da Galiléia. Não demorou muito e seus caminhos se cruzaram de novo. No entanto, a reunião foi tudo, menos coincidência.

Jesus havia ensinado e curado em sua caminhada pelo interior da Galiléia quando começou a pregar a uma multidão que estava à beira do mar. Durante uma interrupção nas aulas da manhã, ele notou um grupo de pescadores limpando as redes na praia, algo que eles faziam normalmente antes de voltar para casa. Jesus sabia que um dos homens era Pedro e decidiu tirar o máximo proveito do momento.

[Jesus] entrou num dos barcos, o que pertencia a Simão, e pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia. Então sentou-se, e do barco ensinava o povo. Tendo acabado de falar, disse a Simão: “Vá para onde as águas são mais fundas”, e a todos: “Lancem as redes para a pesca”. Simão respondeu: “Mestre, esforçamo-nos a noite inteira e não pegamos nada. Mas, porque és tu quem está dizendo isto, vou lançar as redes”. Quando o fizeram, pegaram tal quantidade de peixes que as redes começaram a rasgar-se. Então fizeram sinais a seus companheiros no outro barco, para que viessem ajudá-los; e eles vieram e encheram ambos os barcos, ao ponto de começarem a afundar.

Lucas 5:3-7

Como eu gostaria de saber o que Jesus ensinou às pessoas quando esteve no barco de Simão! Uma lição sobre discipulado? Sobre confiar no sustento de Deus? Gosto de pensar que ele falou sobre a alegria de cumprir o destino pessoal, seguir o chamado que cada pessoa recebe. Pedro estava relutante num primeiro momento, mas, ao mesmo tempo que chamou Jesus de “mestre”, ele, com uma ponta de má vontade, fez com que seus homens baixassem as redes, apesar de tê-las limpado a manhã inteira. Na cabeça de Pedro, aquela era uma tarefa à toa que servia apenas para agradar o rabi. Poucos momentos depois, porém, Pedro sentiu um puxão nas redes e descobriu que a linha que as segurava estava a ponto de quebrar. Vista da praia, a cena deve ter sido cômica: os homens davam ordens como loucos para a tripulação, que corria de um lado para outro no barco, tentando puxar as redes cheias de peixes. Quando o convés do primeiro navio ficou completamente lotado e, então, o do segundo também, os dois navios ficaram prestes a afundar diante de uma carga tão pesada.

Assim que a tripulação dos dois navios conseguiu segurar a carga de peixes, a lição objetiva fez com que Pedro caísse de joelhos. Lucas escreveu que o pescador firme como uma rocha e seus companheiros “estavam perplexos”, e o ato seguinte de Pedro revela o nascimento de uma consciência de que Jesus não era um homem

comum: “Quando Simão Pedro viu isso, prostrou-se aos pés de Jesus e disse: ‘Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador!’” (Lc 5:8).

A exclamação de Pedro é uma reminiscência de outro homem que se viu petrificado de medo na presença de Deus. Isaías, o profeta do Antigo Testamento, disse: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros; os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (Is 6:5). Tanto Isaías quanto Pedro compreenderam as potenciais conseqüências de um contato direto com Deus. A pecaminosidade não consegue sobreviver na presença da glória divina. Por entender que era um homem manchado pelo pecado, Pedro temia Jesus.

Ao mesmo tempo que Pedro, João e Tiago, irmão de João, tremiam diante de seu Messias, ouviram as palavras que mudariam a vida deles para sempre: “Não tenha medo; de agora em diante você será pescador de homens” (Lc 5:10).

O SIGNIFICADO DA VIDA

Pedro foi um homem admirável. Ele nunca fez nada pela metade. Certo dia, estava na Judéia, sentado aos pés do Messias, pronto para se tornar seu discípulo. Então, quando achou que aquilo não ia dar em nada, voltou para a Galiléia, para sua velha vida como pescador comercial, jogando repetidamente suas redes, todos os dias, e rotineiramente vendo-as subir vazias.

Seguir um chamado é uma coisa engraçada. Tão logo tenhamos começado a jornada, não podemos voltar atrás. Alguma coisa empurrou Pedro, André e João para longe de suas redes e os levou de volta à Judéia. André e João até mesmo se tornaram discípulos de João Batista, que profetizava no deserto e vivia longe da cidade — uma existência muito diferente da vida de classe média alta que eles desfrutavam. Quando os homens finalmente viram-se face a face com Cristo, acharam que haviam descoberto seu chamado. De fato o haviam descoberto, mas Jesus sabia que eles não tinham olhos para ver. Pelo menos não naquele momento.

O chamado para cumprir o propósito não vem de dentro; existencialistas e gurus de auto-ajuda estão errados quanto a isso. Aprendi anos atrás que seguir um chamado — cumprir o propósito da vida — não é tão complicado nem tão misterioso quanto parece. Começa com a percepção de que Deus criou cada pessoa com um projeto singular e um propósito especial. O antigo rei-poeta hebreu colocou a questão da seguinte maneira:

Tu criaste o íntimo do meu ser
e me teceste no ventre de minha mãe.
Eu te louvo porque me fizeste de modo especial e admirável.
Tuas obras são maravilhosas!
Digo isso com convicção.
Meus ossos não estavam escondidos de ti
quando em secreto fui formado
e entretecido como nas profundezas da terra.
Os teus olhos viram o meu embrião;
todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro
antes de qualquer deles existir.

Salmos 139:13-16

Infelizmente, o pecado e o egoísmo transformam o cumprimento de um propósito numa coisa impossível. O pecado cria uma barreira entre o projeto divino para nós e o caminho que nos é ordenado, gerando uma tensão que pode ser excruciante. A vida perde a razão de ser; a existência se torna insossa, parda, sem sentido, e até mesmo o prazer e o sucesso não trazem satisfação. Mas essa corrosiva fome de significado também pode criar a oportunidade e os meios para que Deus cuide de nossa alma adoentada pelo pecado e nos coloque no caminho certo.

Em seu ótimo livro *The Call* [O chamado], Os Guinness nos conta esta tocante história sobre Martinho Lutero:

Subindo dolorosamente os degraus da torre de uma catedral medieval no escuro, agarrou-se a uma corda para se firmar e

surpreendeu-se ao ouvir o badalar de um sino acima dele — sem querer, ele puxou a corda do sino e acordou todo o vilarejo.

Muito longe do homem com uma ampla visão de reforma e um plano bem calculado para executá-la, Lutero lutou dolorosamente por sua salvação diante de Deus e surpreendeu-se ao dar início ao cataclismo do século XVI que hoje chamamos simplesmente de Reforma.⁴

Lutero lutou por sua salvação porque nenhum de seus atos piedosos e bons, nenhuma penitência paga ou ritual cumprido, satisfaria seu anseio de ser justificado diante de Deus. Essa fome o levou a descobrir, a partir da leitura das Escrituras, que um relacionamento adequado com Deus não pode ser ganho ou merecido, uma vez que jamais podemos fazer o suficiente ou nos tornar suficientemente bons para obter o favor de Deus. Somente Deus, que nos deu um plano e um propósito, pode eliminar a tensão ao remover o problema de pecado.

Depois de trabalhar a noite inteira em vão para encher suas redes de peixes, Pedro, André e João perceberam que a vida longe de seu chamado sempre terminaria vazia. Eles haviam partido numa jornada para encontrar seu chamado “debaixo dos escombros da ignorância e da confusão” e descobriram que nunca poderiam voltar atrás. Mas também não conseguiram diminuir a tensão entre o plano e o propósito simplesmente mudando de carreira, procurando conhecimento religioso ou lutando por uma causa justa. Ali, na costa do mar da Galiléia, os homens viviam num cinzento crepúsculo de limbo.

Felizmente, Jesus não os deixou sem esperança ou orientação — assim como não deixa nenhum de nós. Onde caímos, Jesus foi bem-sucedido. O único que conseguiu reconhecer e seguir seu propósito desde o início foi Jesus. Somente ele foi capaz de obedecer de maneira contínua e agradar a Deus completamente. Sua missão divina era abrir um caminho para que cada um de nós pudesse fazer o mesmo.

⁴ P. 162.

Jesus preparou o caminho e possibilitou que seguíssemos nosso destino, ao passo que, por nós mesmos, não teríamos esperança alguma. Podemos encontrar e cumprir nosso propósito ao responder ao claro e simples chamado de Jesus Cristo: “Siga-me”. Ele é a porta para a realização de nosso destino, no qual o projeto divino e o propósito ordenado por Deus vivem em perfeita harmonia.

A pesca sem precedentes que os discípulos realizaram naquele dia não os levou a chamar Jesus para ser sócio majoritário do negócio. Eles entenderam o princípio que Jesus estava ensinando: “Comigo, vocês poderão fazer tudo; sem mim, tudo o que vocês fizerem resultará em nada”. Quando estavam prontos para aceitar essa verdade, aí então eles tiveram olhos para ver e ouvidos para ouvir o chamado de Deus para que perseguissem o propósito de sua vida. Pedro, André, João e seu irmão Tiago largaram imediatamente suas redes, deixaram tudo para trás e responderam ao chamado de Jesus.

PARTE DOIS

O rabi

CAPÍTULO CINCO

A vida... como Deus planejou

A HISTÓRIA DE JESUS e do reino que ele veio estabelecer tem raízes profundas no solo da história de Israel. Durante muitos séculos, aquela pequena faixa de terra entre o lado oriental do mar Mediterrâneo e a fronteira ocidental do deserto da *Árãbia* foi — e continua a ser — o campo de batalha de um conflito constante entre o bem e o mal. O conflito é e será cósmico, não político. Portanto, não foi por acaso que Jesus nasceu ali ou que seu destino estivesse tão profundamente entretecido com o futuro do trono de Israel.

Quando tirou os descendentes de Abraão do Egito para colocá-los na terra prometida, Deus estabeleceu uma aliança que, em resumo, dizia o seguinte: “Se vocês me obedecerem, desfrutarão abundância; se me desobedecerem, sofrerão fome, pestilência, pobreza e invasão estrangeira”. Foi a maneira que Deus usou para dizer que a abundância material deve ser construída sobre uma firme fundação espiritual — pelo menos no que diz respeito ao povo de Deus. Durante breve período de tempo, parece que eles cumpriram sua parte do acordo. Contudo, um pequeno comprometimento aqui e uma tolerância ali, e a nação especialmente escolhida por Deus estava muito semelhante a seus vizinhos adoradores de ídolos. As conseqüências da desobediência mantiveram Israel na pobreza, com dificuldades para sobreviver por séculos, até que Deus escolheu um jovem pastor chamado Davi para assumir a liderança.

De maneira bem literal, a devoção do rei Davi a Deus colocou Israel no mapa. Ele rapidamente derrotou todos os inimigos de Israel na região e, ao final de sua vida, quarenta anos depois, o território de Israel havia aumentado dez vezes. À medida que Davi sistematicamente destruiu as divindades feitas à mão dos vizinhos de Israel e liderou seu povo na adoração exclusiva ao único e verdadeiro Deus, Israel entrou numa era de ouro. Fronteiras seguras e diplomacia sábia trouxeram de todas as partes do mundo uma riqueza jamais vista. Os campos produziam colheitas abundantes de trigo e vegetais; as colinas estavam repletas de rebanhos; os pomares sobejavam de figos, tâmaras, romãs e azeitonas; os lagares transbordavam. Durante um bom tempo, parecia que a nação hebraica finalmente conquistaria toda a terra que o Senhor prometera e desfrutaria da abundância que Deus há tanto tempo desejava que tivesse.

Deus chamou Davi de “um homem segundo o seu coração” (1Sm 13:14) porque Davi entendeu o relacionamento singular que o Senhor havia iniciado com os descendentes de Abraão e, de maneira esmerada, liderou o povo para ser fiel a seu chamado. Ele compôs hinos e usou o poder do trono para convocar Israel à adoração. Além disso, Davi fortaleceu o sacerdócio para dar à adoração a Deus elevada prioridade. Durante todo esse processo, ele sonhou em construir ao Senhor um grande templo em Jerusalém. Com esse fim, reuniu os mais ricos materiais de todo o mundo e alocou os artistas e artesãos mais dotados de Israel. A devoção de Davi a Deus sempre ocupou o primeiro lugar.

A fidelidade de Davi não passou despercebida. Por manter sua aliança, o Senhor fez com que a nascente potência mundial florescesse. Além disso, renovou seu compromisso com os descendentes de Abraão ao estabelecer uma nova aliança com o homem que ele havia escolhido para pastoreá-los. Embora sua aliança anterior com a nação promettesse abundância em consequência da obediência, Deus tornou essa nova promessa incondicional. O Senhor prometeu a Davi que o povo de Israel jamais seria varrido da terra e que ele nunca removeria de sua linhagem o direito de reinado. Outros

poderiam usurpar o trono ou comprá-lo de maneira ilegítima, mas nunca com a bênção ou a sanção de Deus... e jamais de modo permanente.

Até hoje, os judeus chamam Davi de seu maior rei por causa de sua fidelidade a Deus. O imenso poder e a extrema riqueza de Davi não contaminaram suas motivações. Os sucessos que ele alcançou não erodiram sua humildade. Sua bravura jamais prejudicou a firme dependência que tinha de Deus. Mas... (você não odeia essa palavra?) o poderoso rei Davi, com toda a sua devoção e humildade, não conseguiu fugir completamente da atração sutil e constante do mal. O homem que liderou sua nação na adoração exclusiva a Deus também colecionou esposas como se colecionam selos. À medida que mulheres de todo o mundo oriental passaram a fixar residência no palácio real, seus deuses encontraram espaço em Israel. O envolvimento sem sentido de Davi com a tentação traria conseqüências terríveis para os séculos futuros.

Depois de algumas gerações, o fundamento espiritual que Davi havia lançado estava desmoronando, e a aliança de Deus com o rei-pastor parecia estar em risco. O orgulho e a insolência do neto de Davi levaram a uma guerra civil que dividiu o povo hebreu em duas nações: os reis rebeldes e idólatras de Israel no Norte, e os raramente fiéis descendentes de Davi, que governaram Judá, no Sul. No ano 722 a.C., o império assírio dizimou Israel, deixando apenas alguns hebreus remanescentes em Judá para manter as alianças que Abraão e Davi haviam feito com Deus. Contudo, tais como os reis de Israel, os de Judá terminaram levando o povo a rebelar-se contra seu Deus ao adorar imagens esculpidas em pedra. Apesar dos clamores emocionados de Jeremias e das duras advertências de Ezequiel, os habitantes de Judá (que ficaram conhecidos como judeus) passaram por um longo período de severo julgamento.

Isaías anteviu a desolação que os judeus enfrentariam como resultado da ação de seus pastores infiéis. Mas ele também olhou além de sua tribulação, descrevendo um futuro glorioso — um novo reino sob a liderança de um descendente fiel de Davi.

Vejam! Um rei reinará com retidão,
 e príncipes governarão com justiça.
 Cada homem será como um esconderijo contra o vento
 e um abrigo contra a tempestade,
 como correntes de água numa terra seca
 e como a sombra de uma grande rocha no deserto.
 Então os olhos dos que vêem não mais estarão fechados,
 e os ouvidos dos que ouvem escutarão.
 A mente do precipitado saberá julgar,
 e a língua gaguejante falará com facilidade e clareza.
 O tolo já não será chamado nobre
 e o homem sem caráter não será tido em alta estima.

Isaías 32:1-5

Isaías (e outros profetas) predisseram que esse rei-pastor levaria o povo de Deus a um futuro glorioso. Seu reinado daria início a um período sem precedentes de superabundância agrícola e econômica; ele libertaria a nação da tirania estrangeira e expandiria seu domínio a fim de colocar o mundo inteiro debaixo de seu governo soberano. As gerações posteriores chamariam esse rei de o Messias, o Cristo, o Ungido.

Contudo, a esperança é como uma vidraça para o futuro. Ela é suficientemente clara, mas, se o foco não estiver correto, você só verá um reflexo do que está atrás de si. As pessoas de Judá cometeram o erro de pensar que o Messias simplesmente recuperaria os dias de glória do rei Davi e transformaria o mundo num império judaico. Em outras palavras, eles esperavam que o Messias lhes trouxesse o mesmo poder e prosperidade que um dia haviam desfrutado, apenas ampliados e multiplicados. Dada a exclusiva adoração a Deus realizada por eles, esse não seria um desejo ruim, mas, comparado com a realidade do que se colocava diante deles, era uma aproximação insignificante e pouco substancial da glória anterior. Aquela era a velha aliança; Deus tinha em mente uma nova aliança. A nova seria construída em cima da antiga para dar ao povo de Deus muito mais que simplesmente poder temporal e riqueza material. Seria um novo tipo de abundância.

A ASCENSÃO DO MESSIAS AO PODER

Antes de dar início oficial a seu ministério público, Jesus refez de maneira figurada os passos do povo hebreu pelo deserto. Ali, no austero interior da Judéia, ele enfrentaria as tentações que derrubam reis e seus reinos de modo tão fragoroso. Depois de algum tempo com os potenciais discípulos, ele partiu em direção ao deserto para um longo período de solidão e jejum. Mateus afirma enfaticamente que Jesus foi para lá especificamente “para ser tentado pelo Diabo” (Mt 4:1). O verbo grego traduzido por “tentar” significa “procurar descobrir a natureza ou o caráter de alguém ou alguma coisa ao submetê-la a prova ampla e extensiva”.¹ Em outras palavras, Jesus foi para o deserto a fim de confrontar e desafiar seu inimigo. Jesus se mostraria o legítimo pastor de Israel ao vencer as tentações nas quais fracassaram todos os reis de Israel antes dele, incluindo seu poderoso ancestral, o rei Davi.

Depois de Jesus ter passado quarenta dias bebendo apenas água, Satanás o confrontou com uma proposta: “Se és o Filho de Deus, manda esta pedra transformar-se em pão” (Lc 4:3). Olhando superficialmente, era uma sugestão razoável. Já havia chegado o momento de Jesus interromper seu jejum, ele estava faminto e, afinal de contas, o poder do Todo-poderoso estava à sua disposição. Sendo assim, por que não usar esse poder para satisfazer uma necessidade legítima? Mas Jesus veio à terra para ser o homem que todos os outros não conseguiram ser, e tornar-se o rei de que Israel sempre precisou, um rei que dependeria de Deus completamente e o serviria continuamente.

A crise da fome física é, em essência, uma crise de fé. Em que ou em quem você confiará para obter a satisfação de suas necessidades mais básicas? Você confiará em Deus, que criou o corpo humano, ou buscará seu próprio caminho? A resposta de Jesus à tentação lembra as palavras de Moisés aos israelitas no deserto:

¹ Johannes P. Louw e Eugene Albert Nida, *Greek-English Lexicon of the New Testament*, p. 331.

Tenham o cuidado de obedecer a toda a lei que eu hoje lhes ordeno, para que vocês vivam, multipliquem-se e tomem posse da terra que o SENHOR prometeu, com juramento, aos seus antepassados. Lembrem-se de como o SENHOR, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não. Assim, ele os humilhou e os deixou passar fome. Mas depois os sustentou com maná, que nem vocês nem os seus antepassados conheciam, para mostrar-lhes que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca do SENHOR.

Deuteronômio 8:1-3

Onde os israelitas fracassaram, Jesus triunfou. E essa ousada declaração se tornaria o primeiro princípio do novo reino: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4). Embora seu estômago estivesse roncando depois de quarenta dias de fome, ele desfrutava de abundância. Jesus veio para estabelecer um novo reino baseado na completa confiança e dependência de Deus, não o tipo de abundância que podia ser devorada visando a nutrição ou barganhada visando lucro.

Uma profecia registrada em Malaquias 3:1 afirmava que o Messias “de repente... virá para o seu templo”. Uma vez que Satanás continuou atacando a integridade do Messias, ele transportou Jesus para o pináculo do templo judaico em Jerusalém, seja literalmente ou numa visão, e desafiou-o a se jogar na direção do pátio lotado de pessoas, logo abaixo. Satanás astutamente torceu a passagem de Salmos 91:11-12 para deixar implícito que os judeus reconheceriam imediatamente o milagre e aceitariam Jesus como Messias.

Porque a seus anjos ele dará ordens a seu respeito,
para que o protejam em todos os seus caminhos;
com as mãos eles o segurarão,
para que você não tropece em alguma pedra.

Salmos 91:11-12

Mais uma vez, Jesus respondeu com uma citação das Escrituras do Antigo Testamento. Ele lembrou as palavras de Moisés aos israelitas, que se recusaram a acreditar na proteção de Deus sem que houvesse um sinal miraculoso: “Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus” (Mt 4:7). A palavra grega traduzida por “prova” nesse versículo é a mesma traduzida anteriormente por “tentar”. Exigir que Deus se prove capaz e disposto a cumprir suas promessas é uma prova de que tal pessoa não confia nele. No novo reino, o povo de Deus confia nele completamente e sem reservas.

A promessa de Deus de que esse novo reino abrangeria o mundo inteiro tornou-se o foco da terceira e última tentativa de Satanás de corromper Jesus durante o tempo que ele passou no deserto. Tendo mostrado a Jesus o esplendor de todos os reinos do mundo, Satanás disse: “Tudo isto te darei, se te prostrares e me adorares” (Mt 4:9). Foi a mesma barganha que ele ofereceu aos reis corruptos de Israel — os pastores infiéis que buscavam a riqueza material à custa da dedicação exclusiva a Deus e ao seu povo.

Jesus mais uma vez respondeu com uma citação do Antigo Testamento. “Retire-se, Satanás! Pois está escrito: ‘Adore o Senhor, o seu Deus, e só a ele preste culto’” (Mt 4:10). No tempo devido, Jesus iria de fato a Jerusalém para se apresentar no templo como o Messias, mas não antes de demonstrar ser um rei digno do trono de Israel. Como disse um comentarista, “antes de um rei poder governar outras pessoas, deve provar que é capaz de governar a si mesmo”.²

NÃO A ABUNDÂNCIA DE SEU AVÔ

Pouco depois da viagem ao deserto, Jesus deu início a seu ministério itinerante, viajando para cima e para baixo pela faixa de terra que, como no passado, fora governada por Davi e Salomão. Conforme ele falava a seus irmãos hebreus em sinagogas, mercados, colinas e caminhos, grandes multidões começaram a sonhar com uma vida abundante sob a liderança de um rei justo — talvez o Rei justo.

² Warren W. WIERSBE, *Wiersbe's Expository Outlines on the New Testament*, p. 21.

Certamente ele seria aquele que quebraria o jugo de Roma, aquele que traria mais riqueza, maior poder, liberdade ilimitada e vida longa. Embora Jesus fosse de fato o Messias, seus súditos não conseguiram ver o tipo de abundância que ele veio trazer. Olhando pela vidraça em direção ao futuro, eles viram apenas o que estava atrás de si, não o tipo de abundância superior que Jesus queria dar-lhes.

Com o propósito de descrever seu novo reino, Jesus usou uma figura que seria familiar à sua audiência. Na época de inverno, os pastores mantinham seus rebanhos em locais cercados de pedras à noite e os levavam às pastagens na manhã seguinte.

“Eu lhes asseguro que aquele que não entra no aprisco das ovelhas pela porta, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante. Aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas. O porteiro abre-lhe a porta, e as ovelhas ouvem a sua voz. Ele chama as suas ovelhas pelo nome e as leva para fora. Depois de conduzir para fora todas as suas ovelhas, vai adiante delas, e estas o seguem, porque conhecem a sua voz. Mas nunca seguirão um estranho; na verdade, fugirão dele, porque não reconhecem a voz de estranhos”. Jesus usou essa comparação, mas eles não compreenderam o que lhes estava falando.

Então Jesus afirmou de novo: “Digo-lhes a verdade: Eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo. Entrará e sairá, e encontrará pastagem.

O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente.

João 10:1-10

Grandes multidões se reuniam para ouvir os ensinamentos de Jesus e ter suas enfermidades curadas por ele. A partir daquela multidão de discípulos, ele escolheu doze para formarem um círculo mais próximo de pupilos, homens que ele prepararia para se tornarem os primeiros líderes do novo reino. Quando Jesus os chamou para segui-lo, eles deixaram tudo para trás. Embora tenha prometido abundância, não vejo nenhuma indicação de que Jesus lhes

tenha oferecido alguma coisa parecida com segurança financeira ou conforto pessoal. Não havia um plano de aposentadoria. Nenhuma cobertura de seguro. Nem mesmo garantia de segurança. De fato, ele lhes prometeu basicamente o oposto. Jesus disse a seus discípulos:

“Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa, este a salvará. Pois que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se ou destruir a si mesmo?”

Lucas 9:23-25

Note que Jesus não estava fazendo uma pregação contrária à riqueza propriamente dita. Não devemos esquecer que a promessa de Deus para Israel incluía abundância material. Mas Jesus também não pregou o evangelho de riqueza e saúde que diz “plante uma semente de fé e colha sua bênção”. O cristianismo não é e nunca foi um esquema de enriquecimento voraz.

É preciso fazer uma advertência. Rejeite qualquer ensinamento que até mesmo sugira que riqueza material, saúde física ou circunstâncias favoráveis têm alguma coisa que ver com a quantidade de fé que você possui ou com o fato de Deus estar contente com você. Cuidado com aqueles que ensinam que doações financeiras vão liberar a infindável abundância das bênçãos de Deus. São falsos pastores que vão roubar seu dinheiro e destruir seu relacionamento com Deus. A “fé” que eles proclamam é uma fé contaminada.

No que se refere a Jesus, dinheiro e posses são coisas moralmente neutras e não possuem nenhuma relação com o novo reino, a não ser o fato de que elas podem desviar nossa atenção daquilo que o Senhor considera importante. Jesus esclareceu a questão aos seus seguidores por meio de uma ousada declaração, seguida por uma parábola perspicaz.

Então lhes disse: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade

dos seus bens”. Então lhes contou esta parábola: “A terra de certo homem rico produziu muito. Ele pensou consigo mesmo: ‘O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita’. Então disse: ‘Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens. E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se’. Contudo, Deus lhe disse: ‘Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?’”.

Lucas 12:15-20

A perspectiva da morte tem um modo próprio de colocar rapidamente as coisas em perspectiva. Quando vista por meio das lentes da eternidade, a riqueza material repentinamente se torna microscópica se comparada às coisas que transcendem a morte, como os relacionamentos e a vida abundante que Jesus prometeu. A questão não é se você tem muito dinheiro ou bens materiais, mas se eles têm você. É uma questão de coração. Que papel a aquisição e a preservação de “coisas” desempenha nas principais decisões da vida? Que prioridade você dá a essas buscas em comparação com os relacionamentos importantes da sua vida? Quem ou o que você busca para satisfazer suas necessidades? Você vive apenas do sustento físico ou dos mandamentos e promessas de Deus? Você serve a alguma coisa antes de servir a Deus?

O grande objetivo de Deus para seu povo é uma vida santa e livre de distrações.

A ABUNDÂNCIA QUE VEM DO ALTO

Sendo assim, se abundância não é dinheiro, posses ou conforto, o que é? Uma vez que os membros do círculo mais íntimo de seguidores de Jesus sofreram perseguição e morreram como mártires, que tipo de abundância eles receberam? João, o discípulo de Jesus, optou por abrir sua narrativa com a seguinte explicação:

No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito. Nele estava a vida, e esta era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram.

João 1:1-5

Jesus é eterno e é o Criador, de modo que o tipo de vida que ele dá não é uma vida criada pelo homem, mas por Deus. É o tipo de vida que não existia na terra antes de sua chegada. Além disso, a vida abundante é tão contrária ao pensamento deste mundo que o mundo não pode compreendê-la — não sem ajuda.

Nicodemos, uma das grandes mentes teológicas e filosóficas de Israel, teve dificuldades para compreender o tipo de vida que Jesus oferecia. Como político, Nicodemos estava muito preocupado com a crise em Israel, pois o reino de Deus se tornara uma província de Roma. Como mestre das Escrituras, ele se importava com a verdade. Como homem religioso, ele se preocupava com a moralidade e a conduta que agrada a Deus. Como homem, ele se importava consigo mesmo, com seu futuro e com sua posição diante de Deus. Ele provavelmente estava seguro em relação à maioria dessas coisas, até o momento em que Jesus colocou uma pulga atrás da sua orelha com as palavras “é necessário que vocês nasçam de novo” (Jo 3:7).

Infelizmente, a expressão “nascer de novo” tornou-se tão usada que perdeu muito de seu significado. Ela se tornou até mesmo um tipo de piada na cultura norte-americana. Na língua grega, porém, na qual João escreveu essa história, as palavras são carregadas de múltiplas camadas de significado, todas elas revelando uma verdade simples mas profunda. Assim como foi para Nicodemos, é uma expressão que nos convida a olhar mais fundo.

De acordo com o comentarista Merrill Tenney, “o nascimento é a maneira de entrarmos no mundo e traz consigo o equipamento potencial para nos ajustarmos ao mundo”.³ É a passagem de um

³ *Expositor's Bible Commentary*, p. 47.

tipo de vida e de um ambiente para outro. O nascimento lança a pessoa numa existência muito diferente em um mundo completamente novo. Nesse mundo, a pessoa é praticamente incapaz de sobreviver. Contudo, ela está cheia de potencial.

A palavra grega *anōthen*, traduzida aqui por “de novo”, pode ter vários significados. É mais comumente usada como um advérbio que indica “do alto”. De maneira similar, podemos dizer que alguém “recebeu ajuda do alto”, indicando que Deus ajudou aquela pessoa. Essa é a idéia em praticamente todos os outros lugares em que João emprega essa palavra. Na maneira em que é usada aqui, o significado funciona muito bem para explicar a verdade que Jesus revelou a Nicodemos.

Tenney continua:

Nascer de novo, ou “nascer no alto”, significa uma transformação da pessoa de modo que ela seja capaz de entrar em outro mundo e adaptar-se às suas condições... Para pertencer ao reino celestial, é preciso nascer nele.⁴

O nascimento é uma obra de Deus. É claro que a mãe desempenha o papel necessário e o médico ajuda, mas vamos encarar os fatos: chamamos o nascimento de milagre porque somente Deus pode fazê-lo acontecer. E o que dizer do papel da criança? Em que o bebê contribui para seu próprio nascimento? Em nada.

O nascimento do alto, assim como o nascimento físico, não é algo que possa ser conquistado, merecido ou pelo qual alguém se esforça. Você não pode orar por muito tempo e com muita intensidade para recebê-lo. Você não pode limpar sua vida o suficiente para torná-lo possível. Você não pode unir-se a uma igreja para nascer do alto. Tudo isso é simplesmente tão sem sentido quanto um bebê dizer que decidiu formar-se dentro do ventre de sua mãe.

Quando Nicodemos ouviu Jesus usar a estranha frase “é necessário que vocês nasçam *anōthen*”, ele se concentrou deliberadamente

⁴ Idem.

no aspecto “de novo” da palavra. Talvez ele tenha perguntado apertando as bochechas:

“Como alguém pode nascer, sendo velho? É claro que não pode entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e renascer!”

João 3:4

Num primeiro olhar, o desafio de Nicodemos parece ser completamente obtuso ou muito sarcástico. Mas lembre-se de que a pessoa sentada ao lado de Jesus não é ignorante. É um mestre no ensino, abordando alguém que, suspeita, é muito pretensioso. É uma maneira de sugerir “Que proposição ridícula!”.

Os mestres daquela época — incluindo Nicodemos — chamavam os gentios convertidos ao judaísmo de “filhos renascidos”. Era uma maneira simpática de declarar que uma pessoa havia começado a vida de novo ao estabelecer um relacionamento com o Deus de Abraão. Esse processo envolvia a circuncisão para os homens e o batismo de imersão na água tanto para homens quanto para mulheres. Desse modo, o velho mestre achava que Jesus estava referindo-se aos gentios convertidos. Seu segundo erro foi pensar que o “reino” de Jesus era apenas o reino terreno e físico de Israel, sob o comando do futuro Messias judaico. Em outras palavras, Nicodemos achou que Jesus estava dizendo que “somente os gentios convertidos podem tomar parte no futuro reino terreno sob o comando do Messias”.

Naturalmente, não era isso o que Jesus ensinava. Embora fosse extremamente inteligente, o raciocínio de Nicodemos era bidimensional. Ele só conseguia pensar no plano horizontal. Como muitas pessoas hoje em dia, Nicodemos achava que o mundo poderia ser descoberto apenas pelas evidências físicas combinadas ao raciocínio humano — aquilo que pudesse ser tocado, percebido pelos sentidos, testado no laboratório, provado matematicamente ou avaliado e decidido em tribunal. Sendo assim, a resposta natural seria, de fato: “Agora você está me dizendo que há um reino do qual não faço parte e que, para fazer parte desse reino, preciso de alguma maneira voltar e nascer como gentio. Além disso, esse reino parece

ser muito diferente daquele pelo qual estou procurando. Que tipo de abundância é essa?”.

Nicodemos estava procurando atentamente, mas não conseguia enxergar. Em vez de repreender o velho mestre, porém, Jesus o levou a um nível mais profundo. Para nossa cultura, sua explicação parece mais enigmática que antes, mas ele escolheu deliberadamente termos e conceitos que Nicodemos poderia entender.

Respondeu Jesus: “Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito”.

João 3:5

Ao referir-se tanto à água quanto ao Espírito, Jesus reconheceu a limpeza promovida pela água (batismo), que os judeus associavam a arrependimento, ao mesmo tempo que destacava a necessidade do nascimento espiritual. Ao diferenciar os dois termos, Nicodemos sabia que *anōthen* significava “do alto”, como um renascimento espiritual, ao mesmo tempo que aludia a uma promessa messiânica favorita do Antigo Testamento:

“Pois eu os tirarei dentre as nações, os ajuntarei do meio de todas as terras e os trarei de volta para a sua própria terra. Aspergirei água pura sobre vocês e ficarão puros; eu os purificarei de todas as suas impurezas e de todos os seus ídolos. Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis. Vocês habitarão na terra que dei aos seus antepassados; vocês serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.”

Ezequiel 36:24-28

Nicodemos esperava que o Messias resgatasse Israel de Roma e trouxesse imensa abundância... pensamento horizontal. Ao dizer que alguém deve nascer da água (arrependimento) e do Espírito (“do alto”), Jesus tentou dar uma dimensão mais vertical à visão de

reino de Nicodemos. Um “espírito” não pode ser visto, é completamente invisível. É a limpeza interior e a renovação de uma pessoa que o Espírito de Deus traz quando a pessoa “nasce do alto” — ou “nasce de novo”. Essa é a obra do Espírito de Deus dentro de uma pessoa que, sozinha, não pode entender a verdade espiritual. Jesus continuou: “O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito” (Jo 3:6).

Agora, o queixo de Nicodemos devia estar batendo no peito. Jesus continuou:

“Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: ‘É necessário que vocês nasçam de novo’. O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito.”

João 3:7-8

Em outras palavras, Jesus está dizendo: “Nicodemos, isso não é algo que você possa analisar ou esforçar-se para conseguir. Envolve o sobrenatural — a obra de Deus dentro de uma pessoa”. A obra do Espírito é como o vento. Para quem está de fora, o Espírito é invisível. É silencioso. É poderoso. Ele se move por onde quer. Não pode ser controlado nem contido pelos humanos. Imagine tentar explicar o que é o vento a alguém que nunca o sentiu. A tentativa de Jesus de explicar a obra sobrenatural do Espírito para Nicodemos deve ter sido mais ou menos assim. Aquele brilhante erudito religioso estava embasbacado.

Por fim, Nicodemos tornou-se suficientemente vulnerável para admitir sua ignorância. Talvez colocando a mão na cabeça, inclinándose para a frente, buscando nos olhos de Jesus alguma resposta, ele perguntou: “Como pode ser isso?” (Jo 3:9). Ele era mestre em Israel e um dos mais devotos homens do serviço a Deus no templo, mas não tinha consciência dessa dimensão espiritual do reino e do tipo de abundância de que seus cidadãos desfrutariam.

Isso deve ser uma advertência a qualquer um que esteja ativamente envolvido na igreja. É possível ser o membro mais fiel de

todos. A pessoa pode ter o respeito de toda a comunidade religiosa, até mesmo ser vista como uma autoridade na verdade divina. Contudo, nenhuma inteligência teológica e nenhuma postura religiosa fazem com que alguém “nasça do alto”, “nasça de novo”.

Jesus respondeu perseguindo diretamente o problema, e o fez com três declarações penetrantes:

Você não entende? (v. 10)

Vocês não aceitam. (v. 11)

Como crerão? (v. 12)

Disse Jesus: “Você é mestre em Israel e não entende essas coisas? Asseguro-lhe que nós falamos do que conhecemos e testemunhamos do que vimos, mas mesmo assim vocês não aceitam o nosso testemunho. Eu lhes falei de coisas terrenas e vocês não creram; como crerão se lhes falar de coisas celestiais? Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser aquele que veio do céu: o Filho do homem”.

João 3:10-13

O problema de Nicodemos não era intelectual; era volitivo. Ele não via porque não queria ver, um aspecto que Jesus optou por enfatizar: “Vocês não aceitam o nosso testemunho” (v. 11).

À medida que o foco da conversa foi mudando para a obra do Espírito Santo, o diálogo tornou-se muito intenso. Uma vez que Nicodemos era um experiente estudioso de Moisés, Jesus valeu-se do seu conhecimento da história hebraica, mais especificamente de um evento registrado em Números 21:4-9.

Uma reflexão sobre Números 21 nos revela que os israelitas tinham acabado de experimentar a miraculosa libertação da escravidão no Egito, realizada por Deus. Eles haviam testemunhado as dez pragas, a abertura do mar Vermelho e a coluna de nuvem e o fogo que os conduziu. Todavia, começaram a reclamar e murmurar. Geniosos, desobedientes e descrentes, acabaram com a paciência de Deus. Então, ele decidiu discipliná-los. Sua disciplina veio na forma de cobras venenosas, que mataram muitas pessoas, levando Moisés a interceder dizendo, com efeito: “Se isso continuar, todos eles vão morrer”.

O Senhor respondeu com um conjunto específico de instruções: faça uma serpente de bronze e coloque-a num poste de modo que todo aquele que for mordido possa olhar para ela. Assim que a pessoa visse a serpente, o veneno em seu corpo perderia o efeito (v. 8-9). O plano funcionou como Deus havia prometido. É claro que Nicodemos estava familiarizado com a história.

Portanto, Jesus usou esse episódio da história de Israel como uma analogia:

Da mesma forma como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do homem seja levantado.

João 3:14

A que Jesus se referia? À cruz, naturalmente! A cruz, onde ele pagou o preço completo por todo pecado — pecado passado, pecado presente, pecado futuro. Todo pecado. Seu, meu, de todas as pessoas. Quando foi levantado naquela cruz, ele satisfez completamente as exigências de um Deus santo, que dissera que o pecado deve ser punido. Ao olhar para Jesus, o veneno do pecado perde seu efeito, e nós não precisamos sofrer a morte eterna. Todo aquele que crê nele terá esse tipo de vida, participará do seu tipo de reino e desfrutará de um novo tipo de abundância.

O versículo 15 completa o pensamento do versículo 14. Aqui está a declaração completa. À luz de tudo o que você sabe até aqui, leia pausadamente outra vez.

Da mesma forma como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crer tenha a vida eterna.

Tendo livrado a mente de Nicodemos de falsas idéias, teologia ruim e orgulho, e tendo dado ao velho mestre uma nova dimensão ao seu pensamento, Jesus apresenta uma declaração clara e direta de sua missão divina:

“Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.”

João 3:16

A abundância que Jesus oferece é a abundância espiritual que transcende circunstâncias como salário, saúde, condição de vida e até mesmo a morte. A vida abundante é eterna.

ABUNDÂNCIA AGORA

Quando falou de abundância, Jesus muito provavelmente falou em aramaico. Ao contar essa história, João a escreveu no idioma comum do império romano, o grego coíné, usando a palavra grega *perissos* para transmitir a idéia de abundância. Ela significa “estar presente de maneira superabundante ou em excesso”.⁵ A vida abundante não apenas é eterna, mas é uma vida excessiva e esmagadoramente ampla. Embora a vida abundante tenha profundas implicações além da sepultura, Jesus deu toda a indicação de que ela também possui relevância prática aqui e agora. Quando reflito no tipo de vida que ele oferece, descubro quatro qualidades tangíveis.

Ela é sublime. A vida... como Deus planejou nos capacita a viver acima do entrave provocado por coisas como medo, superstição, vergonha, pessimismo, culpa, ansiedade, preocupação e toda a negatividade que impede as pessoas de aproveitar cada dia como um presente que vem de Deus. A vida abundante permite que uma pessoa comece o dia dizendo “Senhor, sou teu. O hoje é teu. Entrego a ti todos os meus problemas e começo este novo dia. Sei que terei lutas, que andarei apalpando o terreno e que posso até tropeçar, mas tenho certeza da tua presença comigo e de que usarás toda experiência da minha vida para aumentar minha capacidade de receber cada vez mais força de ti”.

⁵ Gerhard KITTEL, Gerhard FRIEDRICH e Geoffrey William BROMILEY, *Theological Dictionary of the New Testament*, p. 828.

Ela ignora a opinião dos outros. A vida... como Deus planejou faz com que nos recusemos a seguir as orientações daqueles que conduzem a vida a partir de uma perspectiva puramente humana. É sentir-se seguro na verdade, ao mesmo tempo que se ignora a opinião majoritária. É ter a ousadia de defender aquilo que é certo sem ter medo do ridículo ou da perseguição. Aqueles que recebem a vida abundante não precisam agradecer as pessoas porque seu prazer é agradecer a Deus.

Ela assume riscos. A vida... como Deus planejou nos leva a tentar o impossível na firme crença de que todas as coisas são possíveis para Deus. Uma vez que a abundância é imaterial, existe pouco medo da perda. Podemos viver fora da armadilha de nos preocuparmos em perder “coisas”.

Ela é libertadora. A vida... como Deus planejou faz com que não nos apeguemos a coisa alguma porque segurança e contentamento vêm de Deus. Dinheiro, posses, *status* e até mesmo relacionamentos nada mais são que meios de Deus nos abençoar à medida que nós, em contrapartida, abençoamos outros. Uma vez que Deus é dono de todas as coisas, não temos necessidade de prendê-las ou retê-las.

A vida abundante tem apenas uma exigência: precisamos estar dispostos a trocar nossa velha vida — nossa antiga maneira de viver, escolher, pensar e nos comportar — por uma nova vida, uma vida moldada e dirigida pelo Senhor. A troca começa com um momento de decisão, mas segue seu curso pela vida toda. A vida abundante não é algo que pedimos; é algo que recebemos. E começamos a recebê-la à medida que nos tornamos cidadãos do novo reino do Messias.

Esse ponto de início acontece quando “nascemos do alto”.

Você entende?

Você aceita?

Você crerá?

CAPÍTULO SEIS

Descansando em Cristo

LEVI ERA UM NOME SACERDOTAL, não o nome de alguém que você esperaria encontrar atrás da mesa de um coletor de impostos. Mas ali se sentava Levi, usando o poder do império para extorquir dinheiro de seus compatriotas, inflando o valor dos tributos e forrando os bolsos com o excedente. Para seus compatriotas, isso o colocava no mesmo nível das prostitutas, que eram igualmente acusadas de se venderem aos estrangeiros.

Não se pode dizer ao certo como Jesus conheceu Levi. Talvez, como Nicodemos, Levi tenha chegado até o rabi sob o manto das trevas em busca de orientação particular. Ou talvez Jesus conhecesse Alfeu, o pai de Levi. Tudo o que se sabe com certeza é que, um dia, Jesus passou pela banca de Levi e chocou a todos ao chamá-lo para ser um dos “doze”. O coletor de impostos, porém, não pareceu surpreso. Ele imediatamente fechou seu negócio, prometendo nunca mais abri-lo de novo, e então deu uma enorme festa para celebrar seu afastamento do pecado.

Estando Jesus em casa, foram comer com ele e seus discípulos muitos publicanos e “pecadores”. Vendo isso, os fariseus perguntaram aos discípulos dele: “Por que o mestre de vocês come com publicanos e ‘pecadores’?”

O senso comum nos levaria a acreditar que os líderes religiosos da comunidade se teriam juntado à celebração. Afinal de contas, um antigo traidor da pátria vira a luz e se tornara seguidor em tempo integral de um rabi de destaque. Contudo, à medida que coletores de impostos, prostitutas e outros pecadores saíam das sombras sociais para celebrar a decisão de um amigo deles, um grupo de clérigos de olhar desconfiado se colocou do outro lado do pátio, conversando aos sussurros.

OS POLÍTICOS DA RELIGIÃO

A religião sempre foi a ferramenta favorita de reis e governadores. Basta ter uma instituição visível que incorpore as crenças das pessoas que você deseja controlar e a credibilidade para determinar quem pode entrar e quem deve permanecer fora. Se alguém acredita que seu destino eterno está nas mãos de outra pessoa, você pode fazer com que ela acredite em praticamente qualquer coisa, deseje qualquer coisa e faça qualquer coisa. Alguns dos maiores males do mundo foram praticados por pessoas que acreditaram que aquilo que estavam fazendo — por mais horrível e desumano que fosse — era bom e certo, com base em sua religião. Um exemplo clássico disso é o Onze de Setembro.

No Israel do século I, dois importantes grupos disputavam o controle religioso de Israel, o que os mantinha presos a um relacionamento simbiótico de amor e ódio mútuos. Os aristocráticos saduceus ocupavam posições oficiais e poder, o que incluía autoridade sobre o magnífico templo de Herodes, a mais visível instituição de Israel. Mas sua colaboração aberta com Roma tornou-os impopulares entre a população judaica, que não queria nada menos que uma nação livre. Os fariseus nacionalistas mantinham controle sobre as massas judaicas fazendo-se judeus nas aparências. Se obediência à lei de Moisés tornava alguém judeu, eles permaneceriam sendo os reis da montanha moral a qualquer custo.

Embora controlassem o templo, os saduceus o faziam de acordo com o gosto de Roma. Eles precisavam da influência religiosa dos

fariseus para controlar o povo judeu. Embora os fariseus fossem extremamente influentes com o povo, sua atitude belicosa para com Roma e a falta de poder militar os impediam de fazer algo mais que recitar frases feitas. Roma precisava dos saduceus para manter a influência romana em um nível mínimo. Das duas coisas necessárias para manipular as pessoas — uma instituição religiosa e a autoridade religiosa —, nenhuma das partes detinha ambas. Assim, protegiam com extremo zelo aquilo que controlavam.

SENHORES DO SÁBADO

Para manter a superioridade moral — ou pelo menos a impressão de superioridade —, os fariseus optaram por enfatizar a porção da lei de Deus que se encaixava em suas inclinações naturais. Qualquer que tenha sido a razão, o quarto mandamento tornou-se o favorito. De acordo com a lei dada aos israelitas por meio de Moisés,

o sétimo dia é o sábado dedicado ao SENHOR, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o SENHOR abençoou o sétimo dia e o santificou.

Êxodo 20:10-11

Originalmente, o sétimo dia era separado para comemorar a criação do mundo realizada por Deus e para celebrar a provisão do Senhor. Em seis dias, Deus criou a terra e a encheu de tudo o que a humanidade precisaria. No sétimo dia, ele encerrou toda atividade. A palavra “sábado” tem raízes no verbo hebraico “parar”. Deus fez uma pausa para declarar que sua criação estava completa e era boa.

O sábado também comemorava a aliança que Deus havia estabelecido com a nação de Israel quando lhe deu a terra prometida. Era um dia para festejar e cantar, momento no qual as famílias se

deleitavam em seu Deus e todos se uniam uns aos outros. O repouso da labuta das atividades diárias dava ao povo a oportunidade de celebrar a provisão e a proteção de Deus. Mas alguma coisa curiosa aconteceu quando os exércitos da Babilônia destruíram o templo em 586 a.C. e levaram os judeus para longe de sua terra. Tendo sido privados de tudo o que os tornava claramente hebreus, eles se voltaram para a lei de Moisés visando restaurar sua identidade nacional e reunir-se novamente como povo. Assim, o exílio deu à luz o farisaísmo, que transformou o legalismo em valor fundamental do judaísmo e da identidade judaica.

Na época de Jesus, os fariseus haviam transformado o sábado em algo muito diferente daquilo que Deus havia ordenado. Ao simples mandamento de “descansar”, os fariseus adicionaram uma extensa lista de proibições específicas. E, na eventualidade de terem esquecido de alguma coisa, eles estabeleceram 39 categorias de atividades proibidas: carregar, queimar, extinguir, finalizar, escrever, apagar, cozinhar, lavar, costurar, cortar, contar, desarmar, moldar, arar, plantar, colher, ceifar, debulhar, joeirar, selecionar, peneirar, moer, amassar, combinar, girar, tingir, bordar, urdir, trançar, desembaraçar, construir, demolir, prender com armadilha, tosquiara, abater, esfolar, curtir, polir e marcar.

Não é de estranhar que esse descanso fosse tão penoso!

Os fariseus, que conduziam a religião como uma espécie de escudo de autojustificação e um tipo de espada de julgamento, instituíram as exigências frias de um perfeccionismo baseado em regras, porque assim ganhavam *status* e controle, ao mesmo tempo que garantiam aos fiéis a certeza de estarem marchando a passos firmes pela estrada da salvação.

Os fariseus falsificaram a imagem de Deus, transformando-o em um guarda-livros eterno e limitado, cujo favor podia ser alcançado somente por meio da observância escrupulosa de leis e regulamentos. A religião se tornou instrumento de intimidação e escravização, em vez de libertar e fortalecer. Os judeus fiéis eram orientados a concentrar a atenção no aspecto secundário do sábado: a abstenção do trabalho.

A celebração alegre da criação e da aliança, preconizada pelos profetas, desapareceu. O sábado tornou-se dia de legalismo. Os meios se tornaram os fins. (É nisso que reside a genialidade da religião legalista: transformar as questões principais em secundárias e vice-versa.)¹

Ninguém ousava desafiar a jurisdição exclusiva dos fariseus na posição de polícia, juiz e júri sobre todas as questões relacionadas ao sábado. Isto é, até a chegada de Jesus. Numa tarde ensolarada, eles flagraram Jesus e os discípulos colhendo espigas, conforme a Escritura judaica permitia (Dt 23:24-25), mas numa violação do costume farisaico.

Certo sábado Jesus estava passando pelas lavouras de cereal. Enquanto caminhavam, seus discípulos começaram a colher espigas. Os fariseus lhe perguntaram: “Olha, por que eles estão fazendo o que não é permitido no sábado?” Ele respondeu: “Vocês nunca leram o que fez Davi quando ele e seus companheiros estavam necessitados e com fome? Nos dias do sumo sacerdote Abiatar, Davi entrou na casa de Deus e comeu os pães da Presença, que apenas aos sacerdotes era permitido comer, e os deu também aos seus companheiros”. E então lhes disse: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. Assim, pois, o Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado”.

Marcos 2:23-28

Na mente dos fariseus, os homens estavam trabalhando no sábado, pois “arrancar trigo de seus ramos é colher, esfregar o trigo na palma da mão é debulhar e separar a moinha é joeirar!”² Jesus repreendeu os autodenominados guardiães da moralidade com três destaques muito importantes.

O primeiro é que *os fariseus davam mais prioridade ao costume dos homens do que à lei de Deus*. Em seu esforço de elevar-se e dominar

¹ Brennan MANNING, *O impostor que vive em mim*, p. 90.

² John E. WALVOORD, Roy B. ZUCK e Dallas Theological Seminary, *The Bible Knowledge Commentary*, p. 45.

os outros, eles desprezaram os dois mandamentos mais importantes: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento” e “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22:35-40).

Segundo, *Deus deu as leis ao povo para abençoá-lo, não para sobrecarregá-lo*. Toda regra ou eleva a qualidade da vida humana, ou restaura o relacionamento de uma pessoa com Deus depois de uma ruptura. Deus nunca faz exigências estranhas nem coisa alguma por mero capricho.

Terceiro, *uma vez que a lei veio de Deus, ela nunca pode ser maior que Deus*. “O SENHOR abençoou o sétimo dia e o santificou” (Êx 20:11). A ousada declaração de Jesus — “o Filho do homem [Jesus] é Senhor até mesmo do sábado” — tinha o propósito de desafiar a autoridade dos fariseus, que a haviam roubado de Deus. Em outras palavras, Jesus estava dizendo: “O sábado não é de vocês para que o possam controlar; ele é meu porque eu sou Deus. Portanto, estou pegando-o de volta de vocês”.

UM DESCANSO DIFÍCIL E UM FARDO LEVE

Jesus não veio à terra estabelecer uma nova religião. Ele veio restaurar um relacionamento rompido. Veio para fazer com que o fundamental fosse fundamental de novo. A atividade secundária — a obediência à lei de Deus — sempre teve o propósito de servir à atividade primária: amar a Deus e deleitar-se nele para sempre. Quando isto é primário, o secundário se torna um trabalho de amor, um fardo alegre e “leve” de carregar. É isso o que Jesus quis dizer quando falou:

“Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”

Venham a... o quê? À igreja? Ao templo? A rituais? Sacrifícios? Pobreza, penitência ou peregrinação? Boas obras? Iluminação espiritual? Venham à *religião*? Não, Jesus sinalizou: “Venham *a mim*”. Note que Jesus não disse que o sábado era ruim, nem incentivou as pessoas a não observá-lo. Não há nada de errado com a igreja, com as atividades da igreja, com as boas obras, com a maturidade espiritual — contanto que elas permaneçam secundárias em relação ao convite de Deus: “Venham *a mim*”.

Em nossa cultura, um convite por escrito tem pelo menos três conjuntos de informação: De quem veio o convite? A quem o convite é estendido? O que é oferecido? Vamos analisar cada uma dessas partes no que se refere ao convite de Jesus.

Primeiramente, *de quem veio o convite*? Pouco antes de Jesus oferecer esse convite, ele declarou: “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11:27). Não podemos ficar em paz com Deus Pai senão por meio de Jesus Cristo, seu Filho. Jesus declararia mais tarde: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14:6).

Por mais ousada que pareça esta declaração, Jesus também descreveu a si mesmo como “manso” e “humilde de coração”. Jesus falava aramaico, mas Mateus registrou sua história em grego. Ao fazê-lo, optou por dois termos que transmitem os pensamentos originais de Jesus.

O primeiro é *praus*, que geralmente significava “manso”, “amigável” ou “agradável”, mas os leitores do Antigo Testamento entendiam o verbo com o sentido de “encontrar-se numa posição inferior, humilde, despreziosa”.³ Era um termo socioeconômico em referência a “alguém que está na posição de servo”. Descreve o homem que não tem nenhuma propriedade e que, assim, precisa servir a outros para ganhar o pão de cada dia”.⁴ Mais tarde, os profetas do

³ *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 6, p. 647.

⁴ *Idem*.

Antigo Testamento usaram o termo para descrever aqueles que foram obedientes a Deus e suportaram o exílio da terra prometida com uma confiança tranqüila e repleta de esperança no Senhor, sem nenhum vestígio de ira. Em outras palavras, descreve uma pessoa que não tem nenhum senso de merecimento.

Jesus comentou sobre os fariseus: “Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens. Eles fazem seus filactérios bem largos e as franjas de suas vestes bem longas; gostam do lugar de honra nos banquetes e dos assentos mais importantes nas sinagogas, de serem saudados nas praças e de serem chamados ‘rabis’” (Mt 23:5-7).

“O segundo termo, *tapeinos*, retrata alguém que se curva e, assim, significa “curvado”, “pequeno”, “insignificante em comparação a alguma outra coisa”. No Antigo Testamento, o termo descreve a postura de uma pessoa justa diante de Deus. Para ilustrar sua apreciação por esse termo de conotação tão inferior, Jesus contou uma história.

“O fariseu, em pé, orava no íntimo: ‘Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho’. Mas o publicano ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: ‘Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador’. Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.

Lucas 18:11-14

Diferentemente dos fariseus tão cheios de si e que se consideravam tão importantes — embora de fato não tivessem nada de que se orgulhar nem merecessem nenhuma exaltação por sua justiça —, Jesus identificou-se deliberadamente com as pessoas a quem ele veio exaltar. Para ajudar o humilde, ele se tornou humilde. Carregou sobre si o fardo daqueles a quem veio libertar.

Segundo, *a quem foi estendido o convite de Jesus?* Mateus usou dois termos gregos muito expressivos quando registrou o convite

de Jesus àqueles que estavam “cansados” e “sobrecarregados”. O primeiro, *kopos*, refere-se à “fadiga sentida por alguém que foi espancado... a palavra adequada para o cansaço físico induzido por trabalho, esforço ou calor”.⁵ O termo normalmente é usado para descrever a severa exaustão de um soldado na batalha ou de um mensageiro que correu vários quilômetros. Jesus também usou o termo para descrever a aflição do preocupado (Mt 6:28).

A segunda palavra, *phortizō*, é um termo de navegação que significa “carregar”. Ele retrata um navio ou um animal sobrecarregado por um grande peso. Um mercador sovina poderia maximizar seu lucro ao usar um número limitado de animais de carga de modo que cada um fosse carregado com o maior peso que pudesse suportar. Jesus usou essa imagem para descrever os líderes religiosos hipócritas que “atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los” (Mt 23:4). O primeiro verbo é ativo, mas o segundo é passivo, retratando “os lados ativo e passivo da miséria humana”.⁶

O respeitado comentarista William Barclay observou:

Para os judeus, religião era sinônimo de regras infundáveis. As pessoas viviam a vida numa selva interminável de regras que controlavam todas as ações. Eles estavam constantemente ouvindo a voz que dizia “Não farás...”.

Até mesmo os rabinos enxergavam isso. Há uma espécie de parábola deplorável, colocada na boca de Corá, que mostra quão limitadoras, restritivas e pesadas poderiam ser as exigências da lei. “Havia uma pobre viúva na minha vizinhança que tinha duas filhas e um campo. Quando começou a arar, Moisés [isto é, a lei de Moisés] disse: “Não are a terra usando um boi e um jumento sob o mesmo jugo” [Dt 22:10]. Quando começou a plantar, ele

⁵ Gerhard KITTEL, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 3, p. 827.

⁶ Marvin Richardson VINCENT, *Word Studies in the New Testament*, vol. 1, p. III.

disse: “Não plantem duas espécies de sementes na sua lavoura” [Lv 19:19]. Quando ela começou a colher e armazenar o milho, ele disse: “Quando vocês estiverem fazendo a colheita de sua lavoura e deixarem um feixe de trigo para trás, não voltem para apanhá-lo” [Dt 24:19] e “não colham até as extremidades da sua lavoura” [Lv 19:9]. Ela começou a debulhar, e ele disse: “Dá-me o dízimo do teu cereal e o primeiro e o segundo dízimo”. Ela aceitou a ordenança e deu tudo a ele. O que fez a mulher, então? Vendeu seu campo e comprou duas ovelhas, para vestir-se da lã delas e tirar algum lucro com suas crias. Então, quando elas tiveram a primeira cria, Arão [isto é, as exigências do sacerdócio] lhe disse: “O primogênito pertence ao Senhor” [Lv 27:26]. Ela aceitou a decisão e entregou-o a ele. Quando chegou o tempo da tosquia, as ovelhas foram tosquiadas. Arão veio e disse: “Dê-me a primeira lã da tosquia” [Dt 18:4]. Então ela pensou: “Não posso colocar-me contra esse homem. Vou matar as ovelhas e comê-las”. Então Arão veio e disse: “Dê-me a espádua, a queixada e o estômago” [Dt 18:3]. Então ela disse: “Mesmo quando as matei, não me livro de você. Farei com que elas sejam *consagradas*”. Então Arão disse: “Nesse caso, elas pertencem inteiramente a mim” [Nm 18:14]. Ele as pegou e foi embora, deixando a mulher chorando junto com suas duas filhas”.⁷

Os judeus de Israel do século I trabalhavam sob um fardo de religiosidade criado por homens, uma lista infindável de regras que controlavam virtualmente todos os aspectos da vida — todas elas baseadas em leis dadas por Deus, mas distorcidas e infladas para servir aos desejos de um grupo de pessoas que queriam dominar as outras. Os judeus sinceros estavam espiritualmente desmoralizados e eram incapazes de cumprir exigências adicionais. Eles precisavam encontrar alívio. Numa palavra, eles precisavam de *descanso*.

Finalmente, *o que é oferecido no convite de Jesus?* A palavra traduzida por “descanso” vem do verbo grego que significa “fazer parar” ou “pôr fim a algo”. É muito próxima do verbo hebraico *shabat*,

⁷ *The Gospel of Matthew*, vol. 2, p. 18-19.

de onde deriva a palavra “sábado”. No pôr-do-sol de toda sexta-feira, os judeus fiéis cessavam todo trabalho até o ocaso do dia seguinte. Aquilo que a religiosidade havia pervertido, Jesus prometeu restaurar. A religião diz: “Trabalhe mais. Esforce-se. Faça isso. Não faça aquilo. Dê até não ter mais. Deus ainda não está satisfeito com você. Vamos, vamos, mais forte, mais vezes!”. Jesus olhou para o coração das pessoas exaustas, alquebradas, ansiosas e estressadas e ofereceu um caminho melhor.

A metáfora de Jesus — “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim” — tem uma óbvia e propositada conotação de servidão, porém envolve muito mais. Jugo é uma travessa de madeira esculpida que fica sobre o dorso de um par de animais (normalmente bois ou mulas), permitindo que eles puxem um arado ou outro implemento agrícola em conjunto. No Antigo Testamento, o jugo era um símbolo de fardo ou servidão (Gn 27:40; Dt 28:48; 1Rs 12:4-14; Is 9:4; 10:27; Jr 27:8-12; 28:2-4; Lm 1:14; Ez 34:27). Em outros pontos das Escrituras, um jugo pode simbolizar uma aliança ou união próxima (Nm 25:3-5; 2Co 6:14). Na literatura judaica posterior, um jugo representava a totalidade das obrigações morais que todo bom judeu devia levar sobre seus ombros (“o jugo da Torá”, “o jugo dos mandamentos” e assim por diante).

Jesus teve a clara intenção de invocar essa imagem, mas de maneira irônica. Na verdade, a *escravidão* a Cristo é a maior *liberdade* que uma pessoa pode experimentar. Contudo, a frase “aprendam de mim” sugere que ele desejava mais. No século I, os rabinos judeus usavam a frase “tome o jugo de” com o significado de “torne-se pupilo de” um mestre particular. Infelizmente, os rabinos se haviam tornado claramente severos e hipócritas.

Devido a erros de interpretação, acréscimos e alterações da santa lei de Deus, o jugo que os mestres de Israel colocavam sobre os ombros das pessoas era o de um legalismo totalmente injustificado. Era o sistema de *ensino* que enfatizava a salvação por meio da estrita obediência a uma hoste de regras e regulações. Aqui em

[Mateus] 11:29, Jesus coloca seu próprio ensinamento em posição contrária àquilo a que as pessoas se haviam acostumado.⁸

Em termos atuais, Jesus disse: “Você está cansado? Esgotado? Farto da religião? Venha a mim. Siga comigo e você vai recuperar sua vida. Eu lhe mostrarei como ter um descanso verdadeiro. Trabalhe e caminhe comigo — veja como eu faço. Aprenda o ritmo não forçado da graça” (Mt 11:28-29, *The Message*).

Jesus descreveu seu jugo como sendo *chrestos*, que significa “excelente”, “útil”, “aproveitável”, “adaptado a seu propósito”, “bom”.⁹ Era comum um carpinteiro receber uma encomenda para fazer um jugo sob medida que se encaixasse perfeitamente a um animal específico. Com um jugo *chrestos*, um boi ou um jumento poderia puxar um arado por muitas horas sem se esfolar ou ficar com bolhas. Além do mais, Jesus prometia que seu “fardo” (baseado no mesmo termo “sobrecarregados” do versículo 28) seria leve, fácil de carregar.

A ilustração de Jesus sobre o “jugo” apresenta um convite em três partes:

- Ele nos convida a trocar o cansativo fardo do legalismo (“obediência estrita a um conjunto de regras e regulações”) por um duradouro sábado da alma.
- Ele nos convida a aceitá-lo como nosso mestre, de modo que possamos aprender como ele lidou com as coisas, como administrou o estresse, como enfrentou as pressões do mundo com tato e graça, como perdoou, como ministrou aos outros e como se manteve conectado ao Pai.
- Ele nos convida a rejeitar a escravidão a coisas como religiosidade, riqueza, *status*, relacionamentos ou qualquer outra coisa que nos sobrecarregue, de modo que possamos tornar-nos escravos dele.

⁸ William HENDRIKSEN, *New Testament Commentary*, p. 504.

⁹ Gerhard KITTEL, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, p. 483.

A melhor palavra para descrever a servidão a Jesus Cristo é *refrigério*.

O DOM DA HUMILDADE

Dos quatro autores dos evangelhos, Mateus parece ter compreendido esse paradoxo melhor que qualquer outro. De fato, ele foi o único a ter registrado esse convite particular de Jesus. Suspeito que isso se deva ao fato de ele se lembrar do jugo do pecado, um peso acima da média carregado por prostitutas e coletores de impostos, dançarinas de *strip-tease* e traficantes de drogas, fugitivos, viciados e outros objetos do desprezo público. Em adição ao peso da vergonha carregado por todas as pessoas, eles também carregam o jugo da desgraça pública.

Suspeito que Mateus também entendesse o que significa o peso do disfarce emocional usado por aqueles totalmente desprezados e que não precisavam ser lembrados de que as pessoas boas os consideravam indesejáveis. Esses escondiam sua vergonha por trás de um olhar duro e vazio e desafiavam o mundo a julgar sua única companhia digna: o pecado. Gostariam de buscar ajuda entre justos, mas as pessoas bem vestidas da igreja aparentam ser santarrões superiores e professam uma religião que simplesmente promete trocar um fardo por outro.

Praticamente nada pode penetrar a armadura emocional usada por aqueles que foram abatidos pela moralidade dos justos. Praticamente nada. Jesus, o único homem plenamente justo, sabia o segredo. Ele sabia que a única maneira de penetrar a couraça das emoções calejadas era estender graça.

Graça precisa ser a palavra mais agradável de nosso idioma. Ela incorpora praticamente todas as qualidades atraentes que esperamos encontrar nos outros. A graça é o presente do humilde ao humilhado. A graça reconhece a feiúra do pecado ao optar por ver além dele. A graça aceita o outro como alguém digno de receber bondade, a despeito de qualquer rótulo sujo ou rígido que mantenha

a pessoa separada do resto do mundo. A graça é um dom da terna misericórdia quando ela não faz sentido algum.

Os hebreus do Antigo Testamento conheciam a graça como *chesed*, um termo que descrevia o amor inexorável e superabundante de Deus pelas pessoas, a despeito da infidelidade. Os antigos gregos entendiam a graça, ou *charis*, como “aquilo que traz deleite, alegria, felicidade ou boa sorte”.¹⁰ Graça produz graça, e Jesus irradiava essa qualidade. Seu convite — “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados” — atraiu os piores elementos da sociedade, ao mesmo tempo que repeliu aqueles que se sentiam mais cheios de justiça própria. E rendeu ao rabi desprezado um séquito de discípulos profundamente leais, aos quais ele defendia sem nenhuma vergonha.

Enquanto os proscritos da cidade festejavam com Levi e seu novo Mestre, os fariseus declararam sua reprovação: “Por que vocês comem e bebem com publicanos e ‘pecadores?’” (Lc 5:30). O relacionamento entre Deus e suas criaturas era a menor de suas preocupações. Os fariseus tinham um sistema de castas morais a ser mantido e um território político a ser defendido. Nunca lhes ocorreu que Deus pudesse não se agradar deles.

Como notou Brennan Manning,

Paradoxalmente, o que interfere na relação entre Deus e o ser humano é a moralidade obstinada e a falsa piedade. Não são prostitutas e cobradores de impostos as pessoas que encontram maior dificuldade em se arrepender; são os religiosos que julgam não ter motivos de arrependimento.¹¹

É por isso que Jesus enviou uma mensagem aos fariseus que não participavam do banquete oferecido por Levi: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento” (Lc 5:31-32).

¹⁰ Paul J. ACHTEMEIER, *Harper's Bible Dictionary*, p. 357.

¹¹ *O impostor que vive em mim*, p. 91.

Levi era simplesmente o tipo de pecador que Jesus queria como discípulo. Alguém honesto o suficiente para admitir que estava contaminado pela doença mortal do pecado e que queria ser curado. Depois de restaurar a saúde moral de Levi, Jesus o convida para tornar-se um dos doze e lhe dá um novo nome. Daquele momento em diante, o antigo colaborador romano seria conhecido como Mateus, que quer dizer “presente de Deus”.

CAPÍTULO SETE

É melhor descansar

A VIDA DE UMA PESSOA “agitada” é tipicamente caracterizada por uma luta obstinada e incansável, impulsionada por uma mistura volátil de orgulho, perfeccionismo e auto-suficiência. Temos muitos nomes para o agitado: o *self-made man*, a mulher motivada, o ativista, o visionário, o revolucionário, o obstinado, o tipo A, o agitador, o motivador. Também conhecemos as pessoas agitadas como aquelas que são irritadas, deprimidas, frustradas, insatisfeitas, gananciosas, famintas por poder, turbulentas e muito freqüentemente ansiosas ao extremo. Alguns agitados, nós festejamos; outros, evitamos. E o que mantém o agitado num perpétuo estado de movimento — muitas vezes propositado e até mesmo produtivo — é algo que o autor Robert Wise chama de “centro de agitação”.

Você descobre isso nos primeiros anos de vida. Pode estar localizado tanto no fundo do estômago quando na base do seu pescoço, onde todo músculo se contrai. Quando começa a mexer e pulsa como uma velha máquina de lavar roupas, você acha que todas as outras áreas da sua vida marcham num passo pesado, modorrento, paralisante...

Na vida adulta, nossas necessidades simplesmente se tornam mais sofisticadas. Os problemas assombram por mais tempo, e as conseqüências parecem ser mais definitivas. Contudo, temos o mesmo centro de agitação que descobrimos aos 4 anos de idade.

Agora, porém, os fantasmas são pessoas reais, bastante dispostas a trair nossa confiança e manipular nossas decisões. Todas as inseguranças do amor e do dinheiro parecem dar uma perspectiva infundável à agitação...

Nada nos liberta do incansável processo criado por lembranças que nos assombram e possibilidades de falência. Tão universal quanto o coração e a mente humana, a existência do centro de agitação não pode ser negada.

Não é um lugar construtivo. Os pensamentos positivos levam à ação e aos resultados, mas o centro de agitação é um tanque cheio de ansiedade que simplesmente se transforma numa infecção estagnada.¹

Por fim, os agitados descobrem que nenhuma quantidade de energia gasta — mesmo na busca de coisas nobres — conseguirá esvaziar o tanque. Perto do fim de seus dias, o velho e sábio Salomão chamou suas buscas de “correr atrás do vento” (Ec 1:14).

Essa não é a vida abundante que Deus deseja para seu povo. É simplesmente *o oposto*. Deus nunca exigiu que enfrentássemos as pressões e exigências da vida do nosso jeito ou confiássemos em nossa própria força. Também não disse que ganharíamos seu favor se reuníssemos um impressionante portfólio de boas obras. Em vez disso, ele nos convida a entrar em seu descanso.

Pelo fato de o descanso sabático ser tão intrinsecamente judaico, nunca compreenderemos Jesus — um homem plenamente judeu — sem uma apreciação dessa instituição divina. Contudo, o mais importante é que Jesus se apresentou como a personificação do sábado. Entender o convite de Deus para que “entremos no descanso sabático” é entender o ministério e a missão de seu Filho.

UM CONVITE HISTÓRICO

O conceito de sábado é tão antigo quanto a criação. Em seis dias, Deus criou o mundo, deu-lhe ordem e propósito e, então, encheu-o

¹ *Your Churning Place*, p. 9-10.

de vida e de tudo o que ela precisava para florescer. Desse modo, no sétimo dia Deus encerrou toda atividade para olhar sua obra e declarar que ela era “boa”. Ela estava completa. Nada havia ficado por fazer. A humanidade não precisava de nenhum item adicional para cuidar da abundância que Deus criara, o que incluía a oportunidade de desfrutar um relacionamento íntimo com ele.

O conceito de “descanso” envolve muito mais que um dia longe do trabalho. Ele transcende o calendário. O descanso do sábado incorpora tudo o que o Criador desejava que a humanidade desfrutasse desde o início dos tempos. A despeito da freqüência com que complicamos uma coisa tão boa, simples e pura, Deus adapta sua criação de maneira inexorável e nos convida: “Venham a mim, e eu lhes darei descanso”.

Quando ouviu o clamor do povo da sua aliança definhando na servidão de senhorios ímpios, e quando era o tempo certo, Deus enviou um príncipe transformado em pastor chamado Moisés para libertá-los do Egito e levá-los a uma terra que Deus prometera a Abraão, seu ancestral. Durante toda a jornada, ele se referiu à terra prometida como “lugar de descanso” e seu “descanso”,² um lugar no qual eles poderiam viver em segurança e desfrutar da abundância de Deus sem labuta, “uma terra boa e vasta, onde manam leite e mel” (Êx 3:8). Mas, quando se aproximaram da fronteira da terra prometida, eles recuaram. Um povo numeroso e intimidador vivia ali em cidades fortificadas. Todavia, dois membros da tropa de reconhecimento hebréia declararam com ousadia: “Subamos e tomemos posse da terra. É certo que venceremos!” (Nm 13:30). Mas a maioria reclamou.

“Não podemos atacar aquele povo; é mais forte do que nós... A terra para a qual fomos em missão de reconhecimento devora os que nela vivem. Todos os que vimos são de grande estatura. Vimos também os gigantes, os descendentes de Enaqué, diante de quem parecíamos gafanhotos, a nós e a eles”.

Números 13:31-33

² Veja, por exemplo, Deuteronômio 3:19-20; 12:8-9; 25:19; Josué 11:23; 21:44; 22:4; 23:1-2.

Em resposta, a minoria demandou: “O SENHOR está conosco. Não tenham medo deles!” (Nm 14:9). Mas seus compatriotas e colegas sem fé não acreditaram em Deus. Portanto, o Senhor declarou que a nação não entraria no seu descanso, mas vagaria pelo deserto como nômades por quarenta anos. Durante esse período, os que não tinham fé receberam a paga da sua vida, viajando sem destino, subsistindo pela provisão divina diária do maná e das codornizes e vivendo como gafanhotos, enquanto gigantes consumiam a abundância que Deus havia separado para seu povo.

Séculos depois, um poeta hebreu recordou o evento.

Venham! Adoremos prostrados
 e ajoelhemos diante do SENHOR, o nosso Criador;
 pois ele é o nosso Deus,
 e nós somos o povo do seu pastoreio,
 o rebanho que ele conduz.
 Hoje, se vocês ouvirem a sua voz,
 não endureçam o coração, como em Meribá [“lugar de rebelião”]
 como aquele dia em Massá [“provação”], no deserto,
 onde os seus antepassados me tentaram,
 pondo-me à prova, apesar de terem visto o que eu fiz.
 Durante quarenta anos fiquei irado contra aquela geração
 e disse: Eles são um povo de coração ingrato;
 não reconheceram os meus caminhos.
 Por isso jurei na minha ira:
 Jamais entrarão no meu descanso.

Salmos 95:6-11

Depois que os descrentes da velha geração se foram, Israel mais uma vez se colocou na fronteira da terra prometida e recebeu uma sensata advertência.

O SENHOR, o seu Deus, os conduzirá à terra que jurou aos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó, dar a vocês, terra com grandes e boas cidades que vocês não construíram, com casas cheias de tudo o que há de melhor, de coisas que vocês não produziram,

com cisternas que vocês não cavaram, com vinhas e oliveiras que vocês não plantaram. Quando isso acontecer, e vocês comerem e ficarem satisfeitos, tenham cuidado! Não esqueçam o SENHOR que os tirou do Egito, da terra da escravidão.

Deuteronômio 6:10-12

Entretanto, os israelitas de fato terminaram esquecendo-se de seu Deus. Eles conquistaram, estabeleceram-se e se tornaram complacentes. Com o passar do tempo, deixaram de confiar em Deus; fracassaram na adoração exclusiva a ele; deixaram de obedecer-lhe. Conseqüentemente, eles habitavam a terra prometida, mas nunca de fato entraram no seu descanso. Deus implorou, lamentou e advertiu, mas foi tudo em vão. Depois de séculos correndo atrás do vento, o profeta Jeremias lamentou a teimosia de seu povo.

Assim diz o SENHOR:

“Ponham-se nas encruzilhadas e olhem; perguntem pelos caminhos antigos, perguntem pelo bom caminho. Sigam-no e acharão descanso.

Mas vocês disseram: ‘Não seguiremos!’”.

Jeremias 6:16

A história do descanso sabático me lembra um velho provérbio de caubóis: “Você pode levar um cavalo até a água, mas não pode fazê-lo beber”. A terra prometida era uma representação tangível do derradeiro desejo de Deus para seu povo, mas eles não compreenderam o dom de Deus por pelo menos três razões: era uma promessa incondicional, era tão generosa a ponto de parecer ultrajante e era absolutamente gratuita. Nada disso faz sentido no mundo que conhecemos... um mundo repleto de gente “agitada”.

UMA ADVERTÊNCIA HISTÓRICA

De todas as pessoas que deveriam entender o descanso sabático, você provavelmente pensaria que as mais prováveis seriam os seguidores de Jesus Cristo. Mas eles tinham as mesmas dificuldades de

todo mundo, o que simplesmente prova que herança rica e conhecimento bíblico podem levar alguém até a água, mas...

O conhecimento não necessariamente leva à ação. A primeira geração dos seguidores de Cristo ainda não havia saído de cena, e um dos apóstolos escreveu uma carta austera repreendendo-os por repetir os pecados de seus pais.

Visto que nos foi deixada a promessa de entrarmos no descanso de Deus, que nenhum de vocês pense que falhou. Pois as boas-novas foram pregadas também a nós, tanto quanto a eles [os israelitas]; mas a mensagem que eles ouviram de nada lhes valeu, pois não foi acompanhada de fé por aqueles que a ouviram. Pois nós, os que cremos, é que entramos naquele descanso, conforme Deus disse: “Assim jurei na minha ira: Jamais entrarão no meu descanso”; embora as suas obras estivessem concluídas desde a criação do mundo. Pois em certo lugar ele falou sobre o sétimo dia, nestas palavras: “No sétimo dia Deus descansou de toda obra que realizara”. E de novo, na passagem citada há pouco, diz: “Jamais entrarão no meu descanso”. Portanto, resta entrarem alguns naquele descanso, e aqueles a quem anteriormente as boas novas foram pregadas não entraram, por causa da desobediência. Por isso Deus estabelece outra vez um determinado dia, chamando-o “hoje”, ao declarar muito tempo depois, por meio de Davi, de acordo com o que fora dito antes: “Se hoje vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o coração”. Porque, se Josué lhes tivesse dado descanso, Deus não teria falado posteriormente a respeito de outro dia. Assim, ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus; pois todo aquele que entra no descanso de Deus, também descansa das suas obras, como Deus descansou das suas. Portanto, esforcemo-nos por entrar nesse descanso, para que ninguém venha a cair, seguindo aquele exemplo de desobediência.

Hebreus 4:1-11

O autor de Hebreus usou o termo grego *sabbatismos*, “descanso sabático”, de três maneiras distintas porém inter-relacionadas. Ele escreveu sobre o descanso sabático histórico no que se refere à terra

prometida. Falou sobre o sábadoteológico, que Deus ordenou após a criação do mundo e depois exigiu do povo da aliança. E falou sobre um sábadote pessoal no qual o povo de Deus é convidado a entrar.

É preciso reconhecer que o convite de Deus usa um estranho par de palavras. “Entrar” não é um verbo que esperamos ver ao lado de “descanso”. Tipicamente pensamos em termos de desfrutar de descanso, de ter descanso, de dar descanso ou até mesmo buscar descanso, mas *entrar* no descanso? O descanso de Deus está disponível, mas entrar não será algo natural nem ocorrerá de maneira automática. Talvez porque não saibamos como fazê-lo.

A palavra *entrar* normalmente se aplica a um espaço, como um prédio, uma casa ou um carro. O lado de dentro do espaço é diferente do lado de fora. Quando entramos num prédio, deixamos o tempo, o barulho e o tráfego do lado de fora. Normalmente o espaço no qual entramos tem certa característica ou “atmosfera” que é diferente de qualquer outro espaço. Podemos até mesmo pensar nesse espaço interior como um abrigo de tudo o que está do lado de fora. Deus apresenta o descanso sabático como um abrigo no qual podemos entrar.

O autor de Hebreus expressou seu temor de que aqueles que ouviram as “boas novas” terminassem como os israelitas sem fé, vagueando em algum lugar lá fora, à beira do descanso, sem jamais entrar nele. Isso implica uma conexão muito próxima entre ouvir as boas novas e entrar no descanso.

O termo grego traduzido por “boas-novas” é uma forma do substantivo *evangelion*, do qual deriva a palavra *evangelho*. É a mesma raiz usada pelo anjo em Lucas 2:10, quando anunciou a chegada de Jesus aos pastores: “Estou lhes trazendo boas novas de grande alegria, que são para todo o povo”. O *evangelion* é essencialmente a história de Jesus e de sua missão na terra.

A palavra “descanso” presente na última parte do convite vem do grego *katapausis*. O prefixo *kata* significa “para baixo”, e o substantivo *pausis* significa “uma pausa”. Pense em *katapausis* como a

representação do que é a vida depois de “fazer uma pausa”. Poderíamos chamá-la de “tempo ocioso”. O grego tem outra palavra para descanso, mas a ênfase de *katapausis* “está mais relacionada à cessação de atividade resultante em descanso que ao caráter meramente restaurador do descanso”.³

Sendo assim, a crença nas boas novas nos permite encontrar abrigo no processo de cessação. A pergunta é: cessar o quê?

A advertência de Hebreus 4:2-8 aponta a *descrença* como a principal razão de os israelitas terem recuado na fronteira da terra prometida, e revela que a descrença também ameaça impedir-nos de entrar no nosso descanso sabático. Quando a nação dos descendentes de Abraão enfrentou o desafio de gigantes ocupando sua terra, as duas facções (os crentes e os descrentes) tiveram uma percepção muito diferente da situação. Enquanto os crentes diziam “O SENHOR está conosco. Não tenham medo deles!” (Nm 14:9), um lamento patético dos descrentes explica por que eles não exigiram sua herança: “Todos os que vimos são de grande estatura... diante de quem parecíamos gafanhotos, *a nós e a eles*” (Nm 13:31-33, grifos do autor).

A descrença se mostra em pelo menos uma tendência, a de comparar os desafios da vida com nossa própria adequação, em vez de nos basearmos nas promessas de Deus. Para entrar no nosso descanso sabático, devemos pôr fim à autoconfiança — confiar em nossa própria habilidade de superar dificuldades, de nos colocarmos acima dos desafios, de fugir das tragédias ou de alcançar grandeza pessoal. Devemos parar de lutar e, então, confiar que Deus proverá aquilo que ele acha ser melhor e no tempo que ele escolher para que isso aconteça. Mas esse tipo de confiança não vem naturalmente. É uma crise espiritual da vontade, na qual devemos optar por exercer a fé.

³ Johannes P. Louw e Eugene Albert Nida, *Greek-English Lexicon of the New Testament*, vol. 1, p. 260.

A FÓRMULA DO DESCANSO

Alguns já tentaram definir a fé como a crença sem o apoio das provas. Ou, como disse Pudd'nhead Wilson, a personagem de Mark Twain, "fé é acreditar naquilo que você sabe que não é bem assim".⁴ Muitas pessoas da comunidade científica vêem a fé como o ato de apegar-se a uma crença que contradiz ou ignora a razão. Mas isso não é o que eu chamo de fé. Isso é estupidez!

A fé não vai contra as evidências; a fé vai além das evidências. A fé não ignora a razão, mas também não se baseia nela. A fé é simplesmente a escolha por confiar, alguma coisa que fazemos todos os dias. Vá ao aeroporto e, num dado momento, você verá um grupo de pessoas entrando num avião — oitenta toneladas de metal e fios montados por alguém que você não conhece, mantido por pessoas que você nunca viu e conduzido por pessoas que você não sabe quem são. Contudo, passageiros apertam o cinto de segurança e fazem viagens aos milhares todo santo dia. Eles confiam no sistema de reservas, confiam na equipe de solo e nos pilotos, confiam na aeronave e confiam nas leis da aerodinâmica. Estão literalmente voando pela fé.

Contudo, suponha que um homem perceba uma rachadura formando-se entre o motor e a asa do avião. Se ele entrar no avião sem se preocupar, então o objeto de sua fé pode cair do céu. A fé não muda a realidade e não manterá o homem no ar. Somente um avião confiável fará isso. A fé em si não pode realizar coisa alguma, mas, sem a fé, ninguém pode voar.

O mesmo é verdadeiro em relação a entrar no descanso sabático. De acordo com o autor de Hebreus 4:1-11, é preciso ouvir a história de Jesus Cristo e sua missão e, então, acreditar nela. Em outras palavras, há uma fórmula para descansar:

Ouvir + Crer = Descansar

⁴ *Following the Equator, Pudd'nhead Wilson's Calendar for 1894.*

A crença em Deus — ou seja, o exercício da fé nele — envolve dois elementos essenciais: o conhecimento correto e a atitude correta.

O conhecimento correto. É possível crer na coisa errada com a mais sincera convicção e terminar do mesmo modo que se começou. Suponha que uma mulher quisesse viajar para Chicago. Sua secretária lhe fornece a informação do voo e, no dia marcado, ela vai até o aeroporto. Lá chegando, ela deve ir ao portão correto, em determinada hora. A sinceridade de sua crença não mudará o fato de que, se ela for ao portão errado, ou será impedida de entrar, ou embarcará no avião errado.

Não é suficiente apenas crer que Deus existe. É preciso crer no Deus que existe.

Além disso, você deve saber o que ele disse. O que você pensaria da mulher voando para Chicago se ela fosse para o aeroporto sem saber o nome da companhia aérea, o número do voo e o horário da partida? Ela tem um assento reservado em seu nome, mas sem o conhecimento correto, de que vale a crença de que seu assento existe?

Lemos em Provérbios 14:12: “Há caminho que parece certo ao homem, mas no final conduz à morte”.

A atitude correta. É possível crer na coisa certa com a mais sincera convicção e ainda assim terminar do mesmo modo que se começou. O conhecimento correto deve estar combinado à atitude correta. De acordo com Hebreus 4:6-11, o descanso sabático permanece disponível, mas apenas poderão entrar aqueles que se submeterem a essa verdade e responderem com obediência. Sem ação, a crença não pode ser genuína e, nesse caso, a ação à qual somos chamados é a cessação.

Vemos um paradoxo aqui. Nosso centro de agitação deseja impelir-nos para a frente, ainda mais rápido, numa tentativa de realizar por nós mesmos aquilo que Deus já providenciou. Para entrar no descanso sabático, devemos ir até Deus em humilde submissão à sua verdade e total dependência. Para que possamos cessar nossa agitação, devemos eliminar a confiança em nossas próprias habilidades, realizações e força e pô-la na provisão de Deus.

Entrar no descanso sabático tem significância tanto atemporal quanto eterna. Eliminar a confiança em nossa própria capacidade de ganhar um lugar no céu e confiar na provisão de Deus é a essência da salvação.

Entrar no nosso descanso sabático também tem importância temporal. Exige fé no nosso Criador soberano para responder com esperança a uma notícia perturbadora do médico. Exige fé na provisão de Deus para evitar o estresse diante de um prazo muito apertado ou de uma cota de vendas desafiadora. Exige fé para encontrar significância pessoal em nosso relacionamento com Deus, não em coisas como a quantidade de dinheiro que você ganha, quão bonito você é, quantos brinquedos possui, quantos troféus já ganhou ou quanto território você conquistou e controla.

DESCANSO PARA HOJE

O convite de Deus para entrar no descanso sabático não terminou com a criação, nem tinha o propósito de ser exclusivo para Israel. Ao descrever o início de tudo, Moisés pontuou seu relato com uma frase recorrente.

Deus criou a luz e dividiu-a em noite e dia.

“Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o primeiro dia.”

Gênesis 1:5

Deus criou a atmosfera terrestre e dividiu-a em camadas.

“Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o segundo dia.”

Gênesis 1:8

Deus separou os mares da terra seca e encheu a terra de vegetação.

“Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o terceiro dia.”

Gênesis 1:13

Deus criou os corpos celestes e colocou-os em movimento regular.

“Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o quarto dia.”

Gênesis 1:19

Deus criou a vida marinha e os pássaros.

“Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o quinto dia.”

Gênesis 1:23

Deus criou os animais terrestres e, por último, o homem e a mulher à sua imagem e semelhança.

“Passaram-se a tarde e a manhã; esse foi o sexto dia.”

Gênesis 1:31

Então Moisés declarou:

Assim foram concluídos os céus e a terra, e tudo o que neles há. No sétimo dia Deus já havia concluído a obra que realizara, e nesse dia descansou. Abençoou Deus o sétimo dia e o santificou.

Gênesis 2:1-3

Observe que nada marca a conclusão do sétimo dia. O sábado nunca acabou. Pessoas desobedientes denegriram o sábado, pessoas autoconfiantes ignoraram o sábado, e pessoas cheias de justiça própria transformaram o sábado em um fardo pesado; todavia, Deus o manteve em aberto.

Assim, ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus; pois todo aquele que entra no descanso de Deus, também descansa das suas obras, como Deus descansou das suas.

Hebreus 4:9-10

Deus reservou a cada um de nós um assento na sala do banquete, onde ele deseja satisfazer nossos mais profundos desejos e suprir todas as nossas necessidades. Esse convite forma a base para o mandamento de Deus ao povo da aliança, os israelitas.

Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao SENHOR, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos

ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades.

Êxodo 20:8-10

E este é o convite que ele estende a nós. “Esforcemo-nos por entrar nesse descanso, para que ninguém venha a cair, seguindo aquele exemplo de desobediência [dos israelitas]” (Hb 4:11).

INIMIGOS DO DESCANSO SABÁTICO

Espreitando dentro de cada um de nós, há pelo menos três atitudes que alimentam o centro de agitação e ameaçam manter-nos perpetuamente vagando e agitados, em vez de alegremente descansados. Esses inimigos do descanso sabático são a presunção, o pânico e a pretensão.

Presunção. Presunção é a idéia de que sabemos exatamente do que precisamos e como obtê-lo, ou a natureza precisa de nosso problema e como resolvê-lo. De fato, o mais comum é que saibamos menos do que pensamos. Nem sequer conhecemos a nós mesmos muito bem, razão pela qual fazemos coisas sem sentido, como tentar diminuir nossa dor emocional por meio de trabalho, comida, álcool, sexo ou coisa pior. Tentamos matar nossa fome de significância ao caçar relacionamentos, perseguir posições de poder ou fama ou exaurir nossos recursos em apoio a alguma causa nobre. Criamos e nutrimos a ilusão de segurança ao encher nossa conta bancária, ler todos os novos relatórios médicos e manipular nossos relacionamentos, chegando até mesmo a evitá-los por completo.

Gastamos energia demais tentando satisfazer nossas próprias necessidades de importância e segurança e terminamos por descobrir que nada que venha de nossa própria provisão é satisfatório.

Pânico. Pânico é a tendência de reagir de maneira impulsiva diante das necessidades ou dificuldades. É muito comum nos lançarmos à ação e aplicarmos um remédio já conhecido sem levar em conta questões não percebidas ou conseqüências de longo prazo.

A próxima vez que surgir uma emergência financeira e você começar a ficar sem dinheiro, pense nessa tendência antes de recorrer ao cartão de crédito ou pedir um empréstimo. Será que você não está negando a Deus a oportunidade de lhe prover da maneira e no tempo que ele considerar apropriado? O que aconteceria se você orasse e apresentasse sua necessidade a ele em humilde submissão... e então *esperasse*?

Pretensão. Pretensão é o sentimento de auto-suficiência ou capacidade de satisfazer as próprias necessidades ou resolver os próprios problemas sem a assistência de Deus. Sentimos menor necessidade de Deus quando temos uma conta bancária recheada, a saúde perfeita, relacionamentos fortes, habilidades impressionantes e um futuro brilhante. Mas, se algo acontece a uma dessas coisas, somos rápidos em cair de joelhos e pedir ajuda. Quando entramos no descanso sabático, reconhecemos que todas as coisas boas vêm de Deus e que não somos capazes de enfrentar as dificuldades da vida sem ele.

Esses três inimigos do descanso de Deus compartilham de uma causa comum: a *descrença*. Quando presumimos que sabemos o curso de ação correto, acreditamos que somos tão espertos ou capazes quanto Deus. Quando entramos em pânico, recorremos instintivamente a nossos próprios recursos internos porque duvidamos de Deus. Quando nos sentimos capazes de fazer as coisas sozinhos, a crença que temos em nós mesmos diminui a visão que temos do Todo-poderoso.

Em contrapartida, se virmos Deus como ele é — onipotente, infalivelmente bom e profundamente interessado em nós —, não hesitaremos em levar qualquer assunto a ele, não importa quão insignificante possa ser. Quanto entramos no descanso de Deus pode ser medido pela diminuição do tamanho das questões que entregamos às mãos poderosas de Deus.

Os agitados possuem um deus bastante pequeno. Você é assim? Se é, ele vive no fundo do seu estômago ou na base do seu pescoço — no centro de agitação. Você busca esse deus para ter seus anseios satisfeitos, seus problemas resolvidos, suas inseguranças aliviadas e

seu valor afirmado. Com recursos tão lamentáveis, não é de surpreender que você se agite tanto.

Existe um caminho melhor. Lembra-se dele? A entrada permanece aberta. O convite ainda pode ser aceito. “Ainda resta um descanso sabático” para desfrutar.

Já que é melhor descansar em Jesus Cristo, por que se agitar?

CAPÍTULO OITO

O extraordinário poder de Jesus

HISTÓRIAS DE EVENTOS MIRACULOSOS atraíam visitantes de todas as partes do império romano a Sais, no Egito, para ver o magnífico templo dedicado a Minerva, deusa romana das artes, poesia e sabedoria. Depois de pagarem seus votos, os peregrinos ricos se reuniam em volta de uma grande peça de adoração, um enorme altar de ouro, ao redor do qual uma serpente de bronze enrolava o corpo e olhava para baixo. De um lado, estava Baco, o deus do vinho; do outro, Diana, a deusa-mãe. Cada um deles segurava em posição de respeito um jarro sobre o altar, esperando pacientemente o momento certo para oferecer libações de vinho e leite a Minerva.

No momento definido, os sacerdotes de Minerva entravam no santuário, preparavam um segundo altar e ateavam-lhe fogo. Conforme o fogo consumia a madeira, o cheiro de incenso permeava a sala e vagarosamente subia em direção ao telhado aberto, alcançando presumivelmente a narina da deusa. Então, como se estivessem ansiosos para se juntar à cerimônia, Baco e Diana espontaneamente derramavam suas ofertas líquidas. À medida que vinho e leite fluíam de seus jarros e se misturavam no altar de ouro, a serpente de bronze assobiava em aprovação. Era um milagre que os adoradores queriam vivenciar, depois de terem vindo de tão longe e contribuído de maneira tão generosa.

A religião era um grande negócio no mundo romano. Um templo poderia colocar uma cidade no mapa se os milagres fossem suficientemente impressionantes ou se o sobrenatural se mostrasse crível. As pessoas ansiavam por um encontro com o sublime, de modo que os líderes das cidades enviavam delegados à biblioteca de Alexandria para solicitar os serviços de fazedores de milagres. Nós os chamaríamos de arquitetos e engenheiros, mas homens como Filon, Ctesíbio e Heron construíram templos que podiam fazer o impossível. Mecanismos com base em fluidos dispensavam água benta, abriam portas e faziam com que figuras esculpidas dançassem e girassem. Jarros engenhosamente projetados, contendo câmaras ocultas e tubos, criavam a ilusão de transformar água em vinho. Vapor fazia com que serpentes assobiassem e grandes órgãos gemessem como um deus satisfeito. Graças a uma inteligente mistura de tecnologias da Antiguidade, os adoradores ouviam chuva, vento e trovões acompanhados por relâmpago e raios. Os magos do templo até mesmo surpreendiam os adoradores de Serápis fazendo com que uma carruagem de ferro se levantasse do chão e flutuasse, talvez por meio de uma enorme pedra de magnetita montada no teto do templo.

Naturalmente, o entusiasmo e a maravilha experimentados nos templos pagãos tornaram-se fonte de tensão para os hebreus monoteístas do século I. Em termos de arquitetura e tamanho, o complexo construído por Herodes era a inveja do mundo antigo, mas os judeus adoravam um Deus silencioso e invisível que declinava de divertir seus visitantes. Até mesmo seu nome era santo demais para ser pronunciado. Todavia, a perspectiva de experimentar o sobrenatural era irresistível. Era comum que falsos profetas ganhassem atenção do lado de fora do templo por meio de truques de prestidigitação e ilusões cuidadosamente elaboradas. De fato, o uso de magia era tão comum que as massas se aproximavam na esperança de ver um *show*. Assim que um orador começava a ensinar, alguém lhe perguntava “Que sinais você pode me dar?”, após o que o pretenso profeta precisava impressionar seus ouvintes com algo surpreendente; caso contrário, os perderia.

Poucas pessoas seriam enganadas hoje. A mente moderna condicionou-se a presumir que existe uma explicação científica perfeitamente válida por trás de todo mistério. Contudo, não podemos dar-nos ao luxo de nos tornarmos culpados daquilo que os historiadores chamam de “arrogância temporal”. É a idéia de que as pessoas antigas eram habitualmente supersticiosas e, assim, procuravam automaticamente por uma explicação sobrenatural para qualquer coisa que as aturdisse. Elas viam o mundo de maneira diferente, mas não eram nem estúpidas nem facilmente enganadas.

Hoje, as pessoas razoáveis vivem numa desconfortável tensão entre o dogma da ciência, que nega a existência do sobrenatural, e o fanatismo de alguns evangelistas televisivos que mascateiam em busca de donativos. Para aqueles que não estão dispostos a aceitar qualquer coisa, as exhibições sobrenaturais de cura pela fé não são muito convincentes. Eles realizam suas ilusões em ambientes muito controlados, e as “curas” ou são limitadas a leves melhorias, ou atestam resultados de difícil comprovação.

Deixando de lado as curas pela fé e os céticos, o fato é que há outro reino que transcende aquilo que podemos experimentar com nossos sentidos e, em raras ocasiões, Deus nos permite vê-lo e tocá-lo. Contudo, milagres não acontecem todos os dias. “Se acontecessem”, disse-me um colega certa vez, “nós os chamaríamos de ‘regulares’”. Embora pareçam comuns na Bíblia, os milagres são de fato extremamente raros na história. Deus os reserva para breves e notáveis períodos que antecedem uma grande mudança na maneira em que ele interage com sua criação. Depois de quatrocentos anos de silêncio, por exemplo, Deus surpreendeu os egípcios e os hebreus com uma série de eventos miraculosos enquanto preparava o povo da aliança para a terra prometida.

Para evitar qualquer confusão, deixe-me primeiramente definir o que quero dizer com o termo *milagre*. Quando criou todas as coisas a partir do nada, Deus também criou as leis da natureza, como a gravidade e a termodinâmica, para dar ordem e propósito a tudo no universo. Contudo, isso não equivale a sugerir que ele é um Deus

relojoeiro que montou o cosmos, deu corda e permite que ele continue funcionando sem nenhuma intervenção. Embora na maior parte do tempo Deus permita que esse cosmos funcione de acordo com as leis da natureza, nunca houve um momento em que ele não estivesse direta e pessoalmente envolvido em todos os detalhes da vida. Todavia, sua interação com a criação raramente envolve um milagre.

Às vezes, porém, Deus desafia dramaticamente as leis da natureza com o objetivo de validar um evento, dando-lhe a confirmação de ter sido ordenado por Deus. Ele separa as águas do mar para abrir um caminho seco de um lado para o outro (Êx 14:22). Faz com que um jumento fale como um humano (Nm 22:28). Faz um machado flutuar (2Rs 6:6). Permite que três rapazes entrem numa fornalha ardente e saiam sem perder sequer um fio de cabelo (Dn 3:23-27). E, como lemos anteriormente, permite que uma virgem conceba uma criança sem a participação de um pai humano. *Esses* são milagres autênticos — atos dramáticos e inegáveis de Deus nos quais ele demonstra autoridade incontestável sobre o universo que criou e continua a governar. Eles normalmente solucionam problemas que são “impossíveis” dentro do plano normal da vida. Milagres nos lembram — como o anjo lembrou Maria — que “nada é impossível para Deus” (Lc 1:37).

CONFRONTANDO O IMPOSSÍVEL

Depois de Adão e Eva terem optado por desobedecer a Deus no jardim do Éden, o mundo mudou. Como que para imitar a rebelião do primeiro casal, a criação optou por seguir seu próprio caminho. O mundo que Deus criou para ser nosso lar perfeito hoje nos aflige com infortúnios, desapontamentos, fomes, caos, doenças e a derradeira afronta à criação de Deus, a morte. Porque as pessoas optaram por pecar — e continuam a fazê-lo — freqüentemente enfrentamos situações humanamente impossíveis. Mas Jesus veio à terra para que o pecado não tenha a última palavra no conflito cósmico entre o bem e o mal. Deus se tornou um de nós, e agora temos um advogado.

Temos esperança de passar e seguir além das nossas aflições. Essa esperança pode transformar nossa mentalidade. *Por causa de Jesus, podemos ver a vida como uma série de grandes oportunidades brilhantemente camufladas como situações impossíveis.*

Poder sobre o trivial. Pouco depois de começar seu ministério público, Jesus compareceu a uma festa de casamento — uma festa pródiga, que durava uma semana, patrocinada pelos pais do noivo e à qual compareciam dezenas de familiares e amigos. Como qualquer pessoa que planeja um evento pode atestar, nenhum casamento está isento da lei de Murphy. O padrinho do noivo desmaia. A madrinha da noiva tropeça. As crianças que levam as alianças colocam o dedo no nariz. O bolo cai. No caso da família de Caná da Galiléia, alguém se esqueceu de encomendar vinho suficiente — uma tremenda gafe naquela época e cultura. Quando a mãe de Jesus descobriu o problema, alertou seu filho sem hesitação. Depois de uma breve conversa, deixou a situação impossível sob os cuidados dele. Ela instruiu os servos: “Façam tudo o que ele lhes mandar” e então voltou para a festa.

Disse Jesus aos serviçais: “Enchem os potes com água”. E os encheram até a borda. Então lhes disse: “Agora, levem um pouco ao encarregado da festa”. Eles assim fizeram, e o encarregado da festa provou a água que fora transformada em vinho, sem saber de onde este viera, embora o soubessem os serviçais que haviam tirado a água. Então chamou o noivo e disse: “Todos servem primeiro o melhor vinho e, depois que os convidados já beberam bastante, o vinho inferior é servido; mas você guardou o melhor até agora”. Este sinal miraculoso, em Caná da Galiléia, foi o primeiro que Jesus realizou. Revelou assim a sua glória, e os seus discípulos creram nele.

João 2:7-11

Na época de Jesus, transformar água em vinho era uma ilusão comum nos templos que teria feito qualquer judeu revirar os olhos, algo não muito diferente de tirar um coelho da cartola hoje. Tal

como a ilusão infantil tão familiar, o truque exigia um aparato especial, preparado anteriormente, e grande disposição para acreditar.

Jesus poderia ter remediado a falta de vinho de diversas maneiras, mas, talvez com um piscar de olhos e um sorriso, ele optou por fazer na realidade o que os conjuradores dos templos pagãos só podiam simular. E ninguém poderia duvidar do milagre. Enquanto Jesus dava um passo para trás, os servos escolheram os vasos e os encheram com água até o topo. Então, em algum lugar entre a jarra de pedra e aquele que servia o vinho, o milagre da transformação aconteceu. Não houve nenhum anúncio dramático, nenhum “Voilà!”, nenhum truque, nenhum aplauso. De maneira simples e tranqüila, Jesus exerceu sua prerrogativa divina e transformou uma situação embaraçosa num triunfo social para a família do noivo. Ninguém teria sofrido muito se ele não tivesse feito nada; a questão em jogo não era de importância monumental — alguns a chamam até mesmo de trivial. Todavia, a situação desagradável de seus amigos era importante para ele.

É interessante perceber que João optou por chamar o evento de um “sinal”. Depois de ver Jesus usar seu poder para realizar um simples ato de bondade, a fé de seus discípulos cresceu ainda mais.

Poder sobre a distância. Algum tempo depois, Jesus e seus discípulos estavam novamente em Caná. A cidade de Cafarnaum — onde Pedro, André, Tiago e João haviam trabalhado em seu negócio de pesca — ficava na costa norte do mar da Galiléia, a pouco mais de trinta quilômetros, o que equivalia a uma jornada de cerca de oito horas a pé. Jesus já era bastante conhecido nessa época, de modo que a notícia de que ele havia voltado espalhou-se rapidamente. Quando um rico aristocrata — sem dúvida um saduceu — ouviu as notícias, viajou de sua casa em Cafarnaum para resolver uma questão importante: seu filho estava morrendo.

Os saduceus representavam um tipo peculiar de judeus. Conservadores pelos padrões judaicos — alguns diriam que por conveniência —, não aceitavam nenhum ensinamento ou tradição além daquilo que podia ser encontrado no Pentateuco, o conjunto formado

pelos cinco primeiros livros do Antigo Testamento e o único texto sagrado que viera das mãos de Moisés. Eles não acreditavam na vida após a morte ou na ressurreição, nem em anjos ou em espíritos. Criam que Deus era um ser indescritivelmente distante que deixava cada pessoa livre para desenhar seu próprio destino sem nenhuma perspectiva de recompensa ou punição eterna. Portanto, os saduceus acreditavam que a punição pelo pecado era uma tarefa dos homens e que ela deveria ser tanto impiedosa quanto severa.¹ O historiador judeu Josefo descreveu-os como sendo contenciosos com todos, incluindo eles próprios, pessoas que até mesmo “consideravam uma virtude discutir com aqueles mestres de filosofia a quem visitavam”.²

Os saduceus eram os deístas de sua época — veementemente céticos em relação a qualquer coisa sobrenatural e fatalistas até a medula. Eles acreditavam que cada pessoa constrói seu próprio destino; portanto, merece o que o destino lhe der, incluindo doença, pobreza, infortúnio e até mesmo a maneira em que vai morrer. Diante disso, ver um saduceu diante de Jesus, implorando por uma miraculosa intervenção divina, era um pungente golpe de ironia.

Disse-lhe Jesus: “Se vocês não virem sinais e maravilhas, nunca crerão”. O oficial do rei disse: “Senhor, vem, antes que o meu filho morra!” Jesus respondeu: “Pode ir. O seu filho continuará vivo”.

João 4:48-50

Observe a singular preocupação do aristocrata. Talvez, num outro dia, ele tivesse discutido com Jesus ou zombado de seu discurso ao exigir um *show* de mágica. Em outras ocasiões, os saduceus se alegravam em fazer jogos de palavras e inventar cenários burlescos para demonstrar o absurdo de qualquer ensinamento que transcendesse a experiência do aqui e agora. A palavra *fé* não fazia parte do

¹ Flavius JOSEPHUS, *The Works of Josephus*, Wars 2.164-66.

² Idem, *Antiquities* 18.16.

vocabulário de um saduceu. Mas o homem que estava diante de Jesus não era mais um saduceu, um aristocrata rico, muito menos um oficial poderoso da corte real. Era o pai ansioso de um filho moribundo. Sua vulnerabilidade deu a Jesus uma oportunidade singular para varrer de lado o ceticismo superficial daquele homem e ensiná-lo gentilmente sobre a misericórdia e a fé.

Observe também qual foi a resposta de Jesus. Como seria mais convincente para o pai se ele tivesse voltado sua face na direção de Cafarnaum e gritado “Seja curado!”? Teria sido ainda melhor se tivesse estendido os braços como que para lançar seu poder curador a uma grande distância. Em vez disso, ele afirmou mansamente: “Vá para casa; ele ficará bem”.

O homem confiou na palavra de Jesus e partiu. Estando ele ainda a caminho, seus servos vieram ao seu encontro com notícias de que o menino estava vivo. Quando perguntou a que horas o seu filho tinha melhorado, eles lhe disseram: “A febre o deixou ontem, à uma hora da tarde”. Então o pai constatou que aquela fora exatamente a hora em que Jesus lhe dissera: “O seu filho continuará vivo”. Assim, creram ele e todos os de sua casa.

João 4:50-53

Jesus fez tudo de modo simples. A lição não era complicada. *Eu falo; você acredita na minha palavra; seu filho viverá.* Complicamos aquilo que Deus simplificou ao ver o mundo através dos olhos humanos. Queremos ver para acreditar, e presumimos que nossas limitações são, na verdade, de Deus. João também chamou esse evento de “sinal”. O aristocrata e toda a sua casa descobriram que a onipotência e a onipresença não estão limitadas a coisas tão triviais como distância — trinta quilômetros ou trinta mil quilômetros são a mesma coisa.

Poder sobre o tempo. Também temos a tendência de pensar que, quanto mais tempo uma coisa for verdadeira, mais difícil é mudá-la — talvez porque o tempo tem a propriedade de cimentar a realidade na nossa mente e formar uma barreira impenetrável contra a

esperança. As tradições e superstições se solidificam com o passar de várias gerações e podem ter o mesmo efeito que um entorpecente causa no cérebro.

Há em Jerusalém, perto da porta das Ovelhas, um tanque que, em aramaico, é chamado Betesda, tendo cinco entradas em volta. Ali costumava ficar grande número de pessoas doentes e inválidas: cegos, mancos e paralíticos.

João 5:2-3

Este complexo de dois tanques cercados por cinco colunatas ficava perto do lado nordeste do templo de Herodes e, ao que parece, era um tipo de sanatório, chamado *asclepieion*. Os gregos acreditavam que Asclépio (ou Esculápio, em latim), o deus da medicina e da cura, fosse um salvador gentil e bondoso dos enfermos.

No templo dedicado ao culto [a Asclépio] havia salas espaçosas nas quais os doentes descansavam e recebiam a cura enquanto dormiam. Esse sono no templo era conhecido como *incubatio*. Enquanto dormiam, as pessoas doentes sonhavam que estavam sendo curadas pela intervenção de Asclépio, de modo que, na manhã seguinte, levantavam com boa saúde. O aleijado conseguia andar de novo, o mudo falava e o cego enxergava. Muitas pessoas experimentavam curas miraculosas e, em gratidão, doavam imagens de ouro ou prata dos membros que haviam sido curados, ou traziam ofertas ao templo. Asclépio era saudado como o deus da cura e como um salvador que viera para ajudar os seres humanos e cuidar deles.³

Quando chegou a Jerusalém para celebrar uma das festas judaicas, Jesus visitou o sanatório local. João não explica a razão disso, mas podemos imaginar. Jesus ia freqüentemente a lugares que faziam com que os líderes religiosos se sentissem desconfortáveis.

³ A. B. du TORR, *The New Testament Milieu*, p. 659.

Durante sua visita, Jesus foi até um homem que estava debilitado pela doença havia quase quatro décadas — o que seria praticamente uma vida inteira naquela época.

Quando o viu deitado e soube que ele vivia naquele estado durante tanto tempo, Jesus lhe perguntou: “Você quer ser curado?” Disse o paralítico: “Senhor, não tenho ninguém que me ajude a entrar no tanque quando a água é agitada. Enquanto estou tentando entrar, outro chega antes de mim”.

João 5:6-7

Ao que parece, a superstição prometia que o agitar das águas trazia a cura especial para aqueles que pudessem nelas entrar. Mas o homem estava sozinho e, numa cruel guinada de ironia, a corrida por um lugar no tanque era vencida por aqueles que não tinham deficiências. De todos os casos desesperadores do sanatório, nenhum rivalizava com o dele. Quantas noites aquele homem implorara por uma visita de Asclépio em seus sonhos? Quantos dias ele permanecera ali nas sombras do templo, desesperadamente assistindo ao agitar das águas supersticiosas?

Mais uma vez, sem alarde, sem predições para alegrar as multidões, Jesus simplesmente ordena ao homem: “Levante-se! Pegue a sua maca e ande” (v. 8). Imediatamente, ossos e músculos atrofiados ficaram fortes e elevaram o homem sobre seus pés pela primeira vez em décadas. O tempo pode ter cimentado seu destino na mente da comunidade, e as pessoas certamente haviam relegado aquele homem ao sanatório, de modo que sua ida ao templo, mais tarde naquele dia, deve ter sido um choque para todos.

Nessa época, os líderes do templo estavam começando a perceber. Aquele não era simplesmente um novo rabi que viera dos rincões da Galiléia.

Poder sobre a insuficiência. Conforme Jesus continuou seu ministério de cura e ensinamento, os milagres aumentaram em tamanho e complexidade, como que para revelar seu poder por etapas. Alguns meses depois, Jesus estava ensinando por toda a região da

Galiléia quando decidiu levar seus discípulos para longe das multidões a fim de desfrutar a solidão da região montanhosa a nordeste do mar da Galiléia.

Sua fama, porém, havia crescido rapidamente e chegado longe. Enquanto ensinava ao seu círculo mais próximo de pupilos, uma multidão começou a se reunir na colina. Pessoas — milhares delas — seguiram seu Messias ao deserto e não se preocuparam em levar provisões. É bem possível que elas já estivessem esperando que ele lhes desse alguma coisa. Afinal de contas, lembravam o que ele lhes ensinara num sermão em outra montanha:

“Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa? Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas? Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé? Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’ Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas. Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal.”

Mateus 6:25-34

Por fim, cinco mil homens e suas famílias se haviam reunido na colina. Jesus puxa a manga de Filipe e pergunta: “Onde compraremos pão para esse povo comer?” (Jo 6:5). A pergunta, é claro, era

o início de uma lição. Jesus escolhera os doze e os estava treinando para assumirem a liderança no novo reino. Tal qual um verdadeiro mentor, ele estava gentilmente empurrando seus homens para a linha de frente e permitindo que eles enfrentassem os desafios do ministério. Infelizmente, o aprendizado caminha bem perto do fracasso.

[Jesus] fez essa pergunta apenas para pô-lo à prova, pois já tinha em mente o que ia fazer. Filipe lhe respondeu: “Duzentos denários não comprariam pão suficiente para que cada um recebesse um pedaço!”.

João 6:6-7

Em todo grupo de líderes, existe o pessimista das estatísticas, aquela pessoa que olha cada desafio tendo em mãos a conta certa do que falta, em vez de ver aquilo que Deus promete dar. Àquela altura do campeonato, Filipe já deveria saber que Deus nunca chama seu povo para realizar alguma coisa sem prometer suprir todas as suas necessidades. Uma resposta correta à pergunta de Jesus teria sido: “Eu ainda não sei, mas estou certo de que o Senhor vai pensar em alguma coisa!”.

Jesus esperou pacientemente enquanto Filipe estimava a quantidade de pessoas e o custo estimado do pão. Sua calculadora mental entrou em ação. “Vamos ver... 5.000 homens, sendo que alguns deles estão com a família; vamos dizer que sejam 8.000 pessoas, apenas para fazer uma estimativa. Uma broa de pão por pessoa dá... vai um, e... Uau! Segundo meus cálculos, Senhor, ainda que tivéssemos o equivalente a 8 meses de salário, mal daria para entregar um pedaço a cada pessoa!”.

Enquanto isso, André circulava para ver quanta comida havia à disposição quando um rapaz lhe ofereceu sua lancheira. O discípulo provavelmente achou que a simples menção da oferta já seria tolice, mas, mesmo sendo o otimista cauteloso que sempre foi, ele disse: “Aqui está um rapaz com cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas o que é isto para tanta gente?” (Jo 6:9).

Talvez dando uma piscada de olho e acenando com a cabeça, Jesus disse: “Mandem o povo assentar-se” (Jo 6:10). Os discípulos dividiram a multidão em grupos e bolaram um eficiente plano de distribuição enquanto Jesus dava graças pela provisão e começava a partir o pão e pegar pedaços de peixe... de novo, de novo e outra vez. Durante horas, ele multiplicou a humilde oferta do rapaz e passou a abundância a uma brigada de discípulos.

Quando os pedidos por comida cessaram, Jesus deu outra tarefa a seus alunos. “Ajuntem os pedaços que sobraram. Que nada seja desperdiçado” (Jo 6:12). Cada um dos discípulos pegou um cesto de vime chamado *kophinos* — normalmente usado para carregar, durante uma viagem, o tanto de alimento para uma pessoa — e reuniu uma quantidade suficiente de pedaços para encher o estômago dos doze.

No final do dia, a lição já devia estar bem clara. O tamanho do desafio não deveria ser medido em termos do que temos para oferecer. Nunca será suficiente. Além do mais, provisão é responsabilidade de Deus, não nossa. Somos simplesmente chamados a dedicar o que temos — mesmo que não seja nada além de um pequeno lanche. Ao considerar a surpreendente necessidade do mundo, o convite de Deus é simples: “Você cuida da adição; eu me encarrego da multiplicação. A missão a cumprir para a qual o chamei será realizada com abundância”.

No final do dia, cada um dos discípulos tinha em mãos a sobra suficiente para comer durante uma jornada.

Poder sobre a natureza. Depois desse “sinal”, a multidão se levantou e começou a discutir uma maneira de remover o governo atual e fazer de Jesus seu rei. Uma vez que Jesus desaprovava seu plano e rejeitava suas motivações, ordenou à multidão que se dispersasse. Ele se afastou rapidamente, indo para a região montanhosa do país. Enquanto isso, seus discípulos preparavam o barco como ele havia ordenado e apontaram as velas para Cafarnaum.

Enquanto Jesus desfrutava de algumas poucas horas de solidão, o frenesi da multidão diminuiu, o que permitiu que ele tivesse tempo

para relaxar e refletir. Contudo, naquele momento, uma forte rajada de vento se abateu sobre o mar. Um comentarista descreveu a cena da seguinte maneira: “O mar de Tiberíades, ou da Galiléia, é uma profunda depressão no leito do rio Jordão cercada por colinas, de modo que os ventos freqüentemente descem e agitam as águas com grande força. Ainda hoje a situação é similar. É comum que barcos potentes sejam advertidos de permanecer ancorados enquanto os ventos castigam a água, o que cria uma espuma branca na superfície”.⁴

Os homens estavam contra o vento e faziam muita força nos remos por quase cinco quilômetros quando Jesus decidiu resgatá-los. Ele desceu a montanha rumo à costa e seguiu direto pela superfície da água. Quando se aproximou do navio, os homens naturalmente não sabiam o que pensar daquela figura que vinha em sua direção.

Quando o viram andando sobre o mar, pensaram que fosse um fantasma. Então gritaram, pois todos o tinham visto e ficaram aterrorizados. Mas Jesus imediatamente lhes disse: “Coragem! Sou eu! Não tenham medo!” Então subiu no barco para junto deles, e o vento se acalmou; e eles ficaram atônitos, pois não tinham entendido o milagre dos pães. O coração deles estava endurecido.

Marcos 6:49-52

Nos dias e na cultura dos discípulos, dizer que uma pessoa tinha o “coração endurecido” não significava que ela fosse indelicada ou cruel, mas que seu raciocínio e suas emoções se haviam tornado resistentes ao desenvolvimento. Podemos dizer que “eles eram cabeça-dura”. Mesmo depois de testemunharem Jesus realizar o surpreendente milagre na colina no dia anterior, os discípulos não juntaram todas as peças.

Jesus caminhou sobre o próprio mar que ameaçava engolir os discípulos. Ele comandava o vento que jogava o navio de um lado para o outro como um brinquedo. Disse uma palavra, e a tempestade

⁴ Gerald L. BORCHERT, *John 1—11, The New American Commentary*, vol. 25A, p. 258.

cessou imediatamente sua fúria. Quem, a não ser Deus, pode controlar o tempo?

Poder sobre a tragédia. Os fariseus e os saduceus consideravam que qualquer infortúnio era resultado direto do pecado de uma pessoa, mesmo quando uma criança vinha ao mundo com uma doença debilitante, uma deficiência congênita ou uma dificuldade de desenvolvimento. Certo dia, quando saía do templo de Jerusalém, Jesus se deparou com um homem cego de nascença. Este homem podia sentir o calor do sol, mas nunca o vira nascer. Ouvia falar da força das ondas, mas nunca vira a espuma que elas formam na praia.

Depois de ver o cego, um discípulo perguntou a Jesus: “Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?”.

Disse Jesus: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele. Enquanto é dia, precisamos realizar a obra daquele que me enviou. A noite se aproxima, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”. Tendo dito isso, cuspiu no chão, misturou terra com saliva e aplicou-a aos olhos do homem. Então lhe disse: “Vá lavar-se no tanque de Siloé” (que significa “enviado”). O homem foi, lavou-se e voltou vendo.

João 9:3-7

Imagine a cena. O homem era muito conhecido em sua comunidade por causa da cegueira. Sua mendicância o tornara uma figura notável nos arredores do templo havia vários anos, talvez décadas. Os fariseus o julgavam, os saduceus o ignoravam, alguns adoradores mostravam compaixão, enquanto outros agarravam a carteira com força e passavam na frente dele na ponta dos pés. Então, certo dia, esse homem invade o templo sem sua bengala e a cesta de esmolas, com os olhos banqueteados diante do esplendor da casa de Deus, saboreando cada detalhe. Os adoradores do pátio do templo reconheceram o rosto familiar, mas o que eles viram não fazia sentido. “Não é este o mesmo homem que costumava ficar sentado,

mendigando?’ Alguns afirmavam que era ele. Outros diziam: ‘Não, apenas se parece com ele’. Mas ele próprio insistia: ‘Sou eu mesmo’.

“Então, como foram abertos os seus olhos?”, interrogaram-no eles. Ele respondeu: “O homem chamado Jesus misturou terra com saliva, colocou-a nos meus olhos e me disse que fosse lavar-me em Siloé. Fui, lavei-me, e agora vejo”. Eles lhe perguntaram: “Onde está esse homem?” “Não sei”, disse ele.

João 9:10-12

Nesse momento da história, eu esperaria que alguém fizesse planos para uma grande festa. Mas os fariseus, depois de descobrir que o homem fora curado no sábado, começaram a resmungar, discutir e se concentrar em picuinhas. “‘Esse homem não é de Deus, pois não guarda o sábado’. Mas outros perguntavam: ‘Como pode um pecador fazer tais sinais miraculosos?’” (Jo 9:16).

Como sempre, os fariseus não conseguiram ver a situação como um todo. A cegueira deles seria cômica se não fosse tão trágica, e se seu exemplo não fosse tão influente. Em outra ocasião, Jesus advertiu seus seguidores: “Deixem-nos; eles são guias cegos. Se um cego conduzir outro cego, ambos cairão num buraco” (Mt 15:14).

Assim que terminou de corrigir a teologia de seus discípulos, Jesus declarou ser “a luz do mundo” e, então, deu visão ao homem. Em um único ato, Jesus exerceu poder sobre deficiências, pecado, teologia ruim, bem como sobre o templo, o sábado e os céticos — especialmente os fariseus tão fechados em si mesmos que se opunham a ele. Jesus teve essa oportunidade porque um bebê veio ao mundo sem a capacidade de enxergar. O homem não era cego porque seus pais haviam pecado. Ele era cego porque nasceu num mundo desfigurado pelo pecado. Todos nós sofremos a aflição do mal em diferentes graus por causa disso. Além do mais, antes de o mundo começar, Deus deu à incapacidade congênita daquele bebê um propósito divino.

Poder sobre a morte. O maior inimigo da vida também é a maior afronta ao ato criativo de Deus. Nosso corpo não foi criado para a

morte, e Deus não tinha a intenção de que ele apodrecesse numa sepultura. Contudo, como escreveu o apóstolo Paulo, “da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem [Adão], e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5:12). Coletivamente, a humanidade herdou a pena da desobediência de Adão, que é a morte. Individualmente, merecemos a morte porque cada um de nós ratificou a decisão de Adão ao adicionar nossos próprios pecados ao dele. *Todavia, Deus prometeu algo maravilhoso, e Jesus usaria a situação mais impossível de todas como uma oportunidade para revelar essa maravilha.*

Enquanto Jesus ministrava na Galiléia, um amigo muito próximo chamado Lázaro contraiu uma doença fatal e estava à beira da morte em sua casa em Betânia, uma cidade próxima a Jerusalém, na Judéia. As irmãs daquele homem, Marta e Maria, enviaram um mensageiro para informar a Jesus que seu amigo estava muito doente, mas ele esperou dois dias antes de iniciar a viagem. No momento em que chegou a Betânia, Lázaro já estava na sepultura havia quatro dias. Marta reclamou amargamente: “Senhor, se estivesse aqui meu irmão não teria morrido. Mas sei que, mesmo agora, Deus te dará tudo o que pedires” (Jo 11:21-22). Jesus, então, respondeu com uma afirmação ousada: “Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente” (Jo 11:25-26).

Pouco depois, Jesus se colocou diante do sepulcro no qual estava o corpo de seu amigo. Sem hesitação, ordenou: “Tirem a pedra”.

Disse Marta, irmã do morto: “Senhor, ele já cheira mal, pois já faz quatro dias”. Disse-lhe Jesus: “Não lhe falei que, se você creres, veria a glória de Deus?” Então tiraram a pedra. Jesus olhou para cima e disse: “Pai, eu te agradeço porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves, mas disse isso por causa do povo que está aqui, para que creia que tu me enviaste”. Depois de dizer isso, Jesus bradou em alta voz: “Lázaro, venha para fora!” O morto saiu, com as mãos e os pés envolvidos em faixas de linho e o

rosto envolto num pano. Disse-lhes Jesus: “Tirem as faixas dele e deixem-no ir”.

João 11:39-44

Que reencontro notável deve ter sido aquele! Enquanto Jesus dava um passo para trás e via a família abraçando-se e chorando de alegria, ele certamente sorriu. Seu silêncio é eloqüente. Nas palavras de um antigo hino, foi um “antegozo da glória divina”.

Enquanto a família e os amigos de Lázaro comemoravam sua volta dos mortos, desfrutaram de um breve gosto da festa futura que Jesus prometeu trazer ao mundo. O pecado pode ter o poder de matar e destruir, mas Deus é o criador da vida. Ele pode criá-la do nada e pode restaurá-la da morte. A reafirmação que Jesus fez a Marta é a mesma promessa que estende ao mundo: “Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente” (Jo 11:25-26).

POR QUE JESUS REALIZOU MILAGRES

Milagreiros antigos criavam a ilusão de milagres para atrair seguidores abastados. Imitavam o sobrenatural para que, na mente das pessoas, figurassem como aqueles que possuem acesso especial a um reino que exercia domínio sobre o mundo e determinava o destino daqueles que esperavam passar dessa para uma melhor. Eles capitalizavam em cima do medo do desconhecido.

Jesus realizou sinais miraculosos por um propósito muito diferente. Seus milagres forneceram alívio para a dor e o medo, além de ensinar sobre um Deus que se importa profundamente com o sofrimento das pessoas e que cura sem nada cobrar. Jesus realizou muitos outros milagres que estão descritos nos evangelhos (Jo 20:30), e sua motivação para realizá-los não foi outra senão compaixão.

Analisando seus milagres como um todo, o surpreendente poder de Jesus deveria ser uma fonte de conforto. Ele se importa com os assuntos que o mundo considera triviais e deseja resolvê-los. Ele

deseja aliviar nossas preocupações e prometeu suprir nossas necessidades mais fundamentais. Ele assumiu controle sobre a doença, a tragédia, o caos e a morte. Seu poder não é limitado por fatores como tempo, distância, superstição ou preconceito, nem mesmo pelas forças do mal. Ele ensinou por meio dos milagres da ressurreição que o mal pode vencer algumas escaramuças na terra, mas somente Jesus possui poder eternal. O período passageiro de setenta ou oitenta anos que passamos em nosso corpo doente e mortal nada mais é do que um piscar de olhos quando comparado aos prazeres magníficos e infindáveis que ele prometeu àqueles que crêem.

O amigo mais próximo de Jesus na terra, o discípulo João, escreveu o seguinte, perto da conclusão de seu evangelho:

Jesus realizou na presença dos seus discípulos muitos outros sinais miraculosos, que não estão registrados neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome.

João 20:30-31

Depois de ler sobre esses milagres autênticos que Jesus realizou, você tem a oportunidade de responder àquele que os realizou. Seus milagres foram registrados “para que vocês creiam” que ele é, de fato, o Filho de Deus.

Você creu? Vai crer? Já acredita?

CAPÍTULO NOVE

O médico dos médicos

JESUS, A CURA, havia chegado à cidade. No momento em que aquele tropel de pessoas empurrava, pressionava, acotovelava e apertava, o estrondo das vozes gritando por seu nome ensurdeceu os discípulos. Eles se reuniram e formaram um círculo ao redor de seu Mestre, empurrando em vão um bando de doentes e deficientes que desejavam apenas alguns segundos de sua atenção. Nesse momento do ministério de Jesus, todos já sabiam que um toque podia mudar tudo. Centenas, talvez milhares, já haviam experimentado o surto de poder curador passando por seu corpo, fazendo com que enfermidades dos mais diversos tipos sumissem para sempre.

Enquanto os discípulos empurravam o enxame de pessoas para trás e Jesus caminhava com extrema dificuldade na direção da cidade, uma voz familiar e autoritária vinda da direção da sinagoga gritou alguma coisa e distraiu a multidão por um instante — mas apenas por um instante. O frenesi instalou-se novamente, com urgência renovada. Então, outro grito vindo da estrada fez com que a multidão se separasse como se uma enorme cunha invisível tivesse aberto um caminho para Jesus passar. Tal era o respeito pelo chefe da sinagoga.

A multidão ficou em silêncio enquanto o ancião caía de joelhos e, em submissão, colocava o rosto em terra. “Senhor, por favor,

minha filha está morrendo de... alguma coisa que não sabemos. Sua vida se esvai a cada minuto, escorre por entre seus dedos a cada momento. Na verdade, talvez ela já esteja morta neste momento em que estou falando. Por favor, por favor, venha. Se o Senhor a tocar, ela se recuperará completamente.”

Jesus se abaixou, ergueu o homem e, depois de animá-lo, pediu que seus discípulos se arrumassem e seguissem o ancião.

Durante essa breve conversa, uma mulher no meio da multidão decidiu aproveitar sua única oportunidade. Enfraquecida pela perda de sangue — uma hemorragia perpétua de seu ventre lhe roubava as forças — e habitualmente empurrada para a periferia da sociedade, suas chances de alcançar Jesus de novo eram muito pequenas. Uma vez que todos estavam concentrados naquele líder em prantos, ela se agachou e se arrastou por entre as pessoas para roubar um toque.

Quando esticou sua mão, Jesus se moveu, e a aglomeração o cercou de novo, mas finalmente um bote desesperado permitiu que os dedos daquele mulher tocassem a barra da roupa do Mestre. Foi então que ela sentiu. Um grande formigamento de vitalidade. Um ardor no centro de seu corpo que se irradiou para cada membro e fez com que seu rosto brilhasse. O mais importante de tudo foi que não havia mais sangue saindo do seu corpo. Enfim, a cura. Doze anos de anemia crônica, engano dos médicos e desaprovação dos vizinhos... haviam acabado!

Jesus também sentiu o surto de energia curadora. Ele se virou com espantosa velocidade e perguntou:

— Quem tocou minhas roupas?

Os discípulos olharam uns para os outros e, então, para seu Mestre.

— Mestre, o senhor deve estar brincando! Com todas essas pessoas empurrando e apertando, é mais fácil saber quem *não* tocou o Senhor! — teriam dito.

Jesus permaneceu firme como uma rocha, olhando por entre aquele monte de pernas para uma figura trêmula caída no chão. Uma a uma, cada pessoa afastou-se de sua linha de visão e seguiu

seu olhar até que ninguém mais estivesse na frente dele. Com o rosto em terra, a mulher explicou tudo. Como ela havia sofrido por tanto tempo! Como tentara em vão alcançá-lo no meio da multidão! Como sabia, acima de qualquer dúvida, que um toque dele poderia curá-la.

— Ânimo, filha.

Ela levantou a cabeça para ver sua face e encontrou seu rosto, cheio de bondade.

— A sua fé a curou! — disse ele.

Depois de seu encontro com o poder curador de Jesus, a doença da mulher nunca mais voltou.

A entrada na cidade não aconteceu rapidamente, mas finalmente Jesus e seu séquito se aproximaram da casa de Jairo, o líder da sinagoga. As paredes da casa reverberavam os clamores angustiados dos enlutados, que estavam em volta da grande sala e se esparramavam pela entrada da frente até o pátio. Alguns colocavam os braços ao redor de Jairo, que se esforçava para manter a compostura.

Enquanto Jesus abria caminho por meio daquele velório, assegurava a todos: “Não chorem... Ela não está morta, mas dorme”.

Alguns riram em meio às lágrimas. Outros, que não conheciam a menina muito bem, repreenderam o rabi. Para as pessoas daquela época, a morte era tão comum quanto o nascimento. Eles conheciam um corpo morto quando viam um. A garota havia enfraquecido por causa da febre. Ela de fato havia adormecido. Mas todos sabiam que pessoas naquela condição débil e inerte não se levantavam.

Jesus olhou para Pedro, Tiago e João que, assim, colocaram educadamente todos para fora da casa, ficando apenas eles mesmos, Jesus e os pais da menina. O Curador então tomou a mão fria e pálida da criança e falou-lhe mansamente: “Menina, levante-se!”.

Quando seus olhos se agitaram e ela se sentou, seus pais cobriram-na de abraços e beijos, misturados com lágrimas de alegria. Jesus sorriu. “Arrumem alguma coisa para comer. Ela está com fome” (Mt 9:18-25; Mc 5:22-43; Lc 8:40-55).

CURADORES DE RAPINA

Espero que você não se importe com minha maneira criativa de recontar a história, mas, quando ligo a televisão e vejo como as pessoas transformaram a cura divina em espetáculo, às vezes preciso lembrar a mim mesmo que nem Jesus nem os discípulos eram assim. Curadores que seguem a filosofia da teologia da prosperidade astutamente traçam seus esquemas de levantamento de ofertas por meio de uma teologia que tem aparência espiritual, ao mesmo tempo que afirmam ser instrumentos do poder e da graça de Deus. Que insultante! Na realidade, eles atacam como aves de rapina aqueles que estão enfraquecidos pela dor da doença; aperfeiçoaram a fina arte de equilibrar esperança e culpa com o objetivo de converter o sofrimento em lucro. Que ninguém se engane: isso não tem nada que ver com compaixão e tudo que ver com lucro.

Quero deixar claro, desde o início, que acredito de maneira absoluta e sem reservas na cura divina. Esses curandeiros atuais, porém, nada mais são do que uma versão moderna dos mágicos do templo que descrevi nos capítulos anteriores. Mais de dois mil anos depois, seus métodos mudaram, mas sua motivação continua a mesma: dinheiro.

Algumas denominações cristãs defendem uma teologia particular que torna seus membros mais suscetíveis a transformar-se em vítimas da ganância desses curadores pela fé. Eles tendem a ser mais expressivos e dramáticos em suas crenças e práticas. Muitos afirmam que, se alguém não possuir uma habilidade sobrenatural — freqüentemente chamada de “um dom do Espírito Santo” —, tal pessoa não pode afirmar ser cristã nem se dizer possuidora de fé suficiente. Embora nem sempre articulados, muitos seguidores chegam a crer que a razão de Deus não responder a suas sinceras orações é que essas pessoas não oraram por tempo suficiente ou não se aproximaram de Deus com a devida fé. Ou talvez não estejam vivendo como dignos seguidores de Jesus Cristo, de modo que suas orações são ineficientes. Além disso, grande número de pessoas anteriormente associadas a essas denominações confessa que

seu desejo de ter um encontro com o sobrenatural era tão forte que elas se tornaram participantes voluntárias de uma ilusão compartilhada que é tida e honrada como espiritualidade genuína por seus colegas.

Durante o tempo entre a ressurreição de Jesus Cristo e a conclusão da última peça das Escrituras do Novo Testamento, Deus de fato concedeu a alguns crentes poder miraculoso sobre doenças e outras aflições. Contudo, o uso que eles fizeram desse poder não guarda a mínima semelhança com os supostos curadores de hoje.

Para melhor entender a *verdadeira* natureza da cura divina, devemos entender e aceitar dois importantes aspectos da natureza de Deus. Primeiro, Deus é todo-poderoso, o que significa que ele é capaz de fazer qualquer coisa que decidir fazer. Ele fez o mundo e tudo o que há nele e pode alterar tudo isso a qualquer momento.

As Escrituras hebraicas afirmam:

Na verdade, sei que o SENHOR é grande,
que o nosso Soberano é maior do que todos os deuses.
O SENHOR faz tudo o que lhe agrada,
nos céus e na terra, nos mares e em todas as suas profundezas.

Salmos 135:5-6

O rei Nabucodonosor governou a maior parte do mundo conhecido de sua época na condição de supremo governante do império babilônico, e o poder de sua posição rapidamente subiu-lhe à cabeça. Certa manhã, ele se levantou, colocou-se em pé no seu terraço para contemplar o esplendor de sua capital e disse: “Acaso não é esta a grande Babilônia que eu construí como capital do meu reino, com o meu enorme poder e para a glória da minha majestade?” (Dn 4:30).

Momentos depois desse elogio a si próprio, Deus anunciou que ele sofreria de uma perturbação mental que faria com que pensasse ser um animal selvagem, em vez de o maior dos homens. Anos depois, quando cessou seu longo sofrimento, o grande rei Nabucodonosor escreveu:

Eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, e percebi que o meu entendimento tinha voltado. Então louvei o Altíssimo; honrei e glorifiquei aquele que vive para sempre.
 O seu domínio é um domínio eterno;
 o seu reino dura de geração em geração.
 Todos os povos da terra são como nada diante dele.
 Ele age como lhe agrada com os exércitos dos céus
 e com os habitantes da terra.
 Ninguém é capaz de resistir à sua mão
 ou dizer-lhe: “O que fizeste?”.

Daniel 4:34-35

Dario, o Medo, que governou o império medo-persa, também reconheceu o supremo poder de Deus:

Estou editando um decreto para que em todos os domínios do império os homens temam e reverenciem o Deus de Daniel.
 Pois ele é o Deus vivo e permanece para sempre; o seu reino não será destruído,
 o seu domínio jamais acabará.

Daniel 6:26

Como governantes de vastos impérios, esses dois homens entendiam o conceito de soberania, o direito de um monarca fazer o que lhe agradasse sem ter de dar satisfações a ninguém. Isso aponta para o segundo aspecto da natureza de Deus que devemos entender e aceitar. Porque ele é todo-poderoso, também é totalmente soberano. Ele tem o direito de fazer o que quiser, para quem escolher e sempre que desejar fazê-lo. Ele não deve satisfações a ninguém.

As pessoas da Antiguidade acreditavam que seus deuses pagãos eram tão caprichosos e depravados quanto os humanos, com a diferença de que eram apenas mais poderosos. Para obter bênçãos de seus deuses, exigia-se que os adoradores trouxessem sacrifícios em profusão ou chegassem a extremos para demonstrar sua devoção. Eles acreditavam que, se seus deuses ficassem suficientemente impressionados, suas colheitas seriam maiores, seus inimigos, derrotados, e

seus filhos, saudáveis. Contudo, o Deus da Bíblia sempre se mostrou completamente diferente dos falsos deuses da imaginação humana. Ele não pode ser coagido, enganado, manipulado ou subornado para fazer coisa alguma. Ele opta livremente por agir (ou não) de acordo com sua própria inclinação, embora suas ações sejam sempre consistentes com seu caráter santo e imutável.

Tenha essas duas verdades fundamentais em mente à medida que examinamos uma genuína cura sobrenatural registrada no livro de Atos dos Apóstolos.

Por fim, Jesus encarregou os discípulos do privilégio de fazer discípulos e ensinar outros a serem cristãos. Durante um tempo, seus discípulos receberam a habilidade de curar da mesma forma que ele fizera. Durante esse período, Pedro e João certo dia saíram para adorar e ensinar no templo. Conforme se aproximavam dos portões, um homem paralítico das pernas desde o nascimento chamou-os pedindo dinheiro.

Pedro e João olharam bem para ele e, então, Pedro disse: “Olhe para nós!” O homem olhou para eles com atenção, esperando receber deles alguma coisa. Disse Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande”. Segurando-o pela mão direita, ajudou-o a levantar-se, e imediatamente os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes. E de um salto pôs-se em pé e começou a andar. Depois entrou com eles no pátio do templo, andando, saltando e louvando a Deus.

Atos 3:4-8

Naturalmente, o homem curado reagiu louvando a Deus, mas também abraçou Pedro e João como se eles tivessem sido os responsáveis por sua cura. As pessoas no templo reconheceram o homem que passara a maior parte de sua vida pedindo esmolas, e queriam saber quem tinha tamanho poder de cura. Pedro deixou as coisas bem claras.

Vendo isso, Pedro lhes disse: “Israelitas, por que isto os surpreende? Por que vocês estão olhando para nós, como se tivéssemos feito este homem andar por nosso próprio poder ou piedade?... Pela fé no nome de Jesus, o Nome curou este homem que vocês vêem e conhecem. A fé que vem por meio dele lhe deu esta saúde perfeita, como todos podem ver.

Atos 3:12,16

Três observações cruciais nos ajudarão a reconhecer uma cura miraculosa de Deus:

- A cura foi instantânea e permanente.
- A cura foi óbvia e ampla.
- A cura não foi direta nem indiretamente obra de pessoas.

As “curas” dos mascates da fé sempre deixam você pensando na razão de eles não curarem paraplégicos, pessoas cegas de nascença ou vítimas de paralisia cerebral. Além do mais, os curadores pela fé tipicamente dão a Deus todo o crédito pelas curas que ocorrem em suas campanhas, dizendo que eles são simples canais do poder curador de Deus, mas sua humildade é superficial. Suas palavras dizem uma coisa, mas suas encenações e apelos por dinheiro deixam bem claro que, para receber a cura, a pessoa deve ir até eles. Curiosamente, eles não aparecem em quartos de hospital, curando uma pessoa doente atrás da outra.

AS CINCO LEIS DA CURA

Embora os curadores dos dias atuais sejam fraudulentos, por favor entenda que Deus cura pessoas ainda hoje. Embora essas curas sejam às vezes dramáticas e freqüentemente inexplicáveis, raramente envolvem um milagre — ou seja, um evento óbvio, contrário às leis da natureza, que só pode ser explicado como algo realizado pelo poder divino. Todavia, Deus de fato intervém em favor das pessoas e, muito freqüentemente, em conjunção com as orações de outras.

Para melhor entender a natureza da cura divina hoje, considere as cinco leis a seguir, extraídas da Bíblia.

Lei 1 — Existem duas categorias de pecado: o original e o pessoal. Os teólogos chamam a desobediência de Adão de “pecado original” porque foi a primeira ocorrência do pecado e porque toda pecaminosidade, de todas as pessoas e por todos os tempos, pode ser ligada a essa escolha trágica (Gn 3:17-19). Cada um de nós herdou uma natureza doente que tende a fazer coisas erradas, de modo que não conseguimos resistir à tentação do pecado. Nesse sentido, o pecado é universal. Quando optamos individualmente por desobedecer, o pecado se torna pessoal.

Lei 2 — O pecado original introduziu o sofrimento, a doença, a desordem e a morte. Um dos resultados do pecado é que a criação de Deus tornou-se uma versão distorcida do que ele um dia havia criado perfeito. O Senhor não criou o corpo humano para sofrer e deteriorar-se. Ele criou o mundo para ser um ambiente harmonioso e nutritivo para nosso corpo, e nos criou com o propósito de termos uma comunhão íntima com ele. Ora, por causa do pecado, existe algo errado em tudo e em todos, incluindo nosso corpo, que é suscetível à desordem e à morte.

Lei 3 — Às vezes a doença e a morte são resultado direto de um pecado pessoal. É óbvio que o uso de drogas ilegais destrói o corpo, e o sexo extraconjugal nos expõe a doenças, mas algumas aflições são permitidas de modo sobrenatural com o propósito de correção (1Co 11:27-30). Como um ato amoroso de misericórdia severa, o Senhor pode permitir que a aflição física afaste uma pessoa do comportamento que destrói a si mesma e aos outros.

Lei 4 — Às vezes a doença e a morte não estão de modo algum relacionadas ao pecado. Em relação ao homem cego de nascença de João 9:1-3, Jesus disse: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele”. A cegueira daquele homem era o resultado do nascimento em um mundo que foi distorcido pelo mal; todavia, Deus deu à sua aflição um propósito divino, mesmo antes de trazer o universo à existência.

Somos criaturas pequenas, com um período de vida limitado, caminhando em um vasto universo medido em éons e anos-luz. É fácil esquecer que existem mais coisas acontecendo que aquilo que acontece a nós. Somos míopes e impacientes. Queremos que a informação seja baixada para nosso computador instantaneamente, queremos nosso café pronto, fresco e quente, e queremos respostas para todas as perguntas cósmicas *agora!*

Deus, porém, não trabalha de acordo com nosso cronograma. Ele tem um plano que será executado perfeitamente e para o maior e mais elevado bem de todos, assim como para sua derradeira glória. Por mais confuso e misterioso que possa parecer, Deus recruta toda a crueldade aleatória do mal para seu próprio propósito divino.

Lei 5 — Não é da vontade de Deus que toda doença seja curada. Este é provavelmente o princípio mais difícil de aceitar. Ele vai contra a *nossa* idéia daquilo que um Deus bom deveria fazer. Certamente se opõe à teologia da riqueza e da saúde que faz crescer os aplausos e as multidões. De acordo com os pregadores da teologia da prosperidade, Deus quer que você seja sadio, rico e alegremente desvinculado de tudo o que for triste. E esteja certo de uma coisa: a razão de você não ser nem sadio nem rico é *você* — que não tem fé suficiente e tem pecado demais.

Na época da morte do apóstolo Paulo, a maior parte do Novo Testamento já havia saído de sua pena conforme o Espírito Santo comunicou a verdade divina a ele e por meio dele. Além do mais, ele foi o principal responsável pela difusão do cristianismo por todo o Império Romano do Ocidente e pela estabilidade das igrejas ali. Certamente, se havia alguém com fé e favor suficiente diante de Deus para receber a cura divina, essa pessoa era Paulo. Contudo, ele enfrentou grande dificuldade com uma doença durante a maior parte dos seus anos de ministério. A partir de um surto particular de aflição física, ele escreveu:

Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações, foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar. Três vezes roguei ao Senhor que o

tirasse de mim. Mas ele me disse: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim. Por isso, por amor de Cristo, regozijo-me nas fraquezas, nos insultos, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias. Pois, quando sou fraco é que sou forte.

2Coríntios 12:7-10

Alfred Plummer, respeitado estudioso do Novo Testamento, escreve sobre esse espinho: “É uma metáfora muito viva para um intenso sofrimento físico”. O bispo Lightfoot caracterizou a expressão *espinho na carne* como “uma estaca enfiada na carne”. William Barclay escreve:

É mais provável que Paulo sofresse de ataques crônicos decorrentes de certa febre virulenta que se espalhava pela costa oriental do Mediterrâneo. Os nativos do país, quando desejavam ferir um inimigo, oravam a seus deuses para que o oponente fosse “queimado” por essa febre. Alguém que sofria tal enfermidade descreveu a dor de cabeça que a acompanha como se fosse “uma barra de metal incandescente enfiada na testa”. Outra pessoa fala de “uma dor opressiva e perfurante na têmpora — uma cunha imaginária enfiada entre a mandíbula e o crânio” e diz que, quando a coisa se tornava aguda, ela “alcançava o ponto extremo da resistência humana”.¹

Ninguém pode dizer com certeza o que afligia Paulo. Tudo o que sabemos é que o sofrimento era excruciante... a ponto de ele ter orado nada menos que três vezes pedindo o alívio que só Deus poderia conceder. Apesar do relacionamento próximo de Paulo com Deus e das grandes coisas que ele realizou em seu ministério, Deus, em sua imensurável sabedoria, considerou que Paulo se sairia melhor com “o espinho” do que sem ele. E quem pode discutir? Está

¹ *The Letters to the Corinthians*, p. 258-259.

claro que Paulo foi um pregador melhor, um mestre mais criterioso e um escritor mais compassivo por causa de suas contínuas aflições.

Quando leio o Novo Testamento, descubro que todas as curas miraculosas são imediatas, amplas, permanentes e *gratuitas*. Embora Jesus tenha freqüentemente destacado a opção da pessoa de acreditar nele, nunca sugeriu que a profundidade da espiritualidade ou a sinceridade da fé tinha alguma coisa que ver com a escolha de Jesus de realizar a cura.

A GENUÍNA CURA PELA FÉ

Tiago, um dos escritores do Novo Testamento, explicou de que maneira os crentes podem reagir a uma doença pessoal. Ele nunca teve o propósito de que isso representasse a única resposta, nem que fosse a única exigência de Deus para curar alguém. Tiago escreveu seu livro para pedir com insistência aos cristãos que dessem aplicação prática às verdades espirituais que estavam aprendendo. Mas isso envolvia fazer mais que simplesmente esperar que o doente se recuperasse. Preste bastante atenção às palavras a seguir:

Entre vocês há alguém que está sofrendo? Que ele ore. Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores. Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado. Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz.

Tiago 5:13-16

A palavra grega traduzida por “sofrer” é *kakopathe*, termo muito usado para “sofrer angústia”, incluindo angústia física, mental, emocional, financeira, relacional e até mesmo espiritual. Tiago prescreveu a oração como a primeira reação a qualquer tipo de sofrimento. Contudo, ele não especifica o conteúdo da oração, nem promete

libertação do tormento como resultado de tal oração. De fato, as melhores orações freqüentemente surgem depois de termos esgotado nossos apelos por libertação.

Pouco depois de descobrir que o câncer havia retornado, Tony Snow, ex-secretário de imprensa da Casa Branca, escreveu um artigo para a revista *Christianity Today*, intitulado “As inesperadas bênçãos do câncer”. Naquela obra maravilhosa, ele escreveu:

Imagine-se numa cama de hospital. A névoa da anestesia começou a se dissipar. Um médico se coloca aos seus pés; uma pessoa amada segura sua mão ao seu lado. “É câncer”, anuncia o médico.

A reação natural é voltar-se para Deus e pedir que ele se torne um Papai Noel cósmico. “Querido Deus, faça com que tudo isso vá embora. Simplifique todas as coisas.” Mas outra voz sussurra: “Você foi chamado”. O dilema levou-o para mais perto de Deus, para mais perto daqueles a quem ama, para mais perto das questões realmente importantes — e jogou na insignificância as preocupações banais que ocupam nosso “tempo normal”.

Há outro tipo de reação, embora normalmente de vida curta: um inexplicável arrepio de entusiasmo, como se um esclarecedor momento de calamidade tivesse varrido tudo o que é trivial e pequeno e, ao mesmo tempo, colocado diante de nós o desafio das questões importantes.²

Ainda que possa não ser da vontade de Deus curar todas as doenças, ele se importa profundamente com o sofrimento do mundo inteiro — a tal ponto que enviou seu próprio Filho para suportar conosco e por nós o pior sofrimento possível. Além do mais, ele chama seu povo a ajudar aquele que sofre. Tiago delineou um prático processo de três passos para dar conforto — e, caso Deus deseje, muito possivelmente a cura — às pessoas que enfrentam aflição física.

Passo 1: Chame os anciãos ou presbíteros da igreja. “Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja...” (Tg 5:14).

² P. 30-32.

Diferentemente do outro termo (*kakopatheō*), a palavra grega traduzida por “doente” é *astheneō*, que significa “estar sem forças, estar debilitado, estar fragilizado”. Refere-se a alguém debilitado por um mal físico. Essa pessoa é incentivada a avisar os líderes de sua igreja. O sofrimento pode não ser aliviado nem terminar rapidamente, mas ninguém deve sofrer sozinho.

Passo 2: Os presbíteros respondem fornecendo ajuda médica. “... Para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor” (Tg 5:14).

Mesmo correndo o risco de parecer pedante, preciso destacar uma nuance no grego que é muito importante, ainda que frequentemente desprezada. O verbo principal nessa ordem é “orar”, e “ungir” é um particípio de apoio. O mais comum é que a tradução desse arranjo de verbos fosse “tendo-o ungido com óleo em nome do Senhor, devem orar por ele”. A maioria das versões optou por apresentar os verbos como ações simultâneas: “devem orar por ele *ao mesmo tempo* que o ungem com óleo”. Seja qual for o caso, a questão é a mesma. Nem a oração nem a unção devem ser desprezadas.

Igualmente importante, porém, é perguntar: o que a expressão de Tiago “ungir com óleo” quer realmente dizer? Algumas religiões entendem que isso significa algum tipo de ritual. Quando vão visitar um doente, levam consigo pequenos frascos de óleo e o derramam ou aspergem sobre a pessoa. A prática da “extrema-unção” encontra suas raízes nessa passagem em particular, embora a prática seja usada em relação àqueles que morreram ou estão prestes a morrer.

O idioma grego tem duas palavras que se aplicam ao uso costumeiro de óleo no mundo antigo, que são *aleipho* e *chiro*. Esta última refere-se mais comumente à unção cerimonial usada para representar a bênção especial de Deus sobre alguém. A palavra *Cristo*, por exemplo, que significa “o ungido”, vem de *chiro*. Tiago poderia ter escolhido esse termo, mas preferiu usar *aleipho*. Esse termo particular está mais relacionado ao uso pragmático e terapêutico do óleo, como esfregar ou massagear com óleo com fins medicinais. Diferentes

ervas e extratos eram adicionados ao azeite de oliva nos tempos antigos. A mistura era aplicada sobre o corpo para ajudar a aliviar um grande número de males.

No século I, este era o melhor remédio disponível. Dizer que os presbíteros deveriam massagear o doente com óleo equivalia a dizer que eles deviam ajudar aquele que estava fisicamente aflito a receber atenção médica. Hoje, na aplicação dessas instruções, os presbíteros devem ter certeza de que a pessoa doente está recebendo a melhor ajuda médica disponível.

O que Tiago quer destacar é simples e óbvio. Não substitua assistência médica por oração. Seguir o conselho de um profissional da área médica, usar remédios com sabedoria e aplicar procedimentos médicos adequados não sugerem que a pessoa não tem fé em Deus. Ele deu conhecimento médico à humanidade como um ato de graça. Concedeu a alguns homens e mulheres habilidade maior para entender e aplicar esse conhecimento. Embora ele tenha chamado esses homens e mulheres para serem os meios pelos quais realiza sua cura, é Deus quem realiza a cura.

Passo 3: Submeta a doença à vontade de Deus em oração. "... Para que estes orem sobre ele" (Tg 5:14).

O processo de cuidar dos que estão fisicamente aflitos deve incluir a oração. A tradução literal de Tiago 5:15 é: "E a oração de fé salvará o cansado". Expresse seu sincero desejo de completa restauração daquele que sofre. Ore para que a pessoa sinta menos dor e seja poupada dos efeitos debilitantes do medo. Ore para que a doença dê lugar a benefícios surpreendentes e inesperados. Mas submeta seus pedidos ao cuidado soberano de Deus, na completa confiança de que ele é perfeitamente bom e está infalivelmente certo. Como o próprio Jesus orou no jardim de Getsêmani, "não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lc 22:42).

CINCO PRINCÍPIOS RELACIONADOS À CURA DIVINA

A angústia e a confusão do sofrimento físico podem ser esmagadoras, fazendo com que até mesmo a pessoa mais equilibrada busque

alívio nos lugares mais improváveis e nas fontes menos confiáveis. É por isso que a cura pela fé é algo tão sério. Cinco princípios simples, cada um deles ligado a uma exortação, nos ajudarão a manter o foco na verdadeira fonte de cura, ao mesmo tempo que ignoramos os mascates que promovem uma falsa esperança.

A vontade de Deus é soberana; respeite-a. Às vezes é difícil entender a vontade de Deus a partir de nossa perspectiva limitada e terrena. É ainda mais difícil aceitá-la quando há um grande sofrimento envolvido. Mesmo quando oramos, devemos lembrar que Deus está certo em todos os seus caminhos, até mesmo no que se refere às nossas aflições. Contudo, nosso sofrimento é profundamente sentido por ele e, para aqueles que são seus, todo sofrimento se torna um meio pelo qual Deus traz bênçãos ainda maiores posteriormente (Rm 8:26-28; 1Pe 5:10).

Assistência médica é fundamental; busque-a. A oração nunca teve o propósito de substituir cuidado médico competente. A graça de Deus distribuída a todas as pessoas — não apenas àquelas que responderam ao seu chamado — inclui o dom da ciência médica. De fato, Deus pode optar por responder a seu pedido de cura usando as mãos de um médico não-crente (Lc 10:33-35).

A oração intercessória é um mandamento de Deus; obedeça-lhe. Ao mesmo tempo que fazemos tudo o que está ao nosso alcance para trazer cura, esperança e incentivo aos outros, devemos fazer isso sob a providência de Deus. Ele nos convida a entregar-lhe todos os assuntos, pois se importa profundamente com aqueles que estão feridos (Ep 4:6). Podemos confiar que ele fará tudo o que é certo (Mt 7:7-11).

A confissão de pecados é sadia; pratique-a. Nem todas as doenças estão relacionadas aos pecados pessoais daquele que passa por aflição; contudo, nem sempre podemos excluir essa possibilidade. A confissão e o arrependimento de pecados — mesmo daqueles que consideramos insignificantes — nunca é inadequada. Mesmo se o pecado não tiver nada que ver com a doença, a confissão e o arrependimento mantêm nosso relacionamento com o Senhor livre de questões que possam atrapalhar a cura (Tg 5:16; 1Jo 1:8-9).

Toda cura vem de Deus; comemore isso. Sempre que a saúde de alguém é restaurada, seja pela especialidade de um profissional médico ou por meio de intervenção direta e sobrenatural, é Deus quem merece o crédito. Nunca será um engano louvar a Deus e agradecer-lhe por curar e sustentar a saúde (Tg 1:17; 1Jo 5:14-15).

Mais uma vez, a cura divina deve ser entendida no contexto da natureza de Deus. Ele é Todo-poderoso, de modo que pode curar qualquer doença. Ele também é soberano, o que significa que agirá visando o bem maior de cada pessoa de acordo com sua bondade leal, ainda que, em nossa avaliação, isso não pareça muito bom no momento.

CURA DERRADEIRA

Vamos voltar a um episódio na vida de Jesus (Jo 11:18-26) para analisar novamente algo que ele disse. Quando o mensageiro levou a Jesus as notícias de que seu amigo Lázaro estava morrendo, Cristo deliberadamente adiou sua partida. Ele iniciou sua viagem para Betânia depois de dois dias, sabendo que Lázaro já havia morrido.

Ao chegar, encontrou Marta esperando por ele ainda fora da cidade. “Senhor, se estivesse aqui meu irmão não teria morrido”, disse ela.

Marta e sua irmã, Maria, haviam pedido insistentemente a cura a Jesus, em quem elas confiavam completamente. Mesmo tendo o irmão frio na sepultura, Marta ainda descansava na doce certeza de que aquilo que Jesus escolhera fazer era o certo. A verdade é que Jesus optou por atender ao pedido delas do jeito dele e no tempo dele. “O seu irmão vai ressuscitar”, disse ele.

Marta lembrou-se de seu ensinamento anterior e respondeu: “Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia”.

Jesus lhe explicou o que estava ensinando. “Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente”. Então, fez uma pergunta ainda mais importante — uma que aborda um assunto de importância muito maior do que o alívio temporário das dores da doença: “Você crê nisso?”.

Marta entendeu o pleno significado da questão e declarou sua fé em termos não ambíguos. Com isso, Jesus deu-lhe de presente um pouco de sua promessa derradeira ao realizar a cura derradeira, revertendo a morte e a deterioração de Lázaro.

Jesus, a cura, não veio para prolongar nossa existência terrena nem mesmo torná-la mais agradável — pelo menos não agradável da maneira egoísta e mimada que preferiríamos. Ele veio para trazer a cura da doença que ameaça a vida eterna, para nos dar a alegria que ultrapassa em anos-luz e éons a simples felicidade.

Ele curou Lázaro da morte e da decadência, mas uma cura desse tipo é apenas temporária. Lázaro acabou morrendo de novo. Ainda que recebamos cura completa de todas as ameaças à nossa saúde, por fim enfrentaremos a morte. É uma consequência inevitável do pecado. Jesus, a cura, porém, não permitirá que a morte vença a última batalha. Por causa dele, podemos almejar uma cura derradeira e permanente.

Quando refletia sobre sua batalha contra o câncer de cólon, Tony Snow incluiu o seguinte lembrete:

A maioria de nós já viu amigos que foram para os braços de Deus não com resignação, mas com paz e esperança. Ao fazê-lo, eles não nos ensinaram a morrer, mas a viver. Imitaram Cristo ao transmitir o poder e a autoridade do amor.

Alguns anos atrás, sentei-me ao lado do leito onde estava um grande amigo meu, atacado por um câncer devastador. Ele mantinha no criado-mudo uma Bíblia surrada e uma edição de 1928 do Livro de Oração Comum. Um pesar devastador incapacitou sua família, muitos de seus velhos amigos e pelo menos um sacerdote. Ali estava um amigo humilde e muito bom, alguém que se desculpava quando tremia de dor porque achava que isso fazia com que as visitas se sentissem desconfortáveis. Ele manteve a serenidade e o bom humor literalmente até seu último momento de consciência. “Vou tentar vencer [esse câncer]”, disse-me ele alguns meses antes de morrer. “Mas, se não conseguir, vejo você do outro lado”.

Seu presente foi lembrar a todos ao seu redor que, embora Deus não nos prometa um amanhã, ele de fato nos promete a eternidade — cheia da vida e do amor que não podemos compreender — e que uma pessoa pode, em meio às dores da doença, mostrar para o restante de nós a direção de verdades atemporais que nos ajudarão a enfrentar as tempestades futuras.

No meio de tais provações, Deus nos manda escolher: acreditamos ou não?³

³ *Christianity Today*, vol. 51, nº 7, p. 30-32.

CAPÍTULO DEZ

Permanecendo em Cristo

DURANTE MUITOS MESES, nuvens de tempestade se formaram sobre Jerusalém. Jesus concentrou sua atenção na Galiléia durante a parte inicial de seu ministério, mas viajou regularmente para a cidade santa, na Judéia, a fim de celebrar mais algumas festas judaicas que aconteciam durante o ano. Cada visita intensificava a tensão entre Jesus e o *establishment* religioso — os saduceus, com seu controle sobre o templo, e os fariseus, que mantinham as garras sobre o povo.

Os discípulos podiam sentir o perigo crescente. Desse modo, quando Jesus anunciou que eles viajariam para visitar Marra e Maria na vila de Betânia, a apenas três quilômetros de Jerusalém, Tomé virou-se para os outros discípulos e deu de ombros: “Vamos também para morrermos com ele” (Jo 11:16). O medo dos discípulos não era infundado. Na última visita, uma multidão irada tentara apedrejar o Mestre.

Depois de Jesus ter ressuscitado Lázaro dos mortos, um novo grupo de seguidores juntou-se a ele. Contudo, vários amigos dos fariseus viam sua crescente popularidade como uma ameaça e correram para Jerusalém com as notícias.

Então os chefes dos sacerdotes [saduceus] e os fariseus convocaram uma reunião do Sinédrio. “O que estamos fazendo?”, perguntaram

eles. “Aí está esse homem realizando muitos sinais miraculosos. Se o deixarmos, todos crerão nele, e então os romanos virão e tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação.” Então um deles, chamado Caifás, que naquele ano era o sumo sacerdote, tomou a palavra e disse: “Nada sabeis! Não percebeis que vos é melhor que morra um homem pelo povo, e que não pereça toda a nação”.

João 11:47-50

Com isso, teve início o plano para matar Jesus.

Os líderes religiosos precisariam ser muito astutos. Não tiveram coragem de prender Jesus em público temendo que a crescente multidão de seus seguidores se voltasse contra eles e iniciasse uma revolução. E nada provocaria mais rapidamente a ira de Roma do que uma insurreição. Quando derrotou o escravo fugitivo Espártaco, juntamente com seis mil rebeldes, Marco Licínio Crasso crucificou-os ao longo do caminho que levava à cidade natal de Espártaco, colocando as cruzes em intervalos regulares. O general nunca deu ordem para que os corpos ou as cruzes fossem removidos, de modo que, por vários anos — talvez até décadas — os macabros memoriais de madeira advertiram os pretensos revolucionários: *Poderia ser você.*

SALVE, REI JESUS!

Imagine a perturbadora consternação das autoridades religiosas quando Jesus chegou a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa. Ele optou deliberadamente por montar um humilde jumentinho, o que não apenas era um reconhecido símbolo de paz, mas uma clara referência à profecia messiânica de Zacarias.

Alegre-se muito, cidade de Sião!
 Exulte, Jerusalém!
 Eis que o seu rei vem a você,
 justo e vitorioso,
 humilde e montado num jumento,
 um jumentinho, cria de jumenta.

Ele destruirá os carros de guerra de Efraim
 e os cavalos de Jerusalém,
 e os arcos de batalha serão quebrados.
 Ele proclamará paz às nações
 e dominará de um mar a outro,
 e do Eufrates até os confins da terra.

Zacarias 9:9-10

Os governantes religiosos entenderam claramente a mensagem que ele enviara. Ela dizia, com efeito: “Estou chegando em paz como seu Messias, o prometido rei-sacerdote de Israel. Abdiquem de sua autoridade em meu favor, e começaremos a construir um novo reino”. Milhares dos seguidores de Jesus responderam a esse gesto dando-lhe as boas-vindas reservadas à realeza. Eles se alinharam numa estrada que levava até a cidade, invocaram seu nome e cobriram o caminho com ramos de palmeira e suas próprias capas. Eles gritavam “Hosana!”, que significa “Salve-nos agora!”.

Todos conheciam a tradição. Por centenas de anos, os judeus haviam recitado o salmo 118 esperando por esse dia.

A pedra que os construtores rejeitaram
 tornou-se a pedra angular.
 Isso vem do SENHOR,
 e é algo maravilhoso para nós.
 Este é o dia em que o SENHOR agiu;
 alegremo-nos e exultemos neste dia.
 Salva-nos, SENHOR! Nós imploramos.
 Faze-nos prosperar, SENHOR! Nós suplicamos.
 Bendito é o que vem em nome do SENHOR.
 Da casa do SENHOR nós os abençoamos.
 O SENHOR é Deus, e ele fez resplandecer sobre nós a sua luz.
 Juntem-se ao cortejo festivo, levando ramos até as pontas do altar.
 Salmos 118:22-27

Em ocasiões anteriores, Jesus havia adorado no templo e ensinado a ouvintes atentos. Quando desafiado pela elite religiosa, ele

respondeu, mas nunca à custa de sua missão de ensino e pregação. Ele pregava contra a corrupção que via ali e até mesmo interrompeu os negócios dos religiosos mais de uma vez. Agora, porém, era diferente. Dessa vez ele veio para clamar autoridade sobre o templo e assumir sua posição contra o crime organizado de Anás, o agente do poder por trás do ofício de sumo sacerdote.

Em determinado momento durante a tumultuada semana após sua chegada, Jesus sentou-se para ensinar no templo. Assim que um grande grupo de seguidores e conspiradores se reuniu ao redor do ousado rabi para ouvir uma parábola, Jesus prendeu a atenção deles com as palavras de abertura: “Havia um proprietário de terras que plantou uma vinha. Colocou uma cerca ao redor dela, cavou um tanque para prensar as uvas e construiu uma torre...” (Mt 21:33).

A maioria das imagens presentes nos ensinamentos de Jesus vinha de experiências comuns aos judeus do século I: pastor e rebanho, semeador e semente, vinho e vasilhas, mestres e servos. Mas nenhuma metáfora tocava mais a alma dos hebreus que a imagem de um agricultor e sua vinha. Pelo fato de essa imagem ilustrar de maneira tão tocante o cuidado especial de Deus pela nação de Israel, a parábola do profeta Isaías caiu como uma repreensão pungente, e continuou a doer por muitas gerações depois de os babilônios terem esmagado os hebreus de modo tão cruel.

Cantarei para o meu amigo
o seu cântico a respeito de sua vinha:
Meu amigo tinha uma vinha na encosta de uma fértil colina.
Ele cavou a terra, tirou as pedras
e plantou as melhores videiras.
Construiu uma torre de sentinela
e também fez um tanque de prensar uvas.
Ele esperava que desse uvas boas,
mas só deu uvas azedas.

“Agora, habitantes de Jerusalém e homens de Judá,
julguem entre mim e a minha vinha.

Que mais se poderia fazer por ela que eu não tenha feito?
Então, por que só produziu uvas azedas, quando eu esperava uvas boas?

Pois eu lhes digo o que vou fazer com a minha vinha:
Derrubarei a sua cerca para que ela seja transformada em pasto;
derrubarei o seu muro para que seja pisoteada.
Farei dela um terreno baldio;
não será podada nem capinada;
espinheiros e ervas daninhas crescerão nela.
Também ordenarei às nuvens que não derramem chuva sobre ela.”

Pois bem, a vinha do SENHOR dos Exércitos é a nação de Israel,
e os homens de Judá são a plantação que ele amava.
Ele esperava justiça, mas houve derramamento de sangue;
esperava retidão, mas ouviu gritos de aflição.

Isaías 5:1-7

Antes de Jesus concluir a primeira sentença, discípulos e conspiradores estavam sentados em total atenção.

“Ouçam outra parábola: Havia um proprietário de terras que plantou uma vinha. Colocou uma cerca ao redor dela, cavou um tanque para prensar as uvas e construiu uma torre. Depois arrendou a vinha a alguns lavradores e foi fazer uma viagem. Aproximando-se a época da colheita, enviou seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe pertenciam. Os lavradores agarraram seus servos; a um espancaram, a outro mataram e apedrejaram o terceiro. Então enviou-lhes outros servos em maior número, e os lavradores os trataram da mesma forma. Por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: ‘A meu filho respeitarão’. Mas quando os lavradores viram o filho, disseram uns aos outros: ‘Este é o herdeiro. Venham, vamos matá-lo e tomar a sua herança’. Assim eles o agarraram, lançaram-no para fora da vinha e o mataram. Portanto, quando vier o dono da vinha, o que fará àqueles lavradores?”

Mateus 21:33-40

Os oficiais do sumo sacerdote e os fariseus começaram a se contorcer quando alguém na multidão respondeu: “Matará de modo horrível esses perversos e arrendará a vinha a outros lavradores, que lhe dêem a sua parte no tempo da colheita” (Mt 21:41).

A VIDEIRA VERDADEIRA

A cada ano, o povo hebreu celebrava a Páscoa com uma festa que durava uma semana — era a observação combinada da Festa da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos. Por cerca de dois mil anos, eles faziam uma pausa anual para celebrar a libertação de seus ancestrais do Egito e sua instalação, pela mão de Deus, na terra prometida. Jesus reuniu seus discípulos numa sala especialmente preparada para aquilo que ele sabia ser seu último momento junto ao grupo antes de sua morte. Nessa refeição final, que celebrava a fidelidade de Deus a Israel, ele resumiria seu ensino, prepararia seus discípulos para levar adiante seu ministério e daria um novo significado aos rituais da celebração da Páscoa.

À medida que o ministério de Jesus avançou, seus discípulos amadureceram e a mensagem dele mudou do mesmo modo. Para o público em geral, ele dizia: “Venham a mim”. Para aqueles que vieram, ele convidava: “Sigam-me”. E para aqueles que o seguiam, ele pedia: “Permaneçam em mim”. Sua mensagem no cenáculo fora planejada para os crentes, aqueles que o haviam aceitado como seu Messias e como a encarnação de Deus, embora ciente de que levaria um pouco mais de tempo até que eles entendessem completamente as implicações dessa verdade.

Depois de reiterar a predição anterior de que seria espancado e assassinado pelos líderes religiosos de Israel, Jesus voltou a um tema anterior para ilustrar de que maneira continuaria, apesar de tudo, seu relacionamento com os discípulos. “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor” (Jo 15:1).

Compare a parábola da vinha com as outras, e você verá uma dramática mudança nas imagens. Nesta versão, Jesus assumiu o lugar de Israel, afirmando ser a videira saudável e autêntica que a nação havia deixado de ser. O reino de Deus era seu próprio rei.

O propósito da parábola de Jesus é ensinar os crentes a viver como cidadãos do novo reino por meio da aplicação de um conceito que ele chamou de *permanecer*. A razão de Deus ter plantado a videira na terra prometida — a razão pela qual qualquer pessoa planta uma videira — era a produção de frutos. Tragicamente, porém, Israel fracassou. Do mesmo modo, muitos cristãos deixam de permanecer e, portanto, não produzem coisa alguma. O pastor inglês Andrew Murray lamentou, dizendo:

Receio que existam muitos seguidores sérios de Jesus a quem o significado de [*permanecer*] esteja oculto. Embora confiem em seu Salvador para obtenção de perdão e ajuda, e ainda que busquem, até certo ponto, obedecer-lhe, é difícil que tenham percebido a qual tipo de união próxima, a qual tipo de intimidade de comunidade ele os convidou quando disse “Permaneçam em mim”. Isso não apenas é uma perda indizível para eles mesmos, mas a igreja e o mundo sofrem diante daquilo que eles perdem.¹

Normalmente, os cristãos presumem que a produção de frutos é responsabilidade deles, algo que devem fazer como gratidão por aquilo que Cristo lhes fez. Tentam ser bons, amáveis, corretos, generosos e fiéis — ter todas as qualidades que definem Jesus. Eles se esforçam muito e, no final, terminam fracassando, se condenam, prometem melhorar, tentam de novo... e falham mais uma vez. Quando começam a perceber que não podem satisfazer o padrão de qualidade que impuseram a si mesmos, eles ou abaixam o padrão, ou se distraem com atividades que criam a ilusão de sucesso. Essa pode ser uma boa descrição do relacionamento que você tem com Deus.

Lewis Sperry Chafer, fundador do Seminário Teológico de Dallas, escreveu: “Grande parte de nossa vida cristã nada mais é que um anestésico barato para diminuir a dor de uma vida vazia”.²

¹ *Abide in Christ*, p. 1.

² Citação de Lewis Sperry Chafer baseada em lembranças de Charles R. Swindoll e John Walvoord. Não há fonte disponível.

A. W. Tozer coloca a questão de outra maneira:

“Que a inadequação de grande parte de nossa experiência espiritual não esteja ligada ao nosso hábito de pular de um lado para o outro pelo corredor do reino como crianças no mercado, sempre tagarelando sobre tudo, mas não aprendendo o valor verdadeiro de nada”.³

Essas palavras descrevem o estado espiritual de Israel na época de Jesus. Mas, para que não nos coloquemos na posição de condenar, é preciso reconhecer que essa acusação de Israel também se aplica a nós. A vida à qual Deus nos chamou não é apenas difícil; é absolutamente impossível — pelo menos como temos tentado vivê-la. Felizmente, Jesus ofereceu um caminho melhor.

UMA VIDA COM UTILIDADE

A parábola envolve três personagens: a videira (Jesus, “eu sou”), o agricultor (“meu Pai”) e os ramos (seus seguidores).

Todo ramo que, estando em mim, não dá fruto, ele corta; e todo que dá fruto ele poda, para que dê mais fruto ainda.

João 15:2

A expressão “em mim” representa o que os teólogos chamam de verdade posicional. O apóstolo Paulo freqüentemente descreve os cristãos como aqueles que estão “em Cristo”. Essa expressão descreve de maneira figurativa o relacionamento de uma pessoa com Cristo, que é de tal modo que Deus trata a pessoa como trataria Jesus.

Pense da seguinte maneira. Se você pegasse seu carro e tentasse entrar direto pelo portão principal da Casa Branca em Washington DC, certamente acabaria tendo de fazer uma volta. Os guardas não o deixariam entrar. Se, porém, o presidente da República enviasse o carro oficial para pegá-lo e passar pelo portão, você receberia o mes-

³ *God's Pursuit of Man*, s.p.

mo tratamento que ele recebe. Em virtude de seu posicionamento no carro do presidente, o guarda lhe daria o mesmo tratamento devido ao presidente. Ele apertaria um botão, e o portão se abriria diante do motorista antes mesmo que ele desse um toque nos freios.

Estar “em Cristo” coloca a pessoa no correto relacionamento com o Pai. Paulo diz: “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1). O crente é visto como alguém que possui a mesma reputação de justo que Jesus tem. Tendo assegurado o destino eterno do crente, Jesus deixa de lado a questão de posição — “em mim” — e parte para o aspecto da produção. O propósito de um ramo não é diferente do da videira: produzir o fruto. Jesus disse: “Todo ramo que, estando em mim, não dá fruto, ele corta”.

Muitas versões da Bíblia traduzem a importante palavra grega deste versículo como “tira” e até mesmo “corta”, porém a definição mais importante é “erguer do chão”.⁴ Um dos significados possíveis e, na verdade, o mais comum, é “elevar com o objetivo de carregar, de levar para fora ou descartar”.⁵ Para manter-se dentro da metáfora, Jesus provavelmente estava referindo-se à prática do agricultor de erguer um ramo caído e prendê-lo à treliça — um procedimento chamado de “treino”. O agricultor também poda cuidadosamente os ramos para promover um crescimento sadio.

A interpretação de uma parábola exige que apreciemos a riqueza das imagens presentes na história sem enxergar mais do que o autor tinha em mente. Olhe para uma coisa por bastante tempo, e você ficará com aquilo impresso na sua imaginação. Sendo assim, devemos evitar ver mais do que aquilo que a parábola diz. Jesus não identifica o que o fruto representa. Alguns sugeriram que o fruto de um crente é outro crente — em outras palavras, uma pessoa opta por colocar sua fé em Jesus Cristo como resultado da influência de

⁴ Gerhard KITTEL, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 1, p. 185.

⁵ Idem.

um crente. Talvez Jesus tivesse isso em mente, mas “fruto” também pode ser uma referência a outro produto digno de nota.

O apóstolo Paulo usou a imagem de fruto para descrever as qualidades de caráter que marcam um crente sadio e maduro. Ele listou um número de qualidades de Cristo em sua carta aos Gálatas. “O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei” (Gl 5:22-23).

Todavia, não sabemos o que Jesus quis dizer especificamente com o termo fruto. Nas figuras bíblicas, o fruto é a indiscutível prova de identidade. Uma pessoa destreinada terá dificuldade, por exemplo, para diferenciar uma macieira de uma pereira. Mas, se os ramos estiverem repletos de pêras, ninguém terá dúvidas sobre a identidade da árvore. Além disso, uma colheita abundante é sinal indiscutível de saúde. Até mesmo um novato em agricultura sabe que uma grande quantidade de frutos suculentos e deliciosos só pode vir de uma planta forte e sadia.

“Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. Nenhum ramo pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em mim. Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma.”

João 15:4-5

Observe que Jesus não ordenou que os crentes produzissem fruto. O fruto é o *propósito* do ramo, mas não é a *responsabilidade* do ramo. O ramo não pode produzir coisa alguma sozinho. Contudo, se permanecer ligado à videira, ele receberá seiva, alimento, força, enfim, tudo aquilo de que precisa. Se permanecer conectado à videira, ele inevitavelmente ficará cheio de uvas.

O foco de uma atividade cristã não é o enorme esforço para produzir o fruto, mas para manter sua conexão com Jesus Cristo limpa e forte. Uma maneira de fazer isso é absorver o ensinamento

da Palavra de Deus, os 66 livros da Bíblia. Leia a Palavra de Deus... pense nela, aplique-a, fale sobre ela com outras pessoas, faça perguntas, memorize partes da Palavra. A conexão traz força e produtividade. Contudo, de acordo com Jesus, deixar de conectar-se à videira leva a conseqüências trágicas.

Se alguém não permanecer em mim, será como o ramo que é jogado fora e seca. Tais ramos são apanhados, lançados ao fogo e queimados.

João 15:6

A interpretação de João 15:6 é um tópico de muito debate entre os crentes. Alguns já sugeriram que alguém que “não permanecer em mim” é um crente que deixou de ser fiel e perdeu sua salvação. Mas Jesus disse que ninguém pode ser salvo e depois deixar de sê-lo (Jo 10:27-29). Outros propõem que aquele que “não permanecer” nunca foi um crente genuíno — como aqueles que rejeitaram Jesus totalmente ou os que simplesmente professam crer, mas não acreditam de fato. O contexto de toda essa ilustração de Jesus, porém, está concentrado e limitado aos crentes. Podemos deduzir isso porque João 15:2 fala de todo ramo que está “em mim”, o que presume a existência de um relacionamento, e porque 15:3 especifica que a audiência de Jesus eram aqueles que “já estão limpos”.

Talvez Jesus estivesse pensando na analogia do profeta Ezequiel, do Antigo Testamento.

A palavra do SENHOR veio a mim. Disse ele: “Filho do homem, em que a madeira da videira é melhor do que o galho de qualquer árvore da floresta? Alguma vez a madeira dela é usada para fazer algo útil? Alguém faz suportes com ela para neles pendurar coisas? E depois de lançada no fogo como combustível e o fogo queimar as duas extremidades e carbonizar o meio, servirá para alguma coisa? Se não foi útil para coisa alguma enquanto estava inteira, muito menos o será quando o fogo a queimar e ela estiver carbonizada.

Ezequiel 15:1-5

A questão é simplesmente esta: os agricultores colocam os ramos soltos de lado porque eles estão mortos. Ramos secos não prestam para nada. O comentarista bíblico Warren Wiersbe explica muito bem:

Não é prudente construir doutrinas teológicas sobre uma parábola ou uma alegoria. Jesus estava ensinando uma verdade importante — a vida frutífera do crente —, e não devemos ir muito longe com os detalhes. Assim como um ramo sem frutos é inútil, do mesmo modo um crente sem frutos é inútil; os dois exigem uma intervenção. É trágico ver um crente outrora frutífero aposentar e perder seu privilégio de comunhão e serviço.⁶

Alguém que deixa de permanecer é uma pessoa que tenta transformar seu próprio caráter para produzir as qualidades de Cristo, sem que tenha uma conexão com ele. Isso é inútil; jamais funciona. Na verdade, é um plano perfeito para secar e murchar. Baseando-se na analogia de Ezequiel, Jesus disse que essa vida não serve para nada. Tentar produzir um bom caráter por esforço próprio não apenas leva à futilidade, mas com freqüência produz exatamente o oposto daquilo que desejamos.

O apóstolo Paulo levou à imagem do fogo um pouco mais além. Retratando os feitos de um cristão como material de construção para uma casa, ele imaginou de que maneira a construção pode sobreviver a um incêndio.

Porque ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo. Se alguém constrói sobre esse alicerce usando ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno ou palha, sua obra será mostrada, porque o Dia a trará à luz; pois será revelada pelo fogo, que provará a qualidade da obra de cada um. Se o que alguém construiu permanecer, esse receberá recompensa. Se o que alguém construiu se queimar, esse sofrerá prejuízo; contudo, será salvo como alguém que escapa através do fogo.

1Coríntios 3:11-15

⁶ *The Bible Exposition Commentary*, vol. 1, p. 356.

Viver a vida longe da completa dependência de Cristo é como construir uma casa com madeira seca e quebradiça e, então, preencher as paredes com palha para isolamento. Uma simples fagulha, e a casa toda pega fogo. O proprietário escapa das chamas, mas não tem nada para mostrar como resultado de seus esforços.

Na continuação da parábola da videira, Jesus opta por concentrar-se no positivo.

“Se vocês permanecerem em mim, e as minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e lhes será concedido. Meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e assim serão meus discípulos.”

João 15:7-8

À medida que o crente permanece — ou seja, continua mantendo uma conexão vital com Jesus Cristo —, ele começa a dar o fruto das qualidades de Cristo. O crente é transformado de dentro para fora. Sua mente se concentra no tipo de pensamentos que Deus tem. O coração do crente começa a bater em perfeito ritmo com o do Pai, de modo que seus desejos refletem os desejos de Deus. Quando isso acontece, vemos pelo menos quatro outros resultados.

Primeiro, *as orações são respondidas*. Isso não significa que Deus se torna nosso gênio da lâmpada pessoal. A promessa é condicional. Se estivermos conectados à videira e nos tornarmos cada vez mais semelhantes a Jesus, nossas orações não serão egoístas, mas serão o tipo de pedido que *ele* faria. Jesus recebeu tudo o que pediu porque ele e o Pai estavam alinhados de maneira completa e consistente em seu modo de pensar.

Segundo, *Deus é glorificado*. À medida que exibirmos o caráter de Jesus e obedecermos a seus mandamentos da mesma maneira que ele obedeceu ao Pai, o Deus trino receberá todo o crédito. Ele se alegra em ver-nos refletindo seu caráter e, em resposta, procura oportunidades para demonstrar amor por seus filhos.

Terceiro, *o amor é estimulado*. Note a ausência de luta ou esforço. Quando permanecemos em Cristo, as qualidades de caráter que

honram o Senhor começam a surgir, do mesmo modo que as uvas crescem naturalmente de um ramo saudável e bem enxertado. Pelo fato de que Deus é amor (1Jo 4:8), outros notarão essa qualidade divina desenvolvendo-se dentro de nós.

Quarto, a *alegria será transbordante*. A alegria não tem que ver com felicidade superficial ou exultação passageira. É um contentamento profundo que transcende as circunstâncias difíceis e extrai o máximo prazer de toda boa experiência. Não se trata apenas de sorrir, mas permanecer em Cristo nos inspira a sorrir como nunca fizemos antes. A alegria profunda e sincera vem de completa segurança e confiança — mesmo em meio à provação. Como diz o ditado, “a alegria é a bandeira que tremula no castelo do nosso coração, anunciando que o rei está presente”.

A NOVA VINHA

Muitos séculos antes da chegada de Jesus Cristo a Jerusalém, Deus plantou uma vinha na terra prometida. Mas os ramos daquela vinha secaram, se desgastaram e deixaram de produzir bom fruto. Como todos podemos testificar, Israel deixou de agradar a Deus.

Jesus veio para fazer aquilo que nem Israel nem nós podemos fazer. Ora, ele é a vinha, e ele será fiel para produzir fruto. Jesus nos convida a nos ligarmos a ele, como um ramo que permanece na videira, de modo que nos tornemos parte de sua grande empreitada de produzir frutos. Isso não se refere à salvação. No momento da sua última noite com os discípulos, a questão da salvação já estava estabelecida. Essa é uma questão de viver de maneira abundante e de produzir uma enorme colheita de qualidades de Cristo em nosso caráter.

Se o seu destino eterno já está selado por sua crença em Cristo, a questão crucial é a maneira em que você vai viver o agora. Você vai tentar tornar-se bom e justo por sua própria conta... e transformar-se em algo que para nada presta? Ou permanecerá em Cristo... e permitirá que ele produza o bem em seu coração?

Naquela noite, quando partiu o pão sem fermento e chamou-o de seu corpo, quando serviu vinho cerimonial e chamou-o de seu sangue, Jesus convidou seus discípulos a comer e beber. Ele usou

isso — ainda outro símbolo — para ensinar a seus seguidores que a vida deve vir dele.

Até mesmo no momento em que me assentei para escrever este livro, percebi o princípio de “permanecer” em funcionamento. Não muito tempo depois de começar o primeiro capítulo, fui atingido por um surto incomum de estresse. Vários eventos significativos na minha vida pessoal, no ministério da igreja e até mesmo no meu ministério no rádio — conquanto cada um deles já fosse suficiente para provocar uma grande mudança na vida — convergiram para perturbar praticamente tudo no meu mundo. Sendo muito franco, eu não tinha a menor idéia de que seria capaz de completar este manuscrito enquanto tudo ao meu redor desmoronava. Mas minha filha Charissa fez uma observação muito útil e interessante: “Que melhor momento poderia haver para escrever um livro sobre Jesus do que aquele em que você não tem outra opção senão confiar nele?”

Ela estava certa. A pesquisa tinha sido feita. Eu já havia esboçado tudo o que precisava expressar. Contudo, o processo de escolher as palavras certas e colocá-las no papel era outra coisa. Isso já é suficientemente difícil quando me sinto bem e minha mente está livre de distrações, mas os desafios enfrentados tornaram a tarefa humanamente impossível. Descobri que, quanto mais esforço eu colocava no livro, mais lento o processo se tornava. Somente quando confessei minha total incapacidade de completar a tarefa e submeti-me ao plano soberano de Deus, é que as palavras começaram a surgir. Se eu negligenciava o tempo que normalmente passo meditando nas Escrituras e em oração em favor de obter algumas páginas a mais, o trabalho era inútil e eu tinha de começar tudo outra vez. De fato, quando olho para trás e analiso todos os projetos de escrever um livro que já concluí, vejo que aconteceu a mesma coisa. Simplesmente eu não era capaz de enxergar isso até que este projeto transformou o princípio de permanecer numa questão de sobrevivência.

Ora, pode haver maior tolice do que um ministro tentar escrever um livro sobre Jesus Cristo sem passar tempo conhecendo-o pessoalmente? Isso é tão estúpido quanto um galho seco tentar produzir um cacho de uvas!

PARTE TRÊS

O substituto

CAPÍTULO ONZE

A tempestade que se aproxima

VOCÊ PROVAVELMENTE SABE aonde esta narrativa leva. Antes de a história acabar, Jesus será crucificado e, pelo menos por um tempo, seus discípulos ficarão completamente desiludidos, perguntando “Por que tudo deu errado?”. É bem provável que eles tenham associado o fim de suas expectativas messiânicas a um dia em particular na cidade de Cafarnaum, quando Jesus começou a fazer uma seleção dentre o enorme grupo de seus seguidores.

Jesus, em contrapartida, nunca considerou seu caminho para a cruz algo diferente do desdobramento bem-sucedido de um plano. Logo no início de seu ministério, ele declarou: “Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10:34). A espada à qual ele se referiu é o mais afiado de todos os utensílios de conflito: a verdade. E aqueles que a empunham acabarão caçados pelo mal.

Depois de alimentar os cinco mil homens e suas famílias na região montanhosa da Galiléia, Jesus encontrou-se novamente com seus discípulos nas ondas do mar, e então navegaram para Cafarnaum. Enquanto isso, as multidões tentavam seguir freneticamente seus passos e finalmente deduziram que ele deveria ter acompanhado os discípulos em sua volta para a cidade natal de Pedro, André, Tiago e João.

Ao chegar, a multidão encontrou Jesus ensinando na sinagoga. O povo então o confrontou com a suspeita de que havia deliberadamente enganado a todos, mas Jesus respondeu à sua objeção com uma denúncia.

“A verdade é que vocês estão me procurando, não porque viram os sinais miraculosos, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. Não trabalhem pela comida que se estraga, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem lhes dará.”

João 6:26-27

Para os judeus reunidos em torno de Jesus na sinagoga, a repreensão era um eco da voz de Moisés, que havia desafiado a geração peregrina de israelitas:

“Lembrem-se de como o SENHOR, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não. Assim, ele os humilhou e os deixou passar fome. Mas depois os sustentou com maná, que nem vocês nem os seus antepassados conheciam, para mostrar-lhes que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca do SENHOR.”

Deuteronômio 8:2-3

No deserto, o povo da aliança de Deus precisou decidir entre alimentar o estômago e nutrir a alma. Deus providenciou o maná — alimento semelhante a um pão que caía do céu durante a noite — para sustentar os israelitas em sua peregrinação e ensinar-lhes como valorizar a Palavra de Deus acima de qualquer satisfação física. De maneira similar, naquele monte, Jesus providenciara comida mais que suficiente para uma multidão que ultrapassava cinco mil pessoas. Durante todo o seu ministério, sua promessa foi: “Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas [as necessidades físicas] lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33).

Os professores normalmente sabem quando um aluno trocou a ignorância por uma cegueira proposital em relação à verdade. Nenhuma quantidade de educação ou persuasão fará com que o aluno mude de idéia. A maioria dos seguidores reunidos em torno de Jesus na sinagoga queria um rei que simplesmente lhes fornecesse segurança política e abundância física. Eles queriam um Messias que os livrasse de Roma, não um Salvador que os resgatasse do pecado. Eles queriam saber como agradar a Deus não porque o temessem ou o amassem, mas porque divindades felizes abençoam as pessoas, e deuses irados fazem coisas terríveis. “O que precisamos fazer para realizar as obras que Deus requer?” (Jo 6:28), perguntaram.

A questão era muito importante — não apenas para o destino eterno das pessoas que a levantaram, mas para o futuro do Messias. O Cristo viera para morrer em favor daqueles que confiassem nele, para salvá-los de seu pecado e da justa pena da ira de Deus. Contudo, ele deveria ter morrido nas mãos dos inimigos de Israel — os adversários do Reino de Deus — e não entre seus irmãos.

Contudo, a linha de batalha entre o bem e o mal não se prende a fronteiras, raças ou outro tipo de limite. A batalha cósmica entre o bem e o mal divide corações indiscriminadamente, porque cada pessoa escolhe seu lado. Estranhamente, não é uma escolha entre verdade e inverdade — Deus jamais exigiria que uma mente obscura fizesse tal escolha. Isso seria mais cruel que exigir que um paraplégico se arrastasse até um tanque numa corrida para ver quem consegue a cura. Nossa opção é feita pela maneira com que respondemos ao Redentor, aquele que tem algo que já sabemos que falta dentro de nós. Aqueles que o rejeitam, o fazem conscientemente. Em algum ponto da vida de toda pessoa, a ignorância deixa de ser a questão principal, e optamos ou por dar atenção à voz que ressoa no vazio de nossa alma ou por voluntariamente obedecer a ela.

É por isso que Jesus disse: “Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois eu vim para fazer que ‘o homem fique contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra; os inimigos do homem serão os da sua própria família’” (Mt 10:34-36). É óbvio que Deus deseja que as famílias permaneçam

juntas, mas infelizmente a verdade de Jesus Cristo é um divisor. Na maioria dos casos, há muitas tonalidades de cinza, mas este não é o caso aqui. O mundo inteiro — chegando até cada lar individual — vem sendo repartido em reinos, o da luz e o das trevas.

O que precisamos fazer para realizar as obras que Deus requer? Jesus disse: “A obra de Deus é esta: crer naquele que ele enviou” (Jo 6:29). Com a chegada de Jesus Cristo, o reino de Deus deixou de ser um reino que é definido pela geografia, para ser um reino estabelecido no coração daqueles que optam por crer.

Em determinado ponto de sua história, talvez naquele mesmo dia em Cafarnaum, Jesus começou a ensinar basicamente por meio de parábolas. Quando os doze perguntaram a razão de agir assim, ele respondeu: “Por essa razão eu lhes falo por parábolas: ‘Porque vendo, eles não vêem e, ouvindo, não ouvem nem entendem’” (Mt 13:13). As parábolas de Jesus permitem ao observador ver o que seu coração escolhe ver, algo que é determinado pela maneira de essa pessoa responder a Jesus.

Tendo tomado tal decisão, Jesus então ofereceu uma parábola para selar seu destino — uma rachadura que se tornaria um abismo.

Declarou-lhes Jesus: “Digo-lhes a verdade: Não foi Moisés quem lhes deu pão do céu, mas é meu Pai quem lhes dá o verdadeiro pão do céu. Pois o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo”... “Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome; aquele que crê em mim nunca terá sede”.

João 6:32-33,35

Alguns acreditaram e muitos murmuraram. Jesus continuou.

“Os seus antepassados comeram o maná no deserto, mas morreram. Todavia, aqui está o pão que desce do céu, para que não morra quem dele comer. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre. Este pão é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo.”

João 6:49-51

Naturalmente, essa era a predição de Jesus de que ele sacrificaria a si mesmo para prover vida eterna a qualquer um que a recebesse. Mas a largura da brecha que separava os verdadeiros crentes dos derradeiros traidores de Jesus ficava cada vez maior.

Então os judeus começaram a discutir exaltadamente entre si: “Como pode este homem nos oferecer a sua carne para comer-mos?” Jesus lhes disse: “Eu lhes digo a verdade: Se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o seu sangue, não terão vida em si mesmos. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Da mesma forma como o Pai que vive me enviou e eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa. Este é o pão que desceu dos céus. Os antepassados de vocês comeram o maná e morreram, mas aquele que se alimenta deste pão viverá para sempre”.

João 6:52-58

Tudo seria diferente depois disso. Se Jesus estivesse concorrendo a um cargo político, o coordenador da sua campanha teria pedido as contas. Naquele dia, em Cafarnaum, Jesus dividiu seu eleitorado e afastou a maioria. Aqueles entre os doze que entendiam de política colocaram a mão na cabeça ao ver seu futuro no novo governo de Israel virar fumaça. Mas Jesus não veio para ganhar a aprovação das pessoas, nem para influenciar uma maioria impedida de votar a abraçar sua plataforma e levá-lo a uma posição de poder em Jerusalém. Ele veio para falar “a verdade”. Vamos encarar os fatos: a verdade raramente é popular. De fato, ela normalmente ofende a maioria.

Por falar nisso, foi nesse momento que muitos abandonaram Jesus. Ele não era o Messias pelo qual estavam esperando. Jesus voltou-se para os doze e perguntou: “Vocês também não querem ir?”

(Jo 6:67). Pedro disse, com efeito: “Não entendemos muito bem o que o Senhor acabou de dizer, mas nossa única esperança está em ti. Não temos nenhum outro lugar aonde ir. Escolhemos o Senhor, e isso basta”.

Essas foram as mais doces e autênticas palavras que um discípulo poderia ter dito.

A resposta de Jesus esclareceu um ponto sutil e revelou uma idéia assustadora. “Não fui eu que os escolhi, os Doze? Todavia, um de vocês é um diabo!” (v. 70). A batalha cósmica entre o bem e o mal faz separação entre os corações e, naquele dia, uma rachadura sutil — uma trinca quase imperceptível — formou-se dentro de um deles.

GUIAS CEGOS

A divisão entre Jesus e os fariseus sempre se assemelhou a um grande abismo. Jesus veio para falar a verdade; os fariseus tinham o desejo de controle. Uma coisa sempre será verdade em relação aos controladores: eles destroem aquilo que não podem controlar.

Enquanto Jesus ainda ministrava na Galiléia, um enviado dos fariseus viajou de Jerusalém para se encontrar com o Mestre e conversar sobre um assunto que os inquietava profundamente. Provavelmente eles acharam que aquela era uma missão de misericórdia, na qual redimiriam um rabi genioso. Naturalmente, as pessoas que procuram controlar não vêem o mundo em termos de conformidade com a verdade ou inverdade, mas em termos de concordância com elas próprias. “Por que os seus discípulos transgridem a tradição dos líderes religiosos? Pois não lavam as mãos antes de comer!” (Mt 15:2)

Sua declaração inicial apresenta a primeira pista de que alguma coisa estava terrivelmente errada. Os emissários da capital religiosa judaica fizeram uma jornada de quatro dias para reclamar a Jesus que os discípulos dele não lavam as mãos antes de comer. Para nós, isso é trivial; mas, para os fariseus, a questão da limpeza cerimonial

das mãos resumia tudo o que um judeu fiel deveria valorizar, incluindo a pureza e a distinção do mundo como um todo.

Alfred Edersheim captou muito bem o fastio do ritual dos fariseus:

Jarras de água eram mantidas prontas para uso antes de qualquer refeição. A quantidade mínima de água a ser usada era a de um quarto de um logue, definida como o suficiente para encher uma casca de ovo e meia. A água era primeiramente derramada em ambas as mãos, com os dedos apontados para cima, e deveria correr na direção do braço, chegando até o pulso. Deveria pingar do pulso, pois, nesse momento, ela própria era impura, tendo tocado mãos imundas. Se voltasse para os dedos de novo, faria com que eles se tornassem impuros. O processo era repetido com as mãos colocadas na direção oposta, com os dedos apontando para baixo; então, finalmente, cada mão era limpa ao ser esfregada com o punho da outra. Um judeu muito rigoroso faria tudo isso não apenas antes de uma refeição, mas também entre cada um dos pratos de uma mesma refeição.¹

Muitos séculos antes dessa confrontação, o povo judeu foi conquistado pelos babilônios e levado para servir ao império na terra natal dos invasores. Tendo seu templo destruído e sua terra colonizada por outras culturas, os judeus se voltaram para a lei de Deus a fim de sustentar sua identidade nacional e manter sua distinção como povo especialmente escolhido por Deus. Para ajudá-los a aplicar a lei à vida diária em seu novo e desconhecido lar, mestres das Escrituras judaicas escreveram instruções muito cuidadosas a serem seguidas pelo povo. Contudo, o que começou como uma ajuda prática para judeus conscienciosos tornou-se uma tradição sagrada que ganhou vida própria.

Esse conjunto de tradições rigorosas terminou suplantando a própria lei que pretendia apoiar. Na época de Jesus, deixar de observar essa tradição era considerado desobediência à lei de Deus. Além do

¹ *The Life and Times of Jesus the Messiah*, vol. 2, p. 11.

mais, essa religiosidade criada pelos homens tornou-se o meio pelo qual os fariseus mantinham a ilusão da superioridade moral. Ironicamente, seu zelo religioso colocou-os numa posição de desacordo com Deus. Eles não apenas eram motivados pela ambição pelo poder, mas suas tradições freqüentemente violavam a própria lei que eles supostamente valorizavam.

Respondeu Jesus: “E por que vocês transgridem o mandamento de Deus por causa da tradição de vocês? Pois Deus disse: ‘Honra teu pai e tua mãe’ e ‘Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado’. Mas vocês afirmam que se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: ‘Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é uma oferta dedicada a Deus’, ele não está mais obrigado a ‘honrar seu pai’ dessa forma. Assim, por causa da sua tradição, vocês anulam a palavra de Deus. Hipócritas! Bem profetizou Isaías acerca de vocês, dizendo:

‘Este povo me honra com os lábios,
mas o seu coração está longe de mim.

Em vão me adoram;

seus ensinamentos não passam de regras ensinadas por homens”.

Mateus 15:3-9

A espada da verdade tem apenas um alvo: o coração. Quando o coração de um hipócrita é atingido, sangra ressentimento... e, por fim, ódio. Jesus concluiu sua repreensão com um esclarecimento: “Ouçam e entendam. O que entra pela boca não torna o homem ‘impuro’; mas o que sai de sua boca, isto o torna ‘impuro’” (Mt 15:10-11).

Depois que os fariseus voltaram para Jerusalém, os discípulos de Jesus, muito preocupados, se aproximaram dele com uma observação que, tenho certeza, achavam que seria útil. “O Senhor sabia que, ao ouvirem o que disse, os fariseus ficaram ofendidos?”. Os doze sabiam das ramificações; eles temiam que algo além de fagulhas políticas voasse pelos ares depois daquela trombada. Os fariseus haviam sido bem-sucedidos em se colocar como o epítome do

judaísmo na mente coletiva dos israelitas. Ofender os fariseus era colocar-se contra uma instituição com mais de quatrocentos anos de idade.

Em 167 a.C., o conquistador selêucida Antíoco Epifânio invadiu Israel e impôs a adoração pagã sobre os judeus. Contudo, na cidade de Modi'in, um sacerdote justo lançou mão da espada e deu início àquela que mais tarde ficou conhecida como a Revolta dos Macabeus. A Festa das Luzes, o *Chanuca*, celebra a vitória alcançada como resultado da recusa do sacerdote de comprometer sua pureza judaica. Essa era a herança reclamada pelos fariseus. Suas “tradições” eram a pedra angular sobre a qual eles buscavam reconstruir a nação.

Os discípulos sabiam o que estava em risco. Rejeitar essa pedra angular era arriscar-se a ser esmagado por ela.

Jesus também sabia disso.

“AI DE VOCÊS”

A entrada triunfal de Jesus na capital dos hebreus marcou uma mudança em seu relacionamento com a cidade santa. Ele não mais a visitou como adorador; ele a requereu como rei. Seus súditos cobriram o caminho que ele usaria para entrar na cidade com ramos de palmeira e as próprias capas, gritando “Hosana!”, que significa “Salva-nos!”.

Enquanto as pessoas saudavam, Jesus chorava.

“Se você compreendesse neste dia, sim, você também, o que traz a paz! Mas agora isso está oculto aos seus olhos. Virão dias em que os seus inimigos construirão trincheiras contra você, a rodearão e a cercarão de todos os lados. Também a lançarão por terra, você e os seus filhos. Não deixarão pedra sobre pedra, porque você não reconheceu a oportunidade que Deus lhe concedeu.”

O primeiro ato oficial de Jesus aconteceu pouco depois da chegada ao templo. Em diversas ocasiões, ele havia denunciado a corrupção que acontecia nos pátios externos, uma instituição conhecida então como o Bazar de Anás, mas isso foi antes de assumir uma posição.

A Revolta dos Macabeus iniciou-se com um sacerdote, e o governo estabelecido em seguida foi liderado por seus filhos. Assim, por volta do ano 6 de nossa era, o ofício de sumo sacerdote se transformara numa posição da realeza, para todos os fins e efeitos. Também por volta daquela época, Israel abriu mão da maior parte de sua independência em troca da proteção de Roma. Quirino, governador da Síria apontado por Roma, escolheu um astuto jovem aristocrata chamado Anás para governar na posição de sacerdote-rei de Israel. Contudo, poucos anos depois, os ventos políticos mudaram, e o novo procurador favorecia outra pessoa. Anás foi deposto, mas, naquele momento, já se havia estabelecido como o patriarca daquilo que só poderia ser descrito como uma criminosa família judaica, uma máfia da Antiguidade.

Anás afastou-se da vida pública, mas continuou a controlar todo o gabinete político judaico em Jerusalém, incluindo o posto de sumo sacerdote. Depois de ser removido do ofício, nada menos que cinco de seus filhos e um neto o sucederam, e, na época de Jesus, Caifás, seu genro, era quem cuidava do templo.

O Bazar de Anás mantinha o dinheiro circulando nos bolsos da família e financiava a corrupção no poder. Os principais sacerdotes se recusavam a aceitar qualquer moeda que não fosse o *shekel* cunhado em Israel. Os cambistas dentro do templo trocavam alegremente qualquer moeda por *shekels* judaicos com base numa taxa inflacionada e, então, embolsavam a diferença. Além disso, a lei de Moisés afirmava que qualquer animal oferecido a Deus tinha de ser impecável; somente os melhores eram aceitos. Assim, os homens que administravam o templo inspecionavam os animais trazidos para o sacrifício, pretensamente com o objetivo de garantir que as ofertas fossem dignas. No entanto, isso nada mais era que um artifício. Eles rejeitavam animais arbitrariamente, de modo que

pudessem oferecer em troca um substituto adequado... cobrando para isso uma pequena taxa. Ironicamente, o animal “adequado” oferecido em troca fora considerado inadequado para o sacrifício de outro adorador poucos momentos antes!

Jesus entrou no templo e expulsou todos os que ali estavam comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e lhes disse: “Está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração’; mas vocês estão fazendo dela um ‘covil de ladrões’”.

Mateus 21:12-13

Os saduceus — a belicosa coleção de rivais e colegas de Anás — encontravam em Jesus um inimigo comum. Nenhum deles gostou de vê-lo fechar sua máquina de fazer dinheiro. Conseqüentemente, “os chefes dos sacerdotes, os mestres da lei e os líderes do povo procuravam matá-lo. Todavia, não conseguiam encontrar uma forma de fazê-lo, porque todo o povo estava fascinado pelas suas palavras” (Lc 19:47-48).

Depois de limpar o pátio do templo da corrupção dos saduceus, Jesus abordou a hipocrisia dos fariseus.

“Os mestres da lei e os fariseus se assentam na cadeira de Moisés. Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles lhes dizem. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam. Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los. Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens. Eles fazem seus filactérios bem largos e as franjas de suas vestes bem longas; gostam do lugar de honra nos banquetes e dos assentos mais importantes nas sinagogas, de serem saudados nas praças e de serem chamados ‘rabis’.”

Mateus 23:2-7

Pouco antes de os israelitas entrarem na terra prometida, Moisés os desafiou a transformar a Palavra de Deus numa proeminente

motivação para tudo o que fizessem. Ela deveria permear todos os aspectos da vida. Uma resposta costumeira a esse desafio assumiu a forma de um filactério, uma caixa de couro preta contendo tiras de pergaminho nas quais versículos-chave das Escrituras haviam sido cuidadosamente escritos à mão. Muitos judeus conscienciosos atavam os filactérios na testa e no braço esquerdo.

Ironicamente, essa dedicação se tornara altamente simbólica, e os fariseus usavam filactérios de tamanho extragrande para que todos soubessem quanto eles reverenciavam a Palavra de Deus. Mas Deus não concedeu as Escrituras para que elas ficassem simplesmente na testa de alguém ou fossem amarradas em seus braços. Ele queria que seu povo a recebesse e a reverenciasse, e que ela conduzisse suas escolhas e moldasse suas decisões.

Outro costume dos judeus teve início durante a peregrinação no deserto. Deus instruiu Moisés:

“Diga o seguinte aos israelitas: Façam borlas nas extremidades das suas roupas e ponham um cordão azul em cada uma delas; façam isso por todas as suas gerações. Quando virem essas borlas vocês se lembrarão de todos os mandamentos do SENHOR, para que lhes obedçam e não se prostituam nem sigam as inclinações do seu coração e dos seus olhos.”

Números 15:38-39

Os fariseus fizeram suas borlas em tamanho extragrande para mostrar quanto levavam a sério a lei de Moisés e para enfatizar sua identidade como filhos da aliança. Mas sua dedicação tão exibida tornou-se nada mais que um meio de inflar seu próprio orgulho.

Os fariseus esperavam pela chegada de um Messias conquistador. Sua tradição afirmava que ele viria repentinamente ao templo. De fato, ele chegou, mas não como eles haviam esperado. Jesus transmitiu com vigor o que poderia ser a mais penetrante repressão registrada nas Escrituras. Ele pronunciou oito vezes expressão “ai”, uma exclamação usada para expressar profunda e angustiada tristeza em relação a alguma coisa repugnante. Por sete vezes, ele os

chamou de “mestres da lei e fariseus, hipócritas”. Chamou-os cinco vezes de “cegos”. E, nessa cortante acusação, Jesus citou com todos os detalhes um catálogo de pecados que já era muito evidente havia anos, mas que não fora contestado por medo de uma desforra. Isso havia acabado, contudo. O verdadeiro Messias chegara para tomar sua posição em favor da verdade no lugar onde ela havia sido pisoteada.

Os brilhantes muros de mármore branco do templo ressoavam a voz de Jesus quando ele encerrou seu caso contra os fariseus, pronunciando um julgamento severo.

“Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês edificam os túmulos dos profetas e adornam os monumentos dos justos. E dizem: ‘Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos antepassados, não teríamos tomado parte com eles no derramamento do sangue dos profetas’. Assim, vocês testemunham contra si mesmos que são descendentes dos que assassinaram os profetas. Acabem, pois, de encher a medida do pecado dos seus antepassados! Serpentes! Raça de víboras! Como vocês escaparão da condenação ao inferno? Por isso, eu lhes estou enviando profetas, sábios e mestres. A uns vocês matarão e crucificarão; a outros açoitarão nas sinagogas de vocês e perseguirão de cidade em cidade. E, assim, sobre vocês recairá todo o sangue justo derramado na terra, desde o sangue do justo Abel, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem vocês assassinaram entre o santuário e o altar. Eu lhes asseguro que tudo isso sobrevirá a esta geração.”

Mateus 23:29-36

Os fariseus e os saduceus teriam pulado em cima de Jesus se não fosse pelos milhares de pessoas que abertamente o apoiavam. Durante várias semanas após esse episódio, ele viajou livremente pela cidade e ensinou regularmente no templo, protegido do assassina-to por sua imensa popularidade. Seus inimigos tinham de pegá-lo sozinho e despreparado, mas para isso precisariam de ajuda. Eles precisavam de alguém de dentro.

LIÇÕES DURADOURAS PARA QUEM CONTA A VERDADE

Poucas armas contra o mal podem rivalizar com a espada da verdade. Embora prontamente disponível a qualquer pessoa suficientemente corajosa para empunhá-la, poucos dela lançarão mão. Isso não é surpresa. O privilégio de brandir uma ferramenta tão poderosa é acompanhado de um alto custo: erros de interpretação, acusações falsas, relacionamentos rompidos, solidão, frustração. Além do mais, defender aquilo que é certo freqüentemente envolve confrontos terríveis com as próprias dúvidas e até mesmo auto-recriminação. Às vezes a escolha de empunhar firmemente a verdade resulta em vitória gloriosa; o mais comum, porém, é que o contra-ataque do mal venha com espantosa ferocidade e permanente devastação.

Para aqueles que são chamados a empunhar a espada da verdade, ofereço quatro lições do exemplo de Jesus.

Primeira, *saber qual é sua missão ajudará você a permanecer concentrado no objetivo*. Jesus entendia claramente a razão da sua vinda à terra e nunca permitiu que a popularidade, o sucesso, a oposição, as ameaças e até mesmo o desacordo dentro de seu próprio grupo o distraíssem. Ele permaneceu firmemente concentrado naquela missão, embora não sem o devido cuidado por aqueles que o cercavam. Esforçou-se para transmitir a verdade com clareza. Repetiu constantemente o convite para abraçar a verdade. Mas nunca permitiu que o fracasso de outros o tirasse do curso.

Segunda, *o encontro com o mal exige confrontação*. Poucas pessoas gostam da confrontação, mas defender a verdade contra o mal inevitavelmente exigirá que ela aconteça. Às vezes será difícil dizer o que deve ser dito, assim como é difícil ser ouvido pelos outros. Apenas raramente — se é que isso acontecerá alguma vez na vida — a confrontação exigirá o tipo de repreensão radical que Jesus lançou sobre os fariseus. Quanto maior o mal, mais forte deve ser a confrontação. De maneira geral, recomendo a bondade, a não ser que uma abordagem bondosa seja irresponsável, mas nunca bondade à custa da sinceridade.

Esteja preparado para declarar a verdade abertamente.

Terceira, *vale a pena correr o risco de ser ousado no decorrer de uma luta nobre*. Defender a verdade exige ousadia. Alguns se sentirão ofendidos por ela, de modo que você deve esperar ser criticado pelo estilo quando a oposição não conseguir encontrar nenhuma falha no conteúdo. Além do mais, a ousadia pode exigir que um discurso forte seja acompanhado por uma ação igualmente forte. Talvez seja preciso deixar o emprego, terminar um relacionamento, confrontar um oponente poderoso, lutar contra o medo, lidar com as ameaças e talvez até mesmo enfrentar certo grau de derrota. Não desista. Ao colocar-se a favor da verdade, você só se arrepende de ter sido tímido, mas nunca de ter sido ousado.

Quarta, *dizer a verdade não é garantia de vitória*. Vivemos em um mundo que não funciona de acordo com as regras de Deus. O atual sistema mundial pune as boas obras e recompensa aqueles que optam pelo mal. Nas palavras de James Russell Lowell, “A verdade para sempre no cadafalso; o erro para sempre no trono”.² E, infelizmente, aqueles que dizem a verdade se vêem do lado que recebe o mais ultrajante abuso que se pode imaginar. Portanto, seja realista. Tenha coragem. Sua posição em favor da verdade não será reconhecida em pouco tempo, talvez nem mesmo durante sua vida. Veja o final da frase de Lowell: “Contudo, aquele cadafalso controla o futuro e, por trás do sombrio desconhecido, Deus se sustenta entre as sombras, mantendo vigília sobre os seus”.³

Segurar a espada da verdade com as duas mãos, embora seja sacrificial, realmente oferece uma grande recompensa. A verdade liberta da culpa e da vergonha. A verdade gera contentamento, incita a confiança, estimula a criatividade, desenvolve a intimidade, incentiva a honestidade, inspira a coragem e liberta as pessoas. Contudo, o mais importante é que ela nos coloca do lado de Deus na questão. Temos a promessa do Pai de que ele recompensará amplamente qualquer sacrifício que a verdade exigir, senão nesta vida, então certamente na próxima.

² “The Present Crisis”, em *Poems by James Russell Lowell*, vol. 2, p. 57.

³ Idem.

CAPÍTULO DOZE

Traído e preso

“PRESTE ATENÇÃO ÀQUELE ALI”, diziam os vizinhos. “Um dia ele será um homem de Deus”. As pessoas de Queriot, uma cidade no sul da Judéia, acreditavam que Judas as representaria bem na luta pela independência. Ele nasceu e foi criado no território hostil onde o poderoso rei Davi se desenvolvera até tornar-se o maior pastor de Israel. Seu pai, Simão Iscariotes, ganhara fama como lutador sob o regime anterior. Até mesmo o nome Judas transbordava heroísmo. Como disse um comentarista, “Judá, ou Judas, era o nome de um dos doze filhos de Jacó no Antigo Testamento; o magnífico levante pela independência, ocorrido em 164 a.C., foi liderado por um homem chamado Judas. Esse Judas Macabeu era visto pelos judeus como uma espécie de George Washington”.¹

O sobrenome de Judas Iscariotes veio de seu pai, provavelmente em referência ao lugar onde ele fora criado. Em aramaico, *Ish-keriot* significava “homem de Queriot”. Contudo, Atos 21:38 usa o termo *sicários* (RA) em alusão ao lutador radical que buscava a liberdade, chamado de “aquele que portava uma adaga”, um membro de uma seita judaica que não pensava em outra coisa senão assassinar romanos ou qualquer um que colaborasse com Roma. Fosse Judas

¹ William P. BARKER, *Twelve Who Were Chosen*, p. 121.

ou não um desses extremistas, sua herança sugere que ele estava procurando por um Messias que novamente garantisse liberdade a Israel.

Ele era filho da tribo de Judá, criado no coração da Judéia, e tinha o honrado nome de Judas — poderia haver algum judeu mais leal em todo Israel?

Muitos devem ter considerado a escolha dos doze, feita por Jesus, um tanto curiosa. Ele não vasculhou o templo em busca dos melhores e mais brilhantes acadêmicos. Ignorou as inúmeras escolas dos fariseus, pessoas que dedicavam a vida inteira a obter o favor de Deus. Em vez disso, escolheu Tiago e João, apelidados de “filhos do trovão”, talvez devido a seu temperamento bombástico. Chamou o tímido André e o impetuoso Pedro. Convidou Levi, colaborador de Roma, para juntar-se a ele e então mudou seu nome para Mateus, que significa “presente de Deus”. Optou pelo cínico Natanael e também por Tomé, conhecido por seus questionamentos e dúvidas. Escolheu a dedo trabalhadores braçais que fizeram pouco para esconder suas falhas e, até onde sabemos, todos os onze vieram da Galiléia. Judas era a única escolha que faria sentido para um espectador daqueles dias — o zelote admirável e decidido vindo da cidade de Queriote, na Judéia.

Judas recebeu o mesmo treinamento, os mesmos benefícios da grande proximidade com o Filho de Deus, e até a mesma capacitação para curar doentes e condenar os agentes de Satanás que haviam assumido controle sobre certos homens e mulheres. Por fim, ele inspirou confiança suficiente para guardar e administrar o dinheiro de todo o grupo (Jo 13:29). Mas, bem lá no fundo, havia algo diferente. Algo aconteceu dentro daquele honrado discípulo que o levou a seguir um caminho muito diferente dos outros. Ninguém sabe exatamente quando isso aconteceu, embora Jesus tenha dado uma dica.

Depois de terem ficado com a barriga cheia da abundância que Jesus havia multiplicado na região montanhosa, os cinco mil homens e suas famílias começaram a pensar de que maneira poderiam derrubar o governo atual e estabelecer Jesus como seu rei. Quando

Judas ouviu isso, seu coração provavelmente começou a acelerar. “É isso! Eles aceitaram seu futuro rei! O fim de Roma será o início de um novo reino!”. Mas “sabendo Jesus que pretendiam proclamá-lo rei à força, retirou-se novamente sozinho para o monte” (Jo 6:15).

Isso deve ter confundido Judas enquanto ele corria para o mar da Galiléia com os outros discípulos e entrava no barco como o Mestre lhes havia orientado. Judas isolou-se com seus pensamentos. O momento mágico para a ascensão de Jesus ao trono havia escapado. Então, quando se assentou para ensinar em Cafarnaum, Jesus separou deliberadamente seus verdadeiros discípulos daqueles que estavam simplesmente famintos por poder ou abundância material. Muitos deles viram o ato de alimentar a multidão como um sinal de que Jesus daria mantimentos a todos os lares em Israel, mas Jesus explicou seu ensinamento àqueles que estavam dispostos a ouvir:

“Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Da mesma forma como o Pai que vive me enviou e eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa. Este é o pão que desceu dos céus. Os antepassados de vocês comeram o maná e morreram, mas aquele que se alimenta deste pão viverá para sempre”.

João 6:55-58

Aqueles que não estavam dispostos a ver que a verdadeira abundância está presente quando se “permanece” começaram a resmungar. “Dura é essa palavra. Quem pode suportá-la?” (Jo 6:60). Jesus se voltou aos doze e pediu que eles escolhessem entre permanecer com ele ou ir embora com os outros. A discussão resultante sugere que alguma coisa mudou dentro de Judas.

Jesus perguntou aos Doze: “Vocês também não querem ir?” Simão Pedro lhe respondeu: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos que és o Santo

de Deus”. Então Jesus respondeu: “Não fui eu que os escolhi, os Doze? Todavia, um de vocês é um diabo!” (Ele se referia a Judas, filho de Simão Iscariotes, que, embora fosse um dos Doze, mais tarde haveria de traí-lo.)

João 6:67-71

Alguma coisa levou João a escrever, cerca de sessenta anos depois, de um modo que destacava Judas. Alguma coisa deve ter doído dentro do discípulo amado, décadas depois, quando ele pensava naquele que havia traído seu Mestre. Aquele teria sido o momento ideal para Judas verbalizar suas preocupações. Jesus criou a oportunidade ideal para Judas dizer “Ajuda-me, Senhor. Eu sou essa pessoa. Perdi a confiança em ti, e as sementes do ressentimento germinaram. Tenho medo do rumo que as coisas vão tomar. Salva-me”. Mas ele não fez isso. Permaneceu calado e taciturno, enquanto Pedro falava pelo grupo e declarava a lealdade de todos.

A MORTAL VIDA DUPLA

Algum tempo depois de ter ressuscitado Lázaro dos mortos, Jesus e seus discípulos viajaram a Jerusalém, ansiosos para celebrar as festas judaicas da Páscoa e dos Pães Asmos. Em vez de se hospedar na cidade, optaram por visitar seu amigo Lázaro e suas irmãs, Marta e Maria. Certa noite, estavam todos reclinados à mesa de banquete de um homem em Betânia. Marcos o chama de “Simão, o leproso” (14:3), e Lucas o identifica como sendo fariseu (7:39). Lázaro compareceu como convidado, enquanto Marta ajudava a servir, mas Maria não fora convidada para nenhuma atividade específica. Aparentemente, o fariseu que fora afastado do templo por ser considerado “impuro” não aprovou a presença de Maria por causa de seu passado denegrido pelo pecado.

Enquanto Jesus desfrutava da refeição e se envolvia num debate com Simão e seus amigos fariseus, Maria entrou na casa sem ser notada. Carregava um jarro de alabastro com um perfume muito caro, que usou para ungi a cabeça de Jesus. Então, alguma coisa no

fundo do seu ser assumiu o controle. Enorme gratidão pela salvação do pecado? Terrível dor pela provação que Jesus estava prestes a sofrer? Ela se ajoelhou diante dele e, de repente, quebrou o jarro e derramou todo o perfume sobre os pés de Jesus, num extravagante gesto de adoração. Enquanto encharcava os pés de Jesus com suas lágrimas e os secava com seus cabelos, o aroma encheu a sala e fez com que toda atividade cessasse imediatamente.

Simão protestou silenciosamente: “Se este homem fosse profeta, saberia quem nele está tocando e que tipo de mulher ela é: uma ‘pecadora’” (Lc 7:39). Mas Judas levantou objeção por outra razão.

“Por que este perfume não foi vendido, e o dinheiro dado aos pobres? Seriam trezentos denários [o equivalente ao salário de trezentos dias de trabalho]”. Ele não falou isso por se interessar pelos pobres, mas porque era ladrão; sendo responsável pela bolsa de dinheiro, costumava tirar o que nela era colocado.

João 12:5-6

Mais uma vez, João escreveria sobre isso muitos anos depois. A verdade poderia ser dita agora. Judas, o tesoureiro de confiança, estava desviando os fundos do grupo havia algum tempo. O ladrão secreto não podia suportar a idéia de ver o salário de quase um ano desaparecer por entre as rachaduras de um chão de pedra.

O pecado secreto transforma a mente e torce os valores de uma pessoa de modo grotesco. Aqueles que desviam dinheiro raramente roubam muito na primeira vez. Depois, à medida que o desvio se torna um hábito — e, então, um ritual — eles racionalizam seu pecado com o objetivo de preservar algum senso de dignidade. Enquanto isso, o ciclo de compulsão e vergonha vai criando uma separação entre seus pensamentos particulares e uma imagem pública cuidadosamente elaborada, a qual é por fim aceita como seu verdadeiro eu. Quando são pegos em seu pecado, os defraudadores quase sempre ficam indignados, convencidos de que ninguém pode ver o verdadeiro eu que eles certa vez optaram por ignorar e que há muito foi esquecido.

Naturalmente, o mesmo é verdadeiro em relação a qualquer pecado, não apenas ao desvio de dinheiro. Um enorme abismo entre a pessoa pública e o eu particular — o que pode ser chamado de vida dupla — sempre se inicia como uma pequena rachadura, uma decisão de ocultar o pecado. O pecado abomina a luz da verdade; exige segredo por parte do pecador. O único remédio para isso é a confissão genuína e sem reservas. Não simplesmente para um ministro, embora isso possa ser um bom começo, mas também para a pessoa mais afetada pela ofensa.

Judas já estava cultivando uma vida dupla havia meses, e muito possivelmente anos. Sua encantadora fachada religiosa mantinha um forte ressentimento seguramente oculto dos outros discípulos. Ninguém suspeitava de seu pecado secreto, nem mesmo fora realizada uma auditoria nos fundos ministeriais. Até mesmo seus valores torcidos pareciam piedosos a seus companheiros. Quando repreendeu o “desperdício” de Maria, ele de alguma maneira tentou arrastar os outros discípulos para a mesma denúncia. Não demorou muito, e a maior parte dos presentes na casa passou a condenar Maria por uma razão ou outra.

Jesus não foi enganado. Ele enxergou a verdade e rapidamente assumiu o comando da situação. Primeiro abordou a hipocrisia de Simão com uma parábola e, depois, voltou-se para dar aos doze uma severa repreensão por sua reação míope à adoração espontânea e extravagante de Maria. Embora Jesus tenha repreendido os discípulos como grupo, Judas sentiu mais profundamente a ferroadada das palavras de Jesus não apenas porque liderou o coro das críticas, mas também por causa de seu orgulho.

Tenha cuidado ao encontrar uma pessoa orgulhosa, pois você estará enfrentando um grave perigo. O orgulho nada mais é que um verniz brilhante, fino como papel, que disfarça camadas de vergonha particular. Algumas pessoas dão polimento a essa camada a ponto de transformá-la num espelho, de modo que qualquer crítica será seguramente refletida sobre os outros. Qualquer um que consiga penetrar esta cintilante barreira e enxergar a verdade que há por baixo vê a si mesmo como alguém que carrega um segredo mortal.

Então a pessoa arrogante sente-se compelida a destruir qualquer um que conheça o fato vergonhoso que ela tão diligentemente trabalhou para esconder e ignorar.

Pouco depois do banquete, talvez antes mesmo da meia-noite, o ressentimento de Judas transformou-se em amargura e, ao amanhecer, já se transformara em desejo de assassinato.

Então, um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, dirigiu-se aos chefes dos sacerdotes e lhes perguntou: “O que me darão se eu o entregar a vocês?” E lhe fixaram o preço: trinta moedas de prata. Desse momento em diante Judas passou a procurar uma oportunidade para entregá-lo.

Mateus 26:14-16

O evangelho de Lucas descreve a traição em termos ainda mais deprimentes.

Os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei estavam procurando um meio de matar Jesus, mas tinham medo do povo. Então Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, um dos Doze. Judas dirigiu-se aos chefes dos sacerdotes e aos oficiais da guarda do templo e tratou com eles como lhes poderia entregar Jesus. A proposta muito os alegrou, e lhe prometeram dinheiro. Ele consentiu e ficou esperando uma oportunidade para lhes entregar Jesus quando a multidão não estivesse presente.

Lucas 22:2-6

Não vou fingir que entendo completamente o significado da descrição de Lucas quando ele diz “Satanás entrou em Judas”, mas vários fatos são claros. Isso envolveu mais que uma simples influência maligna; foi algo pessoal. Dos doze discípulos, Satanás escolheu aquele que nutria um pecado secreto e cultivava uma vida dupla. Fica claro que Satanás encontra maior liberdade para trabalhar à medida que aumenta o abismo entre as imagens pública e particular de uma pessoa. Judas criou uma porta, e Satanás entrou sem se deixar notar.

Vários comentaristas descrevem o relacionamento entre Judas e Satanás de maneira similar:

Frederick Godet: “[Satanás] entrou nele para assumir total controle sobre sua vontade”.²

A. T. Robertson: “É evidente que Judas abriu a porta de seu coração e deixou Satanás entrar. Depois, Satanás assumiu controle sobre ele, e Judas tornou-se um diabo, como disse Jesus”.³

João Calvino: “Lucas quer dizer que, naquele momento, ele estava totalmente entregue a Satanás, de modo que, como um homem desesperado, procurou violentamente a destruição [de Jesus]; diz-se que ele entra no perverso quando assume posseção de todos os seus sentidos, elimina o temor a Deus, extingue a luz da razão e destrói todo sentimento de vergonha”.⁴

Darrell Bock, meu colega no Seminário Teológico de Dallas, talvez tenha escrito o mais refinado trabalho acadêmico atualmente disponível sobre o evangelho de Lucas. Sobre a deserção resoluta de Judas e sua ida para o lado do mal, Bock escreveu:

Judas não age sozinho. O engano entrou em cena. A passagem não explica como isso aconteceu ou o que pode ter levado a esse fato. O que importa é que os eventos subsequentes ocorrem porque Satanás fez o que queria com Judas. Independentemente daquilo que o demônio prometa, a entrada de Satanás na vida de alguém é sempre destrutiva. Quando entra numa vida, Satanás leva a pessoa a direções sinistras.⁵

Cuidado com a tentação de rejeitar Satanás por considerá-lo apenas um remanescente de épocas de maior superstição. A principal arma do Diabo é o engano, e a coisa que ele mais deseja é fazer com que todos pensem que ele é simplesmente um fruto da

² *A Commentary on the Gospel of St. Luke*, vol. 2, p. 280.

³ *Word Pictures in the New Testament*, vol. II, p. 265.

⁴ *A Harmony of the Gospels*, vol. III, p. 125.

⁵ *Luke*, p. 346.

imaginação medieval ou produto de uma onda de Hollywood. O monstro chifrado e cheio de escamas que você vê brilhando na tela do cinema é o produto da imaginação de um animador, não a realidade. Como o próprio pecado em si, Satanás apela aos sentidos. Ele iniciou e aperfeiçoou a arte de disfarçar o mal e apresentá-lo como algo bom.

Ninguém pode dizer com certeza o que Judas sabia no momento em que se tornou ferramenta de Satanás. Ele, sem dúvida, achava que seu desejo de libertar Israel da tirania de Roma justificava praticamente qualquer meio que fosse necessário. Até mesmo a idéia de trair um amigo fiel não pesou em sua consciência.

UMA ÚLTIMA OFERTA DE PAZ

A Páscoa se aproximava. A refeição pascal marcava o início do oitavo dia da celebração, que sempre acontecia no décimo quarto dia do primeiro mês do calendário lunar judaico. As preparações sempre começavam muito antes. Durante semanas, judeus de todo Israel e outros espalhados pelo império se dirigiam à cidade santa para encontrar hospedagem e preparar a mais importante refeição do ano.

Como Jesus havia instruído, os discípulos escolheram um cordeiro sacrificial e encontraram uma sala particular exclusiva no segundo andar da casa de alguém. De acordo com a lei judaica, eles começavam a limpar a sala de qualquer traço de fermento dois dias inteiros antes da Páscoa, que, naquele ano em particular, começava no pôr-do-sol da quinta-feira. Ao meio-dia, todo o trabalho se encerrava quando o representante de cada família levava o cordeiro para o templo. Por volta das três horas da tarde, um levita fazia soar o chifre de carneiro, os adoradores enchiam o pátio do templo e os grandes portões se fechavam atrás dos homens. Cada adorador então matava seu próprio cordeiro, tirava sua pele e drenava todo o sangue numa bacia.

Embora esse ritual possa parecer brutal para o leitor do século XXI que compra pacotes de carne no supermercado, era assim que

começava qualquer refeição que envolvesse carne no século I. Na Páscoa, porém, o cordeiro carregava um significado especial e era morto no templo para que fosse consagrado como um substituto. O sangue era retirado e colocado numa bacia segurada por um sacerdote que, então, o aspergia contra a base do altar para significar expiação pelo pecado. A gordura e os rins eram entregues para serem queimados no altar como parte da “oferta de comunhão” (NVI) ou “oferta pacífica” (RA), que significava amizade entre Deus e o adorador.

Depois de completar o sacrifício, o representante de cada família colocava o cordeiro pascal sobre o ombro, levava-o para casa e cozinhava a carne como preparação para o jantar. Seguindo as instruções dadas na primeira Páscoa no Egito, os discípulos passaram um pouco do sangue na ombreira da porta e no batente da entrada principal, e prepararam os outros elementos da refeição ritual: ervas amargas, pão sem fermento e vinho.

Na tarde da quinta-feira, pouco antes do pôr-do-sol, o Mestre e seus discípulos chegaram vestidos com suas túnicas festivas brancas. Assim que entrassem na sala, um servo deveria estar à disposição para ajudá-los a soltar suas sandálias e limpar seus pés. Mas eles estavam sozinhos. Os discípulos conversavam e riam à medida que cada um se sentava numa almofada e se apoiava sobre os cotovelos perto da mesa. Somente dois deles sabiam que essa seria sua última refeição juntos: Jesus e seu traidor.

Depois de Jesus ter-se colocado no lugar de honra reservado para ele na ponta da mesa, acendeu um candeiro cerimonial para significar o fim de todo trabalho e o início da celebração. Encheu um copo com vinho, o primeiro dos quatro cálices cerimoniais da noite, e o segurou. Deu graças ao Pai por sua fidelidade a Israel e então dedicou a noite a lembrar o Êxodo. À medida que cada homem esvaziava seu copo e esticava os braços até uma bacia com água para a primeira lavagem cerimonial das mãos, Jesus se colocou em pé, removeu sua túnica exterior e enrolou uma toalha na cintura. Depois de pegar o jarro e a bacia do lugar do servo, ele assumiu

a posição de servo aos pés dos discípulos, enxaguou-os e limpou-os, secando-os com uma toalha, e passando silenciosamente para o discípulo seguinte. Quando chegou diante de Pedro, o impetuoso discípulo empurrou tudo para longe e disse “Não; nunca lavarás os meus pés!” (Jo 13:8).

Respondeu Jesus: “Quem já se banhou precisa apenas lavar os pés; todo o seu corpo está limpo. Vocês estão limpos, mas nem todos”. Pois ele sabia quem iria traí-lo, e por isso disse que nem todos estavam limpos.

Quando terminou de lavar-lhes os pés, Jesus tornou a vestir sua capa e voltou ao seu lugar. Então lhes perguntou: “Vocês entendem o que lhes fiz? Vocês me chamam ‘Mestre’ e ‘Senhor’, e com razão, pois eu o sou. Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz. Digo-lhes verdadeiramente que nenhum escravo é maior do que o seu senhor, como também nenhum mensageiro é maior do que aquele que o enviou. Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem.

“Não estou me referindo a todos vocês; conheço os que escolhi. Mas isto acontece para que se cumpra a Escritura [profética]: ‘Aquele que partilhava do meu pão voltou-se contra mim.’”

João 13:10-18

Os discípulos se sentaram e olharam uns para os outros num silêncio confuso enquanto Jesus continuava a ensinar. Contudo, depois de alguns poucos momentos, eles perceberam que a tristeza havia tomado conta dele. “Digo-lhes que certamente um de vocês me trairá.” (Jo 13:21)

Os discípulos iniciaram uma intensa conversa, debatendo o significado das palavras e especulando a quem Jesus se referia. Durante a comoção, Pedro fez sinal para João, que estava inclinado perto de Jesus, e sussurrou: “Pergunte-lhe a quem ele está se referindo” (Jo 13:24). Jesus respondeu: “Aquele a quem eu der este pedaço de pão molhado no prato” (Jo 13:26). Tendo dito isso, pegou um

pedaço de pão, mergulhou-o numa tigela de água salgada representando as lágrimas derramadas por Israel durante sua escravidão no Egito, e deliberadamente colocou-o na boca de Judas.

Judas sorriu ao receber o tradicional gesto de amizade e, enquanto mastigava, Jesus disse alto e bom som, para que todos ouvissem: “O que você está para fazer, faça depressa” (Jo 13:27). O pedaço desceu amargo pela garganta do discípulo. O espírito de Satanás assumiu pleno controle quando ele se levantou para completar sua vil missão, saindo rumo à escuridão da noite. Poucos notaram quando Judas deixou a sala, e Jesus voltou ao seu lugar para dar início a uma série de lições sobre amor, permanência, amizade, a chegada futura do Espírito Santo de Deus e como sua própria morte sacrificial estabelecerá uma nova aliança no reino.

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos seus discípulos, dizendo: “Tomem e comam; isto é o meu corpo”. Em seguida tomou o cálice, deu graças e o ofereceu aos discípulos, dizendo: “Bebam dele todos vocês. Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados. Eu lhes digo que, de agora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai”.

Mateus 26:26-29

A perspectiva daquele reino lançou os discípulos em outro debate, dessa vez em torno de quem estaria mais qualificado para preencher os postos oficiais assim que Jesus se tornasse rei. Jesus pôs fim à discussão dizendo que seria preso, torturado e executado... sozinho. Simão Pedro protestou: “Ainda que todos te abandonem, eu nunca te abandonarei!” (Mt 26:33), deixando claramente implícito que amava a Jesus mais que qualquer um dos outros discípulos. Jesus se recusou a deixar que essa declaração ficasse sem resposta.

“Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo. Mas eu orei por você, para que a sua fé não desfaleça. E quando

você se converter, fortaleça os seus irmãos”. Mas ele respondeu: “Estou pronto para ir contigo para a prisão e para a morte”. Respondeu Jesus: “Eu lhe digo, Pedro, que antes que o galo cante hoje, três vezes você negará que me conhece”.

Lucas 22:31-34

Depois de algum tempo, deixaram o cenáculo e dirigiram-se a um lugar de retiro costumeiro, um jardim particular chamado Getsêmani, no monte das Oliveiras, do outro lado do vale de Cedrom em Jerusalém. Pouco depois de passar pela entrada do pequeno jardim, Jesus pediu a seus discípulos que orassem por ele enquanto ele próprio buscava o conforto de seu Pai. Pediu então a Pedro, Tiago e João que o acompanhassem um pouco mais adiante e disse: “A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo” (Mt 26:38). Então, desapareceu na escuridão.

O BEIJO VIOLENTO

Em outra parte da cidade, alguns dos mais destacados líderes religiosos haviam deixado sua refeição pascal para se encontrar com Judas e planejar a prisão de Jesus. Eles não agiram antes por temerem sua imensa popularidade, mas o momento era perfeito. Pelo fato de ser feriado, era de supor que todos estivessem ocupados. Judas sabia onde Jesus estaria sozinho e desprotegido da multidão de seguidores. Era noite, de modo que eles podiam vencer os doze e prender Jesus antes que qualquer pessoa reagisse.

Os principais sacerdotes e os fariseus reuniram um pequeno contingente dos guardas do templo, mas Caifás e os saduceus não ficaram contentes. Para ter certeza de que nada sairia errado, pediram ao procurador uma coorte de soldados romanos, formada por seis centenas de homens de guerra fortemente armados! Quando as tropas foram reunidas, Judas revelou onde eles encontrariam seu rabi e propôs um plano de ataque. “Aquele a quem eu saudar com um beijo, é ele: prendam-no e levem-no em segurança” (Mc 14:44).

Enquanto isso, Jesus se via diante da tentação. O terror da provação iminente abateu-se sobre ele sem misericórdia. O sangue pingou como suor por seus poros. Enquanto ele cambaleava pelas trevas no jardim de Getsêmani, ocasionalmente tropeçando e caindo, pensamentos iam e voltavam para desafiar sua resolução. Por que ele deveria sofrer em favor da humanidade? Nenhum imperativo moral exigia que Deus sacrificasse seu Filho. Ele não seria menos santo nem menos justo se permitisse que a raça de homens afetados pelo pecado sofresse as justas conseqüências de sua própria rebelião. Nada obrigaria Jesus a completar sua missão — nada, a não ser o amor pelas pessoas que ele havia criado e a obediência a seu Pai.

“Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres” (Mt 26:39). Mas ele não se submeteria à vontade de seu Pai antes que a tentação o atacasse outra vez. Ele teria de se submeter em nada menos que três momentos distintos. Cada tentação foi enfrentada com a mesma resolução: “Não seja como eu quero, mas sim como tu queres”.

Jesus saiu periodicamente do recôndito das trevas do jardim para encontrar seus discípulos dormindo, em vez de orando. “Vocês ainda dormem e descansam? Chegou a hora! Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. Levantem-se e vamos! Aí vem aquele que me trai!” (Mt 26:45-46). De fato, enquanto Jesus orava e os homens dormiam, um pequeno exército dirigido por Judas cercou o jardim e fechou-o como num laço.

Foi então que Judas surgiu da sombra sozinho. “Salve, Mestre!” (Mt 26:50). Ele se curvou diante de seu Mestre e começou a cobrir as mãos e o rosto de Jesus com beijos nervosos e entusiasmados. Incrédulo, Jesus respondeu: “Judas, com um beijo você está traindo o Filho do homem?” (Lc 22:48). “Amigo, o que o traz?” (Mt 26:50). Mas Judas permaneceu calado e não esboçou nenhuma emoção. Ele já fizera sua parte. Finalmente, Jesus se afastou e gritou na escuridão:

— A quem vocês procuram?

— Jesus Nazareno — respondeu uma voz.

— Sou eu.

O brilho das tochas emergiu das trevas e cuidadosamente abriu caminho pelas árvores enquanto os discípulos instintivamente formavam um círculo ao redor de Jesus. Sem levantar suspeitas, Pedro tirou uma pequena adaga de sua bainha e escondeu-a nas dobras de sua túnica. Por fim, a luz de talvez mais de uma centena de tochas inundou a clareira, fazendo brilhar uma floresta de espadas e lanças.

Jesus olhou para os rostos na multidão em busca do oficial em comando.

— A quem vocês procuram?

O capitão da guarda do templo deu um passo à frente e disse:

— Jesus de Nazaré.

— Já lhes disse que sou eu; se é a mim que vocês procuram, deixem que os outros se vão.

O capitão deu um sinal, e três homens marcharam na direção de Jesus levando correntes. De repente, Pedro saca sua adaga acima da cabeça e arremete na direção do líder dos soldados com força, mirando o centro de sua cabeça. A lâmina desvia-se na lateral de seu capacete e arranca sua orelha direita. Pedro dá um passo atrás preparando-se para outro ataque quando Jesus grita “Basta!” (Lc 22:51). “Guarde a espada! Acaso não haverei de beber o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18:11).

Com ternura, Jesus dirige-se ao soldado ferido, que firmava com a mão a lateral da cabeça, e gentilmente o retira dali. Enquanto reposiciona a massa de carne dependurada, diz sem que houvesse um interlocutor particular: “Estou eu chefiando alguma rebelião, para que vocês tenham vindo com espadas e varas? Todos os dias eu estive com vocês no templo e vocês não levantaram a mão contra mim. Mas esta é a hora de vocês — quando as trevas reinam” (Lc 22:52-53).

Assim que restaurou a orelha do homem, Jesus esticou os braços e permitiu que um soldado colocasse algemas em seus pulsos e tornozelos. Enquanto os soldados levavam Jesus montanha abaixo

rumo a Jerusalém, a maioria dos discípulos já se espalhara e fugira pela noite. Ninguém tinha certeza do que acontecera a Judas.

Os julgamentos de Jesus diante dos líderes religiosos mostraram que ele já estava condenado antes mesmo de sua prisão, o que, por alguma razão, surpreendeu Judas. Vencido pelo remorso, ele voltou aos seus colegas de conspiração e disse: “Pequei, pois traí sangue inocente”. E eles retrucaram: ‘Que nos importa? A responsabilidade é sua’ (Mt 27:4). Judas tentou devolver o dinheiro, mas os principais sacerdotes se recusaram a aceitar de volta as trinta moedas de prata que lhe haviam pagado.

Judas foi direto do pátio para a parte externa do santuário, onde apenas os sacerdotes podem entrar, e jogou seu dinheiro manchado de sangue pela porta. O pacote caiu no piso do Lugar Santo, fazendo um grande ruído. O traidor, agora incapaz de viver com seu pecado, mas também sem disposição de arrepender-se dele, saiu, encontrou uma árvore distante perto de um despenhadeiro e, naquela mesma noite, enforcou-se.

Na morte, Judas deixou de fazer a necessária conexão entre remorso e arrependimento, assim como fizera na vida. Ele nada aprendera dos anos que passara com Jesus. A trágica escolha de dar fim à vida, em vez de confessar seu pecado e buscar perdão, simplesmente consumou a hipócrita vida dupla que Judas já cultivava havia meses. No final, Judas morreu como sempre viveu, emaranhado num secreto caso de amor com o pecado.

LIÇÕES PARA O JUDAS QUE HÁ DENTRO DE TODOS NÓS

Judas será para sempre lembrado como o mais hediondo traidor de todos os tempos. Contudo, é tolice pensar que essa história não pode tornar-se a nossa. A despeito de todas as vantagens que ele desfrutou em razão de uma associação próxima com Jesus, o jovem e promissor discípulo tornou-se um monstro possuído por Satanás. Se achamos que jamais nos tornaríamos alguém tão desprezível, deixamos de dar ouvidos à advertência das Escrituras. O pecado

secreto é um assassino que não faz distinção entre pessoas, e aqueles que acham que estão imunes são os mais vulneráveis de todos.

Quatro princípios atemporais, dignos de nossas considerações, surgem a partir do trágico exemplo de Judas.

Primeiro, *a associação com o que é espiritual não garante que nos tornaremos pessoas espirituais*. Pertencer a uma igreja sadia e cultivar relacionamentos com pessoas espiritualmente maduras devem ser prioridades. Precisamos de influências saudáveis. Contudo, a simples associação com crentes maduros não nutrirá a alma, do mesmo modo que simplesmente sentar-se à mesa não nutrirá nosso corpo. Para ser mais sábios e nos desenvolver espiritualmente, devemos incorporar pessoalmente aquilo que Jesus ofereceu. Para que isso ocorra, devemos submeter-nos à verdade que recebemos por meio de sua Palavra. Se não for assim, enganaremos a nós mesmos e nos tornaremos nossos piores inimigos. Uma curiosa estrofe de um poema inglês diz tudo:

Até hoje, como sempre ocorreu,
O homem por si é avaliado;
Por trinta moedas Judas vendeu
A si mesmo, não a Cristo.⁶

Segundo, *a corrupção moral em segredo é mais mortal que a corrupção moral visível*. Não há câncer mais mortal do que aquele que não é detectado. O mesmo é verdade em relação ao pecado. Manter nossa natureza pecaminosa cuidadosamente escondida nos impede de aplicar o remédio que Jesus forneceu por meio do dom da salvação. Um de seus discípulos escreveu mais tarde: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1:9). Deixar de confessar e receber perdão nos força a lidar com os efeitos mortais do pecado

⁶ C. J. WRIGHT. *Jesus, the Revelation of God: His Mission and Message According to St. John*, p. 164.

de uma maneira que certamente causará mais dano depois. No caso de Judas, isso lhe custou a vida.

Terceiro, *Satanás e seus demônios estão procurando qualquer oportunidade para trabalhar contra o Senhor*. Várias passagens das Escrituras ensinam que a pessoa que carrega pecados não resolvidos dentro de si é um vaso perfeito por meio do qual Satanás pode atacar as pessoas e os planos de Deus (Gn 4:6-7; Ef 4:25-27; 5:15-16; 1Pe 5:6-8). No início, a pessoa parece estar imune, mas depois que Satanás provocou todo o dano que poderia realizar, então permite que o vaso seja consumido pelo pecado que carrega.

Quarto, *nenhuma tristeza pode comparar-se ao remorso de alguém que descobre tarde demais que não entendeu as palavras de Jesus e desprezou seu amor*. A principal ferramenta de Satanás é o engano, que ele usa para torcer pecados não resolvidos e motivação egoísta de modo que sirvam a seus propósitos. Uma vez que tenha acabado de usar alguém, ele cruelmente desmascara a verdade para revelar as conseqüências das escolhas estúpidas feitas pela pessoa. Pode ser muito difícil suportar o fluxo de vergonha, humilhação, arrependimento, autocondenação e desespero.

Jesus, em contrapartida, disse (e continua a dizer): “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8:31-32).

Permita-me perguntar... como você se posiciona em relação a tudo isso?

CAPÍTULO TREZE

Análise do vexame de um tribunal

DESDE O MOMENTO EM QUE JESUS veio à terra até o dia em que a deixou, qualquer pessoa que se encontrou com ele teve dificuldades para responder à simples pergunta: “Quem é este?”.

Anjos cantaram, pastores adoraram, sábios se prostraram e, enquanto Maria “guardava todas essas coisas”, a única coisa que poderia fazer era refletir “sobre elas... em seu coração” (Lc 2:19). Jesus curou doentes e ressuscitou mortos, mas seus compatriotas de Nazaré o rejeitaram (Lc 4:28-30). Até mesmo João Batista, o precursor de Cristo, passou a duvidar em razão da perseguição de Herodes (Mt 11:2-3). Seus próprios discípulos — os doze homens que ele selecionara para treinar e equipar a fim de que dessem prosseguimento ao seu ministério — não conseguiram ver a importância de seus milagres e ouviram apenas parcialmente suas repetidas predições quanto ao significado e ao propósito de sua morte. Um deles não apenas deixou de reconhecer a verdadeira identidade de Jesus, mas o traiu, entregando-o nas mãos de homens maus. Quando os líderes religiosos prenderam e levaram o Filho de Deus em correntes, os outros discípulos correram e se esconderam.

Os líderes religiosos de Jerusalém não entenderam a identidade de Jesus num primeiro momento, mas passaram a compreender a importância de seu ministério mais plenamente que qualquer outra

pessoa. Eles entenderam o significado das profecias (Mt 2:4-6); alguns reconheceram que seu poder era divino (Jo 3:1-2); outros admitiram que sua mensagem vinha de Deus (Lc 20:21). Eles não tiveram nenhum problema de percepção; entenderam, mas deliberadamente optaram por rejeitá-lo como seu Messias. Os líderes ressentiram-se das incansáveis críticas públicas que ele fazia à sua religiosidade. Eles se apegaram de tal modo ao poder político e à influência que tinham sobre o povo que se recusavam a abdicar de sua própria busca de abundância em favor da abundância que Deus pretendia trazer por meio de seu Rei e seu reino, e por conseguinte planejavam matar todo aquele que ousasse reclamar o trono.

Jesus era popular demais para ser assassinado. Uma palavra dos discípulos poderia ter incendiado o barril de pólvora do ressentimento popular que se acumulava nos subterrâneos de Jerusalém. Os líderes não ousaram transformá-lo num mártir por temerem torná-lo mais influente na morte que na vida. Assim, armaram um plano para desacreditá-lo, apresentando-o como um blasfemo excêntrico e executando-o publicamente da maneira mais vergonhosa possível.

Eles precisavam fazer tudo isso longe dos olhos do povo, mas perceberam que seria muito difícil. Jesus deixou de viajar em público, exceto quando estava protegido pela adoração das multidões. E ninguém, a não ser seus amigos mais próximos, sabia onde ele estaria mais vulnerável a um ataque. Desse modo, quando Judas se aproximou com seu plano, eles rapidamente chegaram a um acordo. Concordaram em prender Jesus à noite em troca de trinta moedas de prata — aproximadamente quatro meses de salário de um trabalhador não especializado, ou o preço da redenção de um escravo comum.

Desde o primeiro momento de sua prisão, Jesus se conduziu com a maior dignidade possível, sempre falando a verdade com candura gentil. “Estou eu chefiando alguma rebelião, para que vocês tenham vindo com espadas e varas? Todos os dias eu estive com vocês no templo e vocês não levantaram a mão contra mim. Mas esta é a hora de vocês — quando as trevas reinam” (Lc 22:52-53).

Naturalmente, todos eles sabiam que a ação que escolheram tomar era errada; senão, teriam feito tudo durante o dia, à vista das multidões. Todavia, Jesus sabia qual era sua missão e que a verdade tem suas conseqüências. Ele nunca titubeou. Olhando para Pedro, disse: “Acaso não haverei de beber o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18:11).

OS FALSOS JULGAMENTOS IMPETRADOS SOBRE JESUS

A captura noturna no Getsêmani deu início a uma série de seis julgamentos; três diante de autoridades religiosas judaicas e três diante de autoridades civis romanas. Como veremos, todos eles foram ilegais. Diferentemente da maioria dos julgamentos, esses não tinham como objetivo principal a busca pela verdade.

Os israelitas do século I eram, acima de tudo, pessoas que tinham consciência da lei e mantinham um procedimento rigoroso para a realização de audiências civis e casos criminais. Um documento judaico chamado *mixná*, compilado por volta do ano 200 a.C., registra as tradições orais passadas de uma geração a outra no transcorrer de vários séculos. Uma porção desse documento descreve as orientações que controlavam o conselho governante judaico, chamado de Sinédrio, que fazia audiências, realizava o julgamento e promulgava a sentença sobre os culpados. Esse documento muito provavelmente descreve as tradições que regulavam o Sinédrio durante a época de Jesus. Os relatos dos evangelhos sobre a prisão e os julgamentos de Jesus demonstram que, senão todas, a maioria das regras de jurisprudência foi gritantemente ignorada.

Veja a seguir dezoito leis específicas que regulavam casos como o de Jesus.¹

- Nenhum julgamento deveria ocorrer no período noturno anterior ao sacrifício matinal (*Mixná: Sinédrio* 4:1).

¹ Veja Laura L. BERG, “The Illegality of Jesus’ Religious and Civil Trials”, *Bibliotheca Sacra*, vol. 161, nº 643, p. 330-342, e Darrell L. BOCK, “Jesus v. Sanhedrin: Why Jesus ‘Lost’ His Trial”, *Christianity Today* 42, nº 4, p. 49.

Os julgamentos perpetrados sobre Jesus

| Julgamento | Autoridade encarregada | Texto bíblico | Acusações | Legalidade | Tipo | Resultado |
|------------|---|--|---|---|---------------------|---|
| 1 | Anás, ex-sumo sacerdote de 6 a 15 d.C. | João 18:12-13 | Não foi levantada nenhuma acusação específica. | <p>Illegal:</p> <p>Fora de jurisdição</p> <p>Realizado à noite</p> <p>Nenhuma acusação</p> <p>Nenhuma testemunha</p> <p>Sofreu abuso durante o julgamento</p> | Judaico e religioso | Jesus foi considerado "culpado" de irreverência e enviado a Caifás. |
| 2 | Caifás, sumo sacerdote de 18 a 36 d.C., e o Sinédrio | Matheus 26:57-68 Marcos 14:53-65 João 18:24 | Jesus afirmou ser o Messias, o Filho de Deus, o que eles consideraram blasfêmia. | <p>Illegal:</p> <p>Realizado à noite</p> <p>Testemunhas falsas</p> <p>Nenhuma acusação formal</p> <p>Sofreu abuso durante o julgamento</p> | Judaico e religioso | Jesus foi considerado "culpado" de blasfêmia e retido até a promulgação da sentença na manhã seguinte. |
| 3 | O Sinédrio | Marcos 15:1 Lucas 22:66-71 | Como foi uma continuação do julgamento anterior realizado pelo Sinédrio, as acusações permaneceram as mesmas. | <p>Illegal:</p> <p>A acusação mudou</p> <p>Nenhuma testemunha</p> <p>Votação inadequada</p> | Judaico e religioso | Jesus foi sentenciado a ser entregue aos romanos para que fosse executado. |
| 4 | Pôncio Pilatos, governador da Judéia de 26 a 36 d.C. | Marcos 27:11-14 Lucas 23:1-7 João 18:28-38 | Jesus foi acusado de traição e sublevação contra Roma. | <p>Illegal:</p> <p>Considerado "inocente", mas mantido sob custódia</p> <p>Sem representação para defesa</p> <p>Sofreu abuso durante o julgamento</p> | Romano e civil | Jesus foi declarado "inocente" e entregue a Herodes Antipas para que este encontrasse alguma brecha na lei. |
| 5 | Herodes Antipas, governador da Galiléia de 4 a.C. a 39 d.C. | Lucas 23:8-12 | Não foi levantada nenhuma acusação específica. Jesus foi interrogado à exaustão por Herodes. | <p>Illegal:</p> <p>Fora de jurisdição</p> <p>Sem acusação específica</p> <p>Sofreu abuso durante o julgamento</p> | Romano e civil | Jesus foi maltratado, ridicularizado, falsamente acusado e devolvido a Pilatos sem que uma decisão fosse tomada. |
| 6 | Pôncio Pilatos | Matheus 27:15-26 Marcos 15:6-15 Lucas 23:13-25 João 18:39-19:16 | Como foi uma continuação do julgamento anterior realizado por Pilatos, as acusações permaneceram as mesmas. | <p>Illegal:</p> <p>Declarado "inocente", mas mesmo assim condenado</p> | Romano e civil | Jesus foi declarado "inocente", mas sentenciado a ser crucificado a fim de apaziguar a multidão irada. Simultaneamente, um homem culpado de assassinato, traição e sedição foi solto. |

- Os julgamentos não deveriam acontecer na véspera do sábado ou durante as festas (Mixná: *Sinédrrio* 4:1).
- Todos os julgamentos deveriam ser públicos; julgamentos secretos eram proibidos (Mixná: *Sinédrrio* 1:6).
- Todos os julgamentos deveriam acontecer na sala de julgamento, localizada na área do templo (Mixná: *Sinédrrio* 11:2).
- Casos que envolvessem pena capital exigiam um mínimo de 23 juízes (Mixná: *Sinédrrio* 4:1).
- Uma pessoa acusada não poderia testificar contra si mesma (Mixná: *Sinédrrio* 3:3-4).
- Era exigido que alguém falasse em favor do acusado (Mixná: *Sinédrrio* 3:3-4).
- A condenação exigia a palavra de duas ou três testemunhas, as quais precisariam estar em perfeito acordo (Dt 17:6-7; 19:15-20).
- As testemunhas de acusação deveriam ser amplamente examinadas e confrontadas (Mixná: *Sinédrrio* 4:1).
- Casos que envolvessem pena capital deveriam seguir uma ordem rígida, começando com a argumentação da defesa e depois a argumentação da acusação (Mixná: *Sinédrrio* 4:1).
- Todos os juízes do Sinédrrio poderiam pedir a absolvição, mas nem todos poderiam pedir a condenação (Mixná: *Sinédrrio* 4:1).
- O sumo sacerdote não deveria participar da fase de inquirição (Mixná: *Sinédrrio* 3:6).
- Toda testemunha de um caso que envolvesse pena capital deveria ser examinada individualmente, e não na presença de outras testemunhas (Mixná: *Sinédrrio* 3:6).
- O testemunho de duas testemunhas que fossem pegas em contradição invalidava ambas (Mixná: *Sinédrrio* 5:2).
- A votação para a condenação e a sentença em casos que envolvessem pena capital deveria ser conduzida individualmente, começando pelo mais jovem, de modo que os membros de menor idade não fossem influenciados pelo voto dos mais idosos (Mixná: *Sinédrrio* 4:2).

- O veredicto de casos que envolvessem pena capital deveria ser promulgado somente durante a luz do dia (Mixná: *Sinédrrio* 4:1).
- Os membros do Sinédrio deveriam reunir-se em pares durante toda a noite, discutir o caso e reunir-se novamente com o propósito de confirmar o veredicto final e determinar a sentença (Mixná: *Sinédrrio* 4:1).
- A promulgação da sentença de casos que envolvessem pena capital deveria acontecer somente no dia seguinte (Mixná: *Sinédrrio* 4:1).

O PRIMEIRO JULGAMENTO²

Assim que o comandante da guarda do templo prendeu Jesus, ele e um pequeno exército o levaram do monte das Oliveiras, cruzaram o vale de Cedrom rumo a Jerusalém e foram direto para a casa de Anás. Embora o velho patriarca não governasse mais como sumo sacerdote, continuava a ser o chefe de um vasto império de corrupção organizada em Jerusalém. “Ele e sua família eram notórios por sua violência e ganância”.³

Quando Jesus purificou o templo daqueles que ele chamara de “ladrões”, várias autoridades religiosas perguntaram: “Com que autoridade estás fazendo estas coisas? E quem te deu tal autoridade?” (Mt 21:23). Para eles, era inimaginável ver um homem desafiando a criminosa família de Anás. É por isso que Jesus não foi levado à prisão, nem ao conselho judaico, nem ao sumo sacerdote oficial e nem mesmo ao procurador romano. Ele se colocou sozinho diante do chefe da gangue de Jerusalém.

Embora todos os discípulos tivessem fugido, dois voltaram para saber qual seria o destino de seu mestre. Pedro e João seguiram a coorte a distância e descobriram para onde Jesus havia sido levado.

² João 18:12-23.

³ *International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 1, p. 128.

Como conhecia Anás, João arrumou um jeito de entrar no pátio e então no grande salão onde Jesus seria denunciado. Pedro, em contrapartida, espreitava pelas sombras, tomando muito cuidado para permanecer anônimo. Desse modo, quando os portões externos do pátio se fecharam, ele se viu preso no lugar.

João instruiu o porteiro a permitir a entrada de Pedro e então voltou para o julgamento. Quando Pedro passava pelo portão, a menina perguntou: “Você não é um dos discípulos desse homem?” (Jo 18:17). “Não sou”, mentiu Pedro, enquanto cruzava o pátio para juntar-se a um grupo de cidadãos e soldados que estava em volta da fogueira.

Os soldados posicionaram Jesus diante de uma cadeira vazia no grande salão da casa de Anás e então se colocaram a alguns passos de distância, dos dois lados de Jesus. Depois de uma pequena pausa, Anás entrou, paramentado, embora já passasse da meia-noite. Sentou-se em seu lugar e arrumou suas roupas antes de levantar os olhos e encontrar Jesus olhando diretamente para ele.

Enquanto isso, o sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e dos seus ensinamentos. Respondeu-lhe Jesus: “Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei nas sinagogas e no templo, onde todos os judeus se reúnem. Nada disse em segredo. Por que me interrogas? Pergunta aos que me ouviram. Certamente eles sabem o que eu disse”.

João 18:19-21

Num primeiro olhar, parece que Jesus deu uma resposta rude. Na realidade, ele simplesmente protestou contra nada menos que meia dúzia de pontos de ordem dos procedimentos. O julgamento aconteceu à noite, durante a semana da Páscoa, a portas fechadas e longe do templo. Se era para Anás fingir que tinha jurisdição e desempenhava o papel de sumo sacerdote, então não deveria participar da audiência, e as respostas que buscava teriam compelido o acusado a testificar contra si mesmo. Além disso, como Jesus

destacou, as testemunhas poderiam ser facilmente encontradas, mas nenhuma foi convocada.

Quando Jesus disse isso, um dos guardas que estava perto bateu-lhe no rosto. “Isso é jeito de responder ao sumo sacerdote?”, perguntou ele. Respondeu Jesus: “Se eu disse algo de mal, denuncie o mal. Mas se falei a verdade, por que me bateu?”

João 18:22-23

Jesus mais uma vez destacou o fato de que ninguém havia testificado contra ele e que ele não era culpado de coisa alguma senão permitir que Anás fizesse papel de bobo. Estava claro que o objetivo do julgamento não era descobrir a verdade ou promulgar um veredicto justo; portanto, Jesus se recusou a cooperar com aquela zombaria à lei judaica. Sem nenhuma outra palavra, “Anás enviou Jesus, de mãos amarradas, a Caifás” (Jo 18:24).

O SEGUNDO JULGAMENTO⁴

O estranho grupo de servos da casa e soldados do templo mal se havia sentado ao redor do fogo quando as portas da casa se abriram repentinamente. Um destacamento de soldados levou Jesus pelo pátio enquanto uma menina corria à frente deles para abrir os portões externos. A procissão marchou rumo ao templo e à casa de Caifás, que já havia reunido a maior parte do Sinédrio.

O Sinédrio era o corpo governante superior de Israel, até onde Roma permitia uma autonomia judaica. Esse conselho, formado por setenta anciãos políticos e religiosos, agia de maneira muito semelhante a um tribunal superior e um parlamento moderno combinados. Ele criava as leis e outras regras de conduta. Controlava o funcionamento diário do templo. Também tinha jurisdição sobre casos civis, crimes menores e acusações de má conduta religiosa. O conselho ocasionalmente promovia audiências que envolviam a

⁴ Mateus 26:57-68; Marcos 14:53-65; Lucas 22:63-65; João 18:24.

pena capital, mas Roma retinha o direito exclusivo de levar a cabo a sentença de morte. Ninguém poderia ser morto por nenhum crime, a não ser que fosse condenado por um oficial romano, e apenas por um crime contra o império.

Uma vez que Jesus representava uma ameaça tão séria à autoridade do Sinédrio, Caifás teve poucos problemas para reunir o conselho às primeiras horas da madrugada. Enquanto Anás interrogava Jesus, a maioria, senão todos os setenta membros do Sinédrio, encheu uma grande câmara superior do palácio do sumo sacerdote. Presume-se que eles se tenham reunido com o propósito de promover uma audiência no caso de Jesus, mas seu destino já estava decidido muito antes de chegar.

Mais uma vez, o conselho não se ateu à sua própria jurisprudência. O julgamento foi realizado em segredo, à noite e no palácio do sumo sacerdote, em vez de na sala de reunião do conselho. Além do mais, nenhum advogado foi designado para acompanhar o acusado.

Muito provavelmente pelo fato de João vir de uma família rica, foi-lhe permitido participar do segundo julgamento, e, assim, ele conseguiu que Pedro também entrasse. Mas Pedro preferiu manter sua identidade em segredo. Enquanto os soldados e grande quantidade de servos buscavam refúgio da noite fria ao redor do fogo, Pedro evitava fazer contato visual e falava o menos possível. Contudo, um dos servos aparentemente falou com o porteiro da casa de Anás e espalhou a notícia aos outros. Por fim, alguém inquiriu Pedro diretamente.

Estando Pedro embaixo, no pátio, uma das criadas do sumo sacerdote passou por ali. Vendo Pedro a aquecer-se, olhou bem para ele e disse: “Você também estava com Jesus, o Nazareno”. Contudo ele o negou, dizendo: “Não o conheço, nem sei do que você está falando”. E saiu para o alpendre.

Marcos 14:66-68

Enquanto isso, o Sinédrio prosseguia com o julgamento contra Jesus, o que é em si mesmo uma violação das regras do próprio conselho. De acordo com sua lei, o papel do Sinédrio era presumir

inocência e até mesmo defender a absolvição até que o acusado e as testemunhas de defesa não deixassem nenhuma alternativa, a não ser condenar o réu. As testemunhas deveriam ser questionadas individualmente, e, caso as histórias fossem conflitantes, os dois testemunhos seriam descartados. O sumo sacerdote deveria presidir o julgamento, facilitar o debate entre os setenta membros, e não lhe era permitido questionar o acusado. Jamais fora pedido a algum réu que testificasse contra si mesmo. Contudo...

Os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio estavam procurando depoimentos contra Jesus, para que pudessem condená-lo à morte, mas não encontravam nenhum. Muitos testemunharam falsamente contra ele, mas as declarações deles não eram coerentes. Então se levantaram alguns e declararam falsamente contra ele: “Nós o ouvimos dizer: ‘Destruirei este templo feito por mãos humanas e em três dias construirei outro, não feito por mãos de homens’”. Mas, nem mesmo assim, o depoimento deles era coerente.

Marcos 14:55-59

O testemunho era uma meia-verdade e deliberadamente torceu o contexto de uma lição que Jesus havia ensinado no templo. Depois de uma de suas muitas confrontações com o esquema de extorsão de Anás, os saduceus desafiaram Jesus, perguntando: “Que sinal miraculoso o senhor pode mostrar-nos como prova da sua autoridade para fazer tudo isso?” (Jo 2:18). Em outras palavras: “Estamos trabalhando sob a autoridade do sumo sacerdote. A quem você representa?”. Jesus respondeu à pergunta com uma predição — por meio da qual ele afirmou ter tanto autoridade quanto superioridade em relação ao templo.

Jesus lhes respondeu: “Destruam este templo, e eu o levantarei em três dias”. Os judeus responderam: “Este templo levou quarenta e seis anos para ser edificado, e o senhor vai levá-lo em três dias?” Mas o templo do qual ele falava era o seu corpo.

João 2:19-21

As testemunhas também adicionaram um epíteto às palavras de Jesus, com o propósito de fazê-lo culpado de blasfêmia. A expressão hebraica “feito por mãos humanas” era uma referência comum a qualquer coisa construída com o propósito de idolatria. Jesus não usou essa frase em seu ensino. Todavia, a ironia do falso testemunho daquelas pessoas causou forte impacto sobre o conselho.

Se Jesus de fato quisesse depreciar o templo, o conselho teria razões mais que suficientes para censurá-lo. Mas mesmo isso não era o bastante para apedrejá-lo em concordância com a lei judaica e não chegava nem perto de convencer um oficial romano de que matá-lo seria uma ação que serviria aos interesses do império. Caifás e seus subalternos precisavam de mais acusações. Se, em contrapartida, Jesus afirmasse ser o Messias, o Cristo, o rei de Israel por direito, eles poderiam retratá-lo como uma ameaça ao cambaleante equilíbrio político que eles e o procurador tanto se esforçavam por manter.

Depois o sumo sacerdote levantou-se diante deles e perguntou a Jesus: “Você não vai responder à acusação que estes lhe fazem?” Mas Jesus permaneceu em silêncio e nada respondeu. Outra vez o sumo sacerdote lhe perguntou: “Você é o Cristo, o Filho do Deus Bendito?” “Sou”, disse Jesus. “E vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso vindo com as nuvens do céu.” O sumo sacerdote, rasgando as próprias vestes, perguntou: “Por que precisamos de mais testemunhas? Vocês ouviram a blasfêmia. Que acham?” Todos o julgaram digno de morte.

Marcos 14:60-64

Jesus não apenas confirmou a acusação de Caifás, mas também citou Salmos 110:1 e Daniel 7:13 para infundir sua declaração messiânica no coração dos líderes religiosos corruptos. Se o desejo deles era condená-lo por um crime, então seria pelo crime de ser seu Salvador.

Um observador distraído poderia ter ficado impressionado com o zelo religioso de Caifás, que “rasgou as próprias vestes e disse:

‘Blasfemou!’” (Mt 26:65). Na verdade, porém, ele e Anás queriam Jesus morto por duas razões muito diferentes. Primeiro, Jesus ousou desafiar o controle soberano do sumo sacerdote sobre o templo. Segundo, e mais importante, Jesus era ruim para os negócios.

Para ao menos manter as aparências de decoro, o conselho se desfez. De acordo com suas rígidas regras, os membros do conselho deveriam afastar-se do julgamento até a manhã seguinte. Nesse meio tempo, eles deviam encontrar-se em pares, fazer uma refeição leve e discutir o caso exaustivamente em preparação a um parecer oficial definitivo. Em vez disso, eles aproveitaram o tempo para desabafar sua ira, um a um. A cena foi horrenda.

Então alguns lhe cuspiram no rosto e lhe deram murros. Outros lhe davam tapas e diziam: “Profetize-nos, Cristo. Quem foi que lhe bateu?”

Mateus 26:67-68

As portas do palácio de Caifás foram escancaradas, e os dignitários murmurantes correram para o pátio. João surgiu a tempo de ver Pedro envolvido num debate com a multidão de servos e soldados.

“Certamente este homem estava com ele, pois é galileu”, exclamaram os servos (Lc 22:59).

Pedro insistiu: “Homem, não sei do que você está falando!” (Lc 22:60).

“Certamente você é um deles! O seu modo de falar o denuncia” (Mt 26:73).

Pedro começou a jurar e a fazer imprecações divinas sobre si mesmo caso estivesse mentindo. “Não conheço esse homem!” (Mt 26:74).

Nesse momento, o segundo canto de um galo chamou a atenção de Pedro para o leste. A coloração cinza-azulado do céu que separa o escuro da noite do brilho da manhã começava a surgir no horizonte. Com a luz do dia, veio a percepção de que Pedro havia não apenas abandonado seu Senhor, mas que procurara a amizade daqueles que desejavam vê-lo morto. Conforme os guardas

empurravam Jesus para fora, a comoção à porta chamou a atenção de Pedro, e seus olhos imediatamente olharam para os de seu Mestre. Então uma lembrança se derramou sobre ele e o limpou de todo orgulho ou confiança em sua própria fidelidade. A lembrança verbal cravou uma afiada estaca de vergonha em seu coração:

“Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo. Mas eu orei por você, para que a sua fé não desfaleça. E quando você se converter, fortaleça os seus irmãos”. Mas ele respondeu: “Estou pronto para ir contigo para a prisão e para a morte”. Respondeu Jesus: “Eu lhe digo, Pedro, que antes que o galo cante hoje, três vezes você negará que me conhece”.

Lucas 22:31-34

Percebendo a total humilhação de sua ousada declaração — “Ainda que todos te abandonem, eu não te abandonarei!” (Mc 14:29) —, Pedro fugiu do pátio e chorou amargamente por dias.

O TERCEIRO JULGAMENTO⁵

No momento em que o Sinédrio havia suspenso a sessão da noite e o sol se levantava no dia seguinte, eles já haviam encontrado sua acusação: traição contra Roma. Eles temiam a popularidade de Jesus, supondo que uma palavra dele daria início a uma rebelião e traria a ira de Roma sobre todos. Mais de três anos antes dos julgamentos, Caifás havia inadvertidamente proferido uma profecia que ele próprio cumpriria.

Então os chefes dos sacerdotes e os fariseus convocaram uma reunião do Sinédrio. “O que estamos fazendo?”, perguntaram eles. “Aí está esse homem realizando muitos sinais miraculosos. Se o deixarmos, todos crerão nele, e então os romanos virão e tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação.” Então um deles, chamado Caifás, que naquele ano era o sumo sacerdote, tomou a palavra

⁵ Mateus 27:1-2; Marcos 15:1; Lucas 22:66-71.

e disse: “Nada sabeis! Não percebeis que vos é melhor que morra um homem pelo povo, e que não pereça toda a nação”.

João 11:47-50

Com a acusação específica já determinada e o veredicto já definido, o sumo sacerdote convocou o conselho para que fosse ao local oficial de julgamento, uma sala semicircular no lado leste do Pórtico Real do templo. O ambiente fora planejado para lembrar a área onde se debulha o trigo. Em tempos antigos, o espaço onde os fazendeiros separavam o trigo da palha tornou-se o lugar onde todos os assuntos de justiça eram levados diante de toda a comunidade.

Finalmente, à luz do dia, no lugar adequado e diante dos olhos do público, teve início o terceiro julgamento. Ainda assim, os líderes religiosos violaram suas próprias regras. Os árbitros da justiça também eram os acusadores. Ninguém defendia o acusado. O julgamento aconteceu durante a Festa dos Pães Asmos, parte do festival da Páscoa. O acusado foi compelido a testificar contra si mesmo. O propósito do julgamento se resumia a uma exibição pública. O conselho expôs rapidamente ao público o que já haviam ensaiado em particular.

Ao amanhecer, reuniu-se o Sinédrio, tanto os chefes dos sacerdotes quanto os mestres da lei, e Jesus foi levado perante eles. “Se você é o Cristo, diga-nos”, disseram eles. Jesus respondeu: “Se eu vos disser, não creereis em mim e, se eu vos perguntar, não me respondereis. Mas de agora em diante o Filho do homem estará assentado à direita do Deus todo-poderoso”. Perguntaram-lhe todos: “Então, você é o Filho de Deus?” “Vós estais dizendo que eu sou”, respondeu ele.

Lucas 22:66-70

A cada vez que abria os lábios para responder, Jesus chamava atenção para a impropriedade dos procedimentos sem negar sua declaração de ser o Messias. Ele concordou com a avaliação de que ele requeria o direito ao trono, mas não aceitaria as implicações ligadas à acusação. A insurreição nunca fez parte de seu plano.

Uma vez que a verdade nunca foi o objetivo dos que o julgavam, o conselho encerrou o caso contra Jesus. Eles disseram: “Por que precisamos de mais testemunhas? Acabamos de ouvir dos próprios lábios dele”. (Lc 22:71)

Ao final do terceiro julgamento, depois de pinçar uma acusação adequada que tanto convenceria o governador romano quanto acalmaria a multidão hebréia agitada, os líderes religiosos tinham o que consideravam necessário. Jesus afirmara ser o Cristo, aquele que os judeus amplamente consideravam sua esperança de expulsar os opressores romanos. Certamente o império gostaria de se livrar de um revolucionário potencial; se Jesus fosse executado, as pessoas o rejeitariam, considerando-o simplesmente mais um falso messias. Era uma solução ideal que costurou uma improvável aliança de fariseus (basicamente escribas e mestres leigos), saduceus (principais sacerdotes aristocratas) e zelotes (oposicionistas revolucionários).

ENCORAJAMENTO POR MEIO DO SOFRIMENTO

Nossa perspectiva histórica permite-nos ver com clareza o que muitos da época de Jesus não puderam ver. Mas ele sabia melhor que qualquer pessoa que julgamentos eram um ardil, nada mais do que as maquinacões de homens corruptos que, com ciúme, guardavam seu poder. Para piorar as coisas, eles revestiram seu comportamento ultrajante das augustas vestes da pureza religiosa. Quão patéticos devem ter parecido aos olhos da divindade!

As autoridades religiosas foram bem-sucedidas em transformar Jesus no vilão e aceitar o aplauso — e até mesmo a admiração — de um público imprudente. Elas foram bem-sucedidas em encobrir seus passos de modo que ninguém visse sua impropriedade, seu desejo de poder e sua vergonhosa conspiração para destruir um indivíduo inocente. O povo hebreu também não viu as impressionantes bênçãos que estava perdendo ao matar seu Messias. Ninguém jamais saberá de que maneira o plano de Deus se teria desdobrado caso eles tivessem abraçado a Jesus.

Muito poucas situações da vida são mais frustrantes que sofrer injustiça sozinho e sem ser notado. Os sentimentos de ira exigem justiça. A amargura exige vingança. O desespero clama ao céu em busca de alívio. A solidão brada para ser ouvida enquanto um mundo que apenas olha se mostra indiferente. Durante esses momentos obscuros, dolorosos e solitários, o silêncio do céu pode ser ensurdecedor.

Se essa é sua experiência atual, descanse na segurança de que você não está sozinho. O Senhor de fato vê seu sofrimento, e não permitirá que ele aconteça sem ser respondido. Ele verá a justiça sendo feita, embora talvez não no momento nem como você preferiria. Todavia, a agonia que você sofrer, embora pareça sufocante, não será desperdiçada. Se você permitir, essa experiência pode ser o meio pelo qual Deus venha a lhe trazer as maiores bênçãos. George Matheson expressou isso muito bem em seu livro *Thoughts for Life's Journey* [Pensamentos para a jornada da vida]:

Alma minha, não rejeites o lugar da tua prostração! Ele sempre foi o quarto de vestir que leva à realeza. Pergunta aos grandes do passado qual foi a origem de sua prosperidade, e eles dirão: "Foi o chão frio onde me deitei". Pergunta a Abraão, e ele apontará para o sacrifício no monte Moriá. Pergunta a José, e ele te levará ao seu calabouço. Pergunta a Moisés, e ele dirá que sua fortuna remonta ao perigo que passou no Nilo. Pergunta a Rute, e ela te pedirá para construir seu monumento no campo da sua labuta. Pergunta a Davi, e ele te dirá que seus cânticos vieram da noite. Pergunta a Jó, e ele te lembrará que Deus lhe respondeu no meio do redemoinho. Pergunta a Pedro, e ele enaltecerá o dia em que afundou nas águas. Pergunta a João, e ele te mostrará Patmos. Pergunta a Paulo, e ele atribuirá sua inspiração à luz que o deixou cego. Pergunta apenas a mais um: o Filho do homem. Pergunta-lhe donde vem sua autoridade sobre o mundo. Ele responderá: "Do chão frio onde me deitei — o chão do Getsêmani; ali recebi meu cetro". Tu também, alma minha, serás adornada pelo Getsêmani. O cálice que tu, satisfeita, farás passar de ti será tua grinalda no doce porvir. A hora da tua solidão te coroará. O dia da tua opressão te

regalará. É o teu *deserto* que irromperá com cântico; são as árvores da tua *floresta* silenciosa que baterão palmas...

A voz de Deus na tua noite será esta: “Teu tesouro está oculto no chão frio onde te deitaste”.⁶

O apóstolo Pedro colocou-se a distância, vendo seu Mestre suportar a maior injustiça que já havia sofrido. Ninguém era mais inocente que Jesus. Poucos foram mais hipócritas e corruptos que Anás e Caifás. Talvez refletindo sobre como Jesus se comportou durante aqueles momentos horríveis, Pedro mais tarde escreveu aos cristãos perseguidos: “Pois, que vantagem há em suportar açoites recebidos por terem cometido o mal? Mas se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus” (1Pe 2:20).

Quais são as mensagens para nós, vinte séculos depois? Pare de tentar ser ouvido. Não espere reconhecimento. Fale a verdade, em amor e sem apologia, a todo aquele que estiver disposto a ouvir. Esteja ciente de que sofrerá por fazer isso. Então, de maneira calma e tranqüila, submeta-se à soberana vontade de Deus.

Jesus aceitou o fato de que não receberia justiça dos homens. Ele sabia que o mundo de então — assim como o de agora — era dominado pelo pecado e governado por pessoas decaídas. Sendo assim, ele não procurou as cortes para fazer justiça nem a aprovação das pessoas para receber afirmação. Em vez disso, submeteu-se à vontade do Pai. Ele falou a verdade e recusou-se a permitir que a ira e a amargura impedissem alguém de vê-la — caso realmente quisesse vê-la. Durante todo o seu sofrimento, ele se entregou àquele que, de maneira final e inevitável, julgará toda alma com justiça. Que magnífico modelo a ser seguido!

⁶ P. 266-267.

CAPÍTULO QUATORZE

Os últimos julgamentos e a tortura de Jesus

NO ANO 26 D.C., o imperador Tibério aposentou-se e foi para a ilha de veraneio de Capri. Dali, governaria seu império por meio de Lúcio Sejano, deixado em Roma para administrar todos os assuntos práticos do governo. Sejano trabalhou duro para alcançar essa nomeação. Transformou um pequeno regimento da guarda pessoal do imperador na Guarda Pretoriana, braço poderoso e influente do governo de Roma. Além disso, livrou-se sistematicamente de qualquer um que pudesse ser empecilho para sua subida ao poder, incluindo Druso, o próprio filho do imperador.

Pouco depois de se tornar o líder *de facto* de Roma, Sejano concedeu a seu amigo Pôncio Pilatos um posto que se tornara um dos mais invejados do império: procurador da Judéia. Havia grandes riscos, mas também grandes recompensas políticas para aquele que fizesse um bom trabalho. Sejano precisava de um homem forte, em quem pudesse confiar para trazer estabilidade àquela região tão importante e volátil.

O historiador Filo de Alexandria descreveu Pilatos como “um homem de disposição profundamente inflexível, implacável e muito obstinado”.¹ A disposição de Pilatos foi-lhe muito útil em designações

¹ *The Works of Philo*, p. 784.

anteriores, mas quase destruiu sua carreira pouco depois de ter assumido o comando da Judéia. Tal qual a maioria dos romanos, ele deixou de levar em conta os desafios singulares que acompanhavam o ato de governar judeus. Pouco depois de sua chegada, enviou uma mensagem clara a Jerusalém, informando que havia um novo governante na cidade e que ele não seria brando como os anteriores. De seu quartel-general em Cesaréia, enviou um exército para passar o inverno em Jerusalém, ordenando-lhes que levassem a imagem de César em seus escudos e a mostrassem nas praças públicas, assim como se fazia no resto do império. Outros procuradores haviam honrado a lei judaica evitando a mostra de qualquer “imagem de alguma forma semelhante a homem ou mulher” (Dt 4:15-18).

Quando os líderes de Jerusalém viajaram em massa para Cesaréia a fim de formalizar um protesto, Pilatos viu-se diante de um dilema nada invejável. Remover as imagens não apenas mostraria fraqueza, mas insultaria César, que deveria ser adorado como um deus. Contudo, manter a paz era sua responsabilidade principal, e os líderes judeus não desistiriam. Josefo descreveu como terminou a confrontação.

No sexto dia [do protesto], ele ordenou a seus soldados que levassem suas armas [escondidas], enquanto ele mesmo veio e se assentou em seu trono de julgamento, trono esse que fora preparado em lugar aberto da cidade, escondendo o exército que estava pronto a oprimi-los. Quando os judeus repetiram o pedido, ele deu sinal aos soldados para que os cercassem, e ameaçou-os dizendo que a punição não seria menor que morte imediata, a não ser que eles parassem de perturbá-lo e voltassem para casa. Mas eles se jogaram no chão, descobriram o pescoço e disseram que aceitariam a morte de boa vontade, para que a sabedoria de suas leis não fosse transgredida. Diante disso, Pilatos ficou profundamente impressionado pela firme resolução que tinham de não violar suas leis e ordenou prontamente que as imagens fossem trazidas de Jerusalém para Cesaréia.²

² *The Works of Josephus*, p. 392.

Outro impasse, semelhante a esse, terminou com um banho de sangue de judeus e, dentro de poucos dias, uma carta estava a caminho de Capri pedindo a remoção de Pilatos. Naquela época, Tibério descobriu que Sejano fora o responsável pela morte de seu filho e executou-o prontamente. Ao presenciar cidadãos romanos arrastando o corpo de Sejano pelas ruas com grande celebração, Pilatos viu-se repentinamente sem amigos no mundo.

O QUARTO JULGAMENTO³

Com a festa judaica da Páscoa em plena atividade e Jerusalém com quase dez vezes sua população normal, Pilatos mudou-se para o Pretório a fim de garantir a lei e a ordem. Contudo, ficou surpreso ao ouvir os judeus exigindo uma audiência durante a festa. A preocupação com a pureza ritual não lhes permitia entrar num prédio romano, de modo que o procurador teve de encontrá-los no pátio, que estava quase totalmente cheio. Mais de setenta anciãos judeus, vestidos com toda a pompa, posicionaram-se em semicírculo ao redor de um prisioneiro acorrentado. O corpo inchado e o sangue seco na face do homem, além da multidão irada atrás dos anciãos, deixaram claro para o procurador que ele precisava levar aquela audiência matinal a sério.

Então Pilatos saiu para falar com eles e perguntou: “Que acusação vocês têm contra este homem?” Responderam eles: “Se ele não fosse criminoso, não o teríamos entregado a ti”. Pilatos disse: “Levem-no e julguem-no conforme a lei de vocês”. “Mas nós não temos o direito de executar ninguém”, protestaram os judeus.

João 18:29-31

As acusações originais de heresia ou blasfêmia eram preocupações religiosas, e os romanos se mostravam notadamente flexíveis no que se referia às religiões. Eles tinham centenas de deuses,

³ Mateus 27:11-14; Marcos 15:2-5; Lucas 23:1-7; João 18:28-38.

diferentemente dos obstinados judeus que insistiam na existência de um único Deus. No entanto, a não ser que as crenças locais interrompessem o fluxo de dinheiro para os cofres romanos ou que escaramuças locais ameaçassem a estabilidade da região, os procuradores geralmente optavam por não se envolver.

Os líderes judaicos reconheciam que Roma só se importava com Roma, de modo que seria necessário apresentar a Pilatos acusações que retratassem Jesus como uma ameaça ao Estado.

E começaram a acusá-lo, dizendo: “Encontramos este homem subvertendo a nossa nação. Ele proíbe o pagamento de imposto a César e se declara ele próprio o Cristo, um rei”.

Lucas 23:2

Pilatos então voltou para o Pretório, chamou Jesus e lhe perguntou: “Você é o rei dos judeus?” Perguntou-lhe Jesus: “Essa pergunta é tua, ou outros te falaram a meu respeito?” Respondeu Pilatos: “Acaso sou judeu? Foram o seu povo e os chefes dos sacerdotes que entregaram você a mim. Que é que você fez?” Disse Jesus: “O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui”. “Então, você é rei!”, disse Pilatos. Jesus respondeu: “Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem”. “Que é a verdade?”, perguntou Pilatos.

João 18:33-38

A verdade. Vamos encarar os fatos: o mundo romano não era muito diferente do nosso mundo de hoje. Pilatos não chegou ao seu lugar de poder e proeminência seguindo a verdade por onde quer que ela o levasse. E, quando a verdade se torna serva da conveniência, o sucesso deixa de ser uma questão de buscar a luz e caminhar nela, e passar a ser uma questão de descobrir quais sombras oferecem a melhor proteção para quem não vive honestamente. Optar entre a verdade e a conveniência é a maneira pela qual alguém escolhe a qual reino servirá.

Jesus ofereceu uma escolha a Pilatos — a mesma escolha que ele nos oferece hoje: comprometa aquilo que você sabe ser a verdade e preserve seu lugar no reino de Tibério, ou caminhe sob a luz da verdade e receba recompensas invisíveis no reino de Deus. Ao que parece, as feridas ao redor dos olhos de Jesus não tornaram a última opção mais atraente. “[Pilatos] disse isso e saiu novamente para onde estavam os judeus, e disse: ‘Não acho nele motivo algum de acusação’”. (Jo 18:38).

Talvez Pilatos tenha pensando por que esses enigmas pareciam correr atrás dele a despeito de seus maiores esforços para permanecer neutro. Uma vez que Sejano estava morto, ele provavelmente não sobreviveria a outra controvérsia. Contudo, estava ali diante dele um homem claramente inocente de qualquer tipo de crime contra Roma e uma multidão revoltosa insistindo em que tal homem era uma séria ameaça a Tibério. Eles haviam apelado a Roma muitas vezes, e a impressão era de que sempre obtinham vantagens. A última carta que recebera de Tibério deixava claro que ele deveria ter mais respeito pela sensibilidade religiosa dos judeus, caso contrário sua carreira chegaria ao fim.

Mas eles insistiam: “Ele está subvertendo o povo em toda a Judéia com os seus ensinamentos. Começou na Galiléia e chegou até aqui”.

Lucas 23:5

Atordado diante de outro enigma político insolúvel, uma única palavra, surgida no meio do clamor, deu-lhe esperança: *Galiléia*. Jesus era da Galiléia!

Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia, estava hospedado não muito longe do Pretório para a celebração da Páscoa. A aristocracia judaica o reconhecia como líder. A jurisdição era dele. Era uma maneira perfeita de jogar o problema no ombro de outra pessoa.

O QUINTO JULGAMENTO⁴

Herodes Antipas era filho de Herodes, o Grande, e herdou muitas de suas qualidades, entre elas um grande amor pela construção civil e um caráter especialmente cruel. A despeito de uma impressionante lista de prédios e cidades construídas por ele — incluindo uma importante cidade nomeada em homenagem a Tibério —, Antipas era uma caricatura da devassidão de Roma. Seu governo consistia basicamente em frívolas festas de auto-indulgência. Um exemplo de sua conduta aconteceu quando ele expulsou sua esposa de casa e então consumou um relacionamento com a mulher de seu irmão, Herodias, casando-se com ela. Seus atos não apenas violaram um tratado de casamento, mas desconsideraram uma lei judaica, gerando críticas por parte de João Batista. Então, durante uma das festas de Herodes, “a filha de Herodias dançou diante de todos, e agradou tanto a Herodes que ele prometeu sob juramento dar-lhe o que ela pedisse” (Mt 14:6-7). Seu pedido foi a cabeça de João Batista numa bandeja, ao qual Herodes prontamente atendeu.

Antipas equilibrou inteligentemente seus laços com Roma e a aparência de lealdade a seu povo. Durante muitas das suas controvérsias com Pilatos, ele defendeu os líderes judaicos e conseguiu conter a ira de Tibério. Isso o transformou num importante aliado potencial para Pilatos, que precisava de um amigo poderoso. Pilatos sabia que Herodes “havia muito tempo queria [ver Jesus]. Pelo que ouvira falar dele, esperava vê-lo realizar algum milagre” (Lc 23:8). Assim, num gesto não diferente de uma afável anedota, ele enviou “o rei dos judeus” para ser julgado por Herodes.

[Herodes] interrogou-o com muitas perguntas, mas Jesus não lhe deu resposta. Os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei estavam ali, acusando-o com veemência.

Lucas 23:9-10

⁴ Lucas 23:8-12.

Se Antipas queria um *show*, ficou desapontado. Jesus reconheceu um fato básico da vida: as palavras são desperdiçadas quando jogadas às pessoas que não desejam a verdade. Anteriormente, ele se referiu a isso como “atirar pérolas aos porcos” (Mt 7:6). Os inimigos de Jesus lançavam acusações enquanto Herodes o bajulava para ver algum milagre, mas ele permaneceu calado. Por fim, Herodes e sua corte se cansaram do jogo e mandaram Jesus de volta a Pilatos. Ao mesmo tempo que se recusou a tirar o problema das mãos de Pilatos, Herodes reconheceu a piada do procurador ao devolver Jesus vestindo um manto real de sua própria coleção.

Em resultado da zombaria que os dois homens compartilhavam, Pilatos ganhou o aliado de que ele tão desesperadamente precisava. Todavia, Jesus continuava sendo um problema seu.

O SEXTO JULGAMENTO⁵

Numa cela não muito distante da sala de julgamento do Pretório, um homem esperava pela execução. Só se pode especular a razão de ele ser conhecido como Barrabás. Seu nome não fazia sentido, significando “filho de um pai”. Talvez fosse um apelido, um inteligente “João-ninguém” que ele havia adotado para proteger sua família quando se juntou a um bando de assassinos e terminou tornando-se seu líder. Na época em que foi preso, já era um assassino notório, um tipo de criminoso que os romanos gostavam muito de executar usando o meio mais agonizante possível. Ele seria crucificado em breve.

Homens como Barrabás deram aos procuradores de Roma e aos líderes religiosos uma rara oportunidade de encontrar algo comum. Até serem presos, as atividades dos agitadores causavam tristeza em Roma, para a enorme alegria dos judeus. Contudo, esses velhacos insurgentes eram igualmente desprezados pelo saduceus, que cooperavam com Roma. Conseqüentemente, a prisão de um insurgente

⁵ Mateus 27:15-26; Marcos 15:6-15; Lucas 23:13-25; João 18:39—19:16.

se tornava uma oportunidade para os líderes judeus dissimularem apoio à ocupação romana.

Isso deu uma idéia a Pilatos. O costume de seus antecessores era libertar um prisioneiro em honra ao festival judaico. Se ele forçasse a multidão a escolher entre um homem inocente e outro comprovadamente culpado de inúmeros crimes contra Roma, certamente eles não apoiariam um genuíno inimigo do Estado. Optar pela libertação de um revolucionário conhecido os colocaria no lado oposto de César. Mas Pilatos subestimou o ódio que eles tinham por Jesus. Quando lhes fez a oferta para escolher entre os dois, para sua surpresa eles gritaram: “Não, ele não! Queremos Barrabás!” (Jo 18:40).

A manobra de Pilatos não apenas fracassou na tentativa de libertá-lo da teia política, como terminou por enredá-lo ainda mais. Relutante em perdoar um assassino notório, Pilatos decidiu açoitar Jesus para poupá-lo da crucificação, na esperança de que aquela “morte pela metade” satisfizesse a sede de sangue dos líderes judaicos.

O açoitamento envolvia o uso do *flagrum*, um chicote com longas franjas de couro. As tiras de couro podiam ser apenas amarradas, mas se o *lictor* — um especialista treinado na arte da tortura — quisesse infligir mais dano, poderia optar por um chicote com pequenos pesos de metal ou até mesmo pedaços de ossos de carneiro entrelaçados nas tiras. “As bolas de metal causariam contusões profundas, e as correias de couro com ossos de carneiro cortariam a pele e os tecidos subcutâneos. Então, à medida que a fustigação continuava, as lacerações poderiam cortar até os músculos mais profundos, produzindo tiras pulsantes de carne ensangüentada”.⁶ De acordo com um médico, o açoitamento normalmente resultava em “fratura das costelas, ferimentos severos nos pulmões e lacerações com sangramento na cavidade peitoral, além de um pneumotórax (falência do pulmão) parcial ou completo”.⁷ Os romanos eram

⁶ W. D. EDWARDS, W. J. GABEL e F. E. HOSMER, “On the Physical Death of Jesus Christ”, *The Journal of the American Medical Association* 255, nº. 11, p. 1457.

⁷ Frederick T. ZUGIBE, *The Crucifixion of Jesus*, p. 22.

especialistas na arte de torturar e sabiam exatamente como bater num homem até chegar a um centímetro do fim de sua vida. Esse procedimento normalmente colocava a vítima em choque em menos de cinco minutos, e as feridas levavam meses para cicatrizar.

Enquanto o lictor prendia os pulsos de Jesus nas laterais de um pequeno pilar de madeira, toda a coorte na guarnição encheu a galeria para fazer parte daquele espetáculo humilhante. Eles zombavam e gritavam insultos enquanto o lictor escolhia um instrumento de tortura, dava um passo para trás e golpeava rapidamente as costas de Jesus com as tiras de couro. Um açoitamento judaico se limitava a 39 chibatadas e se restringia à área das costas e dos ombros, mas os lictores romanos não se prendiam a regras. Costas, pernas, nádegas, peito, abdome, face — nenhuma parte do corpo estava fora dos limites, e o espancamento continuava, contanto que todos estivessem divertindo-se. Se a vítima desmaiava, o lictor esperava até que recobrasse a consciência e então continuava sua sádica tortura.

De acordo com médicos, a maioria das vítimas entrava em choque em apenas alguns minutos de açoitamento contínuo, de modo que é muito provável que o lictor desferisse três ou quatro golpes de cada vez e então permitisse que os assistentes insultassem e humilhassem a vítima. No caso de Jesus, os soldados teceram uma coroa de espinhos e a pressionaram em sua cabeça. Tenho comigo uma réplica trazida por um grupo de amigos que visitaram Israel. Os espinhos têm de seis a oito centímetros e vão afinando até a ponta, fina como uma agulha. Até hoje é perigoso pegá-la nas mãos.

A humilhante coroação foi seguida por mais espancamento. Jogaram a capa de um oficial sobre os ombros esfolados de Jesus como seu manto real, colocaram uma vara de medida em suas mãos para ser seu cetro e se curvaram diante dele numa reverência zombeteira. “Salve, rei dos judeus!” (Jo 19:3). Mais espancamento se seguiu. Fizeram-no desfilar pelo pátio da Fortaleza e, da galeria, atiraram objetos nele. Depois, bateram-lhe na cabeça com a vara de medir e o açoitaram ainda mais. Finalmente, deram socos e, sem nenhum pudor, cuspiram em sua face antes de enviá-lo de volta a Pilatos

sangrando, tremendo por causa do choque, quase sem conseguir ficar em pé pelas próprias forças e, ainda por cima, usando sua tenebrosa coroa de espinhos.

Num período de cerca de uma hora, Jesus foi devolvido ao Pretório. Depois de tudo o que lhe fizeram, o procurador tinha certeza de que o povo ficaria satisfeito. Empurrou Jesus — que quase não conseguia ficar de pé, totalmente humilhado — para a plataforma e disse orgulhosamente: “Eis o homem!” (Jo 19:5). Mas em vez de saudar aquilo que ele considerava ser sua concessão extremamente generosa, a multidão começou a gritar “Crucifica-o! Crucifica-o!” (Jo 19:6). Um Pilatos exasperado agitou a mão, encolheu os ombros e disse: “Levem-no vocês e crucifiquem-no. Quanto a mim, não encontro base para acusá-lo” (Jo 19:6). Então se virou para entrar. Mas, antes que pudesse dar alguns passos, os líderes disseram algo que lhe deu um frio na espinha. “Temos uma lei e, de acordo com essa lei, ele deve morrer, porque se declarou Filho de Deus” (Jo 19:7). Pouco antes, a esposa de Pilatos enviara uma nota na qual dizia: “Não se envolva com este inocente, porque hoje, em sonho, sofri muito por causa dele” (Mt 27:19).

Os romanos eram supersticiosos e notadamente inclusivos quando se tratava de apaziguar um deus — o deus de qualquer um. Normalmente eles assumiam uma abordagem do tipo “É melhor prevenir do que remediar” em relação às divindades e davam atenção a qualquer augúrio que pudesse sugerir que eles estavam vulneráveis. Ao menos ele levou em consideração o temor de sua esposa e optou por questionar Jesus outra vez.

“De onde você vem?”, mas Jesus não lhe deu resposta. “Você se nega a falar comigo?”, disse Pilatos. “Não sabe que eu tenho autoridade para libertá-lo e para crucificá-lo?” Jesus respondeu: “Não terias nenhuma autoridade sobre mim, se esta não te fosse dada de cima. Por isso, aquele que me entregou a ti é culpado de um pecado maior”.

Quanto mais Pilatos tentava safar-se daquele apuro, mais enredado na teia política ele ficava. Convencido de que Jesus era inocente, temeroso do mau agouro que viera de sua esposa e, naquele momento, ciente da dimensão cósmica de sua decisão, Pilatos tentou pela última vez libertar Jesus. Mas os líderes religiosos deram a cartada final. “Se deixares esse homem livre, não és amigo de César. Quem se diz rei opõe-se a César” (Jo 19:12).

Essa foi a gota d’água. Pilatos não precisava ouvir nada mais. Em todas as outras ocasiões em que líderes religiosos apelaram a Roma, a ira de Tibério estremeceu sua carreira até os fundamentos. Sem dúvida, a lembrança de Herodes, o Grande, perdendo seu *status* de “amigo de César” e seu subsequente rebaixamento assombravam o político ambicioso. Depois de o amigo Sejano ter sido executado por traição, ele certamente não sobreviveria a outra controvérsia. Além do mais, sua nova amizade com Herodes Antipas prometia mudar todo o panorama.

Ao ouvir isso, Pilatos trouxe Jesus para fora e sentou-se na cadeira de juiz, num lugar conhecido como Pavimento de Pedra... “Eis o rei de vocês”, disse Pilatos aos judeus. Mas eles gritaram: “Mata! Mata! Crucifica-o!” “Devo crucificar o rei de vocês?”, perguntou Pilatos. “Não temos rei, senão César”, responderam os chefes dos sacerdotes.

João 19:13-15

A partir do momento em que os líderes levaram Jesus diante de Pilatos, verdade e poder lutaram pela supremacia dentro do coração do procurador. Contudo, no final, ele sacrificou a verdade no altar de seu deus. Levantou-se da cadeira de juiz, lavou as mãos na frente da multidão e disse: “Estou inocente do sangue deste homem; a responsabilidade é de vocês”. Os líderes responderam: “Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos!” (Mt 27:24).

Dentro de uma hora, Jesus assumiria o lugar de Barrabás na cruz.

REAÇÕES

Os julgamentos de Jesus Cristo são passado. As areias do tempo encobriram os detalhes. A expressão das pessoas foi apagada da lembrança. Seus nomes foram reduzidos a simples ícones aos quais a história e o folclore vincularam clichês. Mas quero desafiar você a usar sua imaginação e a colocar-se no lugar daquelas pessoas por tempo suficiente para apreciar os dilemas intelectual, prático e moral que elas enfrentaram. Aquelas pessoas não eram muito diferentes de mim ou de você. Encontro quatro perspectivas diferentes no caso “O Estado contra Jesus de Nazaré”, cada uma representada por uma personagem de destaque nos relatos históricos.

Pilatos. Estava completamente convencido pela verdade, mas receava admiti-la ou agir de acordo com seus preceitos por medo de perder o favor de certas pessoas.

Herodes. Por estar tão distraído com as buscas superficiais, a verdade há muito se tornara irrelevante.

Esposa de Pilatos. Era tão facilmente persuadida e descuidadamente sem opinião que verdade e ficção conviviam pacificamente.

Os líderes religiosos. Estavam voluntariamente despreocupados com a verdade, pois ela frustrava suas motivações pessoais.

Os julgamentos de Jesus acabaram; contudo, cada homem e cada mulher desde então têm assento no local reservado ao júri. E nós, da mesma forma que Pilatos, Herodes, a esposa de Pilatos e a multidão irada, devemos chegar a um veredicto em nosso coração. Jesus apresentou sua defesa. Suas respostas foram claras. Em qual das quatro categorias você se encaixa?

Hoje em dia, algumas pessoas são como Pôncio Pilatos. Reconhecem a verdade sobre Jesus Cristo e até mesmo a aceitam, mas recusam entregar-se a essa verdade porque ela ameaça interromper os planos que têm para sua própria vida. Temem a rejeição das pessoas. Talvez tenham um desejo maior por poder, dinheiro, conforto, relacionamentos... a lista é infundável.

Algumas pessoas são como Herodes. Elas se distraem com projetos, festas ou busca por emoção, e esquecem aquilo que é mais importante na vida. Crer em Jesus Cristo é para fanáticos e pessoas que se levam a sério demais. Tudo isso é uma grande piada. A verdade sobre Cristo se perde na busca pelo próximo bom momento.

Então, existem as pessoas como a esposa de Pilatos, que aceitam que as declarações de Jesus são autênticas... juntamente com qualquer outra filosofia transitória ou crença religiosa. Elas transformam a Bíblia, a cruz, a igreja e até mesmo o nome de Jesus em símbolos sagrados de uma fé sentimental ou em amuletos de sorte usados para repelir a culpa e outras experiências negativas. Elas têm uma crença superficial e sentimental que não muda nem transforma seu caráter.

O pior de tudo é que muitas pessoas rejeitam Jesus Cristo porque ele não é o messias que elas prescreveram para si mesmas. Possuem uma imagem clara do deus que gostariam de adorar — e que até mesmo acham que adoram —, mas não sentem desejo pelo Deus que de fato existe e que revelou a si mesmo.

Jesus disse: “Para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem” (Jo 18:37). Pilatos desvalorizou a verdade sobre o Filho de Deus. Herodes era superficial e vaidoso demais para enxergar a verdade. A esposa de Pilatos aceitava tudo como verdade e, portanto, deixou de reconhecê-la. E a multidão irada ignorou a verdade, considerando-a inconveniente.

Chega de falar de todos eles. A pergunta hoje se volta para você: O que *você* tem feito com a verdade sobre o Filho de Deus?

CAPÍTULO QUINZE

Entregue para ser crucificado

É MUITO DIFÍCIL ver algumas imagens, mas elas são significativas demais para serem ignoradas.

Durante os dezesseis meses que passei em Okinawa com a Terceira Divisão Marítima, minha equipe visitou um leprosário no extremo norte da ilha. Enquanto saudava as pessoas que se haviam afastado da comunidade para seu próprio bem e o bem de suas famílias — homens e mulheres cujo corpo estava horrivelmente desfigurado por aquilo que os médicos hoje chamam de hanseníase —, meu desejo era olhar para longe. Quase não consegui suportar aquele sofrimento. Mas afastar o olhar seria desprezar aquelas pessoas, e estávamos ali para ajudá-las a esquecer sua doença por um tempo.

Descobri que, se me concentrasse em seus olhos, podia conectar-me com as pessoas cujo corpo fazia com que se parecessem — e se sentissem — cada vez menos humanas. Assim que encontrei a humanidade interior, pude aceitar, e até mesmo abraçar, aqueles corpos deteriorados e desfigurados como sendo os mais humanos de todos.

Fico feliz por não ter afastado meu olhar. Por mais difícil que fosse encarar tais figuras, aquelas pessoas vivendo em reclusão e ostracismo no extremo norte de uma pequena ilha do Pacífico Sul mudaram a minha vida. O leprosário tornou-se para mim uma

metáfora da igreja. É isso o que me mantém no ministério quando vítimas desfiguradas da depravação — ainda contaminadas pela imundície do pecado — enchem os bancos, assumem posições de liderança e ousam colocar-se diante dos outros para ensinar... ou até mesmo atrás de um púlpito para pregar.

Às vezes as mais horríveis imagens podem transformar-se no catalisador para as mudanças mais significativas em nossa vida... basta resistir à tentação de afastar o olhar.

ENTREGUE

Estando Barrabás sentado numa cela abaixo da Fortaleza Antônia, a não mais de 500 metros do Pretório, Pilatos esclareceu a questão para os líderes religiosos e seus comparsas sedentos de sangue: “Vejam, eu o estou trazendo a vocês, para que saibam que não acho nele motivo algum de acusação” (Jo 19:4). A turba pediu mais uma vez a libertação de Barrabás e a crucificação de Jesus, dizendo: “Se deixares esse homem [Jesus] livre, não és amigo de César” (Jo 19:12). Pilatos lavou simbolicamente a culpa de suas mãos e deu-lhes o que queriam.

Os julgamentos de Jesus terminaram de maneira previsível porque chegaram a uma acusação previamente definida. Jesus não era o tipo de Messias que a turba revoltosa desejava. Ele não era o governador de mentirinha que os ricos e poderosos poderiam controlar como uma marionete. Jesus não era a ameaça revolucionária que Pilatos esperava condenar legitimamente. A única questão sobre a qual aquelas partes habitualmente inimigas poderiam concordar era que a morte de Jesus resolveria o problema delas. “Finalmente Pilatos o entregou a eles para ser crucificado” (Jo 19:16).

Ao longo de toda a sua história, a humanidade maquinou centenas de maneiras de matar um homem, a maioria delas planejada para provocar a morte da maneira mais lenta e dolorosa possível. Mas nenhuma se equiparava à crucificação. Cícero, grande orador da Antiguidade, descreveu a crucificação como “o pior extremo das

torturas infligidas a escravos”.¹ Tácito a chamou de “uma morte desprezível”.

De acordo com o historiador grego Heródoto, os persas inventaram a prática depois de experimentar outras formas de morte lenta, incluindo morte por apedrejamento, afogamento, combustão, fervilhamento, estrangulamento e esfolamento. Por fim, passaram a executar as pessoas que consideravam particularmente detestáveis empalando-as em estacas com o objetivo de impedir a contaminação do solo, que seu deus Ormuzd criara como algo sagrado. Mais tarde, a crucificação tornou-se uma ferramenta usada por Alexandre, o Grande, os quatro generais que o sucederam e finalmente os cartagineses, de quem os romanos a aprenderam.

Os gregos e os primeiros romanos reservavam a crucificação a rebeldes, escravos fugitivos, soldados desertores e à pior espécie de criminosos — pessoas que eles consideravam criaturas inferiores — e abominavam a idéia de permitir que uma pessoa civilizada fosse pendurada. Cícero escreveu: “Atar um cidadão romano é um crime, açoitá-lo é uma abominação, torturá-lo é quase um ato de assassinato. Crucificá-lo é — o quê? Não há palavra adequada que possa descrever ato tão horrendo”.² A crucificação reunia as quatro qualidades que os romanos mais valorizavam numa execução: agonia impiedosa, morte prolongada, espetáculo público e humilhação total. Portanto, ela se tornou “um meio dos mais eficazes de manter a ordem e a segurança. Os governadores impunham essa punição servil especialmente sobre aqueles que buscavam libertar-se do governo romano”.³

Embora não tenham inventado a crucificação, os romanos transformaram a técnica numa arte macabra. Um *exacto mortis* era instruído nos mais elaborados rituais de morte e liderava uma equipe

¹ *The Verrine Orations*, vol. II, p. 655.

² *Idem*, p. 655-657.

³ Gerhard KITTEL, ed., e Geoffrey William BROMILEY, trad. e ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 7, p. 573.

de soldados chamada *quaternion*. Sua única função era transformar a execução romana num espetáculo aterrorizante. Sua experiência lhes dava ampla oportunidade de experimentar métodos diferentes. “Josefo indicou que os soldados pregavam suas vítimas em posições diferentes para sua própria diversão ou em razão de ódio, sadismo, esquisitice ou aversão”.⁴ Com o passar do tempo, aprenderam a adicionar vários elementos ao processo, ajustando-os para alcançar o efeito desejado. Podiam controlar com habilidade a quantidade de sofrimento, a causa da morte e até mesmo em que momento a vítima morreria.

A prática comum era que a vítima fosse submetida a um açoitamento com o *flagrum* antes da execução, e a intensidade da punição normalmente determinava quanto tempo a pessoa sobreviveria na cruz. Se o desejo do carrasco era matar a vítima rapidamente, então optava por um açoitamento com um chicote preparado com pedaços de ossos de carneiro presos na ponta das tiras. Por outro lado, um açoitamento mais leve, com tiras de couro simples, poderia permitir que a pessoa agüentasse vários dias na cruz, talvez mais que uma semana.

Depois de o *lictor* ter completado sua tarefa cruel, o *exactor mortis* arrancava a roupa do prisioneiro e forçava-o a carregar o instrumento de sua própria morte até o lugar da execução. Uma placa chamada *titulus* era pendurada no pescoço da vítima. O *titulus* nada mais era que uma tábua tosca na qual estava escrito o nome do prisioneiro e a lista dos crimes cometidos. Eventualmente ela era pendurada na cruz, acima de sua cabeça, para que todos soubessem a razão de ele estar ali para morrer.

Tendo colocado a carga de morte sobre suas costas e o *titulus* em volta de seu pescoço, o *quaternion* formava um quadrado ao redor da vítima e dava início a uma longa e vagarosa marcha pelas partes principais da cidade — uma marcha fúnebre que, nos anos posteriores, passou a ser chamada de Via Dolorosa (em latim), ou

⁴ Frederick T. ZUGIBE, *The Crucifixion of Jesus*, p. 53.

“caminho do sofrimento”. O propósito da marcha era, naturalmente, incrementar o espetáculo público, o que reforçava a advertência a qualquer outro pretensão criminoso. Embora vários países ainda se utilizem da pena de morte, nos Estados Unidos, por exemplo, ela é executada a portas fechadas, longe dos olhos do público em geral. Não era assim em Roma. A execução era um ato deliberadamente público.

Durante o último julgamento, o *lictor* e sua coorte espancaram Jesus praticamente até a morte. Enviaram-no de volta ao Pretório sangrando, lacerado e tremendo por causa do choque. No momento em que Pilatos o entregou ao *exactor mortis*, Jesus não estava em condições de carregar a travessa da cruz por muito tempo. Ele talvez a tenha levado por um pouco, mas os soldados ficaram impacientes e determinaram que um homem chamado Simão de Cirene a carregasse em seu lugar.

Os líderes religiosos reclamaram do *titulus* que Pilatos havia preparado. Abaixo do nome “Jesus Nazareno”, Pilatos escreveu em hebraico, latim e grego o crime pelo qual ele era crucificado: “O Rei dos Judeus”. Os líderes queriam mudar a frase, de modo que se lesse “Jesus Nazareno, auto-intitulado rei dos judeus”, por temor de que alguém pudesse considerar a declaração verídica. Mas Pilatos sentiu que já havia cedido demais. Ele não faria mais nada por eles. “O que escrevi, escrevi” (Jo 19:22).

Jesus não teria carregado a cruz inteira, que deveria pesar mais de cem quilos. Até mesmo um homem que não tivesse sido açoitado encontraria dificuldade em arrastar — quanto mais carregar — tanto peso por mais de cem metros. A travessa da cruz, chamada de *patibulum*, “era colocada na nuca da vítima e equilibrada pelos dois ombros”.⁵ A parte vertical, chamada de *stipes*, esperava pela vítima no local da crucificação, normalmente ao lado de uma via principal que levava à cidade. Uma vez ali, o *patibulum* era conectado ao

⁵ W. D. EDWARDS, W. J. GABEL e F. E. HOSMER, “On the Physical Death of Jesus Christ”, *The Journal of the American Medical Association* 255, nº 11, p. 1459.

topo da *stipes* por meio de um entalhe para formar um enorme “T” maiúsculo.

Se a Jerusalém do século I tinha alguma semelhança com a de hoje, praticamente qualquer rota que passasse por dentro da cidade seria um pesadelo claustrofóbico. Os becos estreitos e tortuosos estariam cheios de visitantes por conta da festa da Páscoa. O piso desnivelado de pedras assentadas à mão fazia com que os passos fossem incertos à medida que Jesus pisava em falso devido ao peso da travessa de madeira sobre seus ombros. Se ele caísse, tendo os braços presos à travessa da cruz, nada evitaria que seu rosto se chocasse contra as pedras.

LEVANTADO

Ao chegarem ao local que os habitantes da cidade haviam apelidado de Gólgota — “o lugar da caveira” —, jogavam o *patibulum* no chão e o conectavam ao topo da *stipes*. A vítima era colocada sobre a madeira e atada à cruz com os braços estendidos e os pés colocados horizontalmente sobre a face da *stipes*. Normalmente, a vítima era simplesmente atada, o que não parece particularmente brutal até que se considere que isso prolongava muito mais a morte do que se a vítima fosse pregada.

Para melhor entender os efeitos da crucificação sobre o corpo humano, o dr. Frederick Zugibe, patologista forense, fez estudos científicos sobre a crucificação por mais de cinquenta anos. Como parte de suas experiências, fez com que voluntários fossem atados a uma cruz com o objetivo de observar seu comportamento e registrar sua resposta psicológica. Ele monitorou de perto parâmetros como respiração, pressão sanguínea, batimentos cardíacos, circulação e até mesmo a quantidade de oxigênio no sangue. Suas descobertas mudaram a maneira de os historiadores verem a crucificação.

A maioria dos voluntários submetidos aos testes do dr. Zugibe experimentaram grande desconforto na primeira meia hora. Seus antebraços ficaram dormentes, e eles se sentiam como se os ombros estivessem sendo puxados das juntas. Para aliviar a dor e a dormência

nos braços, eles instintivamente se jogavam para cima, apoiando-se nas pernas. Então vinham as câibras nas pernas, a fadiga e o esfriamento, até que arcavam as costas. Mas não demorava muito até que fosse extremamente difícil suportar isso, de modo que voltavam a uma de suas outras posições. Por fim, os voluntários precisavam manter o corpo em constante movimento para lidar com a dor nos braços, no peito, nas costas e nas pernas. Imagine fazer isso 24 horas por dia, durante vários dias.

Esses experimentos, juntamente com o estudo de documentos históricos, revelaram que a morte normalmente vinha por meio da exposição, desidratação, fome ou asfixia por fadiga. No caso da asfixia, o contorcer incessante deixava a vítima por demais exausta, desidratada e mal nutrida para inalar, o que levava à sufocação. Se o executor fosse especialmente sádico, ele equiparia a cruz com um *sedile*, uma espécie de acento colocado mais ou menos na metade da cruz, entre as pernas da vítima, onde ela poderia periodicamente apoiar seu corpo. Esta cruel ironia abrandava o sofrimento da vítima com o objetivo de estender sua aflição.

Para precipitar o fim, o *exacto mortis* poderia suspender a vítima usando pregos em vez de cordas, o que provocava a morte dentro de um período de horas, em vez de dias. Embora a vítima sofresse por um período de tempo menor, a intensidade de sua agonia era difícil de ser imaginada. Por uma combinação de meios, os médicos determinaram que a vítima era pregada à cruz na altura da base da palma da mão, num ângulo tal que o prego atravessasse o pulso. Isso não apenas suportava o peso da pessoa, como também provocava enorme dor.

O prego, colocado na palma da mão perto do pulso, danificava seriamente o *nervo mediano* do braço e do antebraço. Dentro de poucas horas, a vítima experimentava uma aflição conhecida como *causalgia*.

Essa síndrome era vista normalmente durante períodos de guerra, em razão de ferimentos parciais no nervo mediano e em outros nervos periféricos. A dor é singular e descrita como uma queimação

implacável e peculiar ou sensação abrasadora, tão sensível que até mesmo o mais leve toque — como o de uma roupa ou um sopro de ar mais forte — poderia equivaler a uma tortura absoluta. Pode ser agravada por movimento, abalo, ruído ou emoção. A dor atravessa o braço como um raio. O paciente fica completamente obcecado em evitar qualquer contato e segura o braço de uma maneira bem peculiar... As vítimas de causalgia freqüentemente entram em choque se a dor não for controlada.⁶

Uma vítima pregada ou amarrada a uma cruz também precisava manter seu corpo em constante movimento para aliviar a dor nos braços, peito e pernas, o que movimentava ainda mais os nervos danificados pelas feridas dos pregos. Mais tarde, à medida que a fadiga se estabelecia, respirar passava a ser uma tarefa muito difícil, exigindo cada vez mais esforço. Jim Bishop combinou ciência, informação histórica e sua imaginação para descrever como deve ter sido a experiência de Jesus.

Seus braços estavam agora em posição de V, e Jesus já se havia conscientizado de duas situações insuportáveis: a primeira era que a dor em seus pulsos estava além do suportável e que as cãibras haviam imobilizado os antebraços, os braços e a parte superior dos ombros; a segunda era que os músculos peitorais localizados na lateral de seu tórax estavam momentaneamente paralisados. Isso induzia a um pânico involuntário; embora pudesse puxar o ar para dentro dos pulmões, não conseguia exalar.

Imediatamente, Jesus se levantava sobre seus pés ensangüentados. À medida que o peso de seu corpo se apoiava no peito do pé, o prego único fazia forte pressão contra a parte superior da ferida. De forma lenta e constante, Jesus era forçado a erguer-se a uma altura cada vez maior até que, por um momento, sua cabeça alcançou a placa que anunciava seu crime. Quando os ombros se alinhavam com suas mãos, a respiração era rápida e mais fácil. Tal como os outros dois crucificados, ele lutava contra a dor nos pés

⁶ ZUGIBE, *The Crucifixion of Jesus*, p. 92.

com o objetivo de respirar rapidamente por alguns momentos. Então, incapaz de suportar a dor da parte inferior — que causava câibras nas pernas e nas coxas e arrancaria gemidos até mesmo do ser humano mais forte —, ele deixava seu torso cair cada vez mais para baixo, e seus joelhos se projetavam pouco mais a cada vez, até que, com um profundo suspiro, ele se via pendurado por seus pulsos. Esse processo deve ter-se repetido por diversas vezes.⁷

A não ser que os guardas quebrassem as pernas dos condenados, as principais causas da morte das vítimas pregadas na cruz eram provavelmente choque hipovolêmico [perda excessiva de sangue], choque traumático e parada cardiorrespiratória.⁸

Os soldados levaram Jesus ao Gólgota e deram início ao horrível ritual, que começava com a oferta de um analgésico leve à vítima. Não se tratava de um ato de misericórdia. O processo de pregar os membros de uma pessoa a um pedaço de madeira é facilitado se a pessoa estiver drogada. Jesus recusou o remédio, provavelmente optando por manter-se completamente lúcido durante sua provação.

Eles o deixaram completamente nu — mais uma vez, para aumentar a vergonha — e jogaram-no de costas contra a cruz. Um soldado colocou-se perto de seu peito e outro próximo a suas pernas, enquanto dois outros estenderam seus braços e introduziram um prego quadrado de doze centímetros de comprimento por um centímetro de largura através de cada mão. Dobraram os joelhos de Jesus, colocaram seu pé horizontalmente contra a *stipes* e pregaram um prego em cada pé. Os soldados então colocaram a cruz em pé e guiaram a base até um buraco. A cruz ficou na vertical repentinamente e então caiu até o fundo com uma pancada seca. Enquanto colocavam cunhas entre a trave e as paredes do buraco para que a cruz ficasse firmemente em pé, Jesus ofereceu uma oração em voz baixa: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo” (Lc 23:34). Era apenas mais um dia de trabalho para os soldados,

⁷ *The Day Christ Was Born and the Day Christ Died*, p. 491-492.

⁸ EDWARDS, GABEL e HOSMER, “On the Physical Death of Jesus Christ”, p. 1461.

que mal perceberam que havia alguma coisa diferente. No final do dia, pouco antes de escurecer, tiravam os corpos, e tudo mais — as traves, os pregos, o buraco — era preparado para mandar outro prisioneiro para uma morte cruel em algum outro dia.

Pouco depois das nove da manhã de sexta-feira, Jesus foi pendurado por quase meio metro acima da terra entre dois ladrões — provavelmente cúmplices de Barrabás, que se surpreenderam ao ver outro homem pendurado na cruz que era dele. Eles certamente haviam ouvido falar de Jesus e podiam imaginar o que acontecera ao ouvir a zombaria dos líderes religiosos.

Os que passavam lançavam-lhe insultos, balançando a cabeça e dizendo: “Ora, você que destrói o templo e o reedifica em três dias, desça da cruz e salve-se a si mesmo!” Da mesma forma, os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei zombavam dele entre si, dizendo: “Salvou os outros, mas não é capaz de salvar a si mesmo! O Cristo, o Rei de Israel... Desça da cruz, para que o vejamos e creiamos!”

Marcos 15:29-32

Os bandidos, colocados um de cada lado de Jesus, se juntaram aos outros na zombaria, enquanto os soldados se serviam das poucas posses que os prisioneiros tinham. Quando chegaram às roupas de Jesus, notaram que sua túnica era especial, tecida em uma única peça. Em vez de estragar a veste, os homens lançaram sortes — jogaram dados — para determinar quem ficaria com ela. Então, enquanto os soldados apostavam e os líderes religiosos zombavam, alguma coisa mudou dentro de um dos ladrões.

Um dos criminosos que ali estavam dependurados lançava-lhe insultos: “Você não é o Cristo? Salve-se a si mesmo e a nós!” Mas o outro criminoso o repreendeu, dizendo: “Você não teme a Deus, nem estando sob a mesma sentença? Nós estamos sendo punidos com justiça, porque estamos recebendo o que os nossos atos merecem. Mas este homem não cometeu nenhum mal”. Então ele disse: “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino”.

Jesus lhe respondeu: “Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso”.

Lucas 23:39-43

Os líderes religiosos continuaram com sua zombaria, citando as Escrituras enquanto assistiam ao sofrimento de seu Messias. “Ele confiou em Deus. Que Deus o salve agora, se dele tem compaixão, pois disse: ‘Sou o Filho de Deus!’” (Mt 27:43).

Perto do meio-dia, cerca de três horas depois do início da crucificação e quando o sol deveria estar a pino, trevas misteriosas envolveram toda a região até as três da tarde. Assim que as trevas começaram a se dissipar, Jesus respirou fundo e gritou em aramaico, sua língua nativa: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mt 27:46). Aqueles que falavam apenas grego ou latim tiveram dificuldade para entender o sentido de suas palavras, mas os principais sacerdotes e os escribas compreenderam plenamente. Jesus citava um salmo escrito pelo rei-profeta Davi, séculos antes de a crucificação ser inventada.

Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?
 Por que estás tão longe de salvar-me,
 tão longe dos meus gritos de angústia?
 Meu Deus! Eu clamo de dia, mas não respondes;
 de noite, e não recebo alívio!
 Tu, porém, és o Santo,
 és rei, és o louvor de Israel.
 Em ti os nossos antepassados puseram a sua confiança;
 confiaram, e os livraste.
 Clamaram a ti, e foram libertos;
 em ti confiaram, e não se decepcionaram.
 Mas eu sou verme, e não homem,
 motivo de zombaria e objeto de desprezo do povo.
 Caçoam de mim todos os que me vêem;
 balançando a cabeça, lançam insultos contra mim, dizendo:
 “Recorra ao SENHOR! Que o SENHOR o liberte!
 Que ele o livre, já que lhe quer bem!”

Cães me rodearam!
 Um bando de homens maus me cercou!
 Perfuraram minhas mãos e meus pés.
 Posso contar todos os meus ossos,
 mas eles me encaram com desprezo.
 Dividiram as minhas roupas entre si,
 e lançaram sortes pelas minhas vestes.

Tu, porém, SENHOR, não fiques distante!
 Ó minha força, vem logo em meu socorro!

Salmos 22:1-8,16-19

A zombaria continuou enquanto o sangue gotejava das feridas de Jesus e corria pela cruz até se misturar ao solo. Quando ele pediu algo para beber, colocaram uma esponja na ponta de um ramo de hisopo e a mergulharam em “vinagre”, a bebida “oferecida nas refeições de soldados e trabalhadores”⁹ como ajuda para reduzir a febre e refrescar. Depois de beber de uma esponja, Jesus decidiu que a obra que viera fazer estava completa. Inclinou a cabeça para trás, tomou o último fôlego e gritou: “*Tetelestai!*”.

A maioria dos presentes entendeu essa expressão grega. É um termo contábil. Arqueólogos encontraram recibos de impostos em papiro nos quais se lia a palavra “tetelestai”, significando “totalmente pago”. Com o último fôlego de Jesus na cruz, ele declarou que a dívida do pecado estava eliminada, completamente quitada. Nada mais era exigido. Nada de boas obras. Nada de doações generosas. Nenhuma penitência, confissão, batismo ou... ou... ou... nada. A pena pelo pecado é a morte, e todos nós nascemos como grandes devedores. Ele pagou nossa dívida plenamente ao dar sua vida de modo que pudéssemos viver para sempre.

Tendo declarado que a dívida do pecado fora “totalmente paga”, Jesus curvou a cabeça. Enquanto entregava seu espírito, a terra tremeu sob os pés do centurião e da companhia de executores, e uma

⁹ KITTEL, *Theological Dictionary of the New Testament*, p. 288.

fenda se abriu na enorme rocha que formava a colina na qual eles estavam. “Quando o centurião e os que com ele vigiavam Jesus viram o terremoto e tudo o que havia acontecido, ficaram aterrorizados e exclamaram: ‘Verdadeiramente este era o Filho de Deus!’” (Mt 27:54).

SUBSTITUIÇÃO

Imagine por um instante como tudo isso deve ter sido para Barrabás.

Judeus de todo o império romano lotavam a cidade até sua plena capacidade, o que deu a Pilatos uma rara oportunidade de mostrar de modo bem claro o que era feito com um insurgente e dois cúmplices. A idéia de ajudar os romanos em qualquer aspecto que fosse tirou o sono de Barrabás na noite anterior; além disso, ele sentiu um medo avassalador da agonia que estava prestes a suportar na cruz. Ali estava ele, sentado, esfregando as mãos no rosto, na cela úmida nas profundezas da Fortaleza Antônia, quando ouviu o barulho de uma multidão vindo do Pretório.

Enquanto o rugido de vozes judias iradas ultrapassava os muros do palácio e se chocava com a porta de sua cela, fragmentos de palavras e frases caíam sobre Barrabás. “Blasfêmia! Sedição! Não é... amigo... César!”.

Quando o clamor diminuiu, Barrabás pôde ouvir a voz inconfundível de Pilatos, mas não conseguiu entender as palavras. A partir da entonação da voz do procurador, concluiu que fazia uma pergunta à multidão.

“Barrabás! Barrabás! É ele, Barrabás!”.

Outra pergunta abafada de Pilatos deu origem a um grito unânime da multidão: “Crucifique-o! Crucifique-o!”.

O sangue do revolucionário gelou. Ele havia desfrutado da aprovação silenciosa dos líderes religiosos e da apreciação aberta da população em geral, e a maioria se alegrava diante dos problemas que ele havia causado para seus opressores romanos. O que acontecera para repentinamente gerar tamanho ódio?

Pilatos falou outra vez, com mais violência que antes, e a multidão gritou: “Crucifique-o! Crucifique-o! Crucifique-o! Crucifique-o! Que seu sangue caia sobre nós e nossos filhos!”.

Barrabás correu para um canto da cela, colocou as mãos na cabeça e ficou esperando que a morte viesse abrir a porta de sua cela. Em menos de trinta minutos, o som de mau agouro da marcha dos soldados ecoou pelo corredor, crescendo em volume a cada passo. Finalmente, o girar da chave permitiu que a luz do sol se derramasse naquela sala pequena e apertada pela primeira vez em muitos dias.

“Barbaricus!”. A distorção proposital de seu nome significava “estrangeiro” em latim, um soco bem colocado nas costelas sionistas do homem. “Levante-se. É hora de botar sua carcaça nojenta para fora daqui!”.

Barrabás levantou e estendeu os pulsos para que o guarda colocasse as algemas. Em vez disso, o soldado foi a ele na escuridão, pegou Barrabás por sua túnica encardida e empurrou-o com força para o corredor. A luz o fez fechar as pálpebras, provocando uma forte dor de cabeça. Outro guarda o empurrou por trás e continuou a fazê-lo por todo o corredor até a saída principal do calabouço. Assim que o portão se fechou atrás dele, Barrabás permaneceu imóvel, sozinho e alarmado diante da luz cegante da manhã que penetrava por entre seus dedos, permitindo que seus olhos se acostumassem vagarosamente à luminosidade.

Depois de vários minutos, percebeu que as vozes ao seu redor eram dos passantes, que estavam falando aramaico, não latim ou grego. Barrabás virou-se rapidamente e não encontrou ninguém atrás de si — a propósito, ninguém nem mesmo perto dele. Estava livre! Depois de meses numa cela na qual era quase impossível deitar e se esticar, a expansão do mundo exterior lhe parecia desorientadora e perigosa. Ele poderia ir a qualquer lugar, mas se viu incapaz de caminhar até que amigos chegaram para levá-lo para casa.

Por muitos anos, pensei na reação de Barrabás ao descobrir como obtivera sua liberdade. Os receptores de órgãos transplantados freqüentemente querem saber de quem receberam aquele

presente. Será que Barrabás quis saber quem recebeu as suas chibatadas das mãos do lictor, quem carregou sua cruz pelas ruas e caminhou pela longa subida até o Gólgota, e quem suportou a agonia que ele genuinamente merecia? Será que Barrabás entendeu que Jesus fizera tudo isso por livre e espontânea vontade, não apenas por ele, mas pelo mundo inteiro?

Todos nós somos culpados de pecado. Nós nos comportamos de uma maneira que desonra nosso Criador. Os mandamentos do Antigo Testamento revelam o caráter de Deus e expressam os valores que honram sua criação e demonstram nosso amor por ele, mas os quebramos todos. Os delitos exigem uma punição, e essa punição é a separação eterna de Deus num lugar de tormento. A justiça não pode ser deixada de lado.

Todavia, a compaixão de nosso Juiz no céu retardou a batida do martelo. Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu único Filho para que todo aquele que acredita nele não sofra a morte eterna, mas tenha a vida eterna. Embora inocente, Jesus tomou o lugar de todo aquele que merecia pagar a penalidade da morte por seus delitos. Ele assumiu o lugar de outro na cruz. Sim, Barrabás estava livre, mas a graça que ele recebeu é simples ilustração de uma verdade maior e muito mais pessoal.

Jesus tomou o *seu lugar* na cruz. Jesus morreu *por você*.

Tente imaginar a situação. E se Barrabás tivesse dito “Liberdade? Não, obrigado. Prefiro sofrer a agonia da cruz”? Jamais! Nenhuma pessoa da terra, caso entendesse plenamente a natureza da crucificação, declinaria da oferta de graça. Sendo assim, por que as pessoas se recusam a aceitar o dom gratuito da vida eterna, comprada para eles pela morte de Jesus Cristo em seu lugar?

Você recusou esse presente? Em caso positivo, por quê?

PARTE QUATRO

O rei

CAPÍTULO DEZESSEIS

Não tenham medo... Ele ressuscitou

PERTO DO MEIO-DIA DA SEXTA-FEIRA, o dia em que Jesus foi crucificado, trevas sinistras cobriram o sol e sufocaram Jerusalém sob um manto de desgraça. Seus discípulos haviam fugido durante os julgamentos e, com exceção de um, deixaram-no morrer sozinho. Aquele que vendeu seu Messias pelo preço de um escravo comum foi enforcar-se e só seria encontrado vários dias depois. O discípulo que negou qualquer associação com seu Messias chorava incontavelmente em algum lugar oculto, longe de olhares curiosos e palavras condenatórias. Os outros — exceto João — esconderam-se em seus próprios cantos, nas trevas. A sentença de Mateus é curta e eloqüente: “Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram” (Mt 26:56).

João permaneceu perto da cruz enquanto Jesus travava sua batalha solitária contra o mal, embora nem mesmo ele entendesse a importância do que estava testemunhando. Assim como os outros discípulos, João via seus sonhos de um novo reino desaparecer lentamente a cada suspiro de seu rei. A qualquer pessoa que estivesse vendo pelos olhos da carne parecia que a morte, as trevas e o diabo haviam derrotado o Filho de Deus de uma vez por todas.

Sou franco em dizer que esses três pontos estão na raiz de praticamente toda preocupação que enfrento. Preocupo-me com a *morte*

— em particular, a morte de pessoas que amo, pois temo a idéia de viver sem elas. Preocupo-me com minha própria morte, não porque tema o que me vai acontecer depois que for embora; tenho confiança completa nas promessas do meu Salvador. Simplesmente não quero estar lá quando acontecer!

Preocupo-me com as *trevas*, tanto as literais quanto as figuradas. Algumas de minhas piores feridas — tanto literais quanto figuradas — resultaram de um tropeço em coisas que não pude ver.

Também me preocupo com o que o *Diabo* deseja. Isso vem de uma pessoa que não é dada à superstição e se mantém teimosamente cética quando as pessoas falam de fantasmas e espíritos: Satanás é real e incansável em seus ataques às pessoas da luz. Satanás e seus demônios não são de modo algum semelhantes às imagens que vemos brilhando na tela do cinema ou na televisão. Ele joga de maneira sutil com a falibilidade de pessoas boas a fim de convencê-las de que seus desejos mais obscuros e suas atividades mais destrutivas são inocentes, até mesmo corretas. Sua arma principal é o engano, e ele a usa com maestria. Isso é uma preocupação constante para mim.

Demônios, trevas e morte... os três trabalharam diligentemente durante todo o ministério de Jesus para que esse longo e angustiante dia chegasse. Envenenaram o coração de um homem, usando seus próprios pecados secretos para trair seu Mestre fiel. Conspiraram com os guardas da religiosidade do santo templo de Deus para destruir o homem que seus próprios profetas haviam chamado de “o Santo de Israel”. Cortejaram Pilatos para que se afastasse da verdade que ele abertamente aceitou e anunciou, oferecendo em troca promessas de poder no reino de Tibério. Taparam os olhos das pessoas revoltosas com ódio contra o único homem que poderia libertá-las, não apenas de Roma, mas do próprio pecado que as mantinha escravizadas a mestres ímpios.

O que João e os outros discípulos não viram — embora Jesus tivesse dito isso o tempo todo — era que a morte do Messias seria um ataque ao próprio coração do mal. Todavia, as aparências eram enganosas. Mesmo quando o diabo, as trevas e a morte sofreram

uma ferida mortal no Gólgota da qual nunca se recuperarão, essa trindade nada sagrada dançava com prazer, pensando ter ganhado a guerra, quando de fato simplesmente estava diante de seu Ácio, de seu Waterloo, de seu Dia D. Com profunda perspicácia, o pregador puritano John Owen chamou-a de “a morte da morte na morte de Jesus Cristo”.

A MORTE DA ESPERANÇA

A longa jornada do Getsêmani ao Gólgota levou menos de 24 horas e terminou com Jesus entregando seu espírito. O cair da noite traria consigo o sábado judaico, de modo que o centurião precisaria apressar a morte daqueles que permaneciam vivos. De acordo com a lei judaica, ninguém deveria permanecer pendurado no sétimo dia. Pilatos tinha ainda razões adicionais para honrar o costume deles. O método mais comum para levar uma crucificação a um final dramático e repentino era quebrar as pernas da vítima. Isso não apenas tornava a respiração mais difícil, especialmente depois de muitas horas de trauma físico e de fadiga, mas a violência literalmente drenava a vítima de qualquer vida que ainda houvesse em si.

Uma simples fratura interna do fêmur (osso da coxa) poderia resultar em perda de dois litros de sangue, e até quatro litros de sangue poderiam ser perdidos com a fratura em ambas as pernas... A forte hemorragia e a dor severa provocada pela quebra das pernas aprofundariam o nível dos choques hipovolêmico e traumático, com conseqüente queda na pressão sanguínea e rápido desenvolvimento de congestão nas extremidades inferiores, resultando em inconsciência, coma e morte.¹

Tendo dado fortes golpes nas pernas dos outros dois homens, os soldados viram que Jesus já estava morto. Para ter certeza absoluta, um deles enfiou uma lança no lado de Jesus e viu sair de seu corpo

¹ Frederick T. ZUGIBE, *The Crucifixion of Jesus*, p. 106.

uma mistura de sangue e fluído claro (João disse que “logo saiu sangue e água” [19:34]), um sinal inegável de morte.

Alguns cétricos postularam que Jesus não morreu de fato, mas permaneceu em coma profundo até ser colocado no sepulcro. A assim chamada Teoria do Desmaio é uma tentativa desesperada de explicar a ressurreição de Jesus sem aceitar uma explicação sobrenatural. Mas isso faz menos sentido que os fatos, não mais.

As pessoas de épocas antigas estavam mais intimamente familiarizadas com a morte que nós. A maioria dos países desenvolvidos possui profissionais que trabalham incessantemente para transformar o processo de perder um ente querido em algo o mais agradável possível. Assim que uma pessoa é declarada morta por um médico, a família vai para casa depois de entregar o corpo ao agente funerário. Essa pessoa leva o corpo a uma funerária, onde todos os esforços são feitos para dar-lhe uma aparência de vida. Um período digno e respeitoso de visitação é seguido por um serviço religioso ao lado da sepultura, durante o qual o buraco é escondido por um atraente aparato usado para baixar o caixão. Até mesmo a poeira é escondida por um tapete de grama sintética. Outros profissionais então baixam o caixão e só o cobrem com terra depois que todos saíram do cemitério. O público é poupado da amarga realidade.

Na maior parte dos Estados Unidos e Europa, o costume é a cremação, na qual ninguém nem sequer vê o corpo após a morte. Assim, seria seguro dizer que praticamente ninguém em nossa cultura sabe o que é tocar um corpo sem vida. Mas não era assim no mundo antigo. As famílias e os amigos preparavam seus próprios entes queridos para o sepultamento.

Depois de a morte de Jesus ter sido confirmada pela lança do centurião e ter sido relatada a Pilatos, dois importantes membros do conselho governante judaico, José de Arimatéia e Nicodemos, pediram o corpo. Esses discípulos outrora secretos, juntamente com várias mulheres, realizariam a horrível tarefa de preparar o corpo para o sepultamento. Assim que os soldados baixaram o corpo de Jesus da cruz, seus amigos precisaram massagear seus braços para aliviar o *rigor mortis* que mantinha os braços firmes na posição de

V depois do falecimento. Então, lavaram o corpo e o ungeram com óleo antes de envolvê-lo em um único tecido de linho. Outro pano, atado abaixo do queixo, impediria que a boca abrisse depois que os músculos começassem a relaxar.

A seguir, precisavam envolver o corpo dos pés à cabeça em longas tiras de linho que haviam sido embebidas numa mistura de resina feita de especiarias. Chegavam a usar de 35 a 50 quilos de especiarias muito perfumadas para disfarçar o cheiro da decomposição. Colocaram-no então numa plataforma dentro da tumba escavada ao lado de uma montanha ou colina de calcário. Após um ano e depois que o corpo se tivesse decomposto completamente, os ossos eram reunidos e colocados num ossário — uma caixa de ossos — juntamente com os dos seus ancestrais. Desse modo, ele estaria “reunido aos seus antepassados”.

Assim que o sol se pôs no horizonte, os encarregados do sepultamento viram-se espremidos entre dois mandamentos de Deus. Deviam manter sagrado o sábado (que começava no pôr-do-sol), mas Deuteronômio 21:22-23 exigia que o corpo de uma pessoa executada fosse sepultado no mesmo dia. Com a chegada da noite, eles só tiveram tempo suficiente para envolver apressadamente o corpo em linho, aplicar pelo menos um pouco das especiarias e colocá-lo dentro da tumba. Um grupo de homens então rolou uma enorme pedra sobre a entrada com o objetivo de manter longe os ladrões de tumba e manter dentro os horríveis odores.

Enquanto os seguidores de Jesus faziam de tudo para completar essa tarefa antes do pôr-do-sol e honrar o sábado, os saduceus e os fariseus empenhavam-se em mais um pedido a Pilatos.

“Senhor, lembramos que, enquanto ainda estava vivo, aquele impostor disse: ‘Depois de três dias ressuscitarei’. Ordena, pois, que o sepulcro dele seja guardado até o terceiro dia, para que não venham seus discípulos e, roubando o corpo, digam ao povo que ele ressuscitou dentre os mortos. Este último engano será pior do que o primeiro”.

Pilatos não se importava com a crença das pessoas e não via de que maneira uma falsa ressurreição poderia representar alguma preocupação para Roma. Assim, deu aos líderes religiosos um selo oficial para ser colocado na sepultura e sugeriu que eles colocassem uma guarda própria, provavelmente formada por soldados romanos e paga pelo tesouro do templo, juntamente com guardas do templo designados para supervisionar os detalhes do local do sepultamento. Tendo selado a tumba e colocado uma companhia de guardas na entrada, os principais sacerdotes, os escribas e os fariseus foram para suas respectivas casas para cumprir a lei do sábado. Na manhã do domingo, eles continuariam a observar a Festa dos Pães Asmos e a preparar os sacrifícios para a convocação final. Então, tendo silenciado Jesus... tudo transcorreria como de costume.

Enquanto isso, os seguidores de Jesus choravam sozinhos e desiludidos, e cada um provavelmente estava pensando: “E agora?”.

NÃO TENHAM MEDO

As primeiras horas da manhã do domingo foram um verdadeiro pandemônio, a respeito do qual os quatro evangelhos fornecem relatos. É muito comum que, ao contar a história de um evento caótico, as pessoas se concentrem nos aspectos que consideram mais importantes e, assim, deixem de fora outros detalhes. Elas também tendem a comprimir alguns detalhes em declarações resumidas, enquanto outras declarações são extremamente detalhadas. Neste caso, temos quatro testemunhas do evento, o que nos dá muita informação. Contudo, para ver a imagem como um todo, precisamos fazer uma correlação entre esses relatos. O registro de João se concentra na experiência de Maria Madalena, enquanto Mateus, Marcos e Lucas nos dizem o que aconteceu às outras mulheres (Lc 24:10).

Na manhã depois do sábado judaico — a manhã do domingo —, os guardas continuavam a manter vigilância sobre seu prisioneiro morto quando, repentinamente, a terra tremeu e uma luz brilhante inundou o jardim.

E eis que sobreveio um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu dos céus e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve. Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos.

Mateus 28:2-4

Algum tempo depois, Maria Madalena, a outra Maria, Salomé, Joana e algumas outras mulheres foram até a tumba de Jesus. O relato de Lucas revela que o propósito delas era completar o processo de sepultamento com a resina de especiarias que elas haviam preparado (Lc 24:1); também conta que elas chegaram a pensar de que maneira poderiam remover aquela enorme pedra. À medida que Maria Madalena e as mulheres se aproximavam da tumba, viram a enorme pedra colocada de lado e os guardas caídos e inconscientes nas proximidades. De acordo com o evangelho de João, Maria Madalena correu imediatamente para contar a Pedro e João o que achava que havia acontecido. “Tiraram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o colocaram!” (Jo 20:2).

Por um instante, coloque-se no lugar daquelas pessoas. Imagine perder um amigo muito próximo ou um membro da família. Apenas alguns dias depois do sepultamento, você decide colocar algumas flores no túmulo. Assim que chega, logo depois do amanhecer, descobre que a terra foi removida da sepultura, vê o caixão aberto ao lado do buraco e constata que o corpo sumiu. Naturalmente, seu primeiro pensamento seria: “Alguém roubou o corpo?”.

Enquanto Maria Madalena corria para contar a Pedro e a João que alguém havia arrombado a sepultura, as outras mulheres foram dar uma olhada mais de perto.

Mas, quando entraram, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. Ficaram perplexas, sem saber o que fazer. De repente, dois homens com roupas que brilhavam como a luz do sol colocaram-se ao lado delas. Amedrontadas, as mulheres baixaram o rosto para o chão.

Lucas 24:3-5

A sepultura estava escancarada. Os panos usados no sepultamento estavam ali, ainda juntos e intactos, mas vazios. O corpo desaparecera. O original grego descreve as mulheres como “perdidas no caminho”, significando que elas não tinham a mínima idéia de como explicar o mistério. Ficaram olhando, chocadas, por vários minutos, até que perceberam que dois anjos haviam aparecido atrás delas. Um se sentou na pedra, enquanto o outro se colocou em pé, ao lado.

“Por que vocês estão procurando entre os mortos aquele que vive? Ele não está aqui! Ressuscitou! Lembrem-se do que ele lhes disse, quando ainda estava com vocês na Galiléia: ‘É necessário que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, seja crucificado e ressuscite no terceiro dia.’” Então se lembraram das palavras de Jesus.

Lucas 24:5-8

Coloque-se mais uma vez na história. Enquanto você está de pé, diante do caixão vazio do seu ente querido, um anjo lhe dá as notícias: “O seu querido ressuscitou dos mortos!”. Provavelmente você desejaria contar a todos os outros membros da família e aos amigos o mais rápido possível. Mas vamos encarar os fatos: haveria enorme probabilidade de acharem que você estivesse louco. Muito provavelmente você pensaria duas vezes antes de sair contando para todo mundo.

“Tremendo e assustadas, as mulheres saíram e fugiram do sepulcro. E não disseram nada a ninguém, porque estavam amedrontadas” (Mc 16:8). Mas então encontraram alguém que removeria qualquer dúvida que pudesse haver na mente delas.

De repente, Jesus as encontrou e disse: “Salve!” Elas se aproximaram dele, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. Então Jesus lhes disse: “Não tenham medo. Vão dizer a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia; lá eles me verão”.

Mateus 28:9-10

As mulheres procuraram os discípulos espalhados e lhes contaram sobre o túmulo vazio, os anjos que apareceram e seu encontro com Jesus ressurreto. “Mas eles não acreditaram nas mulheres; as palavras delas lhes pareciam loucura” (Lc 24:11). A palavra grega traduzida por “loucura” era um termo médico usado para descrever o devaneio e o delírio provocados pela febre. Os discípulos consideraram a história delas insana, uma conversa exagerada.

Enquanto Maria mãe de Tiago, Salomé, Joana e as outras mulheres informavam vários discípulos, Maria Madalena localizou Pedro e João. Num primeiro momento, eles também não acreditaram na história dela, considerando tudo aquilo um excesso de emoção, mas a curiosidade terminou levando-os a agir, e eles correram para a sepultura.

Os dois corriam, mas o outro discípulo foi mais rápido que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Ele se curvou e olhou para dentro, viu as faixas de linho ali, mas não entrou. A seguir, Simão Pedro, que vinha atrás dele, chegou, entrou no sepulcro e viu as faixas de linho, bem como o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus. Ele estava dobrado à parte, separado das faixas de linho.

João 20:4-7

Quando registrou sua experiência com Pedro no sepulcro, João usou três palavras diferentes para descrever como os dois homens “viram”. Assim que chegou, João parou na entrada da tumba e olhou para dentro. Ele usou o termo grego *blepo*, que significa simplesmente notar uma coisa sem pensar nela. Descreve um tipo de observação que é precisa, mas fortuita. Um bom exemplo disso é o momento em que um motorista vê o farol vermelho num cruzamento. A pessoa vê a luz e pára, sem pensar mais profundamente sobre aquilo. João viu os panos do sepultamento e reconheceu que eles estavam ali, mas não considerou as implicações.

Em contrapartida, Pedro correu direto para a tumba, sem parar, e “viu” os panos de linho de maneira diferente. João usou o termo *theoreo*, do qual deriva a palavra *teoria*. Diferentemente de João,

Pedro não apenas observou os panos usados no sepultamento, mas os analisou em busca de pistas e tentou compreender o que poderia ter acontecido.

Por que a condição dos panos usados no sepultamento provocou a surpresa de Pedro?

Há uma forte indicação de que os panos não estavam dobrados como se Jesus os tivesse desenrolado e depositado cada um deles em duas pilhas sobre aquela plataforma. A palavra usada para descrever o pano usado sobre a cabeça não dá a conotação de algo dobrado em quadrado, como uma toalha de mesa, mas uma bola de pano que manteve a forma do objeto no qual fora enrolada, e que o objeto não estava mais ali. As tiras estavam numa posição onde o corpo havia estado, e o pano na cabeça estava onde havia ficado a cabeça, separado dos outros pela distância que ia da axila à parte superior do pescoço. A forma do corpo era aparente nos panos, mas a carne e os ossos haviam desaparecido.²

A bizarra condição dos panos de linho vazios, ainda na forma de um corpo, não sugeriam que alguém tivesse roubado rapidamente o corpo. Alguma outra coisa estranha havia acontecido.

Finalmente, João se uniu a Pedro do lado de dentro da tumba, e “ele viu e creu” (Jo 20:8). Dessa vez, João usou uma terceira palavra, *eidon*, que significa perceber com entendimento. Em outras palavras, ele viu as tiras e “entendeu”. Tudo se encaixou. “A resposta ao enigma era que Jesus havia ressuscitado e passado pelos panos de sepultamento, os quais ele deixou na mesma posição como prova silenciosa de que a morte não poderia detê-lo, nem os laços materiais poderiam restringi-lo”.³ Gosto de pensar que João se virou para Pedro e sussurrou: “Ele está vivo!”.

Depois de Pedro e João saírem da sepultura para contar a seus respectivos familiares que Jesus havia ressuscitado, Maria Madalena

² Merrill C. TENNEY, *The Reality of the Resurrection*, p. 119.

³ Idem.

teve seu próprio encontro extraordinário. Os anjos que haviam saudado as outras mulheres também apareceram a ela (Jo 20:11-13). Ao sair do jardim, ela viu o Jesus ressurreto, que lhe deu as mesmas instruções que dera aos outros: “Vá e conte aos meus irmãos”.

PROVE!

Enquanto Maria, Salomé, Joana e as outras mulheres localizavam os seguidores de Jesus espalhados pela cidade e à medida que se espalhava a notícia de seu corpo desaparecido, uma multidão começou a se reunir em um cenáculo — talvez a mesma sala na qual Jesus havia celebrado a Páscoa. Seguidores discutiam tudo o que lhes fora contado pelas mulheres e tentavam montar teorias sobre o que havia acontecido. Pedro e João chegaram, seguidos por Maria Madalena, e não demorou muito até que praticamente todos os seguidores próximos de Jesus se dirigissem ao lugar costumeiro de encontro, na esperança de ouvir mais alguma notícia.

Então, com as portas fortemente fechadas por medo da perseguição e estando todos os seguidores envolvidos em animada conversa, uma voz familiar surgiu no meio da sala.

“Paz seja com vocês!” Tendo dito isso, [Jesus] mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se quando viram o Senhor. Novamente Jesus disse: “Paz seja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio”. E com isso, soprou sobre eles e disse: “Recebam o Espírito Santo. Se perdoarem os pecados de alguém, estarão perdoados; se não os perdoarem, não estarão perdoados”.

João 20:19-23

Quando isso aconteceu, Tomé, um dos doze, não havia voltado da Galiléia. Ao chegar, todas as pessoas com quem se encontrou lhe contaram a história da tumba vazia, a maneira bizarra como as faixas de sepultamento foram deixadas, a impressionante aparição dos anjos e seu encontro pessoal com Jesus ressurreto. Todavia, Tomé não acreditou nos relatos. “Se eu não vir as marcas dos pregos nas

suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não crerei” (Jo 20:25).

Por todos os séculos desde a clássica exigência desse discípulo quanto a obter provas empíricas, os expositores e pregadores têm atribuído a ele o infeliz título de “Tomé, o desconfiado”. É fácil criticar Tomé tendo um vantajoso ponto de vista histórico. Suspeito que Tomé fosse o mais crítico de todos. Mas nem todo mundo é como as mulheres, que ouviram as notícias e creram imediatamente. Nem todo mundo é como Pedro e João, que examinaram as provas, compararam com as palavras de Jesus, chegaram às conclusões corretas e então acreditaram tranqüilamente. Tomé não teve a boa sorte de estar presente quando Jesus apresentou a si próprio como prova tangível de que havia cumprido sua promessa de vencer a morte. Tomé certamente ficou pensando se alguma idéia fantasiosa havia levado seus amigos a uma histeria coletiva.

Não devemos esquecer a montanha de evidências empíricas que Tomé precisou transpor. Assim como os outros discípulos, ele assistiu a distância enquanto Jesus cambaleava pelas ruas abarrotadas de Jerusalém rumo ao Gólgota. Ele viu o sangue jorrando e as numerosas feridas nas costas e pernas de Jesus. Ouvia o som do martelo batendo contra os cravos de metal que prenderam Jesus na cruz. Ele se encolheu de medo cada vez que os gritos de angústia de seu Mestre penetraram a escuridão que havia envolvido Jerusalém. Ele ouviu o apelo solitário de seu Mestre ao céu — “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”. Talvez ele até tenha visto os restos mortais frios de seu Messias sendo baixados da cruz, enrolados como uma múmia e colocados numa tumba. Na manhã de domingo, o desapontamento instigou sua fuga de Jerusalém rumo à certeza e à segurança de sua casa na Galiléia. Durante horas, Tomé chorou em solidão. Seu coração estava partido. A desilusão se havia apossado do homem.

Alguns dias depois, rumores começaram a circular. Sinagogas e mercados transbordavam de histórias sobre Jesus. Como ele fora preso no meio da noite e levado perante as cortes do Sinédrio e

do procurador. Como fora levantado fora da cidade de Jerusalém. Como fora sacrificado na Páscoa e sepultado ao pôr-do-sol.

Tomé fingia não perceber os dedos acusadores e os sussurros desde sua volta à vida normal. Ele havia decidido deixar para trás toda a questão embaraçosa de seguir um falso Messias. Ele fora enganado, de boa-fé, e seria mais sábio da próxima vez em razão de sua experiência. Ele provavelmente pensou: “Tenha cuidado com aquilo em que você escolhe acreditar. Quanto mais do seu coração você entrega a alguma coisa — ou a alguém —, mais tempo levará para curar a ferida quando você terminar machucado. Aprendi a lição!”.

A despeito de seus melhores esforços para permanecer indiferente e recobrar sua dignidade, Tomé não podia ignorar o rumor mais recente. *Jesus estava vivo!* Oito dias depois da suposta ressurreição, ele se viu em Jerusalém novamente, cercado por seguidores sinceros de Jesus, lançando sobre ele as provas que haviam experimentado pessoalmente. Mas optar por abrir seu coração mais uma vez soava como se oferecer voluntariamente para um segundo açoitamento. Quem, em seu juízo perfeito, faria isso?

Com as portas mais fechadas que antes e os discípulos de Jesus envolvidos num debate sobre seu próximo movimento, uma voz familiar acalmou a sala. “Paz seja com vocês!”. Mais uma vez, Jesus colocou-se no meio da sala, mas, agora viera para se encontrar com uma pessoa em particular. Não para repreender, castigar ou envergonhar... mas para curar. “Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia” (Jo 20:27).

Tomé não se moveu. Ele não levantou um dedo sequer. Não argumentou nem resistiu. Recebeu tudo aquilo de que precisava e, portanto, reagiu como apenas um genuíno seguidor de Jesus pode responder. Tomé disse: “Senhor meu e Deus meu!”.

Jesus respondeu: “Porque me viu, você creu? Felizes os que não viram e creram” (Jo 20:28-29).

“PAZ SEJA COM VOCÊS!”

As pessoas que conheciam Jesus se beneficiaram de certas experiências que não vivenciamos — mais significativamente, a evidência tangível de sua ressurreição e os encontros face a face. Todavia, suas reações naquela manhã de domingo são parecidas com as que vejo todos os dias na condição de portador moderno dessas boas notícias.

Alguns acreditaram imediatamente. Eles receberam a informação, lembraram o que Jesus havia antecipado várias vezes durante seu ministério, reuniram todos os fatos e aceitaram sua ressurreição como genuína.

Alguns acreditaram por meio de provas indiretas. Eles inicialmente duvidaram da idéia, mas, quando receberam mais informação, como ver a tumba vazia e a maneira peculiar na qual ele deixou os panos do seu sepultamento, então entenderam que ele havia ressuscitado.

Alguns acreditaram por meio de provas diretas. Eles acreditaram que Jesus havia ressuscitado simplesmente ao vê-lo com seus próprios olhos.

A ressurreição de Jesus Cristo é um fato histórico que carrega implicações muito amplas, muito mais significativas que a simples novidade de um homem voltar do silêncio eterno da morte. Diferentemente de qualquer um antes dele, Jesus jamais morreria de novo. O tipo de vida ao qual ele foi ressuscitado suplantou o tipo de vida que continuamos a ter. Estes corpos adoecem e se ferem. Nossos relacionamentos atuais estão fadados a acabar, mais cedo ou mais tarde, em traição, distanciamento ou na inevitável partida de toda pessoa que conhecemos. Épocas de felicidade devem sempre dar lugar a um período de tristeza, embora felizmente nenhuma tristeza permaneça para sempre. Demônios, trevas e morte foram vencidos, mas ainda continuam a dar coices com ódio desesperado em tudo o que faz parte da criação de Deus.

Entretanto, não se preocupe... Jesus está vivo e tem um novo tipo de vida que deseja dar a qualquer um que creia nele. Como escreveu o falecido capelão do senado norte-americano Peter Marshall,

nenhum tablóide jamais imprimirá a impressionante notícia de que o corpo mumificado de Jesus de Nazaré foi encontrado na velha Jerusalém.

Os cristãos não possuem um corpo cuidadosamente embalsamado e fechado numa caixa de vidro para ser adorado.

Graças a Deus, temos uma tumba vazia.

O fato glorioso que a tumba vazia nos proclama é que, para nós, a vida não acaba quando a morte chega. *A morte não é uma parede, mas uma porta.*⁴

Infelizmente, até mesmo uma porta aberta pode ser uma porta de prisão trancada para aquele que se recusa a cruzar seus umbrais. Nem todo mundo reagiu às evidências da ressurreição de Jesus com crença. Lembra-se dos guardas que sentiram o tremor do poder divino e viram o brilhante facho de luz?

Enquanto as mulheres estavam a caminho, alguns dos guardas dirigiram-se à cidade e contaram aos chefes dos sacerdotes tudo o que havia acontecido. Quando os chefes dos sacerdotes se reuniram com os líderes religiosos, elaboraram um plano. Deram aos soldados grande soma de dinheiro, dizendo-lhes: “Vocês devem declarar o seguinte: Os discípulos dele vieram durante a noite e furtaram o corpo, enquanto estávamos dormindo. Se isso chegar aos ouvidos do governador, nós lhe daremos explicações e livraremos vocês de qualquer problema”. Assim, os soldados receberam o dinheiro e fizeram como tinham sido instruídos. E esta versão se divulgou entre os judeus até o dia de hoje.

Mateus 28:11-15

Esses são os homens e mulheres que me mantêm diante do público, no púlpito, e também me dão convicção de que devo escrever livros. Embora perdoados da prisão do pecado, com teimosia se aconchegam em sua cela tendo por companhia apenas a dúvida, o medo, o ressentimento e a preocupação. Deus colocou dentro de

⁴ *The First Easter*, p. 137.

mim a paixão e o desejo de vê-las libertadas. Mas tudo o que posso fazer é proclamar-lhes as boas novas. Você faz parte desse grupo? Ou já se conscientizou de sua necessidade de um Salvador e confiou sua alma eterna a ele? Que bom! O diabo, as trevas e a morte podem fanfarronar e vangloriar-se, as dores da vida atormentarão por algum tempo, mas não se preocupe: as forças do mal estão dando seu último suspiro. Não tenha medo... ele ressuscitou!

CAPÍTULO DEZESSETE

Encontro com Jesus na estrada da vida

APENAS ALGUNS DIAS ANTES da corrida na madrugada rumo ao Getsêmani, Jesus montou num filhote de jumenta — símbolo reconhecido de paz e identificação inequívoca com o Messias — e cavalgou em Jerusalém sob a saudação de milhares. Súditos voluntários do rei forraram o caminho com suas capas. Outros cortaram ramos de palmeiras, colocaram-nos sobre o piso de pedra e gritaram “Salva-nos! salva-nos!”.

Ele era o seu Messias. Prometera vida abundante. Seus seguidores tinham total esperança de que ele se tornaria seu rei e de que Israel seria novamente próspero e livre. Menos de uma semana depois, porém, quando o sol se pôs atrás do horizonte rumo ao fim de uma semana inesquecível, o Filho de Deus estava pendurado frio e sem vida numa cruz romana, fora dos muros da cidade.

Seus mais fiéis seguidores se sentaram deprimidos e surpresos enquanto o sol se punha e o sábado começava. À luz das profecias que Jesus havia cumprido, diante das promessas que fizera e dada a completa confiança que tinham depositado nele, nada parecia fazer sentido. Estava claro que as pessoas queriam um rei justo, mas ele estava morto, os principais sacerdotes ocupavam-se refazendo os estoques do Bazar de Anás e os líderes políticos de Israel procuravam maneiras de explorar a recém-conquistada popularidade de Pilatos.

Jesus não apenas havia deixado de melhorar Israel, mas o futuro da nação parecia ainda mais obscuro que antes. O desânimo e o desespero reinavam soberanos.

Talvez você possa identificar-se com a dor dos seguidores de Jesus. Talvez tenha experimentado a morte de um sonho ou visto desabar bem debaixo de seus pés a ponte que levava ao seu futuro ideal. Talvez você esteja sofrendo essa situação difícil e decepcionante neste exato momento. Se for esse o caso, você tem a oportunidade de experimentar abundância como em nenhum outro momento da sua vida.

Isso o surpreende? Quer dizer, o renascimento espiritual não deveria ser cativante? A sabedoria divina não é o resultado de um encontro extático no qual o Espírito de Deus nos toca de maneira mística? Muitos pregadores de televisão e rádio fazem com que a vida espiritual pareça tão excitante, como um milagre que um dia acabará com todos os nossos problemas. Alguns falam de “vida vitoriosa” e “boa vida” na qual todos os nossos sonhos se realizarão se simplesmente escolhermos viver pela fé e pedir o melhor a Deus!

Isso não é vida abundante. Isso nada mais é que um verniz espiritual que encobre a idéia do “poder do pensamento positivo”. É a mesma conversa que você ouvirá de qualquer palestrante motivacional em qualquer parte do país, com alguns versículos bíblicos enxertados no meio (normalmente fora de contexto) para dar um brilho de santificação.

Graças aos filmes de enorme sucesso, aos passeios cheios de emoção e aos anúncios atraentes, passamos a acreditar que, se a vida não for “sensacional”, alguma coisa deve estar errada. Devemos ser magros e belos, perseguir uma carreira que é constantemente desafiadora e recompensadora, ficar ricos e famosos e desfrutar uma vida familiar dinâmica e realizadora. Se não tivermos cuidado, podemos aplicar essas expectativas a nossa jornada espiritual e deixar de ver a mão de Deus nos eventos comuns da vida. E, ainda mais trágico, podemos deixar de reconhecer o ensinamento gentil do Senhor no meio das provações mais dolorosas da vida.

Muitos anos atrás, fui convidado para falar num pequeno seminário teológico. O novo diretor lutava com todas as forças para ajudar a escola a superar seus mais recentes problemas, e aquele grupo era formado de pessoas realmente sérias. Coloquei-me à disposição para ajudar como pudesse. Ele me saudou com um enorme entusiasmo assim que cheguei ao terminal do aeroporto. Quando perguntei “Como vai?”, ele respondeu alto e em bom som com um enorme sorriso: “Fantástico!”. Estendi a mão, e ele a chacoalhou tão forte que senti dor no ombro.

— Puxa, isso é muito bom — disse eu. — Como vai o semin...

— Maravilhoso! Excelente!

Pensei comigo mesmo: “Ok, *nada* está assim *tão bem*”. Mas preciso admitir que seu entusiasmo era contagiante. Ele era exatamente o que os especialistas em motivação e liderança dizem que você deve ser. Embora eu acredite de todo o coração que é preciso enfrentar cada desafio com uma atitude positiva, isso não quer dizer que devemos abandonar a autenticidade e viver na terra da fantasia.

Um ano depois, voltei para falar no seminário, e ele se encontrou comigo de novo. Como no ano anterior, tudo estava “Fantástico!”, embora a quantidade de alunos tivesse diminuído sensivelmente e a preocupação pairasse no ar como um nevoeiro. Ele estava sonhando.

Algum tempo depois de minha segunda viagem e antes da terceira, seu mundo desabou. Sua esposa o deixara, seus filhos estavam perdidos, a escola tinha problemas financeiros e a lista de alunos atingira o nível mais baixo de todos os tempos. A instituição estava prestes a fechar as portas. Quando cheguei ao terminal, agora familiar, não o vi em pé no lugar onde costumava ficar. Ele estava sentado num banco com a cabeça baixa, claramente distraído, até que caminhei até ele e me coloquei bem à sua frente.

Ele olhou para cima sem dizer uma palavra. Peguei-o pelos ombros, coloquei-o em pé e o abracei.

— Como vai? — perguntei.

Ele me abraçou em silêncio. As lágrimas caíram pesadas de seus olhos enquanto ele dizia:

— Estou crescendo e aprendendo. Mas não sou mais fantástico.

A dor havia inscrito meu amigo num curso muito difícil, um que lhe daria um diploma de especialização em realidade e quebrantamento.

A ESTRADA PARA O DESAPONTAMENTO

Quando o sol nasceu na manhã de domingo e a festa da Páscoa havia terminado, dois dos seguidores de Jesus saíram de casa, claramente desiludidos e resolvidos a deixar seus sonhos tolos em Jerusalém para sempre. Até mesmo com os rumores da ressurreição circulando, os desalentados seguidores começaram sua caminhada de onze quilômetros até a vila de Emaús.

No caminho, conversavam a respeito de tudo o que havia acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles; mas os olhos deles foram impedidos de reconhecê-lo. Ele lhes perguntou: “Sobre o que vocês estão discutindo enquanto caminham?”

Lucas 24:14-17

Lucas descreve a conversa dos discípulos como idéias que iam e voltavam com grande emoção, numa busca compartilhada por respostas. Ao registrar a pergunta de Jesus — “Sobre o que vocês estão discutindo enquanto caminham?” — Lucas usa o termo *antiballo*, que significa literalmente “jogar para a frente e para trás”. Os seguidores desiludidos queriam desesperadamente saber por que suas expectativas em relação ao Messias haviam chegado a um fim tão trágico e, por isso, estavam explorando diversas teorias.

É interessante destacar que os olhos dos discípulos estavam divinamente impedidos de reconhecer Jesus. Para os dois, ele era simplesmente um homem comum, um estrangeiro saído das sombras para juntar-se a eles em sua viagem. No registro da história, Lucas usou uma interessante técnica de narrativa chamada “ironia

literária”, na qual o leitor está ciente de fatos importantes que estão ocultos às personagens (isso deixa a leitura mais fascinante). Observe o maravilhoso paradoxo que desfrutamos à medida que um dos discípulos de Emaús responde à pergunta de Jesus.

Eles pararam, com os rostos entristecidos. Um deles, chamado Cleopas, perguntou-lhe: “Você é o único visitante em Jerusalém que não sabe das coisas que ali aconteceram nestes dias?”

Lucas 24:17-18

A pergunta dele era risível, dada sua audiência. Se havia alguém que entendia o que estava acontecendo, essa pessoa era Jesus! E, se alguém não tinha a menor idéia do que se passava, esse alguém era Cleopas! Todavia, Jesus incentiva os discípulos a falar, não para humilhá-los ou castigá-los, mas por um propósito bastante diferente. O Senhor brinca com eles ao fazer-lhes perguntas.

“Que coisas?”, perguntou ele. “O que aconteceu com Jesus de Nazaré”, responderam eles. “Ele era um profeta, poderoso em palavras e em obras diante de Deus e de todo o povo. Os chefes dos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram; e nós esperávamos que era ele que ia trazer a redenção a Israel.

Lucas 24:19-21

Com essa declaração, Cleopas revelou a fonte de sua perturbação. Suas nobres expectativas de um Messias social, político e econômico não se haviam concretizado. Sua limitada perspectiva não lhe permitiria abraçar o verdadeiro propósito do Messias, do qual a prosperidade econômica e a libertação política eram apenas uma pequena fração. A expectativa de Cleopas propiciou uma consequência trágica.

[Cleopas continuou:] “E hoje é o terceiro dia desde que tudo isso aconteceu. Algumas das mulheres entre nós nos deram um susto

hoje. Foram de manhã bem cedo ao sepulcro e não acharam o corpo dele. Voltaram e nos contaram ter tido uma visão de anjos, que disseram que ele está vivo. Alguns dos nossos companheiros foram ao sepulcro e encontraram tudo exatamente como as mulheres tinham dito, mas não o viram.”

Lucas 24:21-24

Nas reuniões cristãs do século I, normalmente eram lidos este e outros textos em voz alta. Assim, quando a audiência ouviu Cleopas reunindo todas as pistas sem entender seu significado, a tensão deve ter-se tornado insuportável para os ouvintes. Posso imaginar alguém na congregação finalmente interrompendo a leitura e gritando algo mais ou menos como “Ele ressuscitou, seu tonto!”.

Cleopas e seu companheiro viam tudo claramente no sentido de que tinham todos os fatos à mão; todavia, não conseguiam ver aquilo que deveria ser plenamente visível. Três perspectivas erradas cobriram seus olhos como se fossem camadas de um filme escuro, impedindo-os de enxergar a verdade e mantendo-os perpetuamente em busca das respostas em meio a uma escuridão desesperadora. Jesus foi até eles para retirar a película das perspectivas falhas, uma camada por vez, até que pudessem ver claramente.

Primeiro, *o ponto de vista deles carecia de uma dimensão espiritual, o que os deixava com uma compreensão apenas humana dos eventos.* Observe como Cleopas caracterizou a morte de Jesus. Não deixe de notar a falta de envolvimento divino. Ele via Jesus como “um profeta, poderoso em palavras e em obras diante de Deus e de todo o povo”, mas os principais sacerdotes e os governantes “o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram”.

Jesus, porém, não via os eventos dessa maneira. Em seu julgamento perante Pilatos, ele disse: “Não terias nenhuma autoridade sobre mim, se esta não te fosse dada de cima” (Jo 19:11). O discípulo Pedro declararia mais tarde aos mesmos “chefes dos sacerdotes e mestres da lei”:

“Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais que Deus fez entre vocês por

intermédio dele, como vocês mesmos sabem. Este homem lhes *foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus*; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz.”

Atos 2:22-23, grifos do autor

Pouco depois, Pedro acrescentou: “Mas foi assim que Deus cumpriu o que tinha predito por todos os profetas, dizendo que o seu Cristo haveria de sofrer” (At 3:18).

Não passou muito tempo, e a comunidade de crentes identificou-se com o sacrifício voluntário de Jesus Cristo. Enquanto suportavam perseguição, eles louvavam a Deus, dizendo: “De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com os gentios e com o povo de Israel nesta cidade, para conspirar contra o teu santo servo Jesus, *a quem ungiste*. Fizeram *o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão* que acontecesse” (At 4:27-28, grifos do autor).

Ora, *isso é* ver o mundo a partir de uma perspectiva divina! Eles reconheceram que as pessoas que achavam estar desempenhando um papel significativo na história — pessoas como Pôncio Pilatos, Anás e Caifás — nada mais eram do que fiapo de algodão nas páginas da profecia. Embora Deus não seja o autor do mal e nunca promova ou ignore o pecado, nada acontece sem sua soberana supervisão. Outros podem optar por fazer obras más e o povo de Deus pode sofrer no curto prazo, mas Deus transformará as intenções más de pessoas más em oportunidades para o enriquecimento daqueles que estão sob seu cuidado.

O que aconteceu à perspectiva divina de Cleopas? Antes de começarmos a criticar Cleopas e seu parceiro, devemos reconhecer um princípio. Quando a vida não é mais “fantástica”, quando nossas expectativas desabam e nossos sonhos se vão, é fácil afundar no pânico. As circunstâncias assumem o controle de tudo. As pessoas — especialmente aquelas que tiveram participação em nossa dor — ficam maiores que Deus. Nossa visão se torna horizontal e presa a este mundo terreno. Nossas orações parecem ricochetear no teto, e achamos que Deus está muito distante de nossa dor. Vamos enfrentar

os fatos: essa é a resposta natural que escolhemos dar quando nosso futuro cuidadosamente construído desaba sob seu próprio peso.

Deixe-me destacar que, no caso dos dois discípulos desiludidos, Deus não poderia estar mais próximo ou mais envolvido. Contudo, por motivos que destacarei mais tarde, ele os impediu de vê-lo. Ainda falando como um estranho anônimo, Jesus retira a última camada.

Ele lhes disse: “Como vocês costumam a entender e como demonstraram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?” E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escrituras.

Lucas 24:25-27

Ao tirar a primeira camada, ele expôs a segunda. *Os próprios planos deles determinavam as expectativas.* Cleopas melancolicamente comentou: “Nós esperávamos que era ele que ia trazer a redenção a Israel” (Lc 24:21).

Como dissemos antes, as pessoas de Israel cometeram o erro de achar que o Messias simplesmente repetiria os dias de glória do rei Davi e, em vitória, lideraria Israel para tornar-se um império judaico mundial. Durante todo o seu ministério, Jesus combateu essa perspectiva limitada e tentou ajudar as pessoas a apreciar os planos muito maiores que ele tinha para o mundo. Mas, enquanto uma pessoa se apegar aos seus próprios planos, permanecerá cega para a realidade de que Deus está no processo de criar.

Deus tinha em mente uma nova aliança. A nova seria construída em cima da antiga com o objetivo de dar ao povo muito mais que poder temporal e riqueza material. O rei de Israel de fato libertará a nação e governará o mundo inteiro. Mas não antes de libertar todas as pessoas do fardo do pecado e recriar o mundo outra vez, a partir do zero, desde seus átomos. Será um novo tipo de reino, no qual a abundância material virá como resultado de um relacionamento correto com Deus, não a despeito de estar alienado dele. Afinal de contas, “nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4).

Pare por um momento para considerar algumas perguntas: A qual expectativa você está apegando-se? Que futuro você determinou para si mesmo? Que perspectiva você escolherá se os seus planos não se concretizarem ou se alguém destruir seus sonhos?

Normalmente vemos as circunstâncias, especialmente aquelas que envolvem perda, como algo difícil porque a realidade não satisfaz nossas expectativas. Além do mais, a impressão de que Deus nos abandonou ao nosso próprio sofrimento simplesmente intensifica a dor da perda e a frustração das dificuldades. Os dois seguidores no caminho de Emaús sentiram-se, sem dúvida, esquecidos por Deus enquanto lamentavam a destruição de seus sonhos. Ironicamente, a própria perspectiva que causava sua dor os impedia de ver Jesus na sua presença.

Deixe-me incentivá-lo a abrir mão de suas expectativas. Entregue-as a Deus e abra suas mãos para receber aquilo que ele escolher colocar nelas. Eis uma oração simples que descobri recentemente e creio ser de grande ajuda nos dias atuais:

Senhor, estou disposto
 A receber o que o Senhor me der;
 A carecer do que o Senhor retém;
 A entregar aquilo que o Senhor toma;
 A sofrer aquilo que o Senhor inflige;
 A ser aquilo que o Senhor exige.¹

Era dessa mentalidade que os dois discípulos necessitavam. Jesus os ajudou a obter uma perspectiva divina e eterna ensinando-lhes a partir das Escrituras. Começando com a história de Gênesis, aplicando as letras dos poetas e expondo as palavras dos profetas, ele demonstrou de que maneira a morte sacrificial do Messias era requerida para derrotar o mal. Ele muito provavelmente fez com que se lembrassem dos “Cânticos do Servo” no livro de Isaías, um de seus profetas favoritos. Aqueles cânticos apresentam uma

¹ Autor desconhecido, citado em Jerry BRIDGES, *Growing Your Faith*, p. 181.

personagem recorrente chamada “o Servo do Senhor”, que trará justiça ao mundo (Is 42:1-4), liderará seu povo rumo a um correto relacionamento com Deus (49:5), iluminará as nações e trará salvação a todos (49:6), suportará humilhação injusta (50:6) e receberá a punição divina que os outros merecem (52:13—53:12).

O cântico final aplaude o Servo por seu sacrifício que enaltece seu caminho à glória por meio de sua própria humilhação. Ele é retratado como um cordeiro levado ao altar e sacrificado nele em oferta pelo pecado. No templo hebraico, o violento ritual do sacrifício de animais ensinava ao adorador que o pecado tem um custo e que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23). Deus estabeleceu a prática como um meio de conceder graça a seu povo. No caso do Servo, diferentemente do sacrifício hebraico no qual *um* cordeiro era recebido por Deus como a paga pelo pecado de *uma* pessoa,

ele foi transpassado por causa das nossas transgressões,
foi esmagado por causa de nossas iniquidades;
o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele,
e pelas suas feridas fomos curados.
Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos,
cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho;
e o SENHOR fez cair sobre ele
a iniquidade de todos nós.

Isaías 53:5-6

Conforme se aproximavam da cidade de Emaús, os dois discípulos viram-se tão intrigados que pediram ao estranho que passasse a noite, no cumprimento das regras de hospitalidade do Oriente Médio. Jesus aceitou a oferta, ao mesmo tempo que manteve seu anonimato. Os discípulos ainda não estavam prontos. Uma última camada de escurecimento da verdade permanecia em seus olhos: *eles ainda não haviam reconhecido a ressurreição.*

Eles ouviram os relatos e tinham todos os fatos; simplesmente se recusaram a acreditar de todo o coração. E sua falta de crença afetava tudo. Se aqueles dois discípulos tivessem acreditado que

Jesus estava vivo, eles se teriam comportado diferentemente em pelo menos dois aspectos. Primeiro, estariam caminhando *em direção* a Jerusalém, onde Jesus fora visto pela última vez, e não para longe de lá. Segundo, teriam aceitado os julgamentos, a crucificação e o sepultamento de Jesus como cumprimento de tudo o que ele havia prometido, não como o fim de suas esperanças.

À medida que o sol da tarde se aproximava do horizonte, Jesus e os dois seguidores se preparavam para a refeição da noite e, sem dúvida, continuavam sua discussão sobre a necessidade de o Messias morrer. Naturalmente, a morte de Jesus levava a uma pergunta óbvia: “Como, então, o Messias estabelecerá seu reino e reinará se ele está morto?”.

Quando estava à mesa com eles, tomou o pão, deu graças, partiu-o e o deu a eles. Então os olhos deles foram abertos e o reconheceram, e ele desapareceu da vista deles.

Lucas 24:30-31

A frase grega traduzida por “os olhos deles foram abertos e o reconheceram” significa literalmente “seus olhos foram *completamente* abertos, e eles passaram a *compreendê-lo plenamente*”. Isso foi mais que um reconhecimento passivo e casual das características de Jesus. Eles passaram a reconhecê-lo em toda a sua importância como o Messias, o Servo Sofredor, o Filho de Deus e seu Senhor ressurreto!

Lucas não nos diz por que ou como o partir do pão abriu-lhes os olhos. Talvez eles tenham visto as marcas dos pregos em sua mão quando ele segurava o pão para dar graças. Talvez tivessem participado da alimentação dos cinco mil homens e suas famílias no deserto e acabaram reconhecendo a maneira de ele partir o *matzá*. Não temos certeza se na última refeição no cenáculo durante a Páscoa havia mais discípulos do que os doze mais próximos. Talvez a visão dele sentado e partindo o pão os tenha transportado de volta àquele momento tocante quando ele disse “Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim” (Lc 22:19). Tudo

o que sabemos com certeza é que as escamas caíram dos olhos dos dois discípulos, e eles viram tudo claramente pela primeira vez.

O CAMINHO PARA CASA

É assim que acontece hoje. Você está andando pela vida, seguindo um caminho qualquer — escola, trabalho, casa, ministério —, e então alguma coisa acontece para perturbar a rotina ou, pior, alguma coisa reduz sua vida a escombros. Se a presença de Deus parece algo muito distante de você, tenha certeza de que ele permanece perto. Contudo, você pode ter uma ou mais perspectivas falhas impedindo que a luz chegue a seus olhos. Deixe-me sugerir três decisões práticas que o ajudarão a lidar com lutas diárias, assim como a recuperar-se de circunstâncias que alteram a vida.

Primeiro, *opte por ver a vida através dos olhos de Deus*. Isso não será fácil porque não é natural para nós. Não podemos fazer isso sozinhos. Precisamos permitir que Deus eleve nossa perspectiva. Comece lendo sua Palavra, a Bíblia. Se não sabe por onde começar, comece do começo. Descobri que ler a verdade na Bíblia dá à minha perspectiva uma dimensão vertical — mesmo quando não parece haver aplicação direta para aquilo pelo que estou passando.

Ore e peça a Deus que transforme seus pensamentos. Deixe que ele faça aquilo que você não pode fazer. Peça que ele lhe dê uma perspectiva eterna e divina. Peça que ele substitua o modo de você pensar pelo modo como ele pensa. Deus se alegra em responder à oração — especialmente a convites como esses.

Segundo, *abra mão de suas expectativas*. Pare de tentar mudar o universo para que ele funcione da maneira que você acha que deveria funcionar. O sentimento de pesar é essencialmente um processo de ajustar a mente para aceitar uma situação radicalmente nova. Quanto mais cedo você aceitar que as coisas não serão do seu jeito, mais cedo você será curado. Quando deixar de querer que as coisas sejam diferentes, você começará a mudar por dentro. Liberte-se dos ressentimentos. Ponha fim ao apego que você tem por aquilo que deseja, não importa quão bom ou certo ache que aquilo possa ser. Não é cansativo agir assim?

Ao mesmo tempo que você abdica de suas expectativas, peça ao Senhor que lhe mostre o plano *dele*. Mais uma vez digo que você pode encontrar isso escrito nos 66 livros da Bíblia, nossa única fonte confiável de verdade absoluta. Ore. Peça a Deus que abra seus olhos para o futuro que ele deseja, e firme o propósito de unir-se a ele naquilo que ele decidiu fazer. Vá com calma nesse procedimento. A transformação é um processo lento e às vezes tedioso.

Terceiro, *reconheça a ressurreição de Jesus Cristo e fundamente seu futuro nela*. Uma crença genuína no fato da ressurreição de Jesus transformará radicalmente sua maneira de ver a vida. A morte de Jesus conquistou o pecado e venceu a natureza definitiva da morte, mas é sua ressurreição que nos dá vida, esperança e razão para continuar quando tudo mais parece perdido. O Messias ressurreto nos oferece a mesma vida eterna e abundante que ele desfrutou.

ENXERGANDO ALÉM DA VISTA

Lucas conclui essa história com outra ponta de ironia.

Quando estava à mesa com eles, tomou o pão, deu graças, partiu-o e o deu a eles. Então os olhos deles foram abertos e o reconheceram, e ele desapareceu da vista deles.

Lucas 24:30-31

Uma tradução literal dessa última declaração seria “Ele, invisível, afastou-se deles”, significando que Jesus desapareceu repentinamente assim que os olhos daqueles homens foram abertos. Os discípulos olhavam para a face do Jesus ressurreto, mas estavam impedidos de vê-lo. Por quê? Estavam impedidos por obra divina ou suas expectativas falhas os impediam de enxergar qualquer coisa? Creio que ambas as explicações são válidas.

O Senhor permitiu que a dor que eles sentiam continuasse até que os próprios desejos não mais os mantivessem cativos. Quando se cansaram de sua dor, libertaram-se voluntariamente de suas

próprias expectativas, aquilo que tanto os feria quanto os impedia de ver Jesus em sua presença. Para ajudá-los a se livrar de suas perspectivas falhas, Jesus ofereceu-lhes a verdade — uma perspectiva sobrenatural e divina — que surgiu a partir de uma cuidadosa revisão das Escrituras.

Enquanto nos apegarmos a nossos próprios desejos e permanecermos obcecados por obter o que queremos, não conseguiremos ver Deus, ainda que ele esteja bem diante de nossos olhos. Em sua paciente e por vezes dolorosa misericórdia, Deus permite que nos apeguemos aos nossos desejos tão fortemente quanto desejamos, até que nos cansemos de sofrer e percamos as forças. Enquanto isso, ele põe diante de nós uma alternativa divina, oferecendo-se grande abundância em troca das bugigangas às quais nos agarramos com desesperada determinação.

Assim que os olhos dos discípulos foram abertos para a perspectiva divina, Jesus tornou-se visível aos seus olhos físicos. Eles tiveram um *insight* que transcendia a necessidade de enxergar. Sua esperança nova, ressurreta e melhor do que nunca os levou de volta a Jerusalém para contar as boas novas aos outros.

Perguntaram-se um ao outro: “Não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?” Levantaram-se e voltaram imediatamente para Jerusalém. Ali encontraram os Onze e os que estavam com eles reunidos, que diziam: “É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” Então os dois contaram o que tinha acontecido no caminho, e como Jesus fora reconhecido por eles quando partia o pão.

Lucas 24:32-35

A vida criada por nós mesmos não é uma vida abundante. É pão feito de pedras. É satisfação que se dissipa rapidamente e, depois, deixa uma necessidade ainda maior sem ser satisfeita. Atormenta. Mexe com os mais nobres desejos de nossa natureza, prometendo resolver as dificuldades que mais nos afligem e jurando satisfazer todas as necessidades não atendidas que nos deixaram doentes

demais para suportar os desafios da vida. Conseqüentemente, a fúria e a agitação de uma vida desejosa de gratificação imediata — a busca dinâmica porém vã por mais dinheiro, mais segurança e mais relacionamentos satisfatórios — ameaçam cegar-nos para aquilo que é realmente importante. Lembra-se do meu amigo? Lembra-se de quando seu mundo “fantástico” rapidamente se esvaiu? Somente então ele de fato começou a ver o que estava perdendo. A dor da perda deu novas lentes a seus olhos.

Jesus disse: “Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas [as suas necessidades] lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33). Num momento em que sua fome chegou a um ponto nunca alcançado antes, ele disse: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4), uma citação direta das Escrituras.

Deus chamou sua criação para encontrar satisfação num relacionamento pessoal com ele, parar de tentar fazer com que o mundo se conforme às nossas expectativas e a permitir que ele governe sua criação. Ele continua a dizer isso por meio de um antigo cântico de adoração hebraico, que diz “Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus”, parafraseado por Eugene Peterson da seguinte maneira: “Saia do trânsito! Dê uma olhada longa e amorosa para mim, seu Deus elevado, acima de política, acima de tudo” (Sl 46:10, *The Message*).

Você está pronto para fazer isso? Não está cansado de tentar fazer as coisas do seu jeito ou transformar a vida naquilo que *você* acha que ela deveria ser? Não é mais coerente desviar os olhos dos assuntos triviais que *você* considera tão importantes e ver o que o Cristo ressurreto tem a lhe oferecer em troca?

Jesus, o ser humano modelo, é não apenas nosso Salvador, mas também nosso exemplo. Todos os sonhos de Jesus se tornaram realidade porque estavam perfeitamente alinhados com a vontade de seu Pai. Contudo, não devemos esquecer que ele também sofreu injustiça, humilhação, preconceito, abandono, agonia, tristeza e até mesmo a morte. Seu caminho para a glória o conduziu pela Via Dolorosa até o Gólgota, e de lá para a sepultura.

Se a vida de Jesus não foi sempre “fantástica”, a nossa também não é. O “fantástico” está do outro lado da nossa própria ressurreição. Até lá, devemos procurar abundância nos eventos corriqueiros da vida e especialmente durante as provações. Vamos convidar Jesus para vir ao nosso lar, assentar-se à nossa mesa, partir o pão da vida e, acima de tudo, abrir nossos olhos.

CAPÍTULO DEZOITO

Escutando Jesus à beira-mar

PEDRO SEMPRE SE VALEU DE SUA PAIXÃO. Não há dúvida de que ele era uma pessoa apaixonada. Essa fome sempre presente, do tipo tudo ou nada, levava-o a ser bem-sucedido em qualquer coisa que escolhesse fazer. Como diretor da empresa de pesca da família, ele mantinha os barcos em perfeitas condições e contratava os melhores profissionais do convés da Galiléia. Era um proprietário que punha a mão na massa. Adorava o trabalho duro. E gostava muito de comandar a tripulação. Além disso, compartilhava de certa afinidade com o mar da Galiléia, com sua natureza tempestuosa e imprevisível. O mar assustava alguns homens, como André, seu irmão, mas Pedro o achava irresistível. Nenhuma outra força na Galiléia poderia comparar-se à intensidade da paixão de Pedro — apenas o mar. E o mar o provocava.

Pedro e seu irmão, André, não poderiam ser mais diferentes. Enquanto Pedro dominava as ondas, André amava a sinagoga. Assim que a frota estava sob controle e tudo parecia estar indo bem, Pedro incentivou André a deixar a Galiléia e ir estudar em Jerusalém. Enquanto seu irmão buscava o aprendizado, Pedro puxava as redes e contava os lucros, embora o dinheiro quase não fosse suficiente para sua sobrevivência. Era simplesmente uma maneira de competir numa rivalidade amigável com João e Tiago, os únicos homens cujo temperamento feroz rivalizava com o dele.

Pedro sorriu ao lembrar aqueles dias passados. Eram tempos mais simples. Mas a sensação era de que estavam a décadas de distância de onde ele se encontrava agora, uma pequena sala escura na parte de cima da casa da família, perto de Betsaida, na Galiléia. A empolgação inicial depois da ressurreição de Jesus já havia passado, e seus seguidores esperavam ansiosamente por outras ordens. Jesus havia instruído a todos que esperassem por ele na Galiléia, o que para Pedro era muito bom. O mar lhe deu as boas-vindas. Ele não poderia voltar para casa e imaginar o que fazer com o resto da sua vida; talvez pescar um pouco novamente, enquanto os outros formavam o novo governo e planejavam a derrubada de Pilatos e de Herodes Antipas.

Mais de uma semana se havia passado, e o silêncio começava a perturbar Pedro. Jesus fora muito carinhoso com ele durante seus dois encontros anteriores e nunca mencionou a questão que mais se destacava na mente de Pedro. Ele desejava que Jesus dissesse alguma coisa; aquilo estava sobre sua cabeça como uma panela cheia de carvão em brasa. Pedro não tinha certeza se Jesus estava esperando o momento certo ou se terminaria desprezando-o por completo. Ele repassou a conversa diversas vezes em sua cabeça. “Veja, Pedro, acho que nós dois sabemos que você não serve para a liderança no novo reino. Aprecio sua paixão, a maneira de você se entregar de todo o coração àquilo que se propõe a fazer. Mas isso é muito imprevisível. Preciso de alguém como João, que aprendeu a domar sua impulsividade e pode manter as coisas no rumo certo. Preciso de alguém com quem possa contar. Você é um esplêndido pescador. Por que não volta para as redes e investe naquilo que já conhece?”

O desapontamento e a vergonha chegavam ao nível do insuportável. Os outros falavam dos dias futuros e imaginavam quais posições ocupariam, mas ele mal podia reunir forças para sair daquela sala. Como havia chegado a esse ponto? Onde havia errado?

“SIGAM-ME”

Pedro lembrou a primeira vez que olhou para Jesus e como recebeu seu apelido. André já era discípulo de João Batista havia alguns

meses e então mandou dizer em casa que o Messias apareceria em breve. A família estava compreensivelmente cética, mas André não se deixava enganar facilmente. Se havia alguém capaz de descobrir uma falsificação, esse alguém era André. Assim, quando Pedro viajou a Jerusalém para celebrar uma das muitas festas de Israel, levou André a sério quando ele disse “Achamos o Messias” (Jo 1:41). Ele seguiu seu irmão com enorme interesse até uma casa modesta fora da cidade, onde encontrou o homem que o transformaria para sempre.

Jesus o saudou com o abraço costumeiro e um beijo rápido em cada uma das faces. Antes de tirar as mãos dos ombros de Pedro, sacudiu-o firmemente e disse: “Simão, filho de Jonas, acho que vou chamá-lo de Cefas [Pedro, em grego]. Você é firme como uma rocha!”. Pedro tomou aquilo como um grande elogio vindo do mais novo e dinâmico rabi de Jerusalém.

Depois de passar alguns dias com Jesus, Pedro concordou com André. “Achamos o Messias.” Ele gostaria de ter ficado mais tempo em Jerusalém para aprender mais daquele notável homem de Nazaré, mas o negócio de pesca não toleraria sua ausência por muito tempo. Pedro voltou para casa, resolvido a obedecer ao novo rei assim que chegasse o tempo de ele subir ao trono. Sabia que André o manteria informado.

Algumas semanas depois, Pedro e sua tripulação haviam terminado uma difícil noite de trabalho no mar e levavam seus barcos para perto da costa, onde Tiago e João estavam limpando suas redes. Pedro e os filhos de Zebedeu compartilhavam recursos com frequência, especialmente quando os tempos eram difíceis. E, por alguma razão, a pesca andava fraca nos últimos tempos.

Um grande grupo de pessoas das redondezas de Cafarnaum se sentou numa colina suave perto da beira do mar, ouvindo a forte voz de um professor. Aquele não era um acontecimento incomum, embora a multidão fosse muito maior do que Pedro estava acostumado a ver. Mas Pedro praticamente não deu atenção enquanto ele e sua tripulação jogavam as redes na costa e se lançavam ao trabalho de limpar, reparar e fortalecer as redes. Enquanto os homens

brincavam e provocavam uns aos outros para quebrar a rotina, deixaram de perceber que a voz daquele professor não ecoava mais pela costa, mas estava perto deles, pedindo um favor.

Pedro o reconheceu imediatamente. Era o Messias. Ele queria usar um dos barcos como plataforma para fazer o discurso, o que era uma brilhante idéia do ponto de vista de um orador. As águas calmas e o nivelamento da linha da costa criavam um anfiteatro natural, com uma acústica excelente. Para os pescadores, porém, era um pedido particularmente perturbador, depois de terem puxado redes vazias a noite toda. Pedro, porém, ordenou pacientemente a sua tripulação que enrolasse as redes, as colocasse de volta no barco e se afastasse um pouco da costa.

Jesus concluiu sua lição e dispensou as pessoas, e, nesse momento, Pedro esperava que Jesus quisesse ser deixado de volta em terra. Mas o rabi olhou para Pedro e disse: “Vá para onde as águas são mais fundas”, e a todos: ‘Lancem as redes para a pesca’. Simão respondeu: ‘Mestre, esforçamo-nos a noite inteira e não pegamos nada. Mas, porque és tu quem está dizendo isto, vou lançar as redes’” (Lc 5:4-5).

O peso da rede quase fez afundar o barco de Pedro e também o de Tiago e João, que vieram para ajudar. Para Pedro, essa foi a primeira de muitas lições. Boas intenções e esforço sincero não são suficientes. Somente Jesus pode transformar em produtiva uma vida que, de outro modo, seria fútil.

Naquele exato momento, Pedro pulou diante do chamado do Messias: “Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens” (Mc 1:17). Ele não sabia aonde aquilo o levaria, quais aventuras eram prometidas e que perigos estavam envolvidos. As pessoas perguntaram, mas ele não sabia. Ele também não se importava com o fato de seus vizinhos acharem que era tolo. Ele se atirou de corpo e alma ao chamado de Jesus, determinado a cumpri-lo até o fim.

“VENHAM A MIM”

No escuro conforto de seu esconderijo no quarto de cima, Pedro sorria diante das lembranças agrídoces, e então recuou. Como é

comum envolver-nos em algo com total dedicação e, mais tarde, sentir-nos tolos. Como na ocasião em que ele e outros discípulos estavam lutando contra os remos diante de uma ventania forte e repentina. Jesus lhes ordenara que fossem antes dele pelo mar, mas, quando começaram a enfrentar dificuldades para progredir, seu Mestre veio em seu resgate.

Por volta das quatro horas da manhã, Jesus veio andando na direção deles sobre a água. Eles achavam que estavam loucos. “Um fantasma!”, disseram eles, gritando de medo.

Jesus, porém, rapidamente os confortou. “Coragem, sou eu. Não tenham medo”.

Pedro, repentinamente ousado, disse: “Mestre, se é realmente o senhor, chame para que eu vá até aí sobre a água”.

Ele disse: “Venha”.

Pulando do barco, Pedro caminhou sobre a água até Jesus. Mas, quando olhou para baixo, para as ondas rugindo debaixo de seus pés, perdeu a concentração e começou a afundar. Ele gritou: “Mestre, salve-me!”.

Jesus não hesitou. Esticou a mão e apanhou as mãos de Pedro. Então, ele disse: “Seu covarde, o que deu em você?”.

Os dois subiram no barco, e os ventos se acalmaram.

Mateus 14:25-32, *The Message*

“Covarde” mesmo! Ele era um nadador forte e já havia caído na água inúmeras vezes em todos os seus anos de pescador. O que acontecera com ele? Numa fração de segundos entre as passadas, a mente de Pedro divagou. Num momento, tinha completa confiança em Jesus e, no instante seguinte, assustou-se com o tamanho das ondas batendo em seus pés. O único que tivera a audácia de pisar fora do barco repentinamente estava com água no pescoço.

Os outros discípulos não o deixaram esquecer tão cedo aquele dia! Foi o dia em que ele recebeu de Jesus uma impressionante afirmação e uma embaraçosa repreensão, tudo isso num período de cinco minutos. Na periferia de Cesaréia de Filipe, Jesus fez uma pergunta simples: “Quem as pessoas dizem que eu sou?”. Alguns

citaram nomes como o de João Batista, e de dois poderosos profetas do Antigo Testamento, Elias e Jeremias. Mas, quando Jesus devolveu a pergunta aos seus discípulos, eles repentinamente ficaram calados.

“E quanto a vocês? Quem vocês dizem que eu sou?”

Simão Pedro disse: “Você é o Cristo, o Messias, o Filho do Deus vivo”.

Jesus se voltou para ele e disse: “Deus o abençoe, Simão, filho de Jonas! Você não tirou essa resposta dos livros nem dos mestres. Meu Pai no céu, o próprio Deus, fez com que você penetrasse nesse segredo de quem eu realmente sou. Agora vou lhe dizer quem você é, quem *realmente* é. Você é Pedro, uma rocha. Esta é a rocha sobre a qual reunirei a minha igreja, uma igreja tão cheia de energia que nem mesmo os portões do inferno serão capazes de mantê-la de fora.

“E isso não é tudo. Você terá acesso livre e completo ao reino de Deus, chaves para abrir toda e qualquer porta: não haverá mais barreiras entre o céu e a terra, entre a terra e o céu. Um sim na terra é um sim no céu. Um não na terra é um não no céu.”

Mateus 16:15-19, *The Message*

Pedro se sentia muito bem até este ponto. Ele ficou um pouco mais alto que o resto dos discípulos. Teria imensa autoridade no novo reino! E por que não? Quem era mais dedicado que ele? Mas seu eminente lugar de honra não durou muito tempo. Jesus revelou que seu próprio caminho rumo à glória passava pela Via Dolorosa.

“É necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas e seja rejeitado pelos líderes religiosos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da lei, seja morto e ressuscite no terceiro dia”.

Lucas 9:22

Pedro não gostou do tom negativo daquela conversa. Aquilo não era jeito de liderar e inspirar outras pessoas. Não é o modo certo de desfrutar o melhor da vida agora. Sendo a rocha, ele achou que era sua responsabilidade advertir o líder do grupo.

Então Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: “Nunca, Senhor! Isso nunca te acontecerá!” Jesus virou-se e disse a Pedro: “Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens”.

Mateus 16:22-23

Então ele aprendeu a verdade sobre a liderança no reino.

Então Jesus disse aos seus discípulos: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, a encontrará”.

Mateus 16:24-25

Pedro lembrou-se de que se sentiu repreendido, mas, ainda assim, encorajado a permanecer firme. Ele pensou que Jesus havia mudado seu objetivo, saindo da conquista para o martírio, e, dessa forma, resolveu seguir seu líder até a morte.

“VOLTE PARA MIM”

Na véspera de sua prisão, Jesus incentivou os discípulos a deixar que o amor recíproco se tornasse sua característica distintiva. Depois, preparou-os para as horas difíceis que se seguiriam. “Ainda esta noite todos vocês me abandonarão. Pois está escrito: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas’. Mas, depois de ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galiléia” (Mt 26:31-32). Mas Pedro não deu ouvidos a essa declaração: “Ainda que todos te abandonem, eu nunca te abandonarei!” (Mt 26:33).

Enquanto estava imóvel na quieta escuridão de sua sala em Betsaida, Pedro demonstrava medo diante da audácia de suas próprias palavras. Para piorar as coisas, a terna advertência de Jesus permaneceu indelevelmente gravada em sua consciência: “Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo. Mas eu orei por você, para que a sua fé não desfaleça. E quando você se converter, fortaleça os seus irmãos” (Lc 22:31-32).

Para pessoas de boa consciência, não existe juiz, júri ou carrasco mais severo que a própria mente. Depois de voltar para Betsaida, Pedro ficou sentado, numa solidão purulenta, por vários dias. Seis de seus amigos mais próximos entre “os doze” vieram oferecer-lhe incentivo, mas ele estava inconsolável e se recusava a ver qualquer pessoa. Finalmente, Pedro não suportava mais sua autocensura. O mar o chamava... era hora de voltar para o conhecido. Ele foi até as docas e, enquanto passava diante de seus colegas discípulos, disse meio desanimado: “Vou pescar”. Seus amigos olharam uns para os outros e seguiram logo atrás dele.

Os homens levaram seus barcos até as águas profundas, baixaram as redes e, depois de uma longa noite de trabalho, não pescaram nada. Remar, jogar, puxar... nada. Remar, jogar puxar...

A noite deu lugar aos primeiros brilhos do amanhecer, e os homens rumaram para um ponto familiar da costa, onde poderiam cuidar das redes e deixá-las secar para outro dia de trabalho. Um pequeno brilho laranja chamou sua atenção conforme remavam para o lugar onde costumemente atracavam. Quando ainda estavam a cerca de cem metros, uma figura sombria falou com eles: “Moços, vocês pescaram alguma coisa?” (Jo 21:5, BLH).

A maioria dos pescadores lhe dirá que essa não é uma pergunta muito bem recebida depois de uma noite longa e vã, e definitivamente não é a maneira mais educada de perguntar! A resposta foi provavelmente um “Não!” curto e grosso. Mas os homens devem ter sido respeitosos. O fato de aquela figura tê-los chamado de “moços” sugeria que se tratava de um mestre ou alguém mais velho na comunidade.

“Lancem a rede do lado direito do barco e vocês encontrarão” (Jo 21:6)

Pedro lançou um olhar inquiridor a João, que respondeu dando de ombros. Assim, eles lançaram a rede para fora do barco — do lado direito —, fizeram uma grande rota circular e então começaram a puxar a rede. Num primeiro momento, Pedro achou que a

rede se havia enroscado em alguma coisa perto do fundo. Um puxão forte na corda principal inclinou o barco e quase os arrastou para dentro d'água. Mas então algo se moveu. Os outros se colocaram atrás de Pedro e vagarosamente ergueram a rede até a superfície para revelar uma massa brilhante em movimento e o som de águas agitadas. Peixes! Grandes peixes! Muitos peixes!

Alguns outros discípulos que pescavam num barco ali perto remaram furiosamente para ajudar o primeiro barco e garantir que os peixes não os fizessem afundar. Passada a comoção inicial, João se lembrou do dia em que Jesus os chamou para que se tornassem seus discípulos. Ele olhou para Pedro e disse: “É o Senhor”.

Pedro pegou sua túnica no convés, pulou imediatamente no mar e nadou rumo à costa. A perspectiva de ver Jesus novamente fez com que se esquecesse da fonte da sua desgraça, pelo menos enquanto golpeava a água em sua alegre corrida rumo a terra. Entre as braçadas, pôde ouvir os outros discípulos rindo dele. Felizmente, o fracasso não havia roubado do discípulo apaixonado sua qualidade mais terna.

Pedro abriu caminho à força pela praia para encontrar Jesus cuidando de uma pilha de carvão em brasa. O cheiro de peixe grelhado fez com que Pedro se lembrasse de quão faminto aquela longa e fútil noite o deixara. Ele caiu de joelhos, arrancou um peixe do fogo, tirou sua pele e começou a comê-lo. Os primeiros pedaços de comida e a visão de Jesus trouxeram uma força para seu corpo que ele não sentia havia semanas, e o agradável brilho do fogo em seu rosto o fez lembrar de quão frio ele havia sido. Quando já estava aquecido e alimentado, Jesus apontou para os discípulos que haviam trabalhado com dificuldade e que acabavam de chegar à praia com a rede cheia. “Tragam alguns dos peixes que acabaram de pescar” (Jo 21:10). Pedro lançou-se a ajudar seus amigos.

Depois de contar os peixes — cento e cinqüenta e três — e deixá-los ao longo da costa, os discípulos sentaram-se ao lado da fogueira.

“CONTINUEM A ME SEGUIR”

As fogueiras têm o poder de acalmar as pessoas que reservam um tempo para desfrutá-las. A conversa descontraída normalmente dá lugar a um silêncio reflexivo. Então, quando alguém fala, é quase sempre alguma coisa tocante, vulnerável ou profunda.

Pedro estava contente pela primeira vez em praticamente duas semanas. Sete de seus amigos mais próximos estavam ali, deitados ou olhando o fogo, com a barriga cheia do peixe assado que Jesus havia providenciado e que eles mesmos tinham pescado. As cicatrizes das mãos de Jesus não mais lhes provocavam dor. A agonia do Messias estava para sempre no passado; apenas a glória de Jesus se colocava diante deles. As marcas dos pregos eram agora significativas, lembretes mudos do presente sem preço que ele e os outros seguidores haviam recebido.

Jesus rompeu o silêncio com uma pergunta: “Simão, filho de João, você me ama mais do que estes?” (Jo 21:15).

A palavra traduzida por “amar”, usada aqui por João ao registrar a conversa, foi *agape*, que descreve um tipo deliberado de amor que está envolvido de emoção, mas não é por ela motivado. O *agape* ama a Deus primeiro, ao próximo como a si mesmo e a amigos e inimigos da mesma maneira. Perdoa as faltas e encontra sua mais elevada expressão quando é menos merecido. Longe de ser impetuoso, *agape* é um amor que brota do compromisso.

A pergunta tocou fundo. Pedro entristeceu-se sobremaneira. Era uma pergunta que ele fizera a si mesmo milhares de vezes desde a noite em que, ao redor de outra fogueira, negou conhecer seu Mestre, completando a declaração com imprecações. O aspecto de comparação da frase — “mais do que estes” — trouxe de volta à vida a dor das duas últimas semanas e cravou-a novamente em seu peito. Ela se parecia com uma enorme rocha prestes a esmagar a vida e arrancá-la de dentro dele. Pedro olhou para os outros discípulos, que mantinham os olhos fixos ou nas estrelas ou nas brasas. “Sim, Senhor, tu sabes que te amo” (Jo 21:15).

Quando Pedro falou, João usou uma palavra diferente para amor, *phileo*. É uma afeição terna que alguém nutre por familiares e amigos próximos. Era um termo favorito entre os gentios e certamente não era usado de maneira descuidada ou despreziosa. Mas Pedro entendeu o significado da pergunta de Jesus. A afeição não era o assunto do momento. O tema era compromisso.

Jesus respondeu: “Cuide dos meus cordeiros” (Jo 21:15).

O convite foi uma surpresa para todos, exceto para Pedro. Ele não se sentia mais qualificado para ser um “pescador de homens”, quanto mais um dos pastores dos discípulos de Jesus. Afinal de contas, quem era ele para ensinar os outros a ter compromisso? Ele deu tudo de si por mais de três anos e foi sincero em todas as palavras que disse no cenáculo, mas, quando a crise chegou, seu apaixonado empenho de permanecer fiel resultou na mesma inutilidade do trabalho da noite anterior no mar. Ele não podia sequer pegar um peixe sem a ajuda de Jesus, quanto mais liderar pessoas!

Alguns poucos momentos de silêncio sugeriram a Pedro que o assunto estava encerrado. Os cordeiros precisavam de um pastor competente. Mas então Jesus perguntou:

— Simão, filho de João, você me ama [*agape*]?

— Sim, Senhor, tu sabes que te amo [*phileo*].

— Pastoreie as minhas ovelhas (Jo 21:16).

Mais uma vez, *agape... phileo...* convite... silêncio.

A paixão de Pedro com frequência o impediu de enxergar a verdade sobre si mesmo. Contanto que houvesse algo externo pelo que lutar, como o mar da Galiléia ou uma coorte de soldados, sua paixão podia passar por um amor *agape* genuinamente comprometido. Mas sem nenhuma tempestade para vencer ou algum inimigo para conquistar, havendo consumido toda a sua paixão e sem ter nenhum orgulho para assumir o espaço deixado por ela, Pedro se tornou dolorosamente consciente de quão vazio ele era — e sempre foi.

A resposta *phileo* de Pedro estava muito aquém do que os dois homens desejavam, mas foi honesta. Felizmente, Jesus se importa mais com a integridade do que com a perfeição.

Pela terceira vez, ele [Jesus] lhe disse: “Simão, filho de João, você me ama [*phileo*]?”

João 21:17

Desta vez, *phileo*.

Pedro ficou magoado por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez “Você me ama?” e lhe disse: “Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo”.

Phileo.

Disse-lhe Jesus: “Cuide das minhas ovelhas”.

João 21:17

Temos a tendência de querer moldar os outros — e, portanto, a nós mesmos — de acordo com certos padrões. Temos um molde para os nossos líderes. Queremos que sejam sociáveis, ponderados, experientes, sábios, confiantes, visionários e otimistas. Não estamos dispostos a tolerar o fracasso, nem queremos líderes de nariz empinado. Assim, construímos um padrão mental de perfeição que ninguém pode alcançar.

Pedro tinha um molde. Ali, ao lado da fogueira, ainda cansado de sua inútil noite de pescaria, ele entrega os pedaços quebrados de seu próprio molde ao Senhor e diz, com efeito: “Isso é tudo o que tenho”. O repetido convite de Jesus disse em resposta: “Isso é tudo o que eu quero”.

Depois de um longo silêncio, Jesus se colocou em pé e chamou Pedro para caminhar com ele. O que ele tinha a dizer a seguir era apenas para os ouvidos de Pedro. Quando já estavam alguns passos longe dos outros, Jesus fez uma predição que colocaria a paixão do discípulo abatido — algo que Pedro passou a odiar — no devido lugar, numa perspectiva que demonstrava a soberania de Deus e afirmava sua capacidade de transformar a fraqueza em força.

“Digo-lhe a verdade: Quando você era mais jovem, vestia-se e ia para onde queria; mas quando for velho, estenderá as mãos e outra pessoa o vestirá e o levará para onde você não deseja ir”. Jesus disse isso para indicar o tipo de morte com a qual Pedro iria glorificar a Deus. E então lhe disse: “Siga-me!”.

João 21:18-19

A paixão que o havia impelido diante de todos os desafios da vida e que servira de combustível para sua busca pela grandeza no reino vinha das profundezas da alma de Pedro. A paixão parecia santa do lado de fora, mas servia ao mais profano ídolo de todos: o eu. Do mesmo modo que acontece com todas as buscas vãs, a de Pedro o levou ao desespero.

Conforme ouvia Jesus à beira-mar, Pedro aceitou seu vazio. Esvaziado da paixão e repellido pelo orgulho, ele estava pronto para ser cheio. A partir de relatos posteriores, sabemos que Pedro encarou o fato de ser preso e perseguido com disposição surpreendente — alguns até diriam sobrenatural — e terminou martirizado numa cruz. Mas a transformação não foi instantânea. Havia mais coisas a aprender.

Pedro voltou-se e viu que o discípulo a quem Jesus amava os seguia. (Este era o que estivera ao lado de Jesus durante a ceia e perguntara: “Senhor, quem te irá trair?”) Quando Pedro o viu, perguntou: “Senhor, e quanto a ele?” Respondeu Jesus: “Se eu quiser que ele permaneça vivo até que eu volte, o que lhe importa? Quanto a você, siga-me!”.

João 21:20-22

João foi o primeiro discípulo a voltar a Jesus depois de fugir, tendo permanecido com ele durante todos os julgamentos e a crucificação. Foi o homem a quem Jesus confiou o cuidado de sua mãe. Entre todos os discípulos, João foi um retrato de devoção leal.

A alma humana decaída não ficará livre do orgulho por muito tempo. Alguns hábitos são difíceis de ser extintos. Os primeiros passos incertos de Pedro no mar do ministério prometiam ser firmes,

mas ele hesitou quando tirou seus olhos de Jesus e começou a fazer comparações. “Mas Senhor, e quanto a João?”. Jesus lhe disse: “Se eu quiser que ele permaneça vivo até que eu volte, o que lhe importa? Quanto a você, siga-me!”.

A ordem final de Jesus é mais bem traduzida por “Você, continue a me seguir!”. Nenhum João. Nenhum outro grande homem. Nem mesmo as próprias ambições arrogantes de Pedro. “Você, continue a me seguir!” *Deixe que sua paixão se transforme numa busca apaixonada por mim. Quando você me seguir, as ovelhas o seguirão.*

A PRÓXIMA BUSCA APAIXONADA DE PEDRO

Pedro seria um excelente candidato a um cargo público em nossa cultura democrática, empresarial e motivacional. Todos nós admiramos aqueles que venceram por esforço próprio. Saudamos os que desejam mais poder e riqueza e que, com sua paixão contagiante, inspiram outros a conquistar novos territórios ou a superar desafios assombrosos. Essas são as pessoas que adoramos seguir.

Jesus procurava qualidades muito diferentes nos homens que escolheu para levar adiante sua visão. Escolheu homens com pouca educação formal, embora a maioria tivesse aprendido a ler e escrever na sinagoga. Escolheu homens com falhas óbvias, embora nenhum, a não ser Judas Iscariotes, estivesse tão firmemente comprometido com o mal quanto os líderes religiosos corruptos. Ele escolheu homens cuja vontade não poderia ser dobrada facilmente, mas que poderiam ou seriam divinamente impelidos a seguir. Os onze discípulos eram pessoas extraordinárias, por nenhum outro motivo senão sua busca apaixonada por Cristo e seu chamado.

Nós também fomos chamados. A ordem “Você, continue a me seguir” não se limita a Pedro. O destino de Pedro seguiu por um caminho muito diferente do de João. E o chamado que você recebe é diferente do chamado de qualquer outra pessoa. Mas continua sendo o mesmo: “Siga-me!”.

Seu chamado certamente afetará outros, embora você seja o único que deve responder a ele. Além de ser singular, é também

custoso e compensador. Esse chamado provavelmente levará você a lugares que agora lhe parecem assustadores, mas que lhe parecerão sua própria casa quando for o momento certo. O perigo é real, mas não existe lugar mais seguro na terra que o caminho que Deus ordenou para você. O lugar de maior satisfação é estar no centro da vontade de Deus.

À medida que você examina seu chamado singular, considere três importantes lições extraídas do chamado de Pedro.

Primeiro, *quando o Senhor oferecer uma oportunidade de transformar a inutilidade em fecundidade, esteja aberto às mudanças*. Tenha cuidado ao interpretar situações como indicadores da vontade de Deus. Observe que Jesus chamou Pedro para deixar sua profissão de pescador — uma significativa mudança de direção — *mesmo depois de dar-lhe uma pesca miraculosa e abundante*. O chamado não será audível. Não saia por aí procurando sarças ardentes ou formações de nuvens. Seu chamado se tornará claro à medida que sua mente for transformada pela leitura das Escrituras e pela obra interna do Espírito de Deus. O Senhor nunca esconde sua vontade de nós. No tempo devido, depois de obedecer ao primeiro chamado de segui-lo, seu destino se revelará diante de você. A dificuldade residirá em impedir que outras preocupações desviem sua atenção.

Segundo, *quando Jesus planeja levar você numa nova e desafiadora direção, espere passar por um período de profunda sondagem da alma*. Encontrar clareza pode ser um desafio complicado quando as distrações clamam por sua atenção. Os dias posteriores à ressurreição de Jesus foram provavelmente de quietude para Pedro, e ele provavelmente deve ter-se sentido abandonado. Apenas no tempo devido é que Jesus confrontou com um desafio seu discípulo anteriormente impetuoso. O chamado de Pedro veio no momento em que a humilhação de seu fracasso ecoou em sua cabeça e enquanto seus associados de negócios preparavam uma grande carga de peixes para o mercado. As circunstâncias sugeririam que ele seria melhor pescador que líder espiritual. Para Pedro, a questão norteadora não foi a paixão, mas o amor. Não

perca isso de vista. A quem ele amou? O foco de seu amor seria a maior prioridade a honrar? Tão logo essas questões foram respondidas, seu futuro tornou-se claro.

Terceiro, *quando o Senhor deixar claro que você deve segui-lo nessa nova direção, concentre-se plenamente nele e recuse-se a ser distraído por comparações com os outros*. Mesmo quando ouviu o chamado de Jesus pela quarta vez, Pedro não resistiu a dar uma olhada por cima do ombro. Pedro deve ter pensado: “Quem sou eu comparado ao sr. Fidelidade?”. Mas Jesus esclareceu a questão. João era responsável por João. Pedro era responsável por Pedro. E cada um deles tinha apenas um chamado ao qual dar atenção: “Siga-me”.

Se houve alguém que se desqualificou como líder entre os primeiros cristãos, certamente foi aquele que negou seu relacionamento com Jesus quando a situação ficou tensa. Quem iria querer que uma pessoa emotiva, hesitante e incitadora liderasse o povo de Deus? Jesus queria. Depois de Pedro reconhecer sua própria inadequação, sua total incapacidade de cumprir seu destino, exceto pela obediência a sua única responsabilidade verdadeira, ele se tornou um líder firme como uma rocha sólida. Conforme vemos o desenrolar de sua história no livro de Atos dos Apóstolos, podemos observar claramente que, quando Pedro manteve os olhos em Jesus e o seguiu, outros o fizeram também. E o seguiram aos milhares.

Precisam-se de mais Pedros.

CAPÍTULO DEZENOVE

Desafiado por Jesus na montanha

PROVAVELMENTE OS ANJOS ficaram intrigados com o que o Senhor estava pensando. O plano de Deus de tornar-se homem na pessoa de Jesus Cristo era engenhoso. Somente um humano poderia representar a humanidade e suportar a punição que ela merece, mas somente Deus poderia superar a morte. Mas deixar a responsabilidade de espalhar as notícias nas mãos da humanidade fraca e instável deve ter sido desconcertante.

Joe Aldrich começa seu livro *Life-style Evangelism* [Evangelismo como estilo de vida] com uma fábula bem criativa.

O anjo Gabriel se aproximou [de Jesus] e disse:

— Mestre, o Senhor deve ter sofrido muito pelos homens lá embaixo.

— Sofri — disse ele.

— E — continuou Gabriel — eles sabem tudo sobre como o Senhor os amou e que morreu por eles?

— Oh, não — disse Jesus — ainda não. Neste exato momento, apenas algumas pessoas na Palestina sabem.

Gabriel ficou perplexo.

— Então o que o Senhor fez para que todo mundo soubesse do seu amor por eles? — perguntou o anjo.

Jesus disse:

— Pedi a Pedro, Tiago e João e a alguns outros amigos que falassem às pessoas sobre mim. Aqueles que ouvirem, por sua vez, falarão a outras pessoas e, dessa maneira, a história será espalhada até os mais longínquos rincões da terra. Por fim, toda a humanidade terá ouvido sobre minha vida e minha obra.

Gabriel franziu a testa e olhou com muito ceticismo. Ele sabia muito bem do que os homens eram feitos.

— Sim — disse ele — mas e se Pedro, Tiago e João se cansarem? E se as pessoas depois deles se esquecerem? E se, lá pelo século XX, as pessoas simplesmente não disserem nada sobre o Senhor aos outros? O Senhor não preparou nenhum outro plano? — perguntou o anjo. Jesus mais uma vez respondeu:

— Não tenho nenhum outro plano. Conto com eles.¹

Em dezenas de ocasiões durante o período de quarenta dias depois da sua ressurreição, Jesus apareceu a centenas de discípulos espalhados por toda a Judéia e Galiléia. Caminhou entre as pessoas, *comeu junto com elas, ensinou-lhes lições e desfrutou sua companhia*. Ele aproveitou esse período para restaurar, reafirmar e fortalecer seus cidadãos, depois da experiência traumática de ver seu rei torturado e morto. Muitos, senão a maioria, haviam considerado que a causa do Messias fora perdida para o mal e precisavam ser animados para a tarefa que estava adiante. Ele prepararia seus seguidores em dois encontros no topo de uma montanha. Na primeira reunião, na Galiléia, Jesus deu-lhes o plano (Mt 28:16-20); na segunda reunião, na Judéia, deu-lhes poder (At 1:3-11).

O PLANO EXTRAORDINÁRIO

A montanha na Galiléia não nos é identificada nos relatos dos evangelhos. Pode ter sido a montanha onde Jesus normalmente pregava. Também pode ter sido a montanha remota onde Pedro, Tiago e João viram Jesus brilhar momentaneamente com luz divina (Mt 17:1-2). Ou pode ter sido simplesmente um ponto elevado a

¹ P. 15-16.

partir do qual os discípulos poderiam vê-lo mesmo de longe. Colocar-se no alto do monte Tabor, por exemplo, é ver uma grande amplitude de terra plana que se espalha para todos os lados. Embora o pico esteja a menos de 600 metros acima do nível do mar, é possível sentir-se como se estivesse vendo o mundo inteiro dali.

Foi a uma alta montanha que Deus primeiro levou Abraão, o pai dos hebreus, e disse: “À sua descendência darei esta terra” (Gn 12:7). Os seguidores de Jesus devem ter pensado que ele estava prestes a renovar a aliança de Deus e revelar-lhes o plano pelo qual eles reclamariam a terra prometida para o novo reino. De certo modo, ele faria exatamente isso. Jesus apresentou seu plano para a construção do reino de maneira clara e simples. Muitos chamam essa diretiva divina de “Grande Comissão”.

“Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

Mateus 28:18-20

O plano é “fazer discípulos de todas as nações”.

O verbo principal da diretriz de Jesus aos discípulos é “fazer discípulos”. A surpresa é que não é “ir”. Não é “batizar”. Nem mesmo é “ensinar”. Ele incluiu todos esses verbos para dar apoio à idéia principal. O objetivo da Grande Comissão é falar às pessoas sobre a oferta de salvação por meio do sacrifício de Jesus Cristo, que suportou a punição que elas mereciam pelo pecado e lhes oferece vida eterna como um presente gratuito. Além disso, os seguidores devem permanecer junto aos novos crentes com o objetivo de ensiná-los e encorajá-los, mostrando-lhes como caminhar em obediência ao seu Rei.

A palavra grega traduzida por “ir”, presente na Grande Comissão, é um gerúndio (“indo”). Alguns pregadores e mestres sugerem que a ordem de Jesus deveria ser entendida como “Enquanto você está indo, faça discípulos”, deixando implícito que o evangelismo

não precisa ser nada além de uma parte natural da nossa rotina diária. Contudo, não é dessa maneira que um leitor do século I teria interpretado essa ordem.

A frase “Vão e façam discípulos” usa a forma nominal do verbo da mesma maneira que ela foi usada pelo anjo ao advertir José, o marido de Maria: “Levante-se, tome o menino...” (Mt 2:13). O anjo não disse a José “Enquanto você estiver se levantando, tome o menino...”. O plano de Herodes para matar o menino Jesus exigia urgência. Do mesmo modo, a ordem de Jesus é tanto clara quanto urgente: “Vão e façam discípulos”. Essa ordem não é apenas para os envolvidos no ministério vocacional cristão — missionários, evangelistas e pregadores —, mas para todos os crentes.

Observe que Jesus incluiu o ritual do batismo como parte do processo de fazer discípulos, o que infelizmente tem sido foco de controvérsia há vários séculos. Alguns ensinam que as crianças devem ser batizadas pela mesma razão que os meninos judeus eram circuncidados, ou seja, como símbolo de sua participação numa aliança com Deus. Outros dizem que o batismo é simplesmente um testemunho público e um símbolo exterior da transformação interior da pessoa. Outros ainda ensinam que o batismo é uma exigência para a salvação ou um dos meios pelos quais uma pessoa escapa da punição do inferno.

A Bíblia, porém, ensina claramente que o batismo é um ato de obediência realizado depois que a pessoa declarou sua confiança em Jesus Cristo. O batismo é um passo importante na nova vida de um novo crente, e não uma exigência para a salvação do pecado. Os crentes são salvos pela graça, por meio da fé em Jesus Cristo, não pelo resultado de alguma boa obra... incluindo o batismo. Pense nele desta maneira: salvação somente pela fé, somente em Cristo e por causa somente da graça.

Observe também o escopo dessa missão. *Toda* a autoridade... *todas* as nações... a *tudo* o que eu lhes ordenei... estarei *sempre* com vocês. É uma missão perpétua que tem o objetivo de estender a autoridade de Jesus a todos os povos, em todos os lugares, por todos

os tempos. O objetivo dele é nada menos que um reino mundial no qual todas as pessoas se ajoelharão diante do Rei Jesus. Embora Jesus tenha sido enfático quanto à missão, foi flexível quanto ao método.

Ele capacitou seu povo para a tarefa e desejava que cada grama de energia e criatividade fosse usado em apoio à missão. Existem literalmente centenas de maneiras eficientes pelas quais as pessoas podem contar às outras sobre Jesus Cristo. Jantares evangelísticos, encontros de casais, reuniões de solteiros, estudos bíblicos em casa, ministérios de rádio e televisão, reuniões de homens de negócios, mulheres de negócios, reunião de homens, reuniões de mulheres, retiros, clubes, café da manhã de oração pelo prefeito, café de oração pelo presidente, filmes cristãos, vídeos, publicidade, páginas da Internet, acampamentos, conferências, retiros, seminários, eventos esportivos patrocinados pela igreja, ministérios de música e artes, café com os vizinhos, ministérios para carreiras especializadas, clínicas médicas gratuitas, ministérios com estudantes, grupos de discussão entre universitários, debates promovidos por ministérios, ministérios infantis, ministérios para pessoas portadoras de necessidades especiais, programas de recuperação de divórcio, programas de ajuda a viciados, escolas cristãs... eu poderia encher outra página se tivesse tempo suficiente. E existe uma grande possibilidade de você ter uma grande idéia em mente que não está em minha lista. Quer um conselho? Está esperando o quê? Vá! Faça discípulos!

As pessoas que não podem responder à pergunta "Quem é Jesus Cristo?" têm uma ampla variedade de necessidades, cada uma oferecendo uma oportunidade para que um crente compartilhe as boas-novas. Um adolescente em uma cidade do interior tem necessidades diferentes de uma viúva morando no litoral, uma mãe solteira na cidade grande e um prisioneiro em uma colônia agrícola. Uma pessoa ministra a uma família atingida pela dor de uma maneira muito diferente de alguém que acabou de abrir um negócio e dá início a um novo estilo de vida após uma grande guinada profissional. Alguém

que ganha a vida no ramo da construção responderá diferentemente de um artista, um atleta, um piloto ou um vendedor.

Felizmente, Deus criou pessoas de todo tipo, com uma grande diversidade de interesses e habilidades. Ele chamou pessoas de todas as raças e cores que tenham sido feridas pela vida de todas as maneiras possíveis. Até mesmo as cicatrizes de abusos e feridas do passado podem transformar-se em meios de levar cura a outras pessoas. Que maravilhosas oportunidades para fazer discípulos!

Jesus ordenou a seus seguidores que prosseguissem e fossem incansáveis na tarefa de fazer discípulos, mas deixou a escolha dos métodos em nossas mãos. Quero incentivá-lo a ser criativo e, então, prosseguir com entusiasmo.

PODER SANTO, PESSOAS COMUNS

Em uma segunda reunião no topo de uma montanha — desta vez perto de Betânia, na Judéia —, uma multidão de seguidores de Jesus se reuniu com grande ansiedade. Aquelas pessoas esperavam ver um grande pronunciamento em relação ao reino futuro. Quando Jesus chegou, elas o adoraram e, como parte de sua adoração, fizeram perguntas das quais todos queriam saber a resposta: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?”

Ele lhes respondeu: “Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”.

Atos 1:7-8

Esse pronunciamento foi nada menos que impressionante por várias razões. Primeiro, a idéia de cidadãos recebendo poder era completamente inusitada. Em nossa era democrática e de autonomia, estamos acostumados à idéia de que os poderes político e militar pertencem aos cidadãos, mas no século I apenas os reis possuíam

poder. Segundo, na maior parte da história humana, ninguém *recebeu* poder; alguém sempre subiu ao poder por merecimento ou, mais comumente, tomava posse dele na base da lança ou da faca. Terceiro, o anúncio destacou um tipo de futuro bastante diferente daquele que os seguidores de Jesus esperavam. Eles nunca abandonaram completamente a expectativa de uma renascença hebraica, na qual receberiam o reino e restaurariam a era de ouro de Davi e Salomão.

No entanto, uma característica do anúncio de Jesus ofuscou todo o resto. Deixou a multidão boquiaberta de tão chocada: “Quando o Espírito Santo descer sobre vocês...”.

O Espírito Santo sempre foi um conceito misterioso, quase uma “assombração” no Antigo Testamento. Quando o Espírito de Deus interagiu com alguém, essa pessoa passava a ter qualidades exclusivas de Deus ou agia de acordo com uma autoridade que não era a sua própria. Guerreiros ganhavam força sobre-humana e astúcia. Profetas falavam e escreviam o que estava na mente de Deus. Às vezes eles demonstravam o poder de Deus àqueles que o odiavam controlando o tempo, curando doenças ou fazendo descer fogo do céu. Por causa disso, a atividade do Espírito Santo tornou-se um sinal de autoridade divina legítima. Mais tarde na história de Israel, a presença do Espírito Santo indicaria quem deveria sentar-se no trono do reino de Deus.

Saul, o primeiro rei de Israel, parecia ter nascido para o papel. Era alto, bonito, inteligente e sensível à liderança de Deus. Mas terminou perdendo a maioria de suas qualidades atraentes, das quais a mais importante foi a obediência. Desse modo, Deus escolheu outra pessoa para substituí-lo, um pastor da remota cidade de Belém. O profeta Samuel viajou para lá, sob orientação de Deus, para encontrar o jovem rapaz e derramar óleo cerimonial sobre sua cabeça, tornando-o assim “o ungido de Israel”. Naquele momento, “o Espírito do SENHOR apoderou-se de Davi” e “se retirou de Saul” (1Sm 16:13-14).

Saul recusou-se a deixar o trono. Sua estabilidade emocional ruiu, resultando numa insanidade cada vez maior, o que o levou a

dedicar grande parte da força de seu exército a caçar Davi com o objetivo de matá-lo. Durante mais de doze anos, Saul governou como rei ilegítimo, enquanto “o ungido” por direito, o homem do qual “o Espírito do SENHOR apoderou-se” vivia em exílio. Todo cidadão do reino de Deus abraçou ou o rei legítimo ou o usurpador, embora ninguém tenha feito isso cegamente. A presença do Espírito Santo identificava cada um desses dois homens de maneira muito clara.

A evidência do Espírito Santo foi óbvia na vida de Jesus. Desse modo, ao reunir seus cidadãos e anunciar que o Espírito Santo desceria sobre eles também, Jesus estava prometendo algo de valor inestimável. O mesmo poder que o identificara como o legítimo governador de Israel seria daquelas pessoas também. A presença do Espírito Santo as identificaria não apenas como cidadãs legítimas do reino, mas como co-regentes do Rei! Jesus disse aos seus seguidores que eles estariam recebendo a mesma presença poderosa que fez profetas falar o que estava na mente de Deus, guerreiros lutar com habilidade sem igual e meninos pastores desconhecidos fazer uso da autoridade delegada por Deus.

A declaração também surpreendeu a todos por outra razão. O Messias estava delegando seu poder divino a pessoas totalmente comuns. Como o apóstolo Paulo expressou mais tarde, “temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós” (2Co 4:7).

Os que estavam diante de Jesus no topo da montanha não eram estranhos, mas pessoas próximas, todas elas crentes na identidade e na missão de Jesus. Não eram nem mais nem menos notáveis que as pessoas que vemos fazendo compras numa loja, sentadas na arquibancada de um estádio assistindo um jogo ou indo trabalhar numa fábrica. Eram fazendeiros, pescadores, comerciantes, mães, artesãos e trabalhadores. Alguns ocupavam posições de autoridade; a maioria não. Muitos deles, ainda que crentes, eram fracos em sua fé. Mateus registrou que, entre os presentes na primeira reunião, “alguns duvidaram” (Mt 28:17). Alguns daqueles a quem Jesus prometeu seu poder estavam inseguros.

Perceba também que Jesus não lhes concedeu auréolas, nem colares, nem coroas. Não distribuiu uniformes, não os enviou a escolas especiais, nem lhes concedeu títulos como reverendos, padres ou pastores. Não estou querendo dizer que os seminários não sejam importantes; eu mesmo sou diretor de um deles. Não sugiro que as igrejas não devam ter pastores; continuo a servir como um deles. Contudo, a todo crente foi igualmente prometido o mesmo poder, e cada um foi chamado a tornar-se parte do plano de Deus.

Vamos encarar os fatos: noventa por cento do ministério se resume a simplesmente dispor-se a servir. Assim que alguém toma a decisão inicial de participar, o Espírito Santo assume o controle do resto.

A VITÓRIA DERRADEIRA

Jesus não limitou o escopo, mas reconheceu que o plano não seria realizado da noite para o dia. Ele capacitou pessoas comuns para executar um plano extraordinário e anteviu seu sucesso. Ele disse: “[Vocês] serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1:8). Observe que o epicentro do evangelismo foi Jerusalém, o lar da maioria dos discípulos. Eles deveriam testemunhar de Cristo primeiro à família, aos amigos, vizinhos e colegas de trabalho. “Judéia” referia-se à área em torno de seu lar, aquilo que poderíamos chamar de Estado ou condado. “Samaria” indicava a região vizinha na qual as relações poderiam ser transculturais — contar a outros, de fé e raça diferentes, sobre Jesus Cristo. Finalmente, eles deveriam levar as boas novas a todas as partes do mundo.

Seu plano pedia ação, e a maneira pela qual Jesus o expressou já antevia o sucesso da empreitada. Ele não disse “Vocês *devem* ser minhas testemunhas” ou “Vocês *poderiam* ser minhas testemunhas” e nem mesmo “Vocês *precisariam* ser minhas testemunhas”. Ele disse “Vocês *serão* minhas testemunhas”. E disse isso em resposta à pergunta sobre o reino e quando ele seria estabelecido.

Como judeus que conheciam muito bem as palavras dos profetas do Antigo Testamento e acreditavam que Deus cumpriria todas

as suas promessas, os discípulos de Jesus ficaram naturalmente curiosos em relação ao futuro de Israel. A promessa era que o Messias um dia assumiria o trono de Israel (Sl 2:6-7), destruiria todos os seus inimigos (Sl 110:1-2), estabeleceria um governo justo (Is 9:7; 11:4-5), levaria a nação a uma paz e prosperidade sem precedentes e até mesmo estenderia seu governo para englobar o mundo inteiro (Sl 2:8).

É inevitável que “este mesmo Jesus, que dentre vocês [os discípulos] foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como o viram subir” (At 1:11) e assumirá o trono de Israel por meio do exercício do poder. Embora Deus de fato vá cumprir todas as promessas feitas a Israel, ele estabeleceu um período de graça entre a primeira e a segunda vinda do Messias, que ainda é futura. Durante esse período, toda a humanidade — judeus e gentios igualmente — é convidada a aproximar-se do trono do rei Jesus e tornar-se parte do grupo sempre crescente de seus discípulos.

Os seguidores de Jesus — desde o dia de sua ascensão ao céu até hoje — são convidados a juntar-se a ele em seu grande empreendimento de construção do reino. Ainda que, em última análise, a obra seja dele e que ele seja fiel para completar aquilo que começou, os crentes têm um papel importante no sucesso desse plano. Jesus não tem outra estratégia para a redenção da humanidade. Esta é a única.

Embora Deus certamente não precise da ajuda das pessoas para redimir o mundo do pecado e do mal, ele optou por incluir seus seguidores na realização do plano. Os profetas do Antigo Testamento e o livro de Apocalipse apontam de maneira inequívoca para a vitória do bem sobre o mal. O pecado e a morte terminarão sucumbindo diante do poder avassalador de Jesus Cristo. Nada impedirá o reino de Deus de governar o mundo. Portanto, a Grande Comissão é essencialmente um convite para nos juntarmos a Deus nessa grande empreitada que não tem nenhuma possibilidade de fracasso. Ele não precisa de nós, mas de fato nos deseja.

Quando perguntaram a David Livingstone o que o sustentava no meio de todos os perigos de seu trabalho missionário na África, ele respondeu citando [a Grande Comissão]. Quando sua esposa morreu na África, ele ajudou a preparar seu corpo para o sepultamento; ajudou a fazer o caixão e baixá-lo na sepultura. Então, ele abriu seu Novo Testamento, leu este texto e disse aos seus camaradas africanos: “Essas são as palavras de um cavalheiro da mais completa e sagrada honra, e ele cumprirá sua palavra. Vamos agora continuar com nossa tarefa”.²

Onde é Jerusalém para você? Para mim, é Frisco, Texas. É a minha casa, minha comunidade. A sua pode ser San Diego, São Paulo, Miami ou Rio de Janeiro. Seu ponto de partida pode ser Curitiba, Chicago, Belo Horizonte, Montreal, Recife ou Natal. Pode ser uma grande área metropolitana ou uma cidadezinha com pouco mais de duas mil pessoas... ou até mesmo duzentas pessoas. Se você é um crente em Jesus Cristo, então foi chamado a juntar-se a ele a fim de fazer discípulos e, esteja onde estiver, é aí onde você deve começar. Pense nisso como a sua Jerusalém.

Você, porém, não está limitado a Jerusalém. Também foi chamado a fazer discípulos na Judéia e em Samaria. Como você pode se tornar uma testemunha para sua região? Consegue juntar-se a outros que estabeleceram um ministério eficaz em sua área? E o que dizer de um ministério transcultural? No século I, Samaria era o lugar que os judeus amavam odiar e ficava exatamente entre a Judéia e a Galiléia — você sabia disso? Um judeu leal, viajando de uma região a outra, nunca passava por Samaria. Ele adicionaria nada menos que um dia inteiro de sua jornada para cruzar o rio Jordão e seguir pela fronteira leste, simplesmente para não sujar suas sandálias com o solo de Samaria.

Há pessoas na sua vizinhança que falam outros idiomas ou têm raízes em outra cultura? Há pessoas desprezadas, evitadas ou consideradas indesejáveis? De que maneira você pode superar o medo,

² Henry GAREPY, *Daily Meditations on Golden Texts of the Bible*, p. 180.

a desconfiança e o desconforto para compartilhar com elas as boas novas de Jesus Cristo? Existe algum abrigo de sem-teto nas proximidades? Uma prisão? Uma parte da cidade habitada por pessoas com baixo poder aquisitivo?

E não vamos esquecer que o Senhor tem seus olhos colocados sobre o mundo inteiro. Ele nunca estabeleceu limites à quantidade de pessoas que podemos alcançar ou quão longe podemos ir. Talvez ele esteja levando você a sair de sua zona de conforto para experimentar o processo de fazer discípulos em escala mundial. As agências e outras organizações missionárias existem exatamente com o propósito de ajudar pessoas a sair de onde vivem para ir a lugares em todo o mundo nos quais muitos nem mesmo ouviram o nome de Jesus Cristo.

Você pode participar por meio de qualquer uma destas três maneiras básicas. Primeiro, pode orar por aqueles que se dedicam a fazer discípulos em outros países. Entre em contato com uma organização missionária ou com sua igreja local, pergunte o nome de alguns missionários e ore por eles de maneira constante. Posso dizer, por experiência própria, que essas orações ajudam muito!

Segundo, você pode doar dinheiro para ajudar a pagar as despesas de um missionário enquanto ele está servindo fora de seu país. As organizações missionárias facilitam esse processo tão recompensador, e as igrejas freqüentemente ajudam você a manter contato com os missionários que são sustentados por meio de sua congregação.

Contudo, a melhor e mais recompensadora maneira de participar é ir! Há igrejas que promovem regularmente oportunidades de se juntar a outros para experimentar missões na própria pele. Às vezes as viagens duram apenas uma semana. Outras podem trabalhar todo o verão em um ministério transcultural. Ou você pode sentir uma orientação divina para tornar-se um “fazedor” de discípulos de tempo integral em outro país. Entre em contato com a sua igreja ou com uma organização missionária e comece a fazer algumas perguntas sérias. Mas preciso adverti-lo: Deus sempre tem maneiras

de redirecionar aqueles que se envolvem pessoalmente. Portanto... esteja aberto!

Independentemente daquilo que fizermos, não devemos tratar a Grande Comissão como se ela fosse a Grande Sugestão. Comecei com uma fábula; quero concluir com uma história.

Num perigoso trecho da costa, muito conhecido pelos diversos naufrágios ocorridos, havia um posto salva-vidas muito simples. Na verdade, o posto era apenas uma velha cabana e um barco usado..., mas os poucos e dedicados membros da equipe mantinham vigilância constante sobre o mar turbulento. Sem pensar muito em si mesmos, eles saíam dia e noite, incansáveis no resgate daqueles que estavam em situação de perigo ou apenas perdidos. Muitas e muitas vidas foram salvas por esse bravo grupo, formado por homens que trabalhavam fielmente como equipe, entrando e saindo do posto salva-vidas. Aos poucos, aquele lugar se tornou famoso.

Alguns daqueles que foram salvos, assim como outros que moravam na costa, quiseram associar-se àquela pequena estação. Estavam dispostos a dedicar tempo, energia e dinheiro para apoiar seus objetivos. Novos barcos foram comprados. Novas equipes foram treinadas. A estação, que era obscura, simples e virtualmente insignificante, começou a crescer. Alguns de seus membros estavam tristes pelo fato de a cabana ser tão pouco atraente e ter apenas o equipamento mínimo. Sentiram que um lugar mais confortável deveria ser construído. Camas portáteis foram substituídas por uma bela mobília. Equipamentos toscos feitos à mão foram descartados e substituídos por sofisticados sistemas. A cabana, naturalmente, precisava ser demolida para abrir espaço para todo o equipamento, mobília, sistemas e equipamentos adicionais. Quando a reforma estava completa, a estação salva-vidas tornou-se um popular local de reunião, e seus objetivos começaram a mudar. Ela era usada agora como um tipo de clube, um prédio atraente para reuniões públicas. Salvar vidas, alimentar os famintos, fortalecer os temerosos e acalmar os perturbados agora eram atividades que aconteciam apenas raramente.

Um número cada vez menor de membros estava interessado em se lançar ao mar bravio em missões salva-vidas e, assim, contrataram equipes salva-vidas profissionais para fazer esse trabalho. Contudo, o objetivo original da estação não estava totalmente esquecido. A motivação de salvar vidas ainda prevalecia na decoração do clube. De fato, havia até um barco ritualístico na *Sala das Doces Lembranças*, iluminado com luz suave e indireta, o que ajudava a esconder a camada de poeira que se acumulava em cima daquele objeto outra-tão ousado.

Nessa época, um grande navio naufragou na costa, e as equipes dos barcos trouxeram muitas pessoas molhadas, com frio, quase afogadas e doentes. Elas estavam sujas, algumas terrivelmente doentes e outras solitárias. Outras eram negras e “diferentes” da maioria dos membros do clube. O lindo e novo clube repentinamente tornou-se um lugar confuso e superlotado. Uma comissão especial viu isso e, então, construiu imediatamente uma sala de banhos *fora e longe* do clube, de modo que as vítimas do naufrágio pudessem limpar-se *antes* de entrar.

Na reunião seguinte, houve palavras duras e sentimentos de ira, que resultaram numa divisão entre os membros. A maioria das pessoas queria simplesmente pôr fim às atividades de salvar vidas do clube e encerrar todo envolvimento com vítimas de naufrágios... (“É muito desagradável, é um atraso para nossa vida social, é abrir as portas para pessoas que não são *como nós*”). Como era de esperar, alguns insistiram em que salvar vidas era o objetivo original — que a única razão de existirem era ministrar a *qualquer um* que precisasse de ajuda, independentemente da beleza do clube, do seu tamanho ou de sua decoração. Eles foram voto vencido e ouviram que, se quisessem salvar a vida de pessoas de vários tipos que sofressem um naufrágio naquelas águas, deveriam fundar sua própria estação salva-vidas em outro lugar da costa! Foi o que fizeram.

Com o passar dos anos, a nova estação experimentou as mesmas velhas mudanças. Ela evoluiu até transformar-se em outro clube... e outra estação salva-vidas foi criada. A história continuou a se repetir...

e, se você visitar a região hoje, encontrará um grande número de impressionantes clubes exclusivos ao longo da costa, controlados e dirigidos por profissionais astutos que perderam completamente o envolvimento com a salvação de vidas.

Naufraágios ainda ocorrem naquelas águas, mas agora a maioria das vítimas não é mais salva. Todos os dias elas se afogam no mar, e muito poucos parecem se importar... realmente poucos.³

³ Charles R. SWINDOLL, *Growing Strong in the Seasons of Life*, p. 110-111.

CAPÍTULO VINTE

Olhando para Jesus nos ares

CHEGAR AO FIM DE UMA BIOGRAFIA raramente é uma experiência agradável para mim. Li, por exemplo, a excelente biografia de Abraham Lincoln escrita por Doris Kearns Goodwin, intitulada *Team of Rivals* [Equipe de rivais] e descobri, mais uma vez, por que sempre admirei esse grande estadista norte-americano. Com maestria, ela relacionou as cartas particulares e os diários de Lincoln às pessoas que ele conhecia para poder contar sua história. À medida que limpa a poeira de seu retrato, sua obra revela um administrador inteligente e altamente sensível, além de um líder de convicção e determinação sem paralelo. Observei sua infância pobre, e seu incansável desejo de ser algo maior que seu ambiente lhe dava o direito de ser. Aprendi a admirar sua integridade pessoal, sua rígida estrutura política, além de seu conhecimento intuitivo e sua ascensão totalmente honesta ao poder. Li com admiração o modo em que ele montou um governo notadamente forte ao escolher homens que eram seus rivais políticos, mas claramente as pessoas mais qualificadas para a função. A maneira pela qual Lincoln dirigiu o governo refletia o caráter sem retoques do homem, e, porque ele era uma pessoa de caráter indiviso, os Estados Unidos continuam a ser uma nação unificada ainda hoje.

Enquanto lia os capítulos finais de sua vida, um sentimento de temor começou a tomar conta de mim. Encolhi-me à medida que o

assassino Wilkes Booth se esgueirava atrás do presidente no Teatro Ford e quando ele atirou em sua cabeça à queima-roupa. Enquanto Lincoln estava em estado de coma na Petersen House, vi-me esperando, sem nenhuma razão, que ele se recuperasse e sobrevivesse! Quando morreu, nove horas depois, senti-me como se tivesse perdido um amigo muito estimado.

Acho que as biografias são engraçadas no começo, fascinantes no meio e, mais comumente, depressivas no final. Se a biografia é completa, ela sempre termina do mesmo jeito: o herói morre! Um epílogo faz um laço que une todas as pontas, e o livro vai para a estante para pegar poeira. Outra grande vida terminou do mesmo jeito que todas as outras.

Todas, exceto uma! O relato da vida de Jesus, o maior de todos, é diferente. Não apenas o protagonista continua vivo, mas um capítulo significativo de sua história permanece não contado. A conclusão *foi escrita em profecia, mas não ainda na história.*

Pouco depois de Jesus entrar em Jerusalém cavalcando um jumento para apresentar-se oficialmente como Messias e requerer autoridade sobre o templo, os líderes religiosos o rejeitaram. Como já vimos, seu subsequente posicionamento contra a corrupção de Anás e dos principais sacerdotes tornou-se então um momento de definição. Aqueles que governavam a casa de Deus optaram pelo poder temporal e pela riqueza, desprezando a abundância da vida que Cristo lhes viera dar. Ao fazê-lo, optaram pelo julgamento, no lugar da redenção. Mais tarde, sentado na encosta ocidental do monte das Oliveiras, Jesus chorou pela cidade.

“Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram. Eis que a casa de vocês ficará deserta. Pois eu lhes digo que vocês não me verão mais, até que digam: ‘Bendito é o que vem em nome do Senhor’”.

Seu lamento levou os discípulos a perguntar qual seria o destino da cidade nos últimos dias. Jesus aproveitou a oportunidade para explicar o que aconteceria nos anos futuros e nos séculos que se seguiriam. “Vocês estão vendo tudo isto?”, perguntou ele. “Eu lhes garanto que não ficará aqui pedra sobre pedra; serão todas derrubadas.”

Os discípulos... disseram: “Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?” Jesus respondeu: “Cuidado, que ninguém os engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Cristo!’ e enganarão a muitos. Vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerras, mas não tenham medo. É necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim”.

Mateus 24:3-6

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com grande som de trombeta, e estes reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus. [...] “Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai.”

Mateus 24:30-31,36

Mal sabiam eles quão rapidamente sua predição seria cumprida. No ano 39 d.C., o louco imperador romano Calígula declarou-se um deus e ordenou que sua imagem fosse mostrada nas cidades e templos por todo o império, incluindo o templo de Jerusalém. O então procurador Gesius Florus apossou-se de grande soma de dinheiro do tesouro do templo. Esses dois atos fizeram com que fariseus e saduceus entrassem em perfeito alinhamento contra Roma, o que despertou um gigante adormecido nos zelotes e nos sicários. Por volta do ano 66 d.C., Israel levantou-se em rebelião e conseguiu vencer várias campanhas militares. Parecia prestes a obter sua independência.

Então, Vespasiano tornou-se imperador, e tudo mudou. Ele ordenou que dezenas de milhares de soldados descessem rapidamente pela Galiléia e cercassem a cidade de Jerusalém. No ano 70, Tito, filho do imperador, rompeu o muro da cidade. A fúria com que os soldados atacaram a cidade não teve precedente. O historiador judeu Josefo descreveu os resultados.

Agora, quando o exército não tinha mais pessoas para matar ou roubar, pois não restara ninguém para estar sujeito a sua fúria (pois eles não teriam poupado ninguém, caso houvesse restado outro trabalho como esse a ser feito), César deu ordens para que demolissem toda a cidade e o templo, mas que fossem deixadas em pé as torres de grande proeminência, ou seja, Fasael, Hípico e Mariana, e grande parte do muro que fechava a cidade no lado oeste. Esse muro foi poupado com o objetivo de fornecer abrigo para os que estavam na guarnição; as torres foram deixadas como estavam com o objetivo de demonstrar à posteridade que tipo de cidade ela era, tão bem fortificada, mas subjugada pelo heroísmo dos romanos; quanto ao restante do muro, foi totalmente derrubado, até o chão, chegando até mesmo às fundações, de modo que nada fosse deixado para que os que para lá fossem pensassem que aquele lugar jamais tivesse sido habitado.¹

Nessa época, a perseguição por parte dos líderes religiosos de Jerusalém havia levado a maioria dos seguidores de Jesus para longe, muitos deles para a cidade de Antioquia. Os discípulos restantes — aqueles que não haviam sido martirizados — sem dúvida perceberam. A primeira das muitas predições se havia realizado. Outras se seguiriam. Guerras e rumores de guerras... tribulações... falsos Cristos... e então, em algum dia futuro — desconhecido de qualquer pessoa, a não ser o Pai —, Jesus voltará, primeiro para reunir seu povo e, depois, para governar sobre a terra como Rei. Ele prometeu isso na véspera de sua morte:

¹ Flavius JOSEPHUS, *The Works of Josephus*, trad. William Whiston, p. 613.

“Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver.”

João 14:1-3

Esta promessa, resumida em uma única palavra, torna a biografia de Jesus diferente da de qualquer outra personagem histórica: “Voltarei”. Ele não disse quando, embora muitos tenham tentado definir a data. Contudo, a promessa continua. Ele pode voltar a qualquer momento, e devemos estar preparados para quando ele o fizer.

Naturalmente, essa perspectiva atíça a imaginação, e muitos que não tentaram calcular a data têm usado as imagens enigmáticas do livro de Apocalipse para que elas se encaixem em seus propósitos particulares. Durante a turbulenta década de 1970, muitos expositores bíblicos se colocaram nos púlpitos com livros de profecia numa mão e jornais na outra, incitando uma geração de crentes a um frenesi. Devemos levar a sério a ordem “Tomem cuidado”, mas também devemos mantê-la na perspectiva correta. Jesus desejava que estivéssemos preparados, não apreensivos.

UM OLHAR PARA O FINAL

A primeira geração de crentes vivia numa ansiosa expectativa de que Jesus voltaria e estabeleceria seu reino durante o período em que estivessem vivos. Eles não haviam recebido a promessa de uma data, mas lhes fora pedido que ficassem prontos. Jesus poderia voltar a qualquer momento; quando ele o fizer, um fato é certo: será de repente. Contudo, à medida que os anos se passavam, falsos mestres começaram a tirar proveito de suas dúvidas, e perguntas começaram a minar a confiança daqueles crentes.

E se eu morrer antes que Jesus volte? Deixarei de ver o reino?

Estou sofrendo! Quando vou desfrutar da abundância que me foi prometida no reino?

O reino prometeu justiça. Aqueles que me atormentam serão responsabilizados se morrerem antes de Jesus voltar?

O que dizer dos meus entes queridos que já morreram? Vou vê-los outra vez?

Para responder a suas perguntas, o apóstolo Paulo expôs aquilo que chamou de *musterion*, um mistério, dando informações que Deus não havia revelado anteriormente. Ao fazê-lo, ele abordou quatro questões importantes: morte, destino, ressurreição e a volta de Cristo.

Morte. Em sua carta aos cristãos que viviam na cidade de Corinto, Paulo explicou as implicações futuras da ressurreição de Cristo. Eugene Peterson parafraseia a instrução muito bem.

Se tudo o que obtivermos de Cristo for um pouco de inspiração para alguns poucos anos de vida, então estamos realmente mal. Mas a verdade é que Cristo já *ressuscitou*, o primeiro de um extenso legado daqueles que sairão dos cemitérios.

Existe uma interessante simetria nisso: inicialmente, a morte veio por um homem; a ressurreição da morte veio por um homem. Todo mundo morre em Adão; todo mundo volta a viver em Cristo. Mas precisamos esperar nossa vez: Cristo é o primeiro, depois aqueles que virão com ele em sua chegada, a grande consumação quando, depois de esmagar a oposição, ele entrega seu reino a Deus Pai. Ele não dará trégua até que o inimigo esteja derrotado — e o derradeiro inimigo é a morte!

1Coríntios 15:19-26, *The Message*

De acordo com a Bíblia, a morte não é o fim da vida, mas uma porta de entrada terrena para um tipo diferente de vida. A morte é simplesmente a separação entre o invisível e o visível, entre o aspecto imaterial de uma pessoa e a parte material. Na morte, o corpo físico pára de funcionar e imediatamente começa a deteriorar; o mundo material pede suas moléculas de volta. Enquanto isso, as qualidades interiores invisíveis que definem nossa personalidade — nosso espírito e/ou alma — continuam a existir.

Destino. O corpo físico daqueles que morrerem antes da volta de Jesus está destinado à sepultura. Todavia, morte e destino eterno são duas coisas diferentes. Embora o corpo pereça, a alma vive. Uma vez que alguém tenha passado pela porta da morte, um destino, entre dois possíveis, o espera.

Aqueles que morrem sem ter posto sua confiança em Cristo, aqueles que ou recusam a oferta divina de um relacionamento restaurado ou tentam fazê-lo da sua própria maneira, esses não deixarão de existir. Para eles, a morte ainda é uma porta para um tipo diferente de existência; contudo, seu destino é muito diferente daqueles que morrem “em Cristo”. Eles não desfrutarão a presença de Deus para sempre. Irão para um lugar literal onde estarão eternamente separados de Deus.

Jesus descreveu o destino dessas pessoas como um “fogo que nunca se apaga” (Lc 3:17), um lugar de “trevas, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mt 25:30) e um “castigo eterno” (Mt 25:46). Assim como o céu é inimaginavelmente bom, o inferno é inacreditavelmente horrível — além da nossa compreensão. Ele não é temporário. Não existe o “purgatório”, no qual uma pessoa sofre durante algum tempo para purificar-se de “pecados menores” antes de entrar no céu; ninguém pode orar para que outra pessoa seja de lá removida. A escolha entre esses dois destinos deve ser feita antes de passar pela porta da morte. Depois que esse limiar é cruzado, a eternidade está selada para sempre.

Felizmente, ninguém precisa ir para lá. Todos nós temos uma opção. Jesus Cristo morreu pelos pecados de todo o mundo e agora oferece outro destino como um presente gratuito. Estar “em Cristo” é pôr a confiança nele para ser salvo do pecado. Estar “em Cristo” é confiar em sua bondade, não em nossa própria; confiar que sua morte sacrificial sobre a cruz pagou completamente a dívida de morte que tínhamos por causa de nosso pecado; confiar que sua ressurreição nos dá vida eterna, em vez de confiar em nossa própria capacidade de agradecer a Deus. Estar “em Cristo” é requerer, pela fé, o presente gratuito da salvação. Estar “em Cristo” é desfrutar de um relacionamento completamente restaurado com nosso Pai no céu pelo fato de seu Filho ser justo.

Paulo disse anteriormente em sua carta aos Coríntios: “Portanto, [em Cristo] temos sempre confiança e sabemos que, enquanto estamos no corpo, estamos longe do Senhor. Porque vivemos por fé, e não pelo que vemos. Temos, pois, confiança e preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor” (2Co 5:6-8). Em outras palavras, a vida “em Cristo” é uma proposição de ganho mútuo. Estar vivo na terra é esperar um futuro grandioso. Estar separado de nosso corpo é desfrutar a vida eterna no céu com nosso Criador!

Paulo disse que aqueles que estão “em Cristo” serão vivificados; não simplesmente restaurados ao mesmo tipo de vida — como Lázaro, que foi ressuscitado e, mais tarde, morreu por algum ferimento ou doença —, mas vivos eterna e abundantemente, sem nunca mais sofrer a morte de novo. A ressurreição que Jesus prometeu e sobre a qual Paulo ensinou é um conceito profundamente diferente, jamais entendido por alguém antes disso.

Os cristãos da cidade de Corinto — alguns deles céticos — estavam perguntando: “Como ressuscitam os mortos? Com que espécie de corpo virão?” (1Co 15:35). Paulo descreveu a ressurreição usando uma maravilha da natureza que normalmente consideramos um fato corriqueiro. Ele percebeu que uma semente deve morrer e ir para o solo antes que possa cumprir seu destino. Uma semente de trigo cresce até se tornar um caule. A semente do carvalho se torna uma árvore gigantesca. A semente não se torna algo diferente quando morre; torna-se uma expressão muito maior daquilo que já era antes.

Quando você semeia, não semeia o corpo que virá a ser, mas apenas uma simples semente, como de trigo ou de alguma outra coisa. Mas Deus lhe dá um corpo, como determinou, e a cada espécie de semente dá seu corpo apropriado. Nem toda carne é a mesma: os homens têm uma espécie de carne, os animais têm outra, as aves outra, e os peixes outra. Há corpos celestes e há também corpos terrestres; mas o esplendor dos corpos celestes é um, e o dos corpos terrestres é outro.

Ressurreição. Nesse ponto, os crentes certamente pensaram: “Bem, e se Jesus voltar antes de eu morrer? Como vou experimentar essa nova vida ressurreta se não morri?”. Paulo então lança outro *musterion*.

Irmãos, eu lhes declaro que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem o que é perecível pode herdar o imperecível. Eis que eu lhes digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortalidade. Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita:

“A morte foi destruída pela vitória”.

“Onde está, ó morte, a sua vitória?

Onde está, ó morte, o seu aguilhão?”

1Coríntios 15:50-55

Este velho saco de ossos — este corpo velho, antiquado e doente — não está equipado para durar por toda a eternidade. Somos felizes por conseguir viver setenta anos com ele. Alguns chegam a oitenta e até noventa. Li sobre uma mulher chamada Mary Thompson que morreu na Flórida com a idade de 120 anos! De acordo com os parentes, ela viveu tanto assim porque comia bem, nunca fumou, continuou a trabalhar no seu jardim até os 105 anos e sempre carregou uma pistola calibre 22 embaixo de sua roupa! Ainda que sigamos item por item todas as receitas de longevidade, nosso corpo um dia se desgastará. Ele precisa ser transformado para que possa viver para sempre. Fazendo uma comparação, aqueles que já morreram, embora tenham tido o corpo decomposto, não estão de modo algum em pior situação do que aqueles que estão vivos. Nenhum dos dois é próprio para a eternidade. Os corpos mortais devem transformar-se em imortais. Quando Jesus voltar e levar

seu povo para estar com ele, uma mudança física radical deve — e irá — acontecer.²

A volta de Cristo. Paulo revelou que, quando a trombeta tocar e Jesus aparecer no céu, as pessoas que estiverem “em Cristo” e ainda não tiverem morrido serão transformadas “num momento, num abrir e fechar de olhos” (1Co 15:52). A palavra grega traduzida por “momento” é *átomos*, da qual deriva a nossa palavra *átomo*. É um momento indivisível no tempo, não um piscar de olhos, mas o tempo que a luz leva para atravessar o olho. Aqueles que estiverem vivos quando Jesus voltar, esses receberão instantaneamente um corpo adequado para a eternidade, assim como aqueles que estavam na sepultura e foram ressuscitados de sua decadência.

Os teólogos chamam essa nova existência física de “corpo glorificado”, porque ele é imune aos efeitos tóxicos e destrutivos de um mundo que foi contaminado pelo pecado. Esse novo corpo “imortal” nunca contrairá doenças, jamais sofrerá ferimentos, nunca pecará, jamais experimentará tristeza e nunca se desgastará nem morrerá. A morte terá sido “destruída pela vitória” (1Co 15:54).

O INÍCIO DE UM NOVO INÍCIO

Jesus advertiu seus discípulos sobre os dias futuros, repletos de falsos profetas e falsos messias, de rumores e falsas visões. A despeito

² A Bíblia ensina claramente que dois eventos acontecerão num futuro definido, ainda que desconhecido. Jesus surgirá nos ares e chamará seus seguidores para se juntarem a ele, momento em que os mortos ressuscitarão e os vivos serão transformados, deixando todos os não-crentes para trás. Os teólogos chamam esse evento de “arrebatamento”. Jesus também pisará na terra para conquistar aqueles que se opõem a ele e estabelecerá uma monarquia funcional e literal, por meio da qual governará o mundo. Considerando que alguns teólogos acreditam que esses dois eventos ocorrerão simultaneamente, estou convencido, com base em meus estudos, de que o Senhor arrebatará seus seguidores, uma “grande tribulação” (Mt 24:21) se abaterá sobre a terra por sete anos e, então, ele voltará para estabelecer seu reino. Você poderá obter mais informações no livro *O milênio: três pontos de vista*, de Darrell Bock. São Paulo: Vida, 2005.

da afirmação do Senhor de que ninguém sabe quando ele retornará, algumas pessoas trabalham incansavelmente para calcular o dia e têm publicado suas previsões com surpreendente confiança. Em 1833, William Miller começou a proclamar de seu púlpito, por meio de panfletos e em livros, que o Senhor voltaria em 1843. (Ele não voltou.) Então, alguns dos seguidores de Miller publicaram que a data correta era 1844... no dia 22 de outubro, para ser mais preciso. Quando a data passou sem nenhum sinal da volta de Cristo, outros ainda ajustaram a data para abril de 1878. Que coisa sem sentido!

Jesus disse que os falsos mestres proclamariam “Ele está lá, no deserto!” ou “Ali está ele, dentro da casa!”. Mas ele garantiu a seus seguidores: “Porque assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem” (Mt 24:27). Sua volta será repentina e plenamente visível a todos.

Todavia, alguns dos primeiros cristãos se preocupavam com a possibilidade de perder a volta de Jesus. Eles também não tinham certeza se as pessoas que já haviam morrido experimentariam a alegria do novo reino. Para animá-las, Paulo lhes ensinou mais coisas.

Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com ele, aqueles que nele dormiram.

1 Tessalonicenses 4:13-14

Imagine que tristeza você sentiria por outra pessoa se não acreditasse nessa ressurreição futura. Quanto mais trágica é a morte se não tivermos esperança além da sepultura! Mas, para o crente, a certeza da vida eterna dá à morte um significado totalmente diferente. Paulo usou o termo “dormir” não apenas como um eufemismo, mas para comunicar uma importante verdade. Os cristãos lamentam a perda de um ente querido porque ela é dolorosa. Mas lamentam com a certeza de que seu amigo crente está vivo e que os

dois estarão juntos novamente. Embora a morte os tenha separado, ela é apenas temporária.

Tendo esclarecido a questão da ressurreição, Paulo então se volta para o assunto da volta de Jesus e como os mortos serão afetados naquele momento.

Dizemos a vocês, pela palavra do Senhor, que nós, os que estivermos vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, certamente não precederemos os que dormem. Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre.

1 Tessalonicenses 4:15-17

Depois de se encontrar com seus seguidores numa montanha na Galiléia e comissioná-los a serem testemunhas por todo o mundo, Jesus subiu ao céu e desapareceu no meio das nuvens. Depois, um anjo disse: “Por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como o viram subir” (At 1:11).

Jesus não vai reencarnar. Ele não voltará como outra pessoa. Não virá outra vez simplesmente como uma presença espiritual. Não chegará secretamente para dar início a uma tomada sutil e subterrânea dos governos seculares ou das religiões. Jesus voltará, de maneira física e literal, através das nuvens, e o evento será inconfundível. Diante de uma ordem, da voz do arcanjo e do ressoar da trombeta, os mortos aparecerão; e os crentes serão transformados. Ninguém deixará de reconhecer a volta de Jesus Cristo quando ela acontecer.

Assim que os mortos ressuscitarem e os crentes forem transformados, todos os seguidores de Jesus se encontrarão com ele nos ares. Eles estarão para sempre juntos, para nunca mais serem separados de seu Deus. Isso se tornaria um grande conforto para os

cristãos logo depois de terem recebido a carta de Paulo. Uma vez que o mundo era governado pelo imperador Nero, eles precisariam animar uns aos outros constantemente.

O REI JESUS

“No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gn 1:1), encheu o universo de verdade, deu-lhe ordem e disse que ele era “bom”. Então, o primeiro homem e a primeira mulher desobedeceram a esta simples ordem de Deus:

“Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá”.

Gênesis 2:16-17

A desobediência voluntária de Adão e Eva transformou *tudo*, pois naquele momento o pecado deu início a sua crescente corrupção do mundo, transformando-o do “bom” que Deus havia criado numa ameaçadora perversão dele mesmo. A terra agora produz colheitas cercadas de mato e espinhos. O trabalho tornou-se uma labuta. A alegria de um nascimento vem à custa de enorme dor e angústia. Até mesmo nossa própria natureza como pessoas criadas para refletir a própria imagem de Deus foi distorcida pelo pecado, de modo que até mesmo as coisas boas que fazemos estão entrelaçadas com o egoísmo. O mal agora corrompe todo o bem como que para insultar o Criador. E o pecado trouxe consigo a derradeira afronta a Deus: a morte, que é a eliminação e a queda de tudo o que ele criou para ser bom.

Assim é o mundo como o descrevi no capítulo 3. Este é um mundo que Jesus invadiu com o propósito de realizar uma transformação derradeira. No presente, o mundo ainda funciona de acordo com as regras da queda. O mal continua. Os relacionamentos se rompem. As guerras estouram. As doenças afligem. Entes queridos morrem. Corações se partem. Mas, quando Jesus voltar, tudo isso

mudará. Quando retornar a este planeta, o Senhor virá em poder e com julgamento. O Messias que os líderes religiosos originalmente desejavam — o rei guerreiro que assume o trono de Israel, derrota seus inimigos e estabelece um reinado mundial — realizará tudo o que os profetas predisseram, mas em uma escala global, profundamente mais ampla do que qualquer um poderia ter imaginado.

No capítulo final da história da terra, até mesmo a criação será transformada. Todo o mal será consumido no fogo da glória de Deus, deixando apenas aquelas coisas “que duram para sempre”.

A CRENÇA NO IMPOSSÍVEL

Reconheço plenamente que este último capítulo deu uma guinada surreal. Posso imaginar como isso soa estranho para alguém que não conhece muito sobre Jesus ou a Bíblia. Nem mesmo a biografia das vidas mais extraordinárias termina com o protagonista ressuscitando dos mortos, subindo até as nuvens e prometendo voltar um dia. Contudo, como dissemos de início, esta não é uma simples crônica de uma grande figura histórica, porque Jesus não foi um homem comum. Sua história também não é simplesmente o relato de uma vida. Seu nascimento, crescimento, morte e ressurreição abrangem a história de toda a humanidade — pelo menos como Deus deseja. Longe de Cristo, nossa história termina com o capítulo que fala sobre nosso desaparecimento: um epílogo junta todas as pontas, e nós vamos para o chão, voltamos ao pó. Contudo, “em Cristo” nossa história termina como a dele, com um triunfo final, esplêndido e inusitado sobre a morte — um final que apresenta um início inimaginável em um plano de existência totalmente novo.

Também reconheço que aquilo que Deus deseja que creiamos é humanamente impossível. Essas verdades estão além do alcance da ciência, que pode apenas observar e quantificar o aspecto material do universo. Mas deixe-me destacar que, embora as verdades sobrenaturais e espirituais desafiem nossa experiência, elas não desafiam a lógica. A fé não exige que desliguemos nosso cérebro e saltemos no escuro. Temos recebido provas de que o impossível existe fora deste

reino material. Uma pessoa sobrenatural humilhou-se para nos falar de um reino muito maior, realizando coisas impossíveis para validar suas declarações.

Jesus não pede que creiamos cegamente; ele nos convida a acreditar nele. O Deus inefável e transcendente tornou-se um ser humano material de carne e osso para nos dar todas as provas de que precisávamos. Para confirmar essa abundância, tudo o que devemos fazer é confiar em Jesus — confiar em suas palavras e na autenticidade do seu presente.

Deixe-me tornar isso um pouco mais pessoal.

Você é pecador. Sei disso porque a Bíblia diz que todo homem, mulher e criança que já viveu fez o que é errado. E mais de uma vez... de fato, muitas vezes. Além disso, a Bíblia diz que a penalidade por cometer esses pecados é a morte eterna — um tormento incessante num lugar que Jesus descreveu como horrível e além de qualquer comparação. Mas o dom gratuito de Deus, por meio de seu Filho, é a vida eterna. Isso é graça. Favor imerecido. Misericórdia que você não fez por merecer, não batalhou para conseguir, não tem direito de exigir e pode apenas receber. A graça é gratuita. Completamente grátis.

Deus se fez homem na pessoa de Jesus Cristo. Como homem, ele sofreu a penalidade do pecado no meu e no seu lugar. Carregou toda a punição que eu e você merecemos, não deixando nada para ser pago, nada para ser finalizado. Nesse supremo ato de graça, o juiz voluntariamente tirou sua toga e assumiu o lugar dos condenados. Mas ele não deixa o ser humano de lado. Não vai pegar de volta o presente que deu a Adão e Eva, ou seja, a honra de tomarmos nossas próprias decisões e o privilégio de vivermos com as conseqüências disso. Contudo, Deus não poderia facilitar nada nesse presente de salvação. Você e eu só precisamos fazer uso do seu primeiro presente, a escolha, para receber outro, a vida eterna.

Você vai aceitá-lo? Se vai, reserve alguns momentos para oferecer a Deus esta oração:

Querido Deus,

Sei que meu pecado colocou uma barreira entre nós. Agradeço ao Senhor por ter enviado seu Filho, Jesus, para morrer em meu lugar. Confio somente em Jesus para obter o perdão de meus pecados e aceito o presente da vida eterna. Vou a Cristo somente, somente pela fé. Peço a Jesus que seja meu Salvador pessoal. Confio plenamente que ele perdoa meus pecados. Obrigado.

Em nome de Jesus, amém.

Se você conseguiu dizer isso a Deus e foi sincero em suas palavras, então recebeu um presente de valor inestimável. Você recebeu a vida eterna após a morte. Além disso, você tem direito a uma vida abundante deste lado da sepultura. Porque você crê em Jesus Cristo, a vida dele agora é sua, e sua vida agora é dele. Você se juntou ao maior de todos.

Bibliografia

- ACHTEMEIER, Paul J. *Harper's Bible Dictionary*. San Francisco: Harper & Row, 1985.
- ALDRICH, Joseph C. *Lifestyle Evangelism: Crossing Traditional Boundaries to Reach the Unbelieving World*. Portland, OR: Multnomah, 1982. [Publicado no Brasil sob o título *Amizade: a chave para a evangelização*. São Paulo: Vida Nova, 1987.]
- BARCLAY, William. *The Gospel of Matthew*, vol. 2. Philadelphia: The Westminster Press, 1958.
- _____. *The Letters to the Corinthians*, rev. ed. Philadelphia: The Westminster Press, 1977.
- BARKER, William P. *Twelve Who Were Chosen: The Disciples of Jesus*. New York: Fleming H. Revell, 1957.
- BERG, Laura L. "The Illegalities of Jesus' Religious and Civil Trials", *Bibliotheca Sacra*, vol. 161, nº 643 (July—September, 2004).
- BISHOP, Jim. *The Day Christ Was Born and the Day Christ Died*. New York: Galahad, 1981. [Publicados no Brasil como obras separadas intituladas *O dia em que Cristo nasceu* e *O dia em que Cristo morreu*, ambas por Rio de Janeiro: Record, 1984].
- BOCK, Darrell L. "Jesus v. Sanhedrin: Why Jesus 'Lost' His Trial", *Christianity Today* 42, nº 4 (6 April 1998): 49.
- _____. *Luke*. Downers Grove: InterVarsity, 1994.

- BORCHERT, Gerald L. John 1—11, *The New American Commentary*, vol. 25A. Nashville: Broadman & Holman, 1996.
- BOWMAN, Robert e KOMOSZEWSKI, J. Ed. *Putting Jesus in His Place*. Grand Rapids: Kregel, 2007.
- BRIDGES, Jerry. *Growing Your Faith: How to Mature in Christ*. Colorado Springs: NavPress, 2004.
- BROMILEY, Geoffrey W., ed. *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 5. Grand Rapids: Eerdmans, 1967.
- CALVIN, John. *A Harmony of the Gospels: Matthew, Mark and Luke*, vol. III, trad. A. W. Morrison. Grand Rapids: Eerdmans, 1972.
- CICERO. *The Verrine Orations*, vol. II, trad. L. H. G. Greenwood. Cambridge: Harvard University Press, 1976.
- COLSON, Charles. *Kingdoms in Conflict*. Grand Rapids: Zondervan, 1987.
- COUNTS, Bill. *Once a Carpenter*. Irvine, California: Harvest House, 1975.
- DU TOIT, A. B. *The New Testament Milieu*. Halfway House: Orion, 1998.
- EASTON, M. G. *Easton's Bible Dictionary*, 1897. Domínio público; acessado por meio do Libronix. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1996.
- EDERSHEIM, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah*, vol. 2. Grand Rapids: Eerdmans, 1962.
- EDWARDS, W. D., MD, GABEL, W. J., MDiv, e HOSMER, F. E., MS. "On the Physical Death of Jesus Christ", *The Journal of the American Medical Association* 255, nº 11 (21 March 1986).
- GARIEPY, Henry. *Daily Meditations on Golden Texts of the Bible*. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.
- GODET, Frederick. *A Commentary on the Gospel of St. Luke*, vol. 2, trad. M. D. Cusin. Edinburgh: T. & T. Clark, 1881.
- GUINNESS, Os. *The Call: Finding and Fulfilling the Central Purpose of Your Life*. Nashville: W Publishing Group, 1998. [Publicado no Brasil sob o título *O chamado: uma iluminadora reflexão sobre o propósito da vida e o seu cumprimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.]

- HENDRIKSEN, William. *New Testament Commentary: Exposition of the Gospel According to Matthew*. Grand Rapids: Baker, 1982.
- International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 1. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.
- JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus: obra completa*, 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- JOSEPHUS, FLAVIUS. *The Works of Josephus: Complete and Unabridged*, trad. William Whiston. Peabody: Hendrickson, 1987.
- KELLER, Phillip. Rabboni... *Which Is to Say Master*. Old Tappan, N. J.: Fleming H. Revell, 1977.
- KITTEL, Gerhard e FRIEDRICH Gerhard, eds. *Theological Dictionary of the New Testament: Abridged in One Volume*, trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1985.
- _____. e BROMILEY, Geoffrey William, trad. e ed. *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 7. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.
- _____. *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 3, ed. e trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1967.
- _____. *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 1, ed. e trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Eerdmans, 1972.
- _____, FRIEDRICH, Gerhard e BROMILEY, Geoffrey William. *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.
- LEWIS, C. S. *Mere Christianity*. Copyright © C. S. Lewis Pte. Ltd. 1942, 1943, 1944, 1952 [Publicado no Brasil sob o título *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005].
- LOUW, Johannes P. e NIDA, Eugene Albert. *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based on Semantic Domains*, vol. 1. New York: United Bible Societies, 1989.
- LOWELL, James Russell. "The Present Crisis" in *Poems by James Russell Lowell*, vol. 2. Boston: Ticknor, Reed, and Fields, 1849.
- MACROBIUS. *The Saturnalia*, trad. Percival Vaughan Davies. New York: Columbia University Press, 1969.

- MANNING, Brennan. *O impostor que vive em mim*, 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- MARSHALL, Peter. *The First Easter*. New York: McGraw-Hill, 1967.
- MATHESON, George. *Thoughts for Life-Journey*. New York: Hodder & Stoughton, 1908.
- MURRAY, Andrew. *Abide in Christ: Thoughts on the Blessed Life of Fellowship with the Son of God*. London: James Nisbet & Co. Limited, 1864. [Publicado no Brasil sob o título *Permaneçei em Cristo*. Belo Horizonte: Tesouro Aberto, 2007.]
- OSBORNE, Thomas Mott. *Within Prison Walls*. New York: D. Appleton, 1921.
- PHILO of Alexandria. *The Works of Philo: Complete and Unabridged*, trad. Charles Duke Yonge. Peabody: Hendrickson, 1993.
- ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*, vol. II. New York: Harper & Brothers, 1930.
- RYKEN, Leland, WILHOIT, James C., LONGMAN, Tremper, III, et al. *Dictionary of Biblical Imagery*. Illinois: InterVarsity, 1998.
- SNOW, Tony. "Cancer's Unexpected Blessings", *Christianity Today*, vol. 51, nº 7 (July 20, 2007).
- STEDMAN, Elaine. *Adventuring through the Bible: A Comprehensive Guide to the Entire Bible*. Grand Rapids: Discovery House, 1997.
- SWINDOLL, Charles R. *A Bethlehem Christmas: Celebrating the Joyful Season*. Nashville: Thomas Nelson, 2007.
- _____. *Growing Strong in the Seasons of Life*. Grand Rapids: Zondervan, 1994.
- TENNEY, Merrill C. *The Reality of the Resurrection*. New York: Harper & Row, 1963.
- _____. *Expositor's Bible Commentary*, vol. 9. Grand Rapids: Zondervan, 1981.
- _____. *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. 6. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1976.
- TOZER, A. W. Reimpressão de *God's Pursuit of Man* (anteriormente intitulado *The Divine Conquest e The Pursuit of Man*). Copyright © 1950, renovado em 1978 por Lowell Tozer. Usado

- com permissão da WingSpread Publishers, divisão da Zur Ltd., 800-884-4571. [Publicado no Brasil em duas obras separadas: *A conquista divina*. São Paulo: Mundo Cristão, 1987. *À procura de Deus*. Belo Horizonte: Betânia, 1985.]
- TWAIN, Mark. *Following the Equator*, Pudd'nhead Wilson's Calendar for 1894. New York: Century, 1893.
- VINCENT, Marvin Richardson. *Word Studies in the New Testament*, vol. 1. Grand Rapids: Eerdmans Co., 1946.
- WALVOORD, John E., ZUCK, Roy B. e Dallas Theological Seminary. *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, vol. 2. Illinois: Victor, 1983.
- WIERSBE, Warren W. *The Bible Exposition Commentary*, vol. 1. Illinois: Victor, 1994.
- _____. *Wiersbe's Expository Outlines on the New Testament*. Illinois: Victor, 1992.
- WISE, Robert L. *Your Churning Place: Your Emotions — Turning Stress into Strength*. Glendale, California: Regal, 1977.
- WRIGHT, C. J. *Jesus, the Revelation of God: His Mission and Message According to St. John*. London: Hodder and Stoughton, 1750.
- WOOD, D. R. W., ed. *New Bible Dictionary*, 3. ed. Illinois: InterVarsity, 1996.
- ZUGIBE, Frederick T., MD, PhD. *The Crucifixion of Jesus: A Forensic Inquiry*. New York: Evans, 2005.

Site: *Encyclopaedia Britannica*, <www.brittanica.com>.

FILHO DE DEUS, O SALVADOR: O MAIOR HERÓI

Passados mais de 2000 anos, a figura de Jesus continua em evidência. Se não bastassem os bilhões de seguidores enfileirados nos variados ramos do cristianismo que reconhecem sua santidade, pesquisadores nos diversos campos das ciências sociais continuam a discutir o verdadeiro papel de Jesus. Enquanto alguns exaltam sua liderança popular, há os que simplesmente o consideram uma farsa.

Após desfilarem alguns dos principais personagens da galeria de heróis bíblicos, Charles Swindoll encerra a série *Heróis da fé* com o ser mais importante da história. Distante de controvérsias, Swindoll ressalta a figura do Salvador da humanidade e sua história singular. Um carpinteiro, vindo das regiões mais desvalorizadas e esquecidas da Palestina, revela o amor de Deus e sua paixão pelos mais pobres, cidadãos de segunda classe alçados à condição de cidadãos do Reino de Deus.

Acompanhe Charles Swindoll na inspiradora trajetória de Jesus de Nazaré e compreenda por que sua vida e seus ensinamentos são determinantes para quem deseja conhecer a Deus.

